



# Cira Arqueologia

N.º 8

O Quotidiano em Vila Franca  
de Xira nos Séculos XV e XVI

EVA PIRES





# Cira Arqueologia

N.º 8

O Quotidiano em Vila Franca  
de Xira nos Séculos XV e XVI

EVA PIRES

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
Presidente Alberto Mesquita

PELOURO DA CULTURA

Vereadora Manuela Ralha

COORDENAÇÃO GERAL

Departamento de Cultura  
Museu Municipal de Vila Franca de Xira  
Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira-CEAX

COORDENAÇÃO EDITORIAL

CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE VILA FRANCA DE XIRA-CEAX

João Pimenta

TEXTOS

André Teixeira  
Eva Pires  
Manuela Ralha  
Sónia Gabriel

REVISÃO DE TEXTOS

João Pimenta

DESIGN GRÁFICO E PAGINAÇÃO

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO E IMAGEM

Patrícia Victorino

EDIÇÃO

250 exemplares

DATA DA EDIÇÃO

Abril de 2021

CAPA

Fotografia Eva Pires e vista de Vila Franca de Xira no século XVII de Pier Maria Baldi

Os artigos são da inteira responsabilidade dos autores

ISSN

2183069X

<b>Apresentação - Vereadora da Cultura</b>	5
<b>Prefácio // ANDRÉ TEIXEIRA E SÓNIA GABRIEL</b>	7
<b>Agradecimentos // EVA PIRES</b>	9
<hr/>	
<b>O Quotidiano em Vila Franca de Xira nos Séculos XV e XVI // EVA PIRES</b>	11
<hr/>	
<b>1. Introdução</b>	12
<b>2. Metodologia</b>	13
<b>3. Estruturas e estratigrafia</b>	16
<b>4. Cerâmica</b>	27
4.1. Fabricos e formas	27
4.1.1. Cerâmica fosca e brunida	28
4.1.2. Cerâmica Vidrada	67
4.1.3. Cerâmica Esmaltada	79
4.2. Integração estratigráfica	88
4.2.1. Silo 108	88
4.2.2. Estruturas negativas 106, 110 e 111	92
4.2.3. Poço 204	93
4.2.4. Tanque 303	93
4.2.5. Depósito superficial 101/201 e Recolha de Superfície	94
<hr/>	
<b>5. Vidro</b>	97
5.1. Fabricos e formas	97
<hr/>	
<b>6. Metais</b>	102
<hr/>	
<b>7. Líticos</b>	108
<hr/>	
<b>8. Fauna</b>	110
8.1. Silo 108	111
8.1.1. Recursos terrestres	111
8.1.2. Recursos aquáticos	117
8.1.3. Alterações tafonómicas	118
8.1.4. Amostra de sedimento	120
8.2. Estruturas negativas 106, 110, 111 e depósito 105	121
8.2.1. Recursos terrestres	121
8.2.2. Recursos aquáticos	121
8.3. Tanque 303	122
8.3.1. Recursos terrestres	122
8.3.2. Recursos aquáticos	122
8.4. Depósito superficial 101/201 e Recolha de Superfície	123
8.4.1. Recursos terrestres	123
8.4.2. Recursos aquáticos	124
<hr/>	
<b>9. Urbanismo</b>	126
<hr/>	
<b>10. Quotidiano: recursos, produção e comércio</b>	136
<hr/>	
<b>Considerações Finais</b>	145
<hr/>	
<b>Bibliografia</b>	149



## Revista Cira Arqueologia n.º 8

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira tem, através do seu Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX, vindo a estabelecer uma forte aposta na área da Arqueologia e do Património. A par, de uma forte ação no território, com múltiplas frentes de trabalho, quer em levantamentos e prospeções, quer em escavações e acompanhamentos o CEAX e a sua equipa, pautam-se por uma ativa intervenção com a comunidade escolar.

Desde a sua génese o CEAX tem como uma das suas incumbências a publicação da Revista CIRA Arqueologia. Trata-se de uma Revista *online*, alojada no site da Câmara Municipal, que consta já com sete números publicados. Sendo que a partir do volume sete, esta consta igualmente numa materialização perene, existindo igualmente no formato físico em papel. Assim almejamos prosseguir.

A aposta neste modelo editorial tem sido assaz positiva, com uma receptividade enorme quer entre a comunidade arqueológica, os públicos estudantis, quer com distintos públicos, que a utilizam para saber mais sobre as ocupações remotas do território onde hoje nos movemos.

Iniciou-se com três números temáticos, um inicial resultante das Atas de um encontro sobre a viação romana no Vale do Tejo, um segundo sobre a presença fenícia no Vale do Tejo, e um terceiro resultante de um congresso Internacional, organizado em 2013 em Vila Franca sobre o processo de Conquista Romana. Desde o número quarto a Revista assumiu um cariz mais plural, tendo artigos de uma ampla temática dentro da Arqueologia, desde a pré-história ao século XIX.

O presente volume assume, pela primeira vez um cariz monográfico. Incidindo sobre um sítio, suas estratigrafias, arquiteturas e cultura material. Este volume, que ora se apresenta, resulta do trabalho de dissertação de mestrado de Eva Pires, sobre as escavações do edifício do antigo Ateneu Artístico Vila-franquense. Fruto deste estudo, a aluna defendeu com brilhantismo em dezembro de 2019 as provas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e que obteve a nota de 19 valores, com o qual alcançou o grau de Mestre em História e Arqueologia.

Esta dissertação insere-se no Protocolo celebrado entre o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, assinado a 10 de fevereiro de 2017, com a presença do Sr. Diretor da Universidade Nova Professor Doutor Francisco Caramelo e do Sr. Presidente da Câmara Municipal Alberto Mesquita. No âmbito deste Protocolo o Município tem vindo a receber alunos de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento no âmbito das suas

atividades na área da Arqueologia. Tanto em trabalhos práticos de escavação ou tratamento de materiais, como na realização de estágios. Fruto dessa colaboração já se defenderam três Teses de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa sobre os acervos de Arqueologia do Museu Municipal. Tendo presente o âmbito programático do CEAX, naturalmente congratulamo-nos com este desfecho. As coleções museológicas, servem do meu ponto de vista, precisamente para serem base de estudos e reflexão.

Tendo em conta a qualidade, a seriedade científica e deontológica do seu trabalho, o facto de se tratar de um estudo monográfico sobre a escavação de um edifício emblemático do centro histórico de Vila Franca de Xira e de trazer novos dados sobre as ocupações antigas da sede de Concelho, nomeadamente no que se refere aos séculos XV e XVI, foi com agrado que se acolheu a proposta da publicação deste trabalho como um volume da CIRA Arqueologia.

AVEREADORA DA CULTURA

**MANUELA RALHA**

**Museu Municipal de Vila Franca de Xira**

Rua Serpa Pinto, 65

2600-263 Vila Franca de Xira

Tel.: 263 280 350

[museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt](mailto:museumunicipalvfxira@cm-vfxira.pt)

[www.museumunicipalvfxira.pt](http://www.museumunicipalvfxira.pt)

[www.cm-vfxira.pt](http://www.cm-vfxira.pt)

## Prefácio

**ANDRÉ TEIXEIRA** FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**SÓNIA GABRIEL** LABORATÓRIO DE ARQUEOCIÊNCIAS DA DIREÇÃO-GERAL DO PATRIMÓNIO CULTURAL

Vinte anos passados sobre as mudanças da arqueologia portuguesa do início do milénio, que acarretaram a multiplicação exponencial de trabalhos por todo o país, persistem numerosas contrariedades, que em muitos domínios põem em causa a própria disciplina. Avulta a esmagadora desproporção de sítios arqueológicos que são objecto de estudo face aos que são intervencionados. Na grande maioria dos casos os recursos afectos à arqueologia, totalmente suportados pelos promotores de obras, chegam apenas para os trabalhos de campo, quando o labor em gabinete exige quase sempre mais do dobro do tempo despendido na etapa anterior. Assim, pode dizer-se que há muito trabalho arqueológico, mas pouca investigação arqueológica, gorando-se a possibilidade de através dos vestígios materiais se construir conhecimento sobre o passado. Consequentemente, são muito reduzidos os projectos de valorização e divulgação do património arqueológico, levando a que a sociedade desconheça globalmente o trabalho dos arqueólogos. Raros são os locais em que se opta pela preservação dos vestígios, afirmando-se quase em exclusivo o princípio da conservação pelo registo. Os programas de educação patrimonial estruturados são escassos. Não se generalizaram os projectos de arqueologia municipal, persistindo muitas autarquias sem arqueólogo, ou com um número muito reduzido de profissionais face ao potencial e tarefas dos seus territórios.

Naturalmente que há boas excepções, que nos animam a continuar e nos dão esperança no futuro. Entre esses casos está o de Vila Franca de Xira, um concelho com uma equipa municipal de arqueologia que tem conseguido agregar a informação das intervenções que ocorrem no seu território, independentemente dos seus responsáveis, mantendo actividade programada de investigação própria. Essa equipa logrou também inventariar o património arqueológico do concelho e assim dispor de uma indispensável ferramenta para a sua gestão. O concelho dispõe igualmente de um equipamento, o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira – CEAX, que serve simultaneamente de depósito e espaço de trabalho de materiais arqueológicos, articulado com uma rede municipal de museus, cumprindo assim de alguma forma a função de divulgar o património junto da comunidade, beneficiando ainda dos seus serviços de conservação e restauro. Enfim, é um município onde a arqueologia tem fornecido muitos dados para o conhecimento do passado da região, plasmado na revista *Cira Arqueologia*. Destaque também neste domínio para as parcerias que a autarquia tem sabido gizar, nomeadamente com as universidades, incluindo a nossa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Em suma, está de parabéns a autarquia e estão de parabéns os seus profissionais, nomeadamente os nossos colegas arqueólogos.

O volume que o leitor tem em mãos é o resultado deste sucesso da gestão autárquica na área da arqueologia. Trata-se de uma intervenção realizada por uma empresa de arqueologia, no quadro de uma obra de reabilitação urbana privada, cujos dados e espólios ingressaram no CEAX, tendo sido objecto de estudo no quadro do mestrado em arqueologia da Universidade Nova de Lisboa em colaboração com o Laboratório de Arqueociências – DGPC, sendo agora dado ao prelo nesta revista. A investigação constitui um inquestionável avanço para o conhecimento desta vila nos finais da Idade Média e inícios da Idade Moderna, não apenas pelo

estudo das estruturas arqueológicas e sua integração urbana, como pelo labor de análise dos materiais arqueológicos recuperados. Merece especial menção o facto de tudo o que estava disponível ter sido trabalhado, tanto cerâmicas, metais, vidros e objectos em osso, como os restos faunísticos, tantas vezes ignorados e que fornecem pistas tão importantes sobre as sociedades do passado nos seus aspectos mais elementares do quotidiano. Temas como o dos recursos naturais, o da produção agro-pastoril e do comércio e abastecimento de Vila Franca de Xira tiveram neste estudo avanços importantes, não obstante o carácter limitado da investigação que actualmente tem um mestrado. Em todo o caso, na nossa opinião é este o caminho a seguir nesta ainda muito jovem arqueologia da época moderna, o estudo integral dos contextos, de todos os vestígios do passado, em vez de uma selecção dos objectos mais fáceis e vistosos de estudar. Tal prática é própria de um antiquarismo há muito abandonado pela ciência, mas que parece subitamente ressurgir sob a capa da investigação à la minute dos tempos actuais.

Em síntese, o leitor tem entre mãos um valioso contributo para a história de Vila Franca de Xira, uma investigação arqueológica muito especializada que fornece conteúdos para uma desejável renovação dos discursos sobre o passado da vila, numa desejável interacção com a comunidade. Espera-se que esta tarefa possa prosseguir no quadro da parceria entre a autarquia e a Universidade Nova de Lisboa. O maior mérito neste caso não é, porém, das instituições que enquadraram esta investigação. Esse é da autora, a Eva Pires, excelente estudante na licenciatura e mestrado de arqueologia, com quem tivemos o privilégio de trabalhar tanto em contexto de escavação como de laboratório, não apenas nestes projectos centrados na Área Metropolitana de Lisboa, mas também em terras mais distantes do Norte de África. A Eva é dotada da curiosidade, persistência e clarividência que é necessária a qualquer investigador desta área, a quem desejamos (certos que alcançará) um futuro cheio de realizações e sucessos pessoais.

Lisboa, 16 de Outubro de 2020

## Agradecimentos

EVA PIRES FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me apoiaram ao longo deste processo. Em primeiro lugar agradeço aos meus orientadores André Teixeira e Sónia Gabriel, que guiaram o meu trabalho.

Em segundo lugar, agradeço à Câmara Municipal de Vila Franca de Xira na figura do Sr. Presidente Alberto Mesquita e na Sr.ª Vereadora da Cultura Manuela Ralha, o interesse e disponibilidade demonstrado desde a primeira hora na publicação deste livro. Agradeço ainda pela disponibilização dos materiais arqueológicos e das suas instalações, nomeadamente o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) e o Núcleo Museológico do Mártir Santo, onde o espólio foi estudado. Um enorme agradecimento aos arqueólogos municipais João Pimenta e Henrique Mendes, que me acolheram no CEAX e se mostraram sempre disponíveis para auxiliar o meu trabalho. Agradeço também a Inês Conde, por todas as explicações de desenho.

Agradeço ao Laboratório de Arqueociências (LARC) da Direcção Geral do Património Cultural por disponibilizar a utilização da sua colecção de referência. Neste ponto, devo um grande agradecimento à equipa do LARC, particularmente a Carlos Pimenta pelo auxílio na análise dos restos de aves, a Simon Davis pela ajuda com os mamíferos, e a Patrícia Mendes que graciosamente identificou as sementes provenientes deste contexto arqueológico.

Queria ainda agradecer a Joana Torres, sem quem eu não saberia reconstituir uma peça cerâmica.

Por fim, um grande obrigado à minha família e amigos, pela paciência que têm tido. Pois sem vocês nada seria possível, nem valeria a pena de ser feito.



## O Quotidiano em Vila Franca de Xira nos Séculos XV e XVI

EVA PIRES FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

### RESUMO

A intervenção arqueológica efectuada no sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense em 2007, no âmbito da arqueologia preventiva, revelou dados acerca do aglomerado urbano de Vila Franca de Xira durante a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna.

A integração urbanística do sítio arqueológico, situado em pleno centro histórico, permitiu depreender que durante a Baixa Idade Média este local era um espaço aberto, possivelmente uma zona de quintal anexo a uma habitação. A presença de um silo indica que este sítio funcionou como área de armazenamento, sendo desactivado e aterrado em inícios da Idade Moderna.

O estudo realizado sobre a totalidade do espólio proveniente desta intervenção, constituído por um conjunto de cerâmicas, faunas, vidros, metais e líticos, permitiu inferir o cariz doméstico deste contexto composto por restos de consumo da população urbana. A análise dos materiais realizou-se com o objectivo de compreender hábitos de consumo, questões socioeconómicas e dinâmicas comerciais, de forma a desenvolver o conhecimento sobre o quotidiano da população vilafranquense durante os séculos XV e XVI. Este conjunto revelou uma grande diversidade de cerâmica, destacando-se produções regionais, bem como importações. A análise do conjunto de faunas, composto por mamíferos, aves, moluscos e peixes permitiu identificar as espécies, domésticas e selvagens, que integraram a alimentação dos habitantes.

### ABSTRACT

#### KEYWORDS

Urban Archaeology. Zooarchaeology. Ceramics. Modern Age. Vila Franca de Xira

The archaeological intervention in the Ateneu Artístico Vilafranquense site in 2007, in the context of preventive archaeology, revealed data about the urban center of Vila Franca de Xira during the Late Middle Ages and Early Modern Age.

The integration of the archaeological site in the urban landscape allowed us to understand that, during the Late Middle Ages, this area situated in the town's historical center was an open space, possibly a household's backyard. The presence of a silo indicates that it functioned as a storage area, before being deactivated and landfilled in the beginnings of the Modern Age.

The study of the entire set of materials from the intervention, made up of ceramics, faunal remains, glass, metals and lithic materials, allowed us to infer the domestic nature of this context comprised of the urban population's consumption remains. The analysis of the materials was accomplished with the aim of understanding consumption habits, socio-economic issues and commercial dynamics, in order to improve the knowledge of Vila Franca de Xira's inhabitants daily life during the 15th and 16th century. This set revealed a great

ceramic diversity, highlighting regional productions, as well as imports. The analysis of the faunal remains, comprised of mammals, birds, mollusks and fishes, allowed us to identify the species, domestic and wild, that composed the habitants' food.

## 1. Introdução

Esta obra resulta do meu trabalho de dissertação de Mestrado em arqueologia (Pires, 2019) realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (UNL), sendo coorientado por André Teixeira, professor de arqueologia na UNL, e por Sónia Gabriel, arqueozoóloga da Direcção Geral do Património Cultural (DGPC). Este trabalho foi realizado em colaboração com a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira e o Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) que disponibilizaram o espólio para estudo. Contámos com o apoio dos arqueólogos municipais João Pimenta e Henrique Mendes e do Núcleo Museológico do Mártir Santo, local onde os materiais foram estudados, assim como o Laboratório de Arqueociências (LARC) da DGPC onde o conjunto de faunas foi analisado sob a orientação da arqueozoóloga Sónia Gabriel.

A escolha deste tema prende-se com o desejo de contribuir para o conhecimento do núcleo urbano de Vila Franca de Xira durante a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna, sendo este um assunto que carece ainda de alguma atenção. Este trabalho consiste então numa aproximação ao estudo dos quotidianos dos séculos XV e XVI em Vila Franca de Xira, através da análise do contexto arqueológico do Ateneu Artístico Vilafranquense (AAV). Neste sítio arqueológico foi recolhido espólio diversificado, incluindo cerâmica, fauna, vidro, metal e líticos. Através da análise dos materiais e dados recolhidos durante a intervenção arqueológica, este estudo de caso teve como foco o quotidiano da população vilafranquense durante a Baixa Idade Média e o início da Idade Moderna. Para tal, procurei abordar diversos temas tais como hábitos de consumo, questões socioeconómicas, relações entre as comunidades e o meio ambiente, assim como as dinâmicas comerciais com os espaços vizinhos, principalmente a cidade de Lisboa. Pretendi ainda fazer a integração urbanística do sítio arqueológico, esclarecendo a sua função e cronologia de ocupação, assim como algumas características do modo de vida dos seus habitantes. Por não ser viável tratar todos os aspectos da vila e suas ligações com as comunidades circundantes, procurei centrar este estudo nos hábitos de consumo, questões socioeconómicas e relações comerciais que foi possível depreender através da análise do espólio recolhido na intervenção arqueológica realizada no Ateneu Artístico Vilafranquense.

As intervenções arqueológicas urbanas efectuadas em Vila Franca de Xira têm revelado alguns contextos medievais e modernos que constituem fontes de informação essenciais para o estudo da antiga vila (Ferreira e Macedo, 1999a, 1999b, 1999c, 2000; Ferreira, 2000; Mendes, 2017; Pimenta e Mendes, 2006, 2010; Pinto, 2005, 2007; Pinto e Ferreira, 2001). Contudo, a reduzida dimensão das áreas escavadas e o mau estado de conservação de certos contextos dificultam a sua interpretação. Destacam-se as escavações no Museu do Neo-realismo (MNR) (Pimenta e Mendes, 2006) e Rua José Dias da Silva (Mendes, 2017), sítios que contêm paralelos relevantes com o sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense. O contexto do MNR encontra-se actualmente em estudo e algumas análises preliminares já foram objecto de publicação (Detry, Pimenta, 2016-17; Mendes, Pimenta, 2007, 2015; Pimenta, Mendes,

2007). Outros trabalhos de investigação, focados no estudo de faianças (Casimiro e Sequeira, 2016/2017; Cruz, 2018) e porcelanas (Casimiro e Henriques, 2016/2017, 2018) provenientes de contextos vilafranquenses são também de salientar.

As fontes históricas documentais conhecidas e com relevância para o estudo do antigo aglomerado urbano de Vila Franca de Xira são escassas. Destas destacamos as cartas de foral (Camacho, 1985a, p. 147-175) por conterem dados acerca da fundação desta vila, referências ao comércio realizado na região, assim como alguma legislação elucidativa sobre o funcionamento do aglomerado urbano no início do século XVI. Outros documentos do século XVIII, tais como as Memórias Paroquiais de 1758 (Vargas, 1989/1990), contêm também informação sobre a vila. Em todo o caso, destaque-se a ausência de aturada investigação documental, que não cabe no nosso trabalho.

Salientam-se ainda as obras de João Amaral (1991a, 1991b) e Lino de Macedo (1992) redigidas durante o século XIX e que oferecem informações diversas acerca de Vila Franca de Xira, desde questões históricas até biografias de alguns habitantes ilustres. Embora estes autores nem sempre refiram as fontes que consultaram na sua recolha de informação, as suas obras são o primeiro esforço de investigação sobre a história desta vila. Em relação às fontes cartográficas e iconográficas, a mais antiga planta conhecida de Vila Franca de Xira data de 1786 (Pimenta e Mendes, 2016, p. 190-191) e a mais antiga representação gráfica à qual podemos ter acesso foi realizada entre 1668 e 1669 (Baldi, 1668-69, p. 60).

Os estudos historiográficos efectuados sobre Vila Franca de Xira, com foco na Idade Média e Moderna, são igualmente pouco numerosos e a informação neles apresentada é limitada, focando-se maioritariamente no processo de fundação do aglomerado urbano e em dados demográficos (Barbosa, 1995; Camacho, 1985b, 1994; Guerra, 1998; Nunes e Silva, 2013). Apenas um trabalho aborda a evolução urbanística de Vila Franca de Xira, embora baseado na extrapolação de modelos urbanísticos de outros aglomerados vizinhos a Vila Franca de Xira, sem fundamentação em dados arqueológicos (Lucas, 2003, p. 109).

A escassa investigação científica sobre Vila Franca de Xira resulta num conhecimento ainda limitado sobre a antiga vila. Contudo, os estudos existentes, bem como as intervenções arqueológicas realizadas até agora, constituem fontes de informação essenciais acerca deste aglomerado urbano, permitindo uma comparação entre sítios e espólios. Devemos também sublinhar a importância da *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira* (Pimenta e Mendes, 2016), documento imprescindível para o estudo desta região, visto que reúne todos os achados e sítios arqueológicos conhecidos do concelho e respeitante bibliografia.

Assim, a importância deste trabalho prende-se com a escassez de conhecimento sobre Vila Franca de Xira entre a Baixa Idade Média e a Idade Moderna, pretendendo contribuir para o seu alargamento. Este estudo de caso procura uma melhor compreensão da antiga vila e dos seus habitantes, mas também da região na qual se insere.

## 2. Metodologia

Dada a escassez de estruturas identificadas, o principal trabalho realizado no âmbito deste estudo consistiu na análise dos materiais arqueológicos recolhidos no Ateneu Artístico Vilafranquense. Assim, tendo em consideração os objectivos acima descritos, foi efectuado um estudo o mais exaustivo possível dos vários tipos de espólio, nomeadamente cerâmica, fauna,

vidro, metal e líticos. Trata-se de material muito diverso, que requereu naturalmente a adopção de metodologias, também elas, muito distintas. Refira-se que, de forma a retirarmos o maior número de informação possível deste sítio todos os materiais arqueológicos foram considerados.

O tratamento da cerâmica, realizado no âmbito deste trabalho, consistiu na colagem dos fragmentos, reconstituição, desenho, fotografia, quantificação e inventariação das peças. A colagem dos fragmentos e reconstituição das peças efectuou-se inicialmente por unidades estratigráficas (UE) ou depósitos, e posteriormente entre estas, procurando verificar se existe ligação entre elas. Nesta fase a cerâmica foi separada por grandes categorias (cerâmica fosca, brunida, vidrada e esmaltada), dentro das quais foram definidos os diversos fabricos e, por fim, foram reconhecidas as diversas formas.

A identificação de grupos de fabrico no conjunto de cerâmica efectuou-se através da análise macroscópica das pastas, tendo em conta a frequência e tipo de elementos não plásticos (ENP) presentes, nível de compactação, coloração e tratamento das superfícies. Porém, a coloração das pastas não foi um factor decisivo nesta distinção, visto ser muito variável em função da cozedura. Para facilitar a distinção destes fabricos criou-se um código através do qual estes são designados: fabrico F1 a F11 para cerâmica fosca, B1 a B6 para brunida, V1 a V10 para vidrada e E1 a E7 para esmaltada. No seio de cada fabrico foram identificadas diversas formas e subtipos formais.

Por não existir ainda uma tipologia unanimemente definida para as formas de cerâmica moderna, a terminologia aqui utilizada baseia-se em Fernandes (2012) e em Bugalhão e Coelho (2017). As formas identificadas foram enquadradas em grupos funcionais (cozinha, mesa, armazenamento, higiene, iluminação e outros<sup>1</sup>). Não se incluem descrições das funções dos objectos por estas se poderem encontrar em Fernandes (2012), que seguimos. Divergiu-se apenas na classificação dos potes, que foram considerados recipientes morfológicamente semelhantes às panelas mas que não possuem marcas de fogo, sendo a sua função provável o armazenamento de alimentos. Os recipientes de ir ao fogo foram distinguidos através da identificação de marcas de fogo presentes apenas na superfície exterior, nomeadamente nas bases, diferenciando-se assim de peças que sofreram combustão pós-deposicional e que se encontram queimadas em ambas as superfícies, incluindo nas fracturas.

A quantificação da cerâmica realizou-se por depósitos ou UE, com base no modelo Número de Restos (NR) e Número Mínimo de Indivíduos (NMI) definido em Arcelin e Tuffreau-Libre (1998). O NMI foi definido através do número de bordos, fundos e perfis completos presentes em cada forma e fabrico – ao número de perfis completos adicionou-se o número de bordos ou de fundos, dependendo qual se encontrava em superioridade numérica. Nos casos em que apenas existiam fragmentos de parede foi utilizada a compensação por um, valor sempre apresentado entre parênteses. Este método aplicou-se igualmente à quantificação de grupos de fabricos representados apenas por fragmentos de forma indeterminada. Nesses casos, a compensação por um foi considerada apenas na quantificação do NMI dos fabricos e não no NMI do conjunto de formas identificadas. Por a incidência de decorações presentes nestes materiais ser reduzida, esse critério não foi tido em consideração aquando da definição do NMI.

A utilização da morfologia das peças no processo de datação do espólio cerâmico não é ideal por estas serem idênticas, ou muito semelhantes, durante um longo período de tempo,

<sup>1</sup> Esta categoria engloba cerâmica de construção, objectos lúdicos tais como malhas de jogo e peças de forma indeterminada.

podendo abranger vários séculos. Devemos ainda ter em conta as diferenças de produção regionais e mesmo locais durante a mesma época, assim como o tempo de vida útil dos objectos. Deve destacar-se que a maioria dos fabricos identificados não tem ainda uma caracterização detalhada, baseada em contextos de produção devidamente enquadrados cronologicamente. Por essas razões, as datações finais deste contexto apoiam-se maioritariamente nos numismas identificados e em alguns objectos, tais como as importações, cuja cronologia de produção é mais limitada no tempo.

À semelhança da cerâmica, os objectos em vidro foram enquadrados em grupos de fabrico definidos através da observação da sua coloração e características. A identificação dos subtipos destes objectos e terminologia utilizada baseia-se na tese de Teresa Medici (2014). O conjunto de metais foi repartido pela sua matéria-prima de fabrico (ferro, liga de cobre e chumbo) e formas. Também os objectos líticos foram inventariados segundo esse método.

Em relação ao conjunto faunístico recuperado, este documenta a presença de mamíferos, aves, moluscos e peixes. A única amostra de sedimento recolhida (cerca de 200 ml) provém do silo 108 e foi devidamente analisada. A análise das faunas recuperadas realizou-se com três objectivos centrais: 1) identificar e quantificar as espécies presentes; 2) caracterizar as populações exploradas e 3) averiguar-se sobre a eventual utilização secundária dos produtos animais, nomeadamente das matérias duras para o fabrico de objectos.

A identificação anatómica e taxonómica dos restos foi feita por comparação com as colecções osteológicas de referência do LARC (Moreno-García *et alii.*, 2003). Todos os restos foram estudados individualmente utilizando um atlas de identificação específica e seguindo os procedimentos preconizados em Hillson (1992), Reitz e Wing (2008) e Driesch (1976) para os mamíferos, em Casteel (1976) e Wheeler e Jones (1989) para a ictiofauna, e em Claassen (1998), Dupont (2006), Gutiérrez-Zugasti (2009) e Fischer *et alii.* (1987) para os moluscos.

Ainda que existam vários critérios para a distinção entre ovelhas (*Ovis aries*) e cabras (*Capra hircus*), como os preconizados em Boessneck (1969), tal separação não foi possível para a totalidade dos vestígios de ovicaprinos. O mesmo se verificou com o porco (*Sus domesticus*) e javali (*Sus scrofa*), bem como com o coelho (*Oryctolagus cuniculus*) e a lebre (*Lepus granatensis*), cujos restos documentados no Ateneu Artístico Vilafranquense não puderam ser distinguidos com segurança.

Todos os restos e fragmentos foram analisados e incluídos nas contagens (NR). O número de espécies identificadas (NISP) foi definido considerando-se as zonas diagnósticas de cada osso, adaptando o procedimento proposto por Münzel (1988), de forma a evitar duplicações nas contagens. Assim, uma mandíbula fragmentada em três (NR), por exemplo, conta como um elemento esquelético identificado (NISP).

A fracção não determinada (ND) pode ser comparada com a das espécies identificadas (NISP), contribuindo para a compreensão de problemas tafonómicos relacionados com a fracturação dos restos ocorrida pré e pós-deposicionalmente, assim como durante a intervenção arqueológica. Os ossos registados nesta categoria (ND) incluem fragmentos (de osso longo, dentes, costelas, vértebras e conchas) cuja identificação a nível específico não pode ser feita com certeza. O número mínimo de indivíduos (NMI) considera a frequência esquelética e, sempre que possível, a idade individual e os dados osteométricos. Não foi possível determinar o sexo dos animais devido à ausência de elementos que permitam efectuar essa distinção.

A estimativa da idade à morte dos mamíferos baseou-se no estado de fusão das epífises dos ossos longos (Barone 1976; Schmid 1972; Silver 1966) e no desgaste e substituição dentária (Grant 1982; Levine 1982; Payne 1973, 1987). A idade à morte foi estimada apenas para os

materiais provenientes do silo 108, sendo esse o contexto mais abundante e que permite uma análise mais compreensiva. No caso das aves apenas foi possível determinar se os indivíduos eram juvenis ou adultos, baseado na observação do estado de fusão das epífises dos ossos longos.

Todos os vestígios faunísticos foram avaliados seguindo os critérios preconizados em Gauthier (1987). As marcas de percussão seguiram os critérios definidos por Blumenschine e Selvaggio (1988) e White (1992), as marcas de corte, incisão e de carnívoro seguiram a metodologia de análise de Binford (1981). Sempre que possível, a medição dos ossos de mamíferos segue os critérios preconizados em Driesch (1976). Para as conchas que se encontram completas ou quase completas seguem-se os critérios métricos preconizados em Fischer, Schneider e Bauchot (1987).

### 3. Estruturas e estratigrafia

Vila Franca de Xira situa-se na margem direita do Rio Tejo, enquadrando-se na freguesia e concelho de Vila Franca de Xira, distrito de Lisboa. O núcleo urbano insere-se numa faixa de terra situada entre o Monte Gordo, a Noroeste, e a margem do Rio Tejo, a Sudeste. Este situa-se numa vertente com cotas absolutas entre cerca de 20 a 30 metros na zona mais interior a Noroeste, e entre 3 a 4 metros na zona ribeirinha a Sudeste. FIG. 1

A Nordeste estendem-se as lezírias do Tejo e os núcleos urbanos de Povos e Castanheira do Ribatejo, enquanto a Sudoeste localiza-se o vale da ribeira de Santa Sofia e a vila de Alhandra. Em termos geológicos, a cidade encontra-se maioritariamente implantada sobre formações do Holocénico compostas por areias, cascalheiras, siltes e argilas. A zona Norte da cidade, nomeadamente a área do bairro do Bom Retiro, encontra-se implantada sobre formações do Jurássico Superior compostas por calcários, margas e arenitos. FIG. 2

Este núcleo urbano é ainda atravessado pela Ribeira de Santa Sofia, afluente do Tejo, que actualmente se encontra encanada (Pimenta e Mendes, 2016, p. 26).

O conselho de Vila Franca de Xira é constituído por áreas urbanas implantadas maioritariamente na margem direita do Rio Tejo, encaixadas entre este e a zona dominada por montes e serras a Oeste, bem como áreas agrícolas localizadas na Lezíria, a Sudeste, e no interior do concelho, em zonas de meia encosta e na proximidade dos diversos ribeiros que atravessam a paisagem (Pimenta e Mendes, 2016, p. 26). Os núcleos urbanos do concelho, localizados maioritariamente na margem Norte do rio Tejo, como é o caso de Vila Franca de Xira, encontram-se em posições privilegiadas de acesso às vias de comunicação terrestres e fluviais do Vale do Tejo, utilizadas pelo menos desde a Antiguidade (Pimenta e Mendes, 2016, p. 271-282). A antiga via romana *Olisipo-Scallabis*, transformada em época medieval e moderna na Estrada Real, corresponde sensivelmente ao traçado da actual Estrada Nacional 10 que ainda hoje atravessa a cidade (Pimenta e Mendes, 2006, p. 67-79).

O sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense (CNS 30449; coord. 38.9555 -8.99002) localiza-se no centro do núcleo histórico da cidade de Vila Franca de Xira, a uma cota absoluta de 9 metros, na intersecção entre a Rua do Grémio Artístico e a Travessa do Hospital. A zona de intervenção corresponde a duas áreas situadas no interior dos edifícios anteriormente implantados na esquina entre estas duas ruas, sendo esses o antigo Ateneu Artístico Vilafranquense (Área 2) e um edifício contíguo (Área 1), construído no século XX. FIG. 3



Fig. 1  
Implantação de Vila Franca de Xira, na península Ibérica em geral e no vale do Tejo em particular. Base cartográfica João Pimenta.



Fig. 2  
Centro histórico de Vila Franca de Xira, com a localização do edifício do Ateneu Artístico Vilafranquense.

O Ateneu Artístico Vilafranquense foi identificado como arqueossítio pelos arqueólogos da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira após o início de trabalhos de terraplanagem levados a cabo no âmbito da construção de um edifício de habitação e que puseram à vista materiais arqueológicos. Nesta altura foi efectuada uma recolha de espólio que se encontrava à superfície. É de salientar que as terraplanagens removeram um depósito de sedimento de cerca de 1 metro em relação à cota da rua (Pinto, 2007, p. 15). A descoberta de materiais arqueológicos, bem como a localização do sítio no centro histórico de Vila Franca de Xira, levou a execução de uma intervenção arqueológica no local, com vista à minimização de impactes, motivada pela continuidade daquela construção. Os trabalhos arqueológicos incluíram escavação e acompanhamento arqueológico. Esta intervenção foi efectuada pela empresa Crivarque, Lda. sob a direcção de Maria Adelaide Pinto e Cláudia Costa, entre 13 e 22 de Setembro de 2007 (Pinto, 2007, p. 4-15).

As duas áreas intervencionadas continham três sondagens (Sondagem 1 e 2 na Área 1 e Sondagem 3 na Área 2), cada uma de 2x2m inicialmente, tendo sido posteriormente alargadas, correspondendo a área escavada total a 37,5m<sup>2</sup>. FIG. 4

A Área 1 foi ainda dividida em cinco ambientes. A escavação realizou-se por UE, segundo o princípio de Harris, com recurso a ferramentas manuais pesadas (picareta e pá) e ligeiras (pico e colherim). O registo efectuou-se através de desenho e fotografia abrangendo depósitos, estruturas e perfis das sondagens (Pinto, 2007, p. 10-17).

O sítio revelou uma reduzida potência estratigráfica, sendo apenas identificados níveis arqueológicos preservados no interior de estruturas, na sua maioria negativas. O depósito de superfície 101=201 (Área 1), afectada pelos trabalhos de terraplanagem, assenta directamente sobre o depósito geológico 102=202=302, sendo composto por um sedimento de



Fig. 3  
Localização da  
Intervenção  
arqueológica no  
Ateneu Artístico  
Vilafranquense.

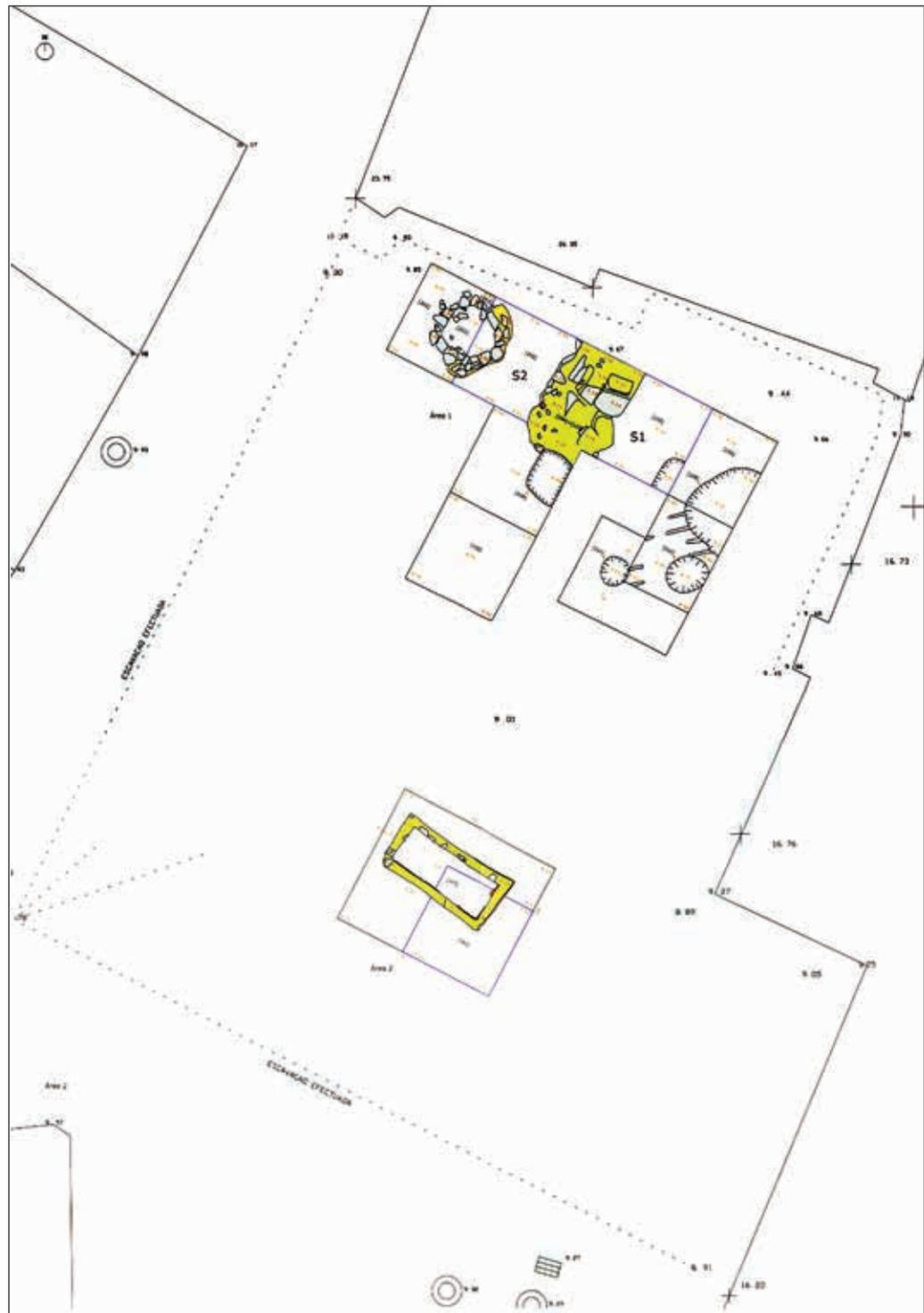


Fig. 4

Planta geral da intervenção arqueológica no Ateneu Artístico Vilafranquense. Área 1 a Norte e Área 2 a Sul (Pinto, 2007, p. Anexo III).

cor escura e um conjunto de cerâmica, vidro, metal e fauna. Foram ainda identificados dois depósitos correspondentes a níveis de sedimento revolvido associado a entulhos provenientes da demolição dos edifícios, os depósitos 105 (Área 1, Ambiente 4) e 301 (Área 2), nos quais não foi identificado espólio arqueológico à exceção de um fragmento de fauna no depósito 105. As restantes unidades correspondem às estruturas identificadas e seus preenchimentos (Pinto, 2007, p. 17-23).



Fig. 5  
Silo UE 108, Área 1,  
Ambiente 5, (Pinto,  
2007, p. Anexo II).

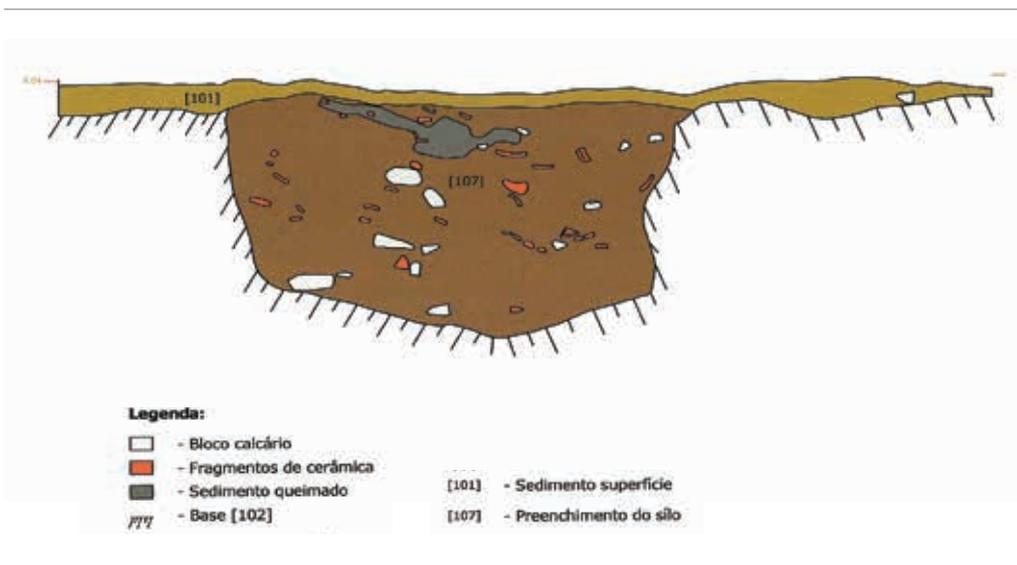


Fig. 6  
Perfil Este do silo UE  
108, Área 1, Ambiente  
5, (Pinto, 2007,  
p. Anexo III).

Na Área 1 reconheceram-se diversas estruturas negativas: um silo (UE 108), três estruturas negativas de pequena dimensão (UE 106, 110 e 111) e um poço (UE 203). Nesta área foram ainda identificados os vestígios de um pavimento (UE 103=204) composto por argamassa e lajes.

O silo 108 (Ambiente 5), de perfil interno troncocónico com um raio máximo registado de 1 m, encontrava-se preenchido pelo depósito 107, composto por um sedimento de cor escura com a presença de carvões, assim como uma bolsa de sedimento queimado que não foi individualizada. FIGS. 5 E 6

O espólio identificado no seu interior é diversificado, incluindo cerâmica, vidro, metal, líticos e fauna. Infelizmente, esta estrutura não foi escavada na sua totalidade. A área inter-

vencionada corresponderá a cerca de metade do perímetro da estrutura, estando a restante localizada no exterior da área de escavação definida. Além disso, este silo foi afectado pelas terraplanagens realizadas em 2007, situação evidenciada pelos negativos dos dentes de uma retroescavadora nos seus limites, indicando que este foi cortado no topo. A estrutura foi escavada até à base, sendo a profundidade conservada de 1,10 m.

As restantes estruturas negativas encontravam-se preenchidas com materiais arqueológicos semelhantes aos que foram identificados no interior do silo. A estrutura negativa 106 (Ambiente 4) apresenta um corte de perfil rectangular com uma largura de 70 cm e profundidade de 40 cm. Esta estava preenchida pelo depósito 104, composta por sedimento de cor escura com a presença de carvões e um conjunto de cerâmica e fauna. A estrutura negativa 110 (Ambiente 5), de forma semicircular, possuía uma largura de 40 cm e profundidade de 21 cm. No seu interior encontrava-se o depósito 109, composto por um sedimento areno-argiloso de cor escura e um pequeno conjunto de cerâmica, metal e fauna. A estrutura negativa 111 (Ambiente 5), de formato circular e perfil troncocónico com uma largura de 40 cm e profundidade de 15 cm, encontrava-se preenchida pelo depósito 109 de sedimento areno-argiloso de cor escura e um conjunto de cerâmica, metal e fauna. Todas estas estruturas negativas terão sido afectadas pelos trabalhos de construção civil, à semelhança do silo. FIGS. 7, 8, 9 E 10

O poço circular 203 (Ambiente 2), construído em pedra seca e com um diâmetro de 1,80, encontrava-se preenchido pelo depósito 205 composto por fragmentos de argamassa, estuque e tijolo. A presença de um esgoto impossibilitou a sua escavação em profundidade (Pinto, 2007, p. 18-19). Além disso, este poço encontrava-se cortado no topo, à semelhança das restantes estruturas negativas, calculando-se, contudo, que a sua altura “não ultrapassaria os 2 metros” (Pinto, 2007, p. 18-19). FIGS. 11 E 12

Ainda na Área 1, foram identificados os vestígios de um pavimento 103=204 (Ambiente 3) composto por lajes em pedra calcária assentes sobre um nível de argamassa, com um comprimento de 2,40 m e uma largura de 1,65 m. Este, implantado entre o poço e as estruturas negativas, possuía uma orientação Nordeste-Sudoeste, sendo paralelo à Travessa do Hospital. Segundo os responsáveis pela intervenção arqueológica, este pavimento cobria parcialmente a estrutura negativa 106 (Pinto, 2007, p. 19). Contudo, a observação do registo gráfico do perfil deste local deixa dúvidas sobre essa afirmação. FIGS. 13, 14 E 15

Na Área 2 foi encontrada uma estrutura rectangular 303, construída em pedra, argamassa e tijolo, sendo identificada como tanque. Este, com um comprimento de 2,45 m e uma largura de 1,25m, estava revestido exteriormente por um reboco em cal e interiormente por argamassa compacta. A sua orientação é paralela à Rua do Grémio Artístico. O interior do tanque encontrava-se preenchido pelo depósito 304, composto por sedimento de cor escura e um conjunto de cerâmica, líticos, metal e fauna. Também esta estrutura se encontrava cortada, conservando-se apenas a sua base numa altura máxima de 25 cm. FIGS. 16, 17 E 18

O facto de as estruturas terem sido descobertas com a sua parte superior cortada e do silo, de onde provém a maioria do material, ter sido escavado apenas parcialmente, condicionou o conjunto de espólio recuperado. Por essa razão, é possível que o espólio descontextualizado, proveniente do estrato superficial 101/201 e da Recolha de Superfície, corresponda a materiais originalmente depositados em qualquer uma das estruturas identificadas no Ateneu Artístico Vilafranquense.

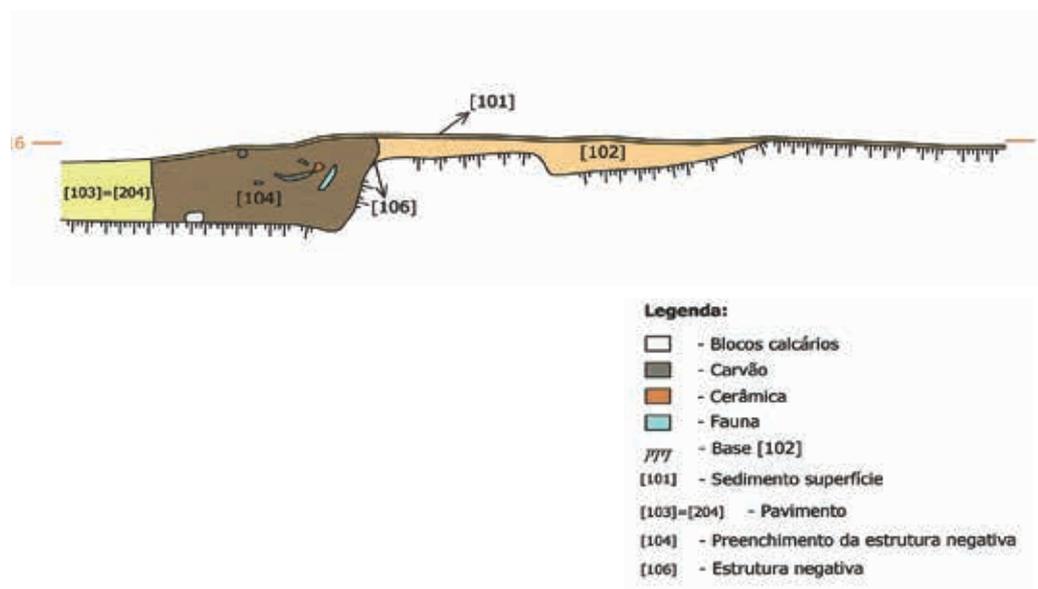


Fig. 7  
Estrutura negativa UE 106, Área 1, Ambiente 4, (Pinto, 2007, p. Anexo II).

Fig. 8  
Perfil Este da estrutura negativa UE 106, Área 1, Ambiente 4, (Pinto, 2007, p. Anexo III).

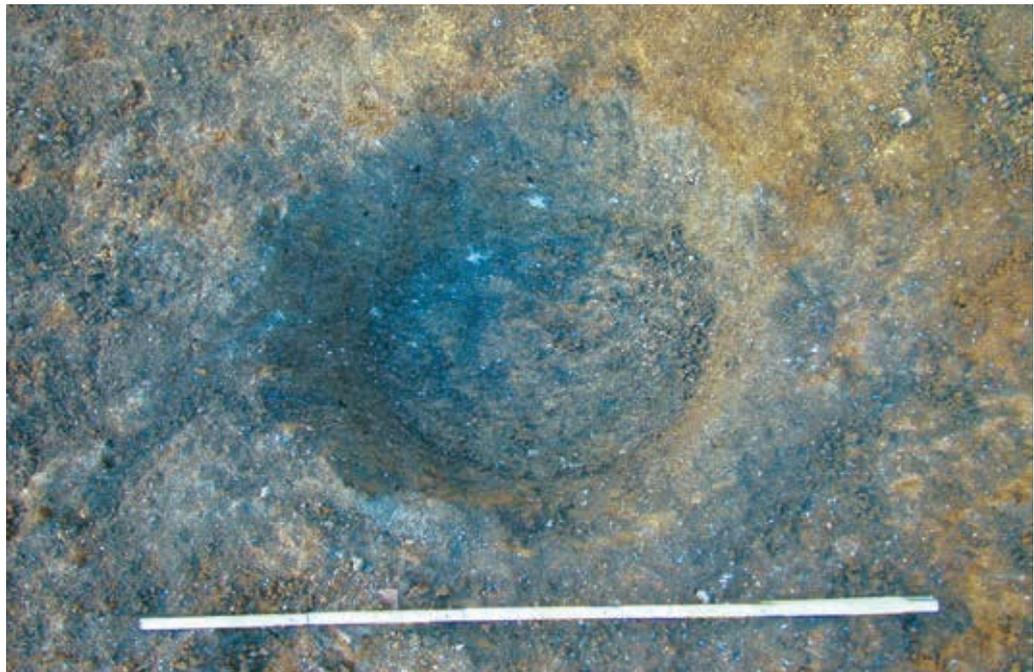


Fig. 9  
Estrutura negativa UE  
110, Área 1, Ambiente  
5, (Pinto, 2007,  
p. Anexo II).

Fig. 10  
Estrutura negativa UE  
111, Área 1, Ambiente  
5, (Pinto, 2007,  
p. Anexo II).



Fig. 11  
Poço UE 203, Área 1,  
Ambiente 2, (Pinto,  
2007, p. Anexo II).

Fig. 12  
Poço UE 203, Área 1,  
Ambiente 2, (Pinto,  
2007, p. Anexo II).

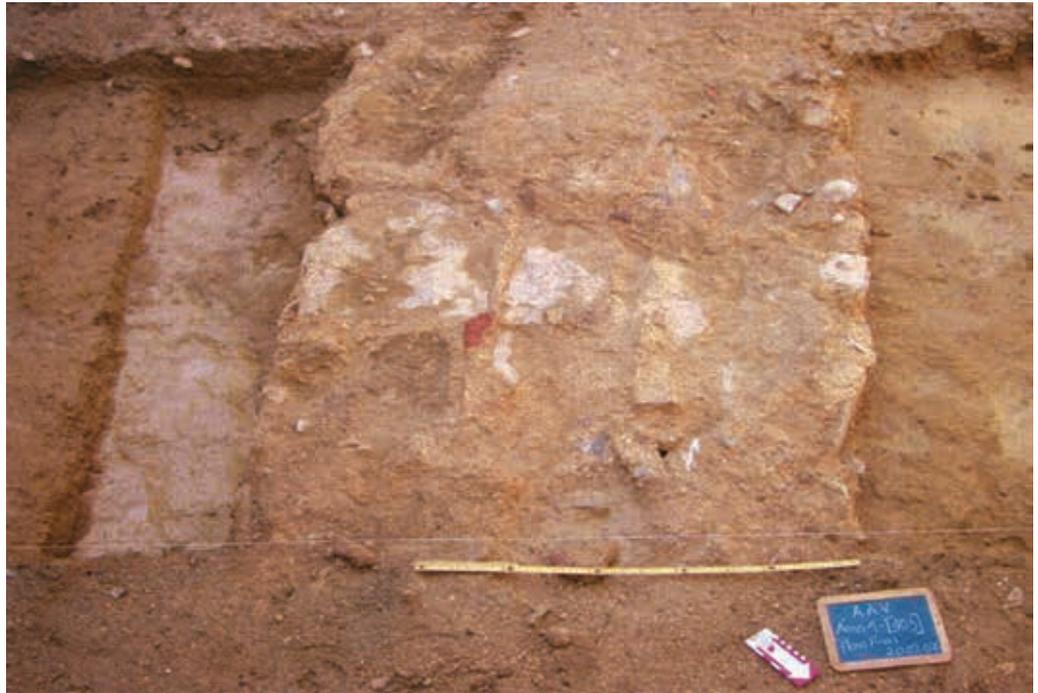


Fig. 13  
Pavimento UE  
103=204, Área 1,  
Ambiente 3, (Pinto,  
2007, p. Anexo II).

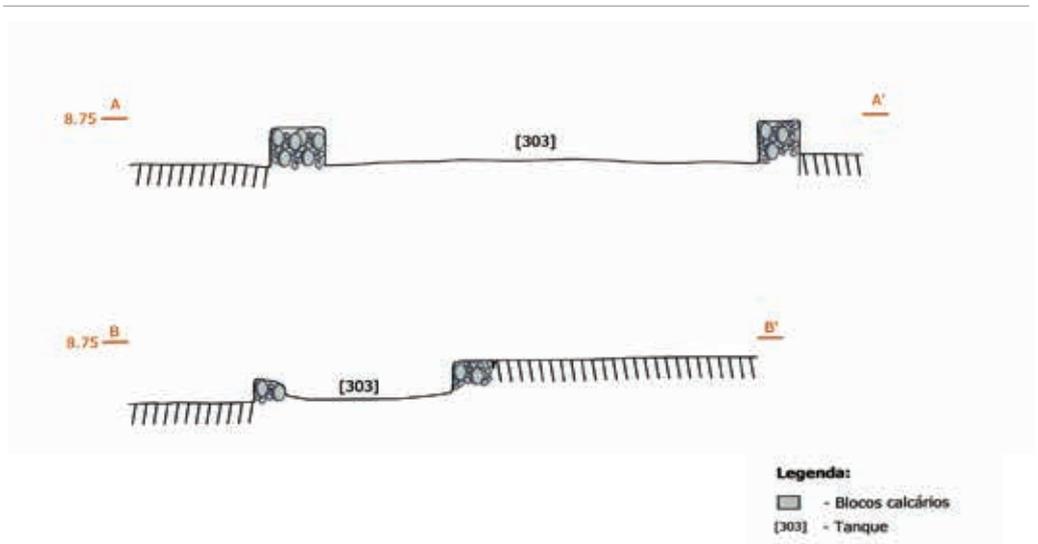
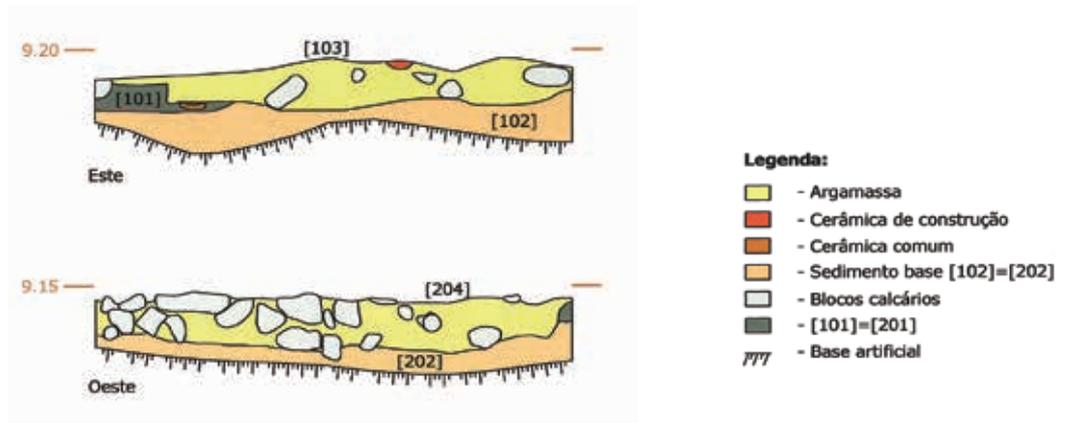


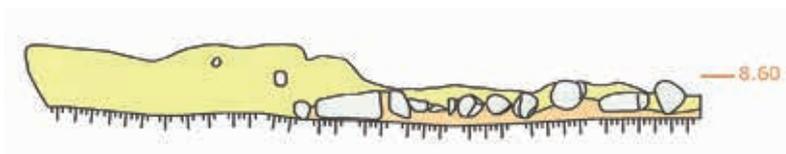
Fig. 14  
Perfis Este e Oeste da  
calçada UE 103=204,  
Área 1, Ambiente 3,  
(Pinto, 2007,  
p. Anexo III).

Fig. 15  
Perfis do tanque 304,  
Área 2. (Pinto, 2007,  
p. Anexo III).



Fig. 16  
Tanque UE 303, Área 2,  
(Pinto, 2007,  
p. Anexo II).

Fig. 17  
Tanque UE 303, Área 2,  
(Pinto, 2007,  
p. Anexo II).



**Legenda:**

- Argamassa
- Blocos calcários
- Argila [302]
- Base artificial

Fig. 18  
Perfil Norte do tanque  
UE 303, Área 2, (Pinto,  
2007, p. Anexo III).

## 4. Cerâmica

### 4.1. Fabricos e formas

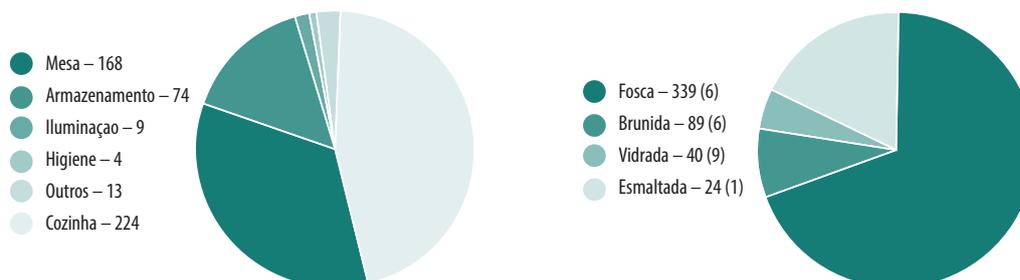
O conjunto de materiais cerâmicos recuperado no Ateneu Artístico Vilafranquense é composto por 3361 fragmentos (NR) que correspondem a 492 peças identificáveis (NMI) de cerâmica fosca, brunida, vidrada e esmaltada (Tabela 1). A cerâmica fosca é o grupo mais abundante, representando 67% do NMI, enquanto a cerâmica brunida corresponde a 18% (Gráfico 1). A presença da cerâmica vidrada e esmaltada é residual neste contexto, correspondendo respectivamente apenas a 10% e 5% do NMI. A maioria das formas identificadas enquadra-se na cerâmica de cozinha, bem como na cerâmica de mesa.

Estes dados evidenciam a fragmentação do espólio sendo que, num universo de 492 peças, apenas 44 correspondem a perfis completos. Para além destas, registam-se ainda 22 peças indeterminadas que, em certos depósitos, representam fabricos nos quais não foram identificadas formas. Nesses casos aplicou-se a compensação por um de forma a garantir a representação do fabrico, não se incluindo, porém, na quantificação das formas identificadas (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998, p. 12-16).

**Tabela 1** Distribuição do NMI e NR geral dos diversos tipos de cerâmica por UE.

UE	FOSCA		BRUNIDA		VIDRADA		ESMALTADA		TOTAL	
	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI	NR	NMI
101/201	286	35	6	(2)	3	2	–	–	295	37(2)
104	102	13	–	–	1	(1)	–	–	103	13(1)
107	1608	147	282	54	59	17(2)	8	5	1957	223(2)
109	26	3(1)	1	(1)	–	–	–	–	27	3(2)
112	145	11(3)	1	(1)	8	1(2)	2	(1)	156	12(7)
205	3	1(1)	1	1	–	–	1	1	5	3(1)
304	88	13(1)	25	8(1)	2	(2)	5	1	222	23(4)
Superfície	514	116	78	26(1)	75	20(2)	31	17	698	179(3)
<b>TOTAL</b>	<b>2772</b>	<b>339(6)</b>	<b>394</b>	<b>89(6)</b>	<b>148</b>	<b>40(9)</b>	<b>47</b>	<b>24(1)</b>	<b>3361</b>	<b>492(22)</b>

**Gráfico 1** Distribuição do NMI da cerâmica total por categorias formais (à esquerda, incluindo fabricos representados por peças indeterminadas aos quais se aplicou a compensação por 1, registada entre parênteses) e tipos de cerâmica (à direita).



#### 4.1.1. Cerâmica fosca e brunida

A observação das pastas permitiu identificar diversos grupos de fabrico, dos quais onze fabricos de cerâmica fosca e seis de cerâmica brunida. A maioria dos fabricos apresenta tanto cerâmica fosca como brunida, sendo as pastas iguais e variando apenas o tratamento da superfície. Por essa razão, estes dois grupos são apresentados em conjunto.

Entende-se por cerâmica fosca aquela que não recebe qualquer tratamento ou revestimento das superfícies, para além de aguadas ou engobes. A cerâmica brunida refere-se à cerâmica com o alisamento de uma ou ambas as superfícies conferindo-lhe uma aspecto polido e brilhante.

##### FABRICO F1/B1

Pasta com presença abundante de inclusões de pequena a grande dimensão (entre 1 a 5 mm), maioritariamente quartzo, assim como elementos de cor branca, ocasionalmente preta e vermelha, com muito rara presença de micas. A pasta apresenta principalmente tons laranja e avermelhados, resultante de uma cozedura oxidante, por vezes de núcleo cinzento devido a uma cozedura redutora-oxidante. A superfície rugosa é frequentemente recoberta por aguadas de tons laranja ou vermelho, raramente de cor escura. Alguns exemplares apresentam superfícies brunidas, geralmente apenas na superfície interna.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção local, devido à sua abundância neste conjunto, assim como a sua presença expressiva noutros contextos vilafranquenses como o Museu do Neo-realismo (Pimenta e Mendes, 2006; Mendes e Pimenta, 2007). Porém, a escassez de contextos de produção conhecidos e analisados nesta região do Vale do Tejo não permite identificar a origem desta pasta (Silva, 2003, p. 36). Poderia colocar-se a hipótese desta ser uma produção de Santarém onde as pastas apresentam o mesmo tipo de inclusões. Contudo, à excepção de raras peças, a maioria das formas identificadas em Santarém distingue-se das que aqui apresentamos (Mendes *et alii.*, 2002, p. 264-274; Casimiro *et alii.*, 2018, p. 23-30; Liberato, 2011, p. 104-108).

A fraca presença de micas afasta a hipótese de uma origem nas olarias de Lisboa, embora os exemplares aqui registados apresentem numerosas semelhanças morfológicas com a cerâmica moderna exumada na capital, sendo por vezes idênticos, como veremos adiante.

No grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F1, regista-se cerâmica de cozinha (fogareiro, frigideira, panela, tacho e testo), de mesa (infusa e tigela), de armazenamento (cântaro e pote) e de iluminação (candeia). FIGS. 19, 20 E 21

Neste conjunto observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha, que representa 76% do NMI, sendo composta maioritariamente por painéis, tachos e textos. Regista-se ainda uma quantidade expressiva de potes (10%).

O fogareiro identificou-se através de um fragmento de grelha semelhante a um exemplar da olaria da Mata da Machada, contexto de produção entre finais do século XV e primeira metade do século XVI (Carmona e Santos, 2005, p. 64). Porém, é possível que esta não corresponda a um fogareiro mas sim a um coador análogo a exemplares identificados em contexto dos séculos XV-XVI na olaria das Portas de Santo Antão em Lisboa (Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1718-1728).

As frigideiras, de formato baixo e largo, possuem maioritariamente bordos semicirculares com ou sem pega, encontrando-se igualmente um bordo triangular. Este formato de peças encontra-se em cronologias díspares, como em níveis do século XIV e inícios da

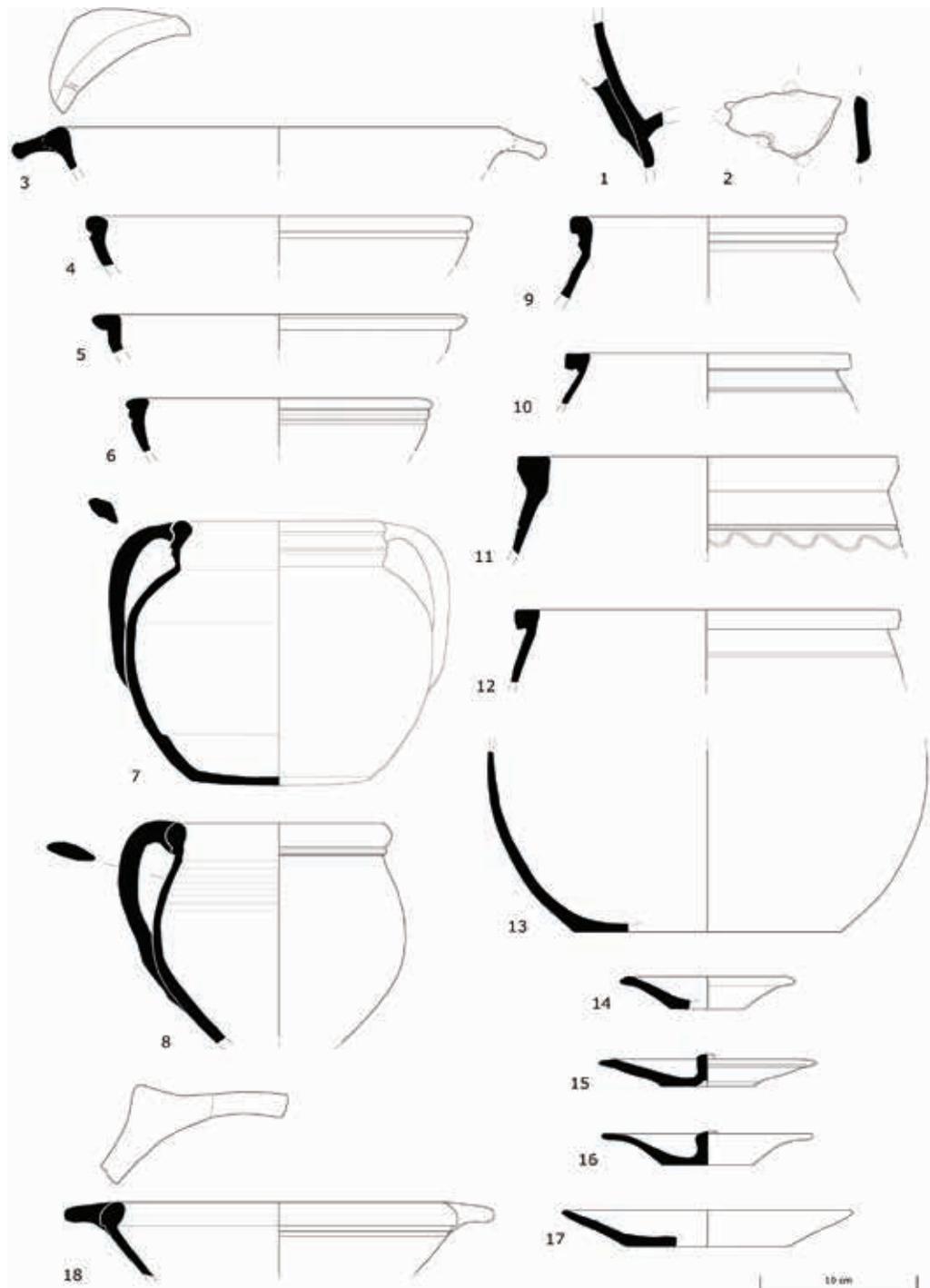


Fig. 19

Formas identificadas  
no fabrico F1.

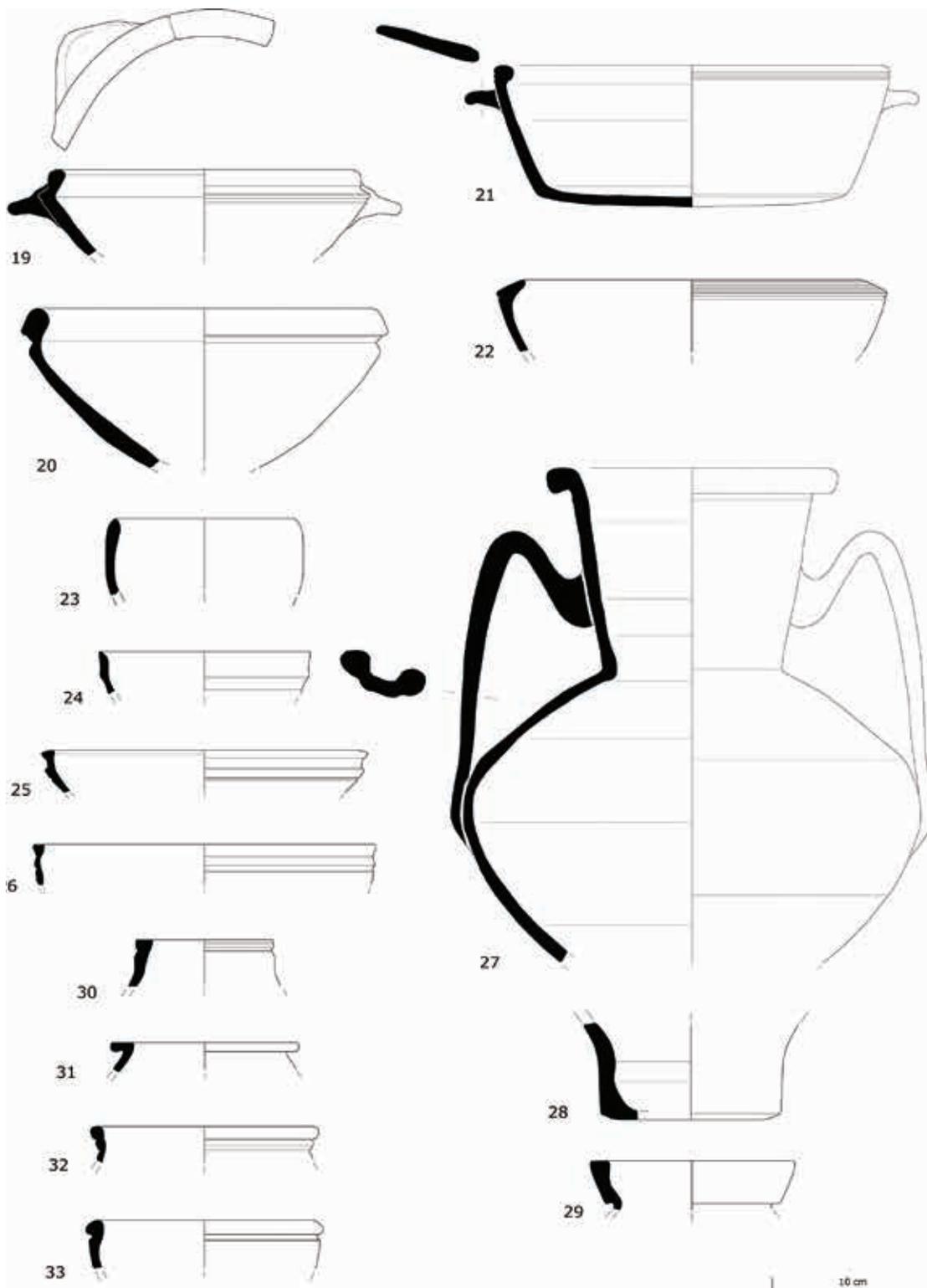
Fogareiro n.º 1-2;

Frigideiras n.º 3-6;

Painéis n.º 7-13;

Testos n.º 14-17;

Tacho n.º 18.



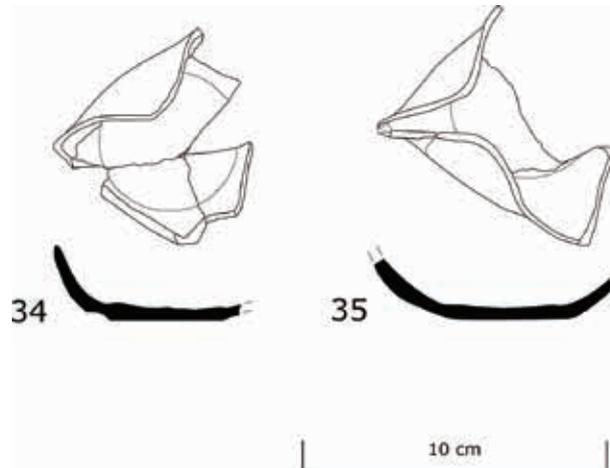


Fig. 20

Formas identificadas no fabrico F1. Tachos n.º 19-22; Infusas n.º 23-24; Tigelas n.º 25-26; Potes n.º 30-33; Cântaros n.º 27-29.

Fig. 21

Formas identificadas no fabrico F1. Candeias n.º 34-35.

centúria seguinte em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1992, p. 90-94) ou em níveis do terramoto de 1755 na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Trindade e Diogo, 2003b, p. 287-291).

As panelas possuem um formato globular ou ovóide, com uma ou duas asas verticais que partem do bordo, terminando numa base plana ou ligeiramente convexa. FIG. 22

Estas peças distinguem-se pela morfologia dos seus bordos, apresentando neste conjunto formatos semicirculares e quadrangulares com caneluras em relevo, registando-se ainda um bordo triangular. Este último, de maiores dimensões, encontra-se decorado com uma onda e linha excisas. No caso dos tachos, a maioria dos exemplares possui bordos semicirculares, podendo apresentar pegas horizontais de formato triangular ou semicircular que se desenvolvem sobre o bordo ou abaixo desse. Alguns exemplares ostentam caneluras incisadas sobre o bordo ou abaixo deste.

Ambos estes recipientes de ir ao fogo têm paralelos formais em diversos contextos dos séculos XV-XVI na zona de Lisboa e estuário do Tejo (Correia, 2005/07, p. 72; Fernandes e Carvalho, 1998, p. 215-235; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657; Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 194-203, 2008, p. 97-104; Correia, 2014, p. 376; Diogo e Trindade, 2008, p. 171-183, 1998, p. 260-264; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-663; Silva, 2003, p. 45), nomeadamente em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2007, p. 22-25; Pimenta e Mendes, 2007, p. 17-26, 2006, p. 199), assim como num contexto de produção dos séculos XV-XVII na Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128). Estes encontram-se igualmente em contextos mais recentes situados entre os séculos XVI e XVIII (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 216-235; Bargão, 2015, p. 43-120, 190; Diogo e Trindade, 2003, p. 205-213; Trindade e Diogo, 2003b, p. 287-291). FIGS. 23 E 24

Nos testos, os perfis completos conservados demonstram peças de bordo arredondado, com base plana e uma pega central em botão. As reduzidas dimensões destes exemplares indicam que estes corresponderão a testos de panelas, podendo também ser utilizados para cobrir potes. Esta morfologia possui uma longa utilização, observando-se em diversos contextos do Vale do Tejo desde o século XIV até, pelo menos, ao século XVII (Mendes e Pimenta, 2007, p. 29-30; Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195-200; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-665; Gomes *et alii.*, 2009, p. 960-961; Boa-





Fig. 22  
Panela inserida no  
fabrico F1. N.º INV.  
3074.



Fig. 23  
Tacho inserido no  
fabrico F1. n.º INV.  
3075.

Fig. 24  
Tachos inseridos no  
fabrico F1. N.º INV.  
3019 e 3017.

vida *et alii.*, 2013, p. 940-944; Diogo e Trindade, 2003, p. 205-212; Bargão, 2015, p. 43-120, 195). FIG. 25

As infusas identificadas neste conjunto possuem um bordo em bisel ou arredondado, estas últimas encontrando paralelos formais em contexto do século XV e início do XVI em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017, p. 8-32; Mendes e Pimenta, 2007, p. 49), Lisboa (Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657) ou Cascais (Cardoso e Rodrigues, 2008, p. 96-101). De forma aberta troncocónica, as tigelas registadas neste fabrico apresentam bordos quadrangulares decorados com caneluras excisas.

Nos cântaros observam-se dois subtipos. O primeiro apresenta um bordo semicircular, possuindo duas asas verticais, enquanto o segundo caracteriza-se por um bordo rectangular. Estes recipientes de armazenamento encontram paralelos formais em contextos situados entre o século XV e a centúria seguinte em Vila Franca de Xira (Brito, s.d, p. 35-37), Lisboa (Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-666) ou Almada (Barros e Henriques, 2003, p. 141). FIG. 26

No conjunto de potes identificaram-se diversos subtipos de bordos que variam entre morfologias quadrangulares, rectangulares ou semicirculares. A semelhança com a morfologia das panelas observada neste mesmo fabrico indica que as mesmas formas seriam utilizadas na confecção de alimentos e no seu armazenamento. A função de armazenamento destas peças distingue-se apenas pela ausência de marcas de fogo nas superfícies exteriores, bem como a reduzida dimensão de alguns exemplares.

Identificaram-se ainda duas candeias de perfil completo, de caixa aberta com bordo em bico. Estas conhecem uma grande difusão durante toda a Idade Moderna, variando apenas a morfologia da sua base e a presença ou não de uma pega (Silva, 2003, p. 53). De facto, encontram-se exemplares semelhantes em contextos arqueológicos do Vale do Tejo desde o século XIII ao XVI (Raposo, 2017, p. 62-195; Mendes *et alii.*, 2002, p. 264-274; Pimenta e Mendes, 2006, p. 191). FIG. 27

No que toca ao grupo de cerâmica brunida B1, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, frigideira, tacho) e de mesa (prato e tigela), Tal como no caso da cerâmica fosca, observa-se aqui um predomínio das peças de ir ao fogo, nomeadamente as frigideiras e os tachos, que no seu conjunto representam 68% do NMI.

Tipicamente de forma aberta troncocónica, o único alguidar identificado neste fabrico possui um bordo em voluta. Encontra-se um exemplar semelhante na Calçada de São Lourenço em Lisboa, em níveis situados entre o século XVI e meados do XVIII (Diogo e Trindade, 2003, p. 205-211). FIG. 28

No conjunto de frigideiras registou-se um número elevado de perfis completos que correspondem a dois subtipos. O primeiro caracteriza-se por um bordo triangular com base convexa. O segundo subtipo corresponde a bordos semicirculares, com uma canelura excisa abaixo do lábio, possuindo pegas horizontais de formato circular e terminando em bases planas. Estas formas, tal como as do fabrico F1, não possuem cabo.

Nos tachos registaram-se dois subtipos representados por perfis completos. O primeiro, de maiores dimensões, caracteriza-se por um bordo triangular e base convexa. Encontram-se exemplares semelhantes na Travessa das Capuchas em Santarém, em contexto do século XIV e início do XV (Boavida *et alii.*, 2013, p. 940-943), assim como no Quarteirão dos Lagares em Lisboa, em contextos situados entre os séculos XVI-XVII (Nunes e Filipe, 2012, p. 143-145). O segundo subtipo caracteriza-se por um bordo quadrangular onde é visível o arranque de uma pega horizontal terminando sobre uma base ligeiramente convexa. Ambos os subtipos identificados neste fabrico B1 possuem caneluras incisas abaixo do lábio. FIG. 29

Fig. 25

Testos inseridos no fabrico F1, à esquerda e em baixo N.º INV. 21/258, 963, 875 e 014/1022/1023. Testos inseridos nos fabricos F3, em cima à direita N.º INV. 3092, e no fabrico F4 em baixo à direita N.º INV.1001.







Fig. 26  
Cântaro inserido no  
fabrico F1.  
N.º INV. 1334.

Fig. 27  
Candeia inserida no  
fabrico F1.  
N.º INV. 3042.

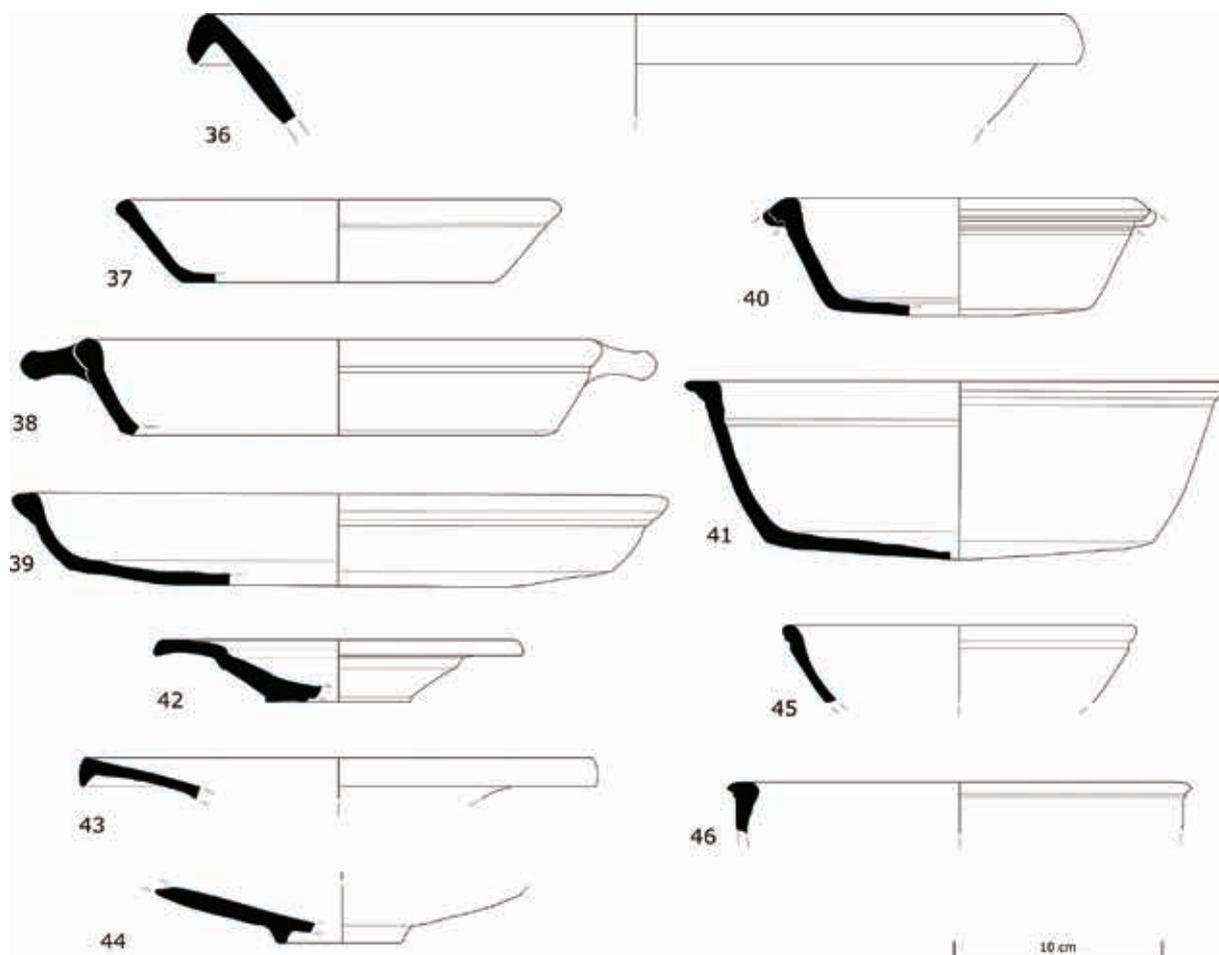


Fig. 28  
Formas identificadas  
no fabrico B1. Alguidar  
n.º 36; Frigideiras  
n.º 37-39; Tachos  
n.º 40-41; Pratos  
n.º 42-44; Tigelas  
n.º 45-46.

Fig. 29  
Tacho inserido no  
fabrico F1. N.º INV. 98.

No conjunto de pratos observa-se um exemplar de perfil completo com bordo em aba larga e base em ônfalo. Outros encontram-se representados por bordos semicirculares e bases em pé anelar. Estes recipientes, por vezes denominados pratos-tampa, poderiam ser utilizados como testos para cobrir recipientes de maiores dimensões tais como tachos e frigideiras. Porém, estes também poderiam servir à mesa para consumo individual de alimentos (Bargão, 2015, p. 68; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 660). Formas semelhantes encontram-se em contextos situados entre os séculos XII e XVIII em diversos pontos do país (Raposo, 2017, p. 210; Fernandes e Carvalho, 1992, p. 90-94; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657; Diogo e Trindade, 2003, p. 205-211).

No caso das tigelas os bordos são maioritariamente semicirculares, com uma canelura excisa abaixo do lábio. Este subtipo encontra paralelos formais em contextos com cronologias situadas entre os séculos XV-XVI em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2007, p. 52-56; Mendes, 2017, p. 36), bem como em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 225-246), Alcochete (Correia, 2014, p. 377), Lisboa (Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657; Gomes *et alii.*, 2009, p. 960-961) e Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195-203; 2008, p. 97-108).

#### FABRICO F2/B2

Distingue-se do fabrico anterior por possuir uma pasta mais depurada, com menor quantidade e dimensão de inclusões (na maioria menores que 1 mm), sendo estas geralmente quartzos, elementos de cor preta e por vezes branca, com rara presença de micas. A pasta apresenta tons laranja a vermelho, com uma cozedura que varia entre ambiente oxidante e redutor-oxidante. As superfícies são pouco rugosas, frequentemente recobertas com aguadas de tons laranja ou vermelho, por vezes brunidas ou, mais raramente, com um engobe vermelho ou negro brilhante e rugoso. As semelhanças entre este fabrico e o anterior, nomeadamente o tipo de inclusões presentes nas pastas, indicam que este poderá corresponder a uma variante mais depurada do fabrico F1/B1. Consequentemente, os dois poderão ter a mesma proveniência. A confirmar-se como produções locais, estas copiarão de forma próxima os modelos da capital, como se atesta pelos paralelos com zonas de produção oleira localizadas na área da Mouraria, com cronologias situadas entre os séculos XV-XVII, nomeadamente na Rua do Benfornoso (Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128), no Quarteirão dos Lagares (Nunes e Filipe, 2012, p. 143-145) e na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1718-1728). Embora menos frequentes, observam-se ainda alguns paralelos com peças produzidas entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI no Barreiro, nomeadamente em Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 702-703).

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F2, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, fogareiro, panela, tacho e testo), de mesa (infusa, púcaro e tigela), de iluminação (candeia), de armazenamento (cântaro, pote e talha) e de higiene (servidor), bem como objectos relacionados com actividades lúdicas (malha de jogo). Neste grupo observa-se um predomínio da cerâmica de cozinha (58%), sendo as panelas, testos e tachos as formas mais numerosas. Contudo, observa-se igualmente uma quantidade significativa de púcaros. FIGS. 30 E 31

Os alguidares identificados neste conjunto correspondem a dois subtipos. Os primeiros, de menores dimensões, apresentam bordos em aba, com uma decoração pinçada na face exterior e caneluras incisas na face superior. Esta forma, atribuída aos séculos XIII-XIV, encontra-se em Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2006, p. 67-198) e em Lisboa (Pinheiro, 2015, p. 107-125), registando-se igualmente em Vila Verde dos Francos, em silos utilizados

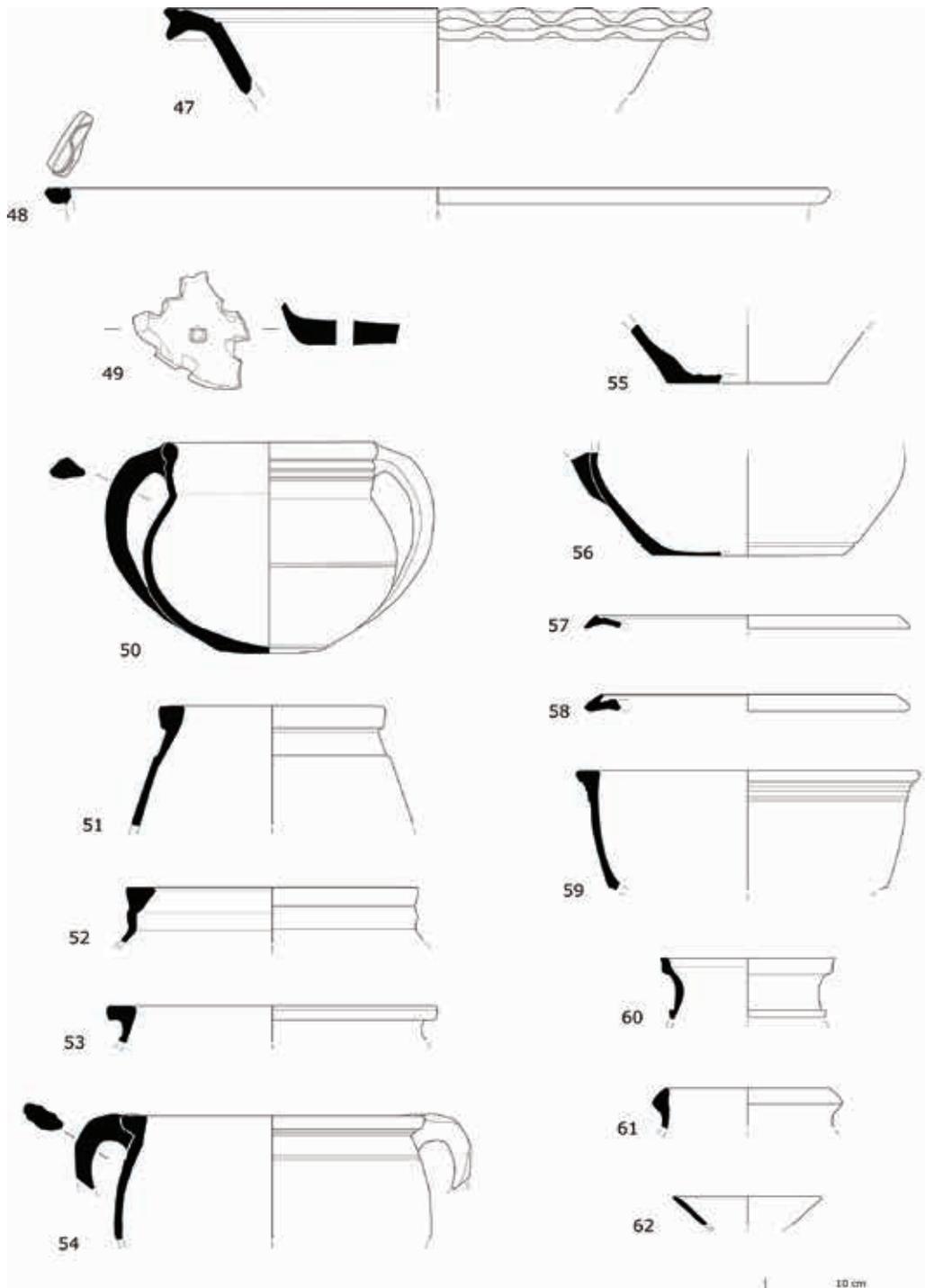


Fig. 30

Formas identificadas no fabrico F2.  
 Alguidares n.º 47-48;  
 Fogareiro n.º 49;  
 Painéis n.º 50-56;  
 Testos n.º 57-58; Tacho  
 n.º 59; Infusa n.º 60-61;  
 Púcaro n.º 62.

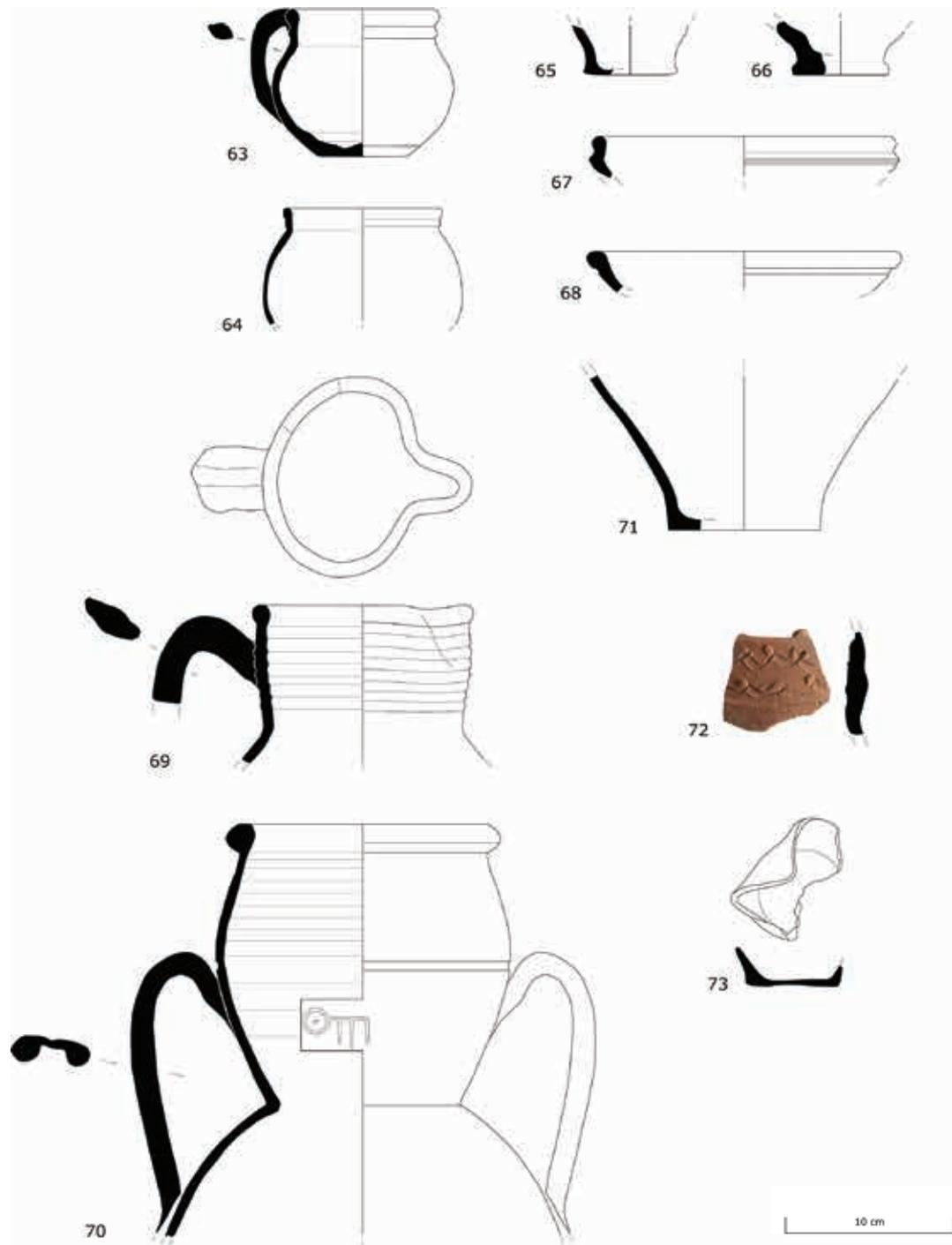


Fig. 31

Formas identificadas  
no fabrico F2. Púcaros  
n.º 63-66; Tigelas  
n.º 67-69; Cântaros  
n.º 69-71; Talha n.º 72;  
Candeia n.º 73.

como lixeira entre os séculos XIII-XVI (Cardoso e Batalha, 2018, p. 103-113). O segundo subtipo corresponde a um fragmento de bordo semicircular, decorado com caneluras e uma onda incisa na face superior.

Os fogareiros encontram-se representados por um fragmento de grelha, não sendo possível determinar a sua morfologia e dimensões.

No conjunto de panelas conservou-se perfil completo, de bordo semicircular com caneluras, do qual partem duas asas verticais, terminando sobre uma base convexa. Esta forma é semelhante aos exemplares de bordo semicircular identificados no fabrico F1. As restantes peças apresentam bordos quadrangulares, rectangulares ou triangulares, do qual partem uma ou duas asas verticais. Estes têm paralelos formais em diversos contextos do Vale do Tejo situados entre os séculos XIII e XVIII (Cardoso e Batalha, 2018, p. 108-113; Pimenta e Mendes, 2010, p. 18-56; Diogo e Trindade, 1998, p. 260-264; Mendes, 2017, p. 8-30; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-661; Barros *et alii.*, 2012, p. 702-703; Cardoso e Rodrigues, 2008, p. 97-104; Fernandes e Carvalho, 1998, p. 216-235; Diogo e Trindade, 2003, p. 205-212), indicando uma larga cronologia de utilização destas formas. Identificou-se ainda um bordo triangular com paralelos em níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195-201), assim como em contexto dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128).

Nos tachos, a maioria dos exemplares apresenta uma forma idêntica às formas de bordo semicircular e com ressalto do fabrico F1. Observa-se ainda um tacho de bordo triangular com caneluras incisas, semelhante ao subtipo de bordo triangular observado no fabrico B1 e formas provenientes do Quarteirão dos Lagares em Lisboa, em contextos situados entre os séculos XVI-XVII (Nunes e Filipe, 2012, p. 143-145).

No conjunto de testos observam-se dois subtipos. Os primeiros são em barbela, formalmente idênticos a exemplares identificados em diversos contextos do Vale do Tejo com cronologias situadas entre os séculos XIII e XVI (Cardoso e Batalha, 2018, p. 106-113; Raposo, 2017, p. 69-213; Pimenta e Mendes, 2010, p. 18-56; Diogo e Trindade, 2008, p. 171-183; Cardoso e Rodrigues, 2008, p. 97-107; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-665). O segundo subtipo é idêntico aos exemplares apresentados no fabrico F1. Os testos com barbela, de maiores dimensões, seriam provavelmente destinados a cobrir tachos enquanto os segundos, mais pequenos, seriam utilizados para cobrir panelas e/ou potes.

Nos contentores de líquidos destinados ao serviço na mesa, registam-se dois subtipos de infusas. Os primeiros caracterizam-se por um bordo triangular arredondado, enquanto os segundos apresentam um bordo quadrangular. Ainda nesta categoria encontram-se os púcaros de formato globular com bordos semicirculares, caneluras em relevo abaixo do lábio e asa vertical que parte do bordo. Estes são semelhantes a exemplares identificados em contexto dos séculos XV-XVI no estuário do Tejo (Silva, 2003, p. 37-38), nomeadamente no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2006, p. 63-195; Mendes e Pimenta, 2015, p. 200-206). Observam-se ainda alguns exemplares de bordo arredondado. Relativamente às bases, estas são planas ou de pé alto. As primeiras poderão corresponder a uma caneca e não a um púcaro, semelhante a exemplares identificados em Vila Verde dos Francos, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso e Batalha, 2018, p. 104-113), ou no Castelo de São Jorge em Lisboa, em contexto do século XV e início do XVI (Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657). FIG. 32

As tigelas enquadradas neste conjunto correspondem a dois subtipos. O primeiro caracteriza-se por bordos semicirculares com uma canelura incisa abaixo do lábio. O segundo

Fig. 32  
Púcaro inserido no fabrico F2, no qual se observam as marcas de combustão pós-deposicional. n.º NV. 411 / 417 / 879 / 1153 / 1058).





apresenta um bordo semicircular com ressaltos com caneluras incisadas. Este último tem paralelos formais com peças produzidas entre os séculos XV-XVI na olaria das Portas de Santo Antão em Lisboa (Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1718-1728).

Neste fabrico foram identificadas dois subtipos de cântaros. O primeiro caracteriza-se por um bordo semicircular que forma um bico, com apresenta caneluras em relevo no colo e uma asa vertical. O segundo subtipo, também de bordo semicircular, possui duas asas verticais e encontra-se decorado com uma canelura excisa no colo, assim como um grafito em forma de chave. As bases identificadas são planas, com paralelos em Vila Verde dos Francos, em contexto dos séculos XIII-XVI (Cardoso e Batalha, 2018, p. 105-113) e em peças dos séculos XV-XVI do estuário do Tejo (Silva, 2003, p. 41). FIGS. 33 E 34

Os potes são idênticos aos exemplares de secção semicircular apresentados no fabrico F1. As talhas encontram-se representadas por fragmentos de parede, dos quais um encontra-se decorado com ondas excisas.

Neste fabrico conservou-se uma candeia de perfil completo com bordo arredondado, formando um bico e base plana. Observam-se formas semelhantes em contextos lisboetas situados entre os séculos XV-XVI (Diogo e Trindade, 2008, p. 171-183; Gaspar *et alii.*,

Fig. 33  
Cântaro inserido no fabrico F2. N.º INV. 3045.

Fig. 34  
Cântaro grafitado inserido no fabrico F2. N.º INV.3077.



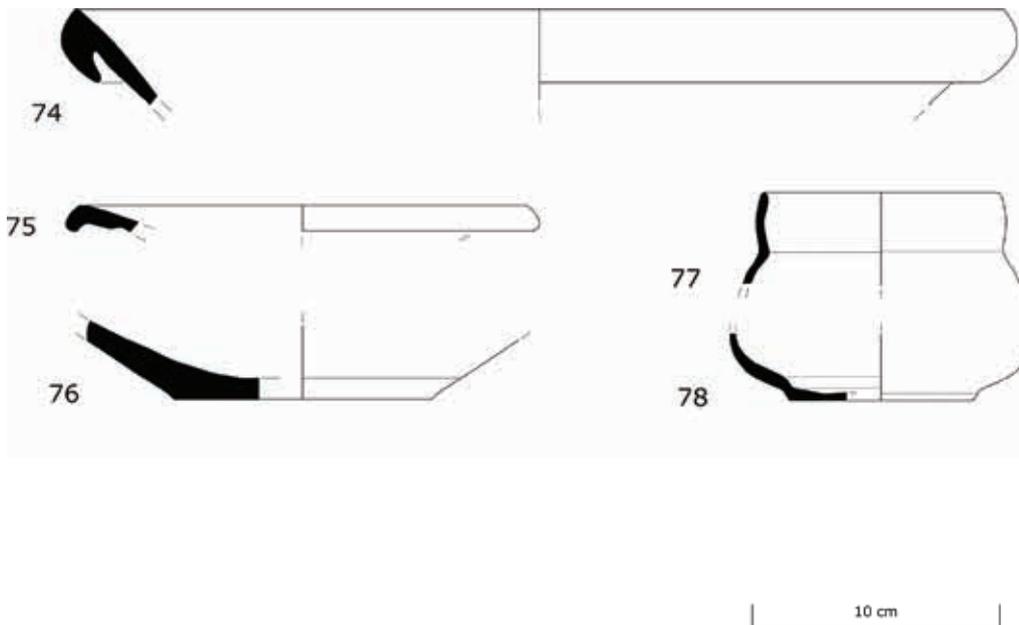


Fig. 35

Formas identificadas no fabrico B2. Alguidar n.º 74; Pratos n.º 75-76; Púcaros n.º 77-78.

2009, p. 655-666), bem como em Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 706-708) e na Rua José Dias da Silva em Vila Franca de Xira (Mendes, 2017, p. 29). Regista-se ainda uma malha de jogo de formato circular, objecto relacionado com actividades lúdicas.

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente a este fabrico B2, regista-se um alguidar e cerâmica de mesa (prato, púcaro e tigela). Neste grupo observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente dos pratos (46%) e tigelas (38%).

Os alguidares brunidos pertencentes a este fabrico possuem uma forma idêntica aos exemplares com bordo em voluta do fabrico B1. FIG. 35

No conjunto de cerâmica de mesa, os pratos identificados são semelhantes aos exemplares de bordo semicircular e pé anelar observados no fabrico B1. Outros possuem bases planas semelhantes a exemplares encontrados em Palmela, com cronologia atribuída ao século XVII (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 223-244). Os púcaros encontram-se representados por apenas dois fragmentos, um bordo arredondado e uma base em disco, que poderão ter pertencido à mesma peça. Relativamente às tigelas, observa-se uma forma idêntica aos exemplares do fabrico B1.

### FABRICO F3/B3

Pasta com abundantes inclusões de muito pequena dimensão (geralmente com cerca de 0,5-1 mm) onde se destaca uma grande quantidade de micas de diferentes tamanhos, quartzo e raros elementos ferruginosos e brancos de média dimensão. A pasta é compacta e apresenta tons bege rosado ou vermelho claro, com cozedura em ambiente oxidante ou redutor-oxidante. A superfície mediamente rugosa possui geralmente uma aguada de tom bege rosado ou vermelho claro, sendo por vezes brunida.

A abundância de micas neste fabrico indica que ele deverá corresponder a uma produção com origem nas olarias de Lisboa. Conhecem-se diversas olarias na capital onde se

encontram pastas semelhantes, nomeadamente na área da Mouraria (Castro *et alii.*, 2017, p. 1737-1742; Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128, Nunes e Filipe, 2012, p. 143-146; Paula, 2019, p. 98-117), em contextos situados cronologicamente entre os séculos XV-XVII, assim como na Rua das Portas de Santo Antão (Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1718-1728), contexto dos séculos XV-XVI. Outra possível origem é o complexo oleiro do Barreiro, em funcionamento entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Barros *et alii.*, 2012, p. 701-705; Carmona e Santos, 2005, p. 14-16; Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-264), onde também se produzia cerâmica fosca de pasta vermelha. Em todos estes contextos encontramos algumas formas semelhantes às que apresentamos adiante, porém, as características da pasta sugerem uma origem lisboeta.

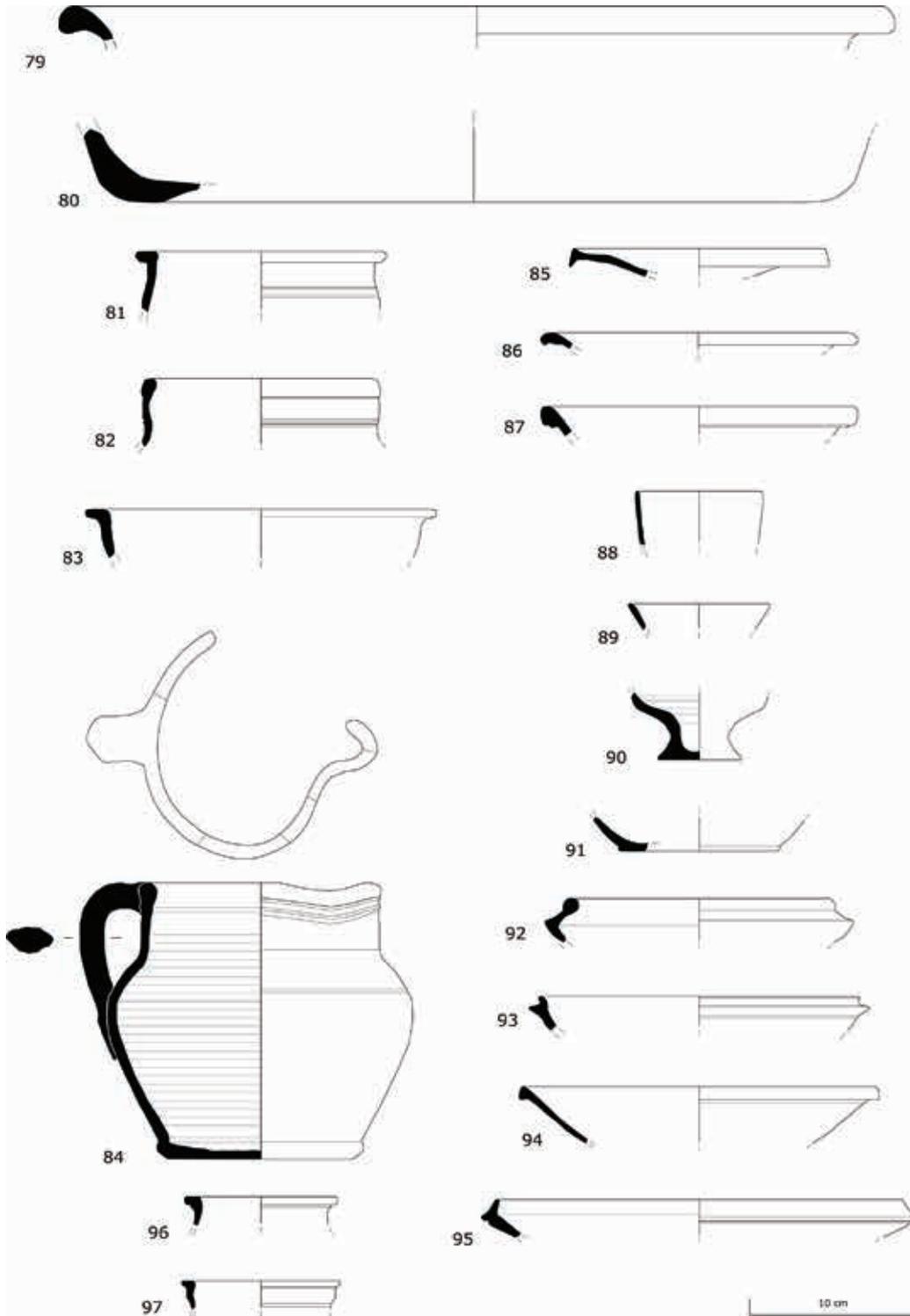
No grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F3, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, frigideira, panela, tacho e testo), de mesa (infusa, prato, púcaro e tigela), de armazenamento (cântaro, pote e talha), de iluminação (candeia) e relacionada com actividades lúdicas (malha de jogo). Neste conjunto observa-se um equilíbrio entre a cerâmica de cozinha (30%), de mesa (32%) e de armazenamento (33%). Individualmente, a forma mais abundante corresponde aos potes (19%), conferindo assim destaque aos contentores de armazenamento. FIGS. 35 E 36

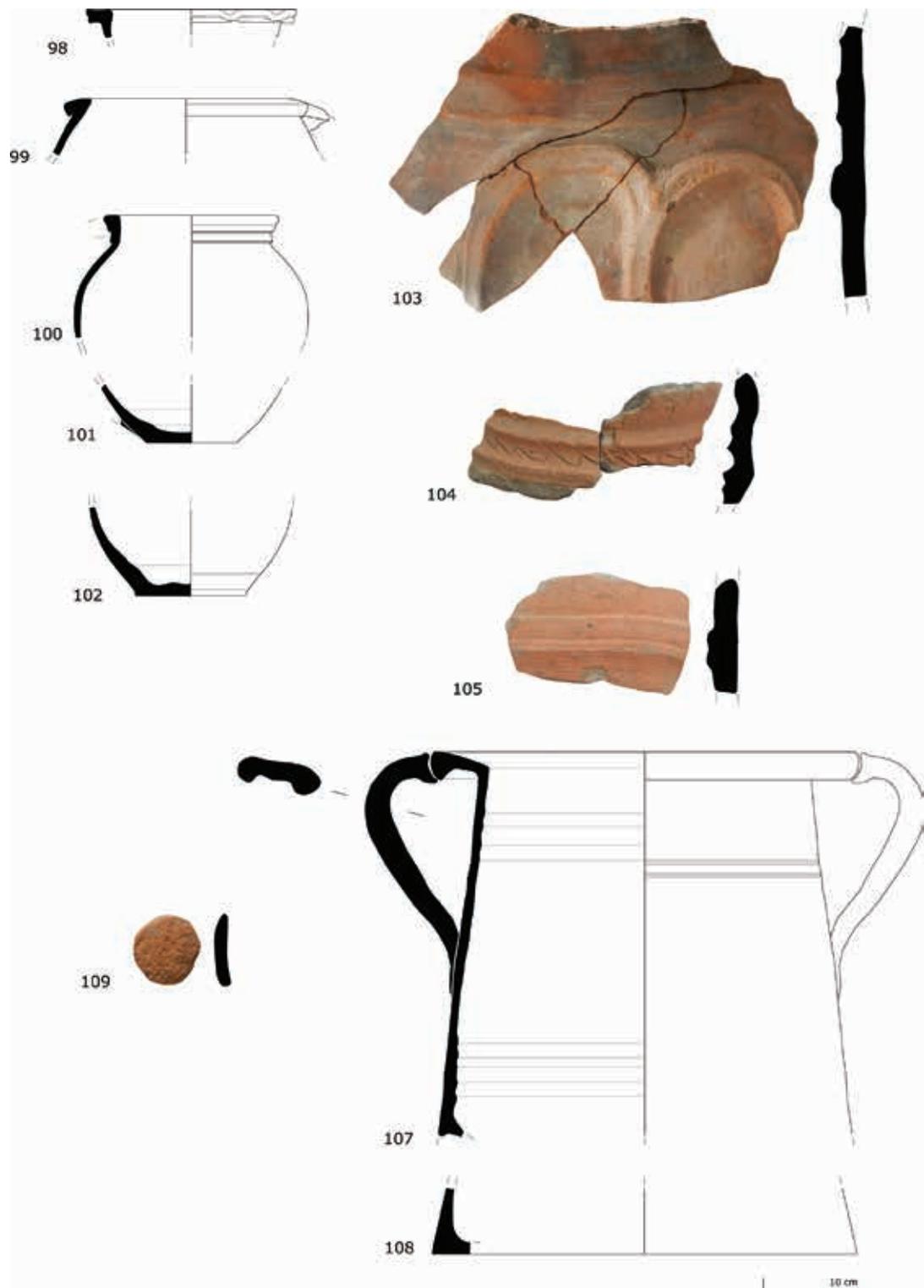
O alguidar encontra-se aqui representado por um bordo semicircular, semelhante a um exemplar atribuído ao século XV-XVI identificado em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 219-240), e uma base plana. No conjunto de panelas identificaram-se bordos rectangulares ou quadrangulares, assim como um bordo semicircular com caneluras incisadas. Estes são semelhantes aos exemplares observados nos fabricos F1 e F2. Nos tachos registam-se dois subtipos de bordos. Os primeiros são idênticos ao subtipo com ressalto apresentado no fabrico F1. O segundo caracteriza-se por um bordo triangular semelhante aos exemplares de bordo triangular apresentados no fabrico B1. Os testos, com bordos em barbeta e base plana, são semelhantes aos exemplares apresentados no fabrico F2.

Identificou-se uma infusa com bordo semicircular formando um bico, de asa vertical e base em disco. Esta é decorada com caneluras em relevo abaixo do lábio, assim como uma canelura excisa no corpo. Outras infusas possuem bordos idênticos aos exemplares semicirculares apresentados no fabrico F1. FIG. 38

Os bordos de prato são semicirculares podendo ostentar uma canelura em relevo na face externa. Os púcaros apresentam bordos arredondados e bases em disco ou de pé alto. Estas últimas podem corresponder a um subtipo de púcaro de pé alto com duas asas, por vezes denominada jarrinha, que se encontra em diversos contextos portugueses entre os séculos XIII até inícios do XVII (Cardoso e Batalha, 2018, p. 103-113; Cardoso e Rodrigues, 2008, p. 97-102; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657; Gomes *et alii.*, 2009, p. 959-961; Barradas, 2017, p. 77-145). Porém, observam-se no estuário do Tejo outros subtipos de pé alto que possuem apenas uma asa, sendo estes atribuídos aos séculos XV-XVI (Silva, 2003, p. 43).

O conjunto de tigelas é diverso, possuindo bordos com ressalto, semicirculares ou arredondados, este último apresentando uma canelura incisa abaixo do lábio. Outros são em pinça, semelhantes a exemplares encontrados em níveis do século XIV no Castelo de São Jorge (Gomes *et alii.*, 2009, p. 959-960). Nos contentores de líquidos registam-se cântaros com bordos e bases idênticos aos exemplares observados no fabrico F1. Os potes apresentam bordos semicirculares ou rectangulares, possuem caneluras em relevo ou incisadas abaixo do lábio ou, noutro caso, com decoração pinçada. Registam-se ainda fragmentos de talhas com decorações plásticas compostas por faixas aplicadas, ondas incisadas e caneluras em relevo. As



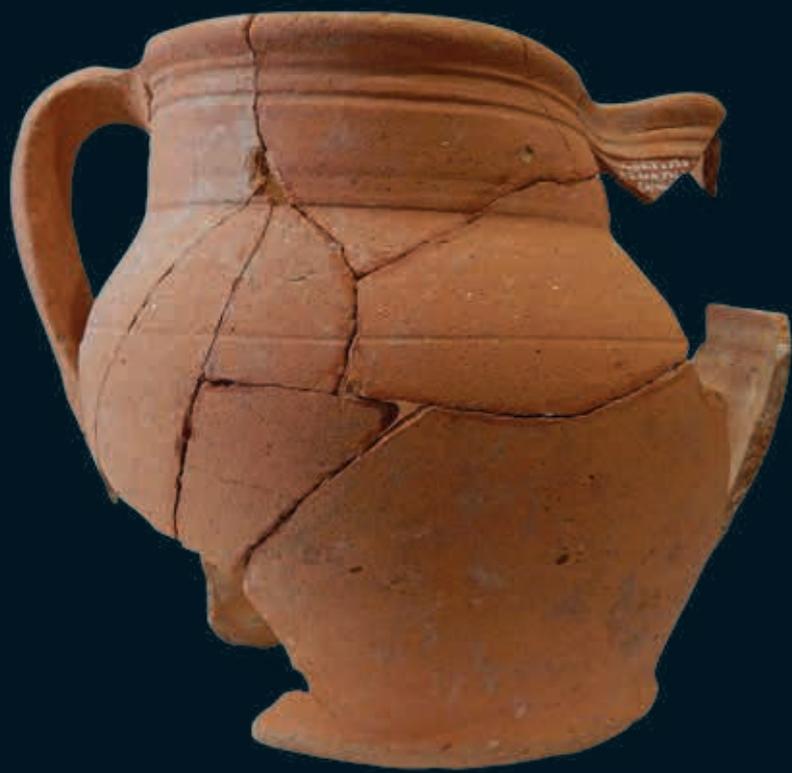


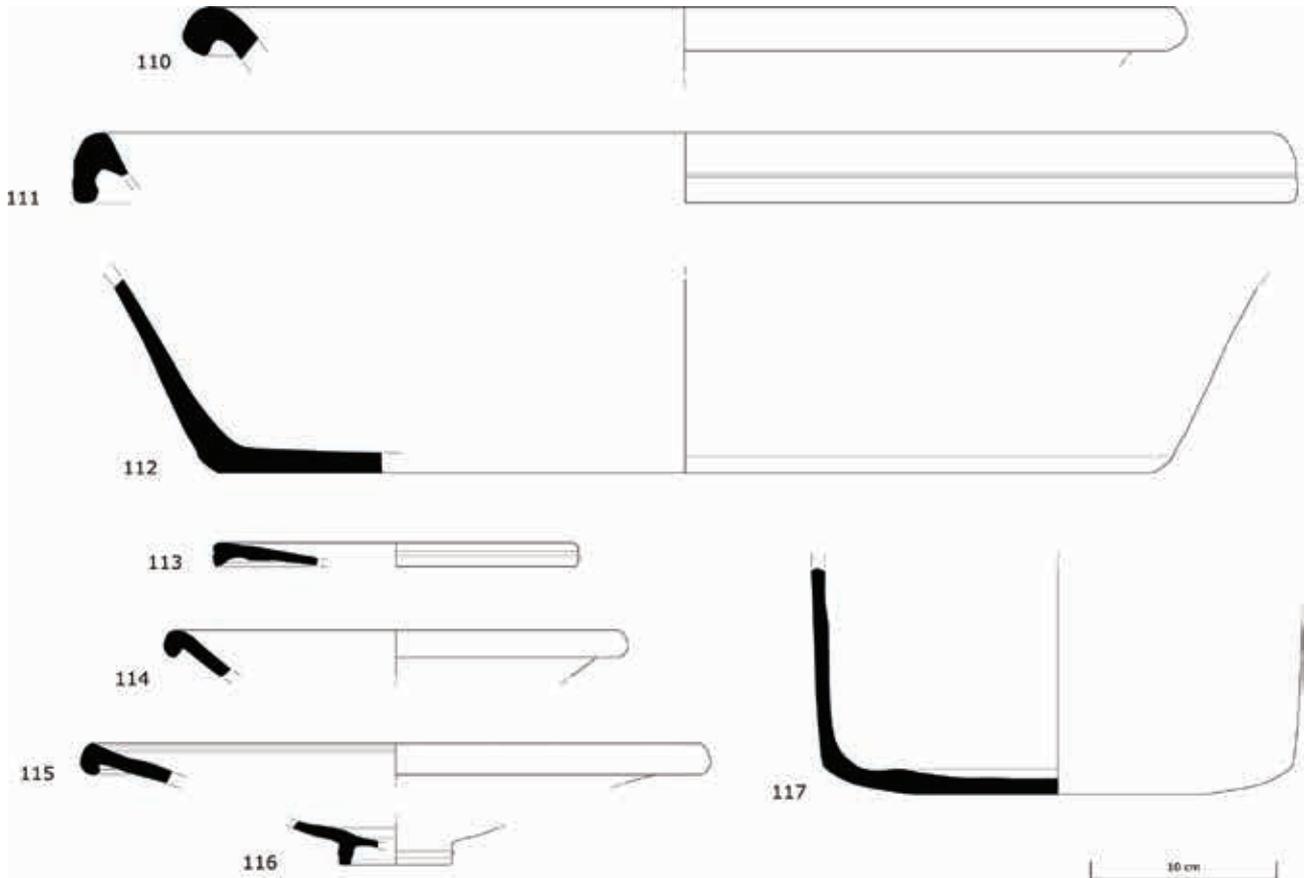
**Fig. 36**

Formas identificadas no Fabrico F3. Alguidares n.º 79-80; Pannels n.º 81-82; Tacho n.º 83; Infusa n.º 84; Testo n.º 85; Pratos n.º 86-87; Púcaros n.º 89-91; Tigelas n.º 92-95; Potes n.º 96-97.

**Fig. 37**

Formas identificadas no Fabrico F3. Potes n.º 92-102; Talhas n.º 103-105; Servidores n.º 107-108; Malha de jogo n.º 109.





**Fig. 38**  
Infusa inserida  
no fabrico F3.  
N.º INV. 484/443.

**Fig. 39**  
Formas identificadas  
no Fabrico B3.  
Alguidares  
n.º 110-112;  
Pratos n.º 113-116;  
Servidor n.º 117.

primeiras encontram paralelos no Convento do Carmo em Lisboa, em níveis de aterro do início do século XV (Pinheiro, 2015, p. 45-98), assim como no Hospital Real de Todos-os-Santos em contexto datável do século XVI e início do XVII (Barradas, 2017, p. 77-148).

As candeias são idênticas aos exemplares observados no fabrico F2.

O servidor registado neste conjunto possui um formato cilíndrico, com um bordo em aba e duas asas verticais. Identificou-se ainda um fragmento de base que terá provavelmente pertencido ao exemplar acima descrito. Esta peça tem paralelos em níveis dos séculos XV-XVII da Rua do Benfornoso em Lisboa (Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128).

Neste fabrico regista-se igualmente uma malha de jogo de formato circular.

No que toca ao grupo de cerâmica brunida, registam-se alguidares, cerâmica de mesa (prato, púcaro e tigela) e de higiene (servidor). Aqui observamos o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente pratos, púcaros e tigelas, que no seu conjunto representam 57% do NMI. Destaca-se igualmente a abundância de alguidares (36%), que individualmente são a forma mais numerosa.

Os alguidares identificados neste fabrico apresentam bordos semicirculares ou em voluta e base plana. O primeiro subtipo tem paralelos em peças provenientes de contextos lisboetas situados entre o século XV e XVII (Diogo e Trindade, 2008, p. 171-185; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-669; Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128). **FIG. 39**

No conjunto de cerâmica de mesa registam-se pratos de formato semelhante aos exemplares de bordo semicircular e base de pé anelar observados nos fabricos B1 e B2. Estes podem ser decorados com caneluras incisas sobre a face externa e têm paralelos em diversos

contextos situados entre o final do século XV e o século XVII (Diogo e Trindade, 1998, p. 257-265; Bargão, 2015, p. 119-120, 247; Fernandes e Carvalho, 1998, p. 223-244; Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195-202; Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128). Outro exemplar, de formato mais raso, é semelhante a um testo proveniente de entulhos do terramoto de 1531 da Rua dos Correiros em Lisboa (Diogo e Trindade, 2008, p. 171-185), sendo provável que este fosse utilizado como tampa.

Os púcaros encontram-se representados por fragmentos de bases em disco, idênticos ao exemplar apresentado no fabrico B2. Também as tigelas partilham a morfologia dos exemplares apresentados nos fabricos B1 e B2.

Nos objectos relacionados com a higiene regista-se apenas a base plana de servidor.

#### FABRICO F4/B4

Pasta compacta com características semelhantes à anterior, mas com menor quantidade de quartzo e de inclusões de cor branca, sendo estes de pequena dimensão. As micas estão aqui presentes em grandes quantidades e diferentes tamanhos (com cerca de 0,1-1 mm). A pasta, de textura mais macia que os fabricos anteriores, apresenta tons vermelho, vermelho escuro ou acastanhado, com cozedura em ambiente oxidante e raramente redutor-oxidante. A superfície lisa e ligeiramente porosa possui geralmente uma aguada vermelha ou acastanhada, sendo por vezes brunida. A abundância de micas, bem como as demais características, indica que este fabrico deverá corresponder a uma produção lisboeta, à semelhança do fabrico F3/B3.

No grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F4, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar, panela, tacho, testo), de mesa (infusa, púcaro, tigela), de armazenamento (cântaro, pote, talha), de iluminação (candeia) e outros (malha de jogo). Neste conjunto observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha que representa 36% do NMI, sendo composta principalmente por panelas e testos. Denota-se ainda uma percentagem significativa de cerâmica de armazenamento (32%), esta constituída maioritariamente por potes e cântaros, assim como alguns fragmentos de talhas. FIG. 40

Neste fabrico regista-se um bordo de alguidar de formato semicircular com uma decoração digitada aplicada sobre a face externa do bordo e caneluras em relevo abaixo desta.

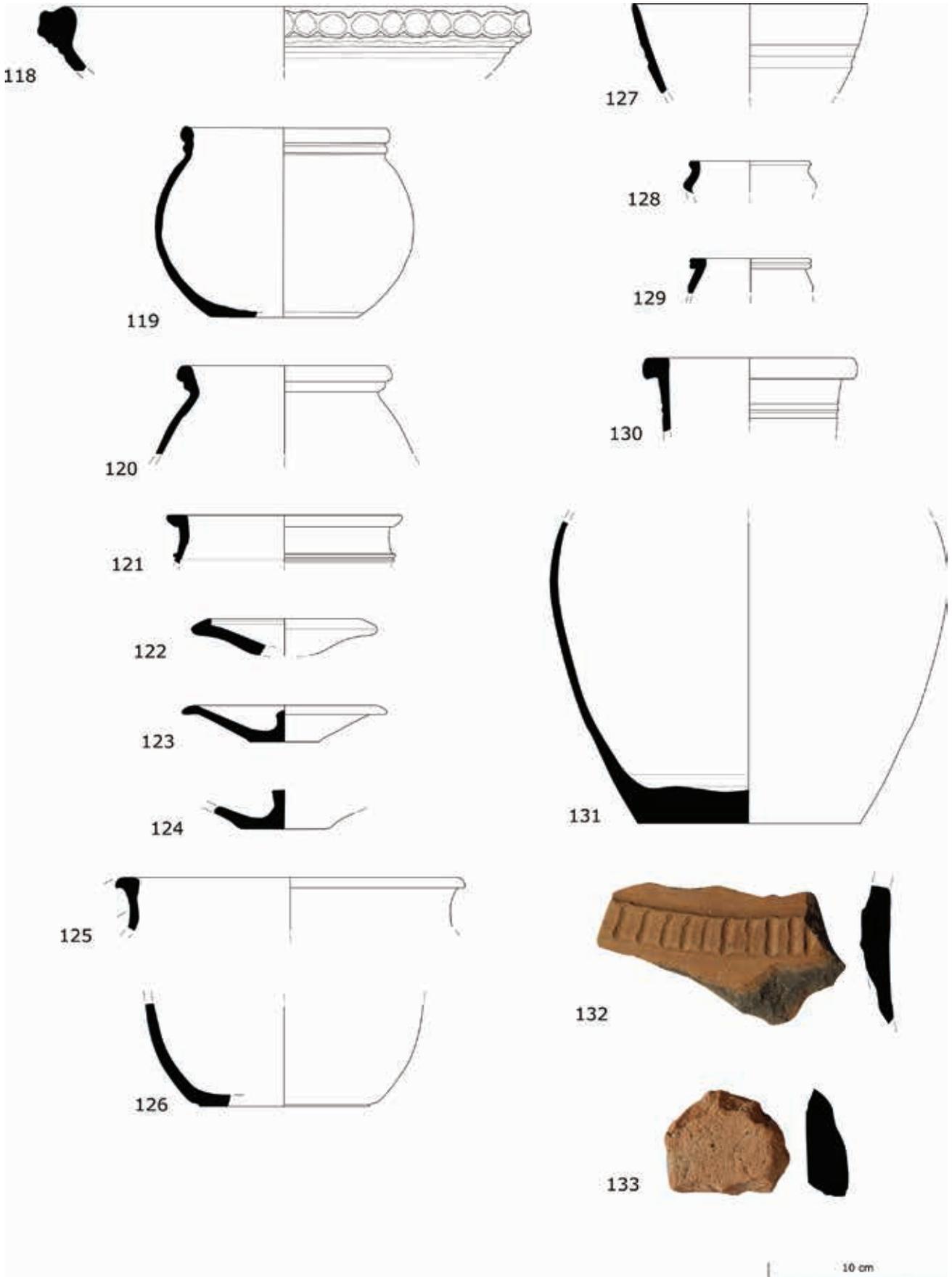
No conjunto de panelas identificou-se um perfil completo de bordo semicircular com uma canelura em relevo, terminando sobre uma base plana. Este e outros exemplares de bordo semicircular têm paralelos na olaria da Mata da Machada, contexto de produção entre finais do século XV e primeira metade do século XVI (Carmona e Santos, 2005, p. 55). Observa-se ainda um bordo triangular com caneluras aplicadas sobre o colo, idêntico a uma peça identificada em níveis dos séculos XIV e início do XV em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1992, p. 90-95).

Os tachos possuem uma forma idêntica aos exemplares de bordo introvertido com secção semicircular apresentados no fabrico F1. Também os testos se assemelham aos exemplares observados no fabrico F1, bem como no F2. Identificou-se ainda uma base de testo com uma pega em botão de formato troncocónico.

Nos objectos de mesa registam-se infusas de bordo quadrangular ou arredondado. O primeiro subtipo ostenta duas caneluras excisas abaixo do lábio, sendo idêntico ao bordo quadrangular apresentado no fabrico F2. Nos púcaros registam-se bordos quadrangulares ou rectangulares com uma canelura excisa na face exterior e bases de pé alto, estas idênticas às que observamos nos fabricos F2 e F3. Nas tigelas identificaram-se dois subtipos, sendo

Fig. 40

Formas identificadas no Fabrico F4.  
Alguidar n.º 118;  
Panelas n.º 119-121;  
Testos n.º 112-124;  
Potes n.º 125-126;  
Infusa n.º 127; Púcaros n.º 128-129; Cântaros n.º 130-131;  
Talha n.º 132;  
Malha de jogo n.º 133.

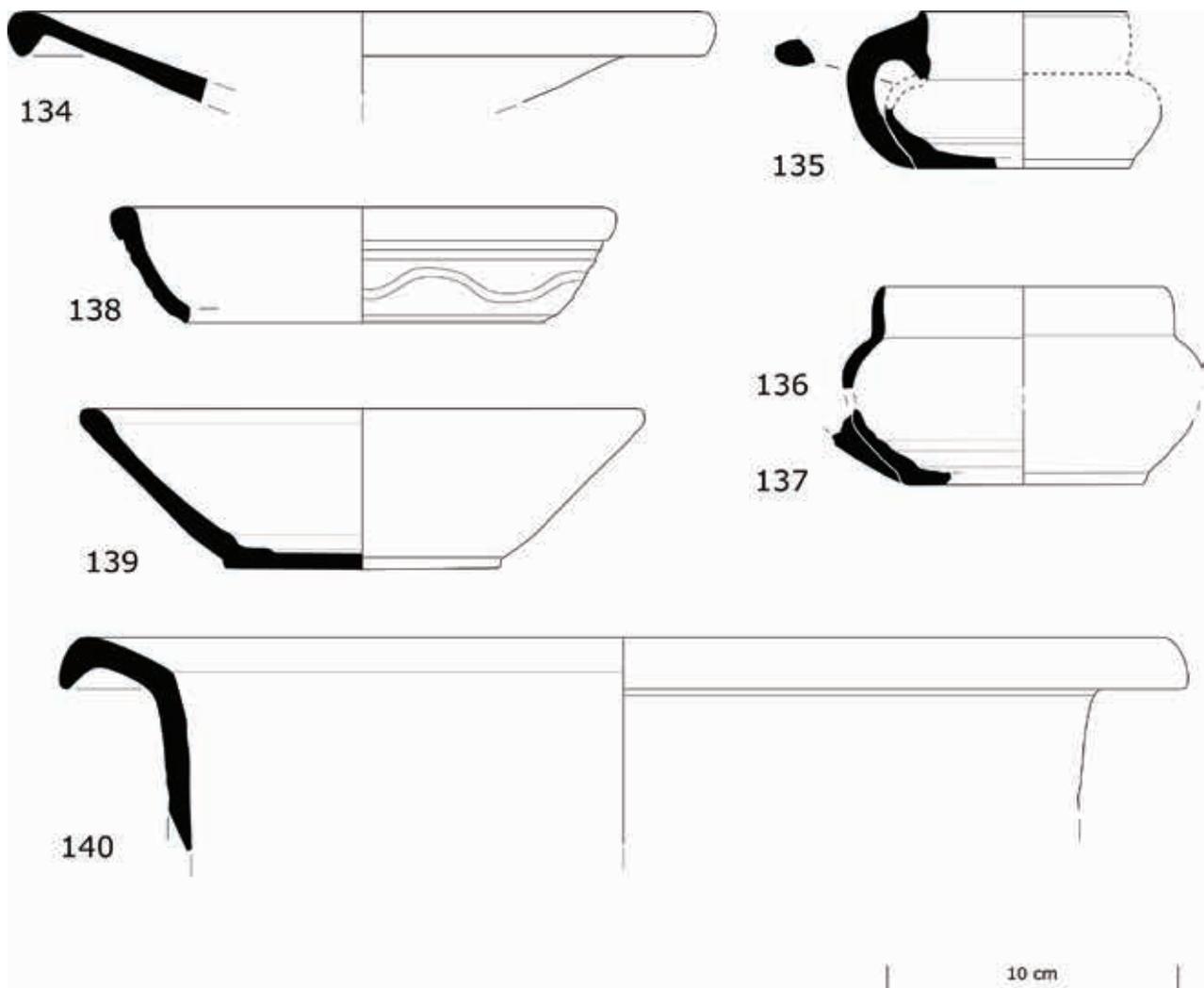


o primeiro um bordo em pinça idêntico aos exemplares apresentados no fabrico F3, e o segundo um bordo quadrangular, com uma canelura incisa semelhante aos exemplares do fabrico F1.

Os bordos de cântaro identificados são quadrangulares com caneluras incisas no colo e as bases planas. No conjunto de potes registam-se exemplares de bordo quadrangular ou semicircular, podendo ostentar caneluras, e base plana. Observa-se ainda um bordo no qual é visível o arranque de uma asa vertical. Ainda na cerâmica de armazenamento, registam-se fragmentos de parede de talhas que podem apresentar uma decoração composta por faixas aplicadas, sendo semelhantes às talhas do fabrico F3.

Relativamente às candeias, conservaram-se apenas fragmentos de bordo que não permitiram a reconstituição morfológica. Neste fabrico registam-se ainda malhas de jogo de forma circular.

No que toca ao grupo de cerâmica brunida pertencente ao fabrico B4, regista-se cerâmica de cozinha (alguidar), de mesa (prato, púcaro e tigela) e de higiene (servidor). Observamos aqui o predomínio da cerâmica de mesa, nomeadamente os púcaros, pratos e tigelas que no seu conjunto representam 88% do NMI. FIG. 41



Os alguidares atribuídos a este fabrico são morfologicamente idênticos aos exemplares observados nos fabricos B1 e B2. Por outro lado, os pratos assemelham-se aos exemplares do fabrico B3.

Também os púcaros, de bordos arredondados e bases em disco, apresentam algumas semelhanças aos exemplares do fabrico B2. Estes têm paralelos em contextos situados entre os séculos XV e XVI (Mendes e Pimenta, 2015, p. 198-202; Gaspar *et alii.*, 2009, p. 655-657; Santos, 2008, p. 326-333) e nomeadamente na olaria da Mata da Machada, no Barreiro, de finais do século XV à primeira metade do século XVI (Carmona e Santos, 2005, p. 51; Torres, 1990, p. 137). No conjunto de tigelas identificaram-se dois perfis completos de morfologia distinta. O primeiro é idêntico aos exemplares observados nos fabricos B1-B3). O segundo apresenta um bordo arredondado e uma base plana, sendo decorado com caneluras e uma onda excisa na superfície externa.

Representando a cerâmica de higiene regista-se ainda um servidor de bordo em voluta. FIGS. 42 E 43

#### FABRICO F5/B5

Pasta muito bem depurada, com raras inclusões de muito pequena dimensão (com cerca de 0,1-0,5 mm), sobretudo micas e elementos brancos, assim como alguns quartzos. A pasta apresenta tons laranja e vermelho, com cozedura em ambiente oxidante. As superfícies são lisas e recobertas por uma aguada de cor cinza, rosada ou avermelhada, sendo por vezes brunidas. A pasta é compacta e porosa, de textura macia, distinguindo-se da rugosidade dos fabricos F1/B1 a F3/B3. A abundância de micas neste fabrico sugere uma possível origem nas olarias de Lisboa, à semelhança dos fabricos F3/B3 e F4/B4.

No que toca ao grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F5, regista-se cerâmica de cozinha (fogareiro, panela), de mesa (púcaro) e de armazenamento (bilha e cântaro). Neste conjunto observa-se o predomínio de púcaros (35%) e panelas (25%). Denota-se igualmente a abundância de cerâmica de armazenamento (35%), compostos por bilhas, cântaros e potes. FIG. 44

Identificaram dois fragmentos de fogareiro, nomeadamente um bordo e uma base plana. O bordo possui um formato semicircular, sendo decorado com uma faixa horizontal em relevo aplicada na superfície externa da peça. Observa-se um exemplar semelhante em níveis do século XVI no Beco dos Inválidos em Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196-204).

No conjunto de panelas identificaram-se bordos rectangulares ou quadrangulares assim como bordos triangulares. Estes últimos encontram paralelos na Alcáçova de Santarém, em níveis que poderão datar do século XII (Trindade e Diogo, 2003a, p. 145-149), em Vila Verde dos Francos, em contexto de lixeira dos séculos XIII-XVI (Cardoso e Batalha, 2018, p. 106-113), em Vila Franca de Xira em níveis atribuídos a meados do século XIII (Pimenta e Mendes, 2006, p. 68-199), assim como em níveis de aterro do início do XV no Convento do Carmo em Lisboa (Pinheiro, 2015, p. 44-104).

Os púcaros possuem uma forma idêntica aos exemplares observados no fabrico F3, com bases em disco. Neste fabrico registam-se bilhas com bordos quadrangulares ou arredondados, com ressaltos e caneluras em relevo.

Os cântaros apresentam bordos rectangulares ou biselados. O primeiro subtipo é semelhante a exemplares identificados em níveis de final do século XV e segunda metade do XVI

#### Fig. 41

Formas identificadas no Fabrico B4. Prato n.º 134; Púcaros n.º 135-137; Tigelas n.º 138-139; Servidor n.º 140.



**Fig. 42**

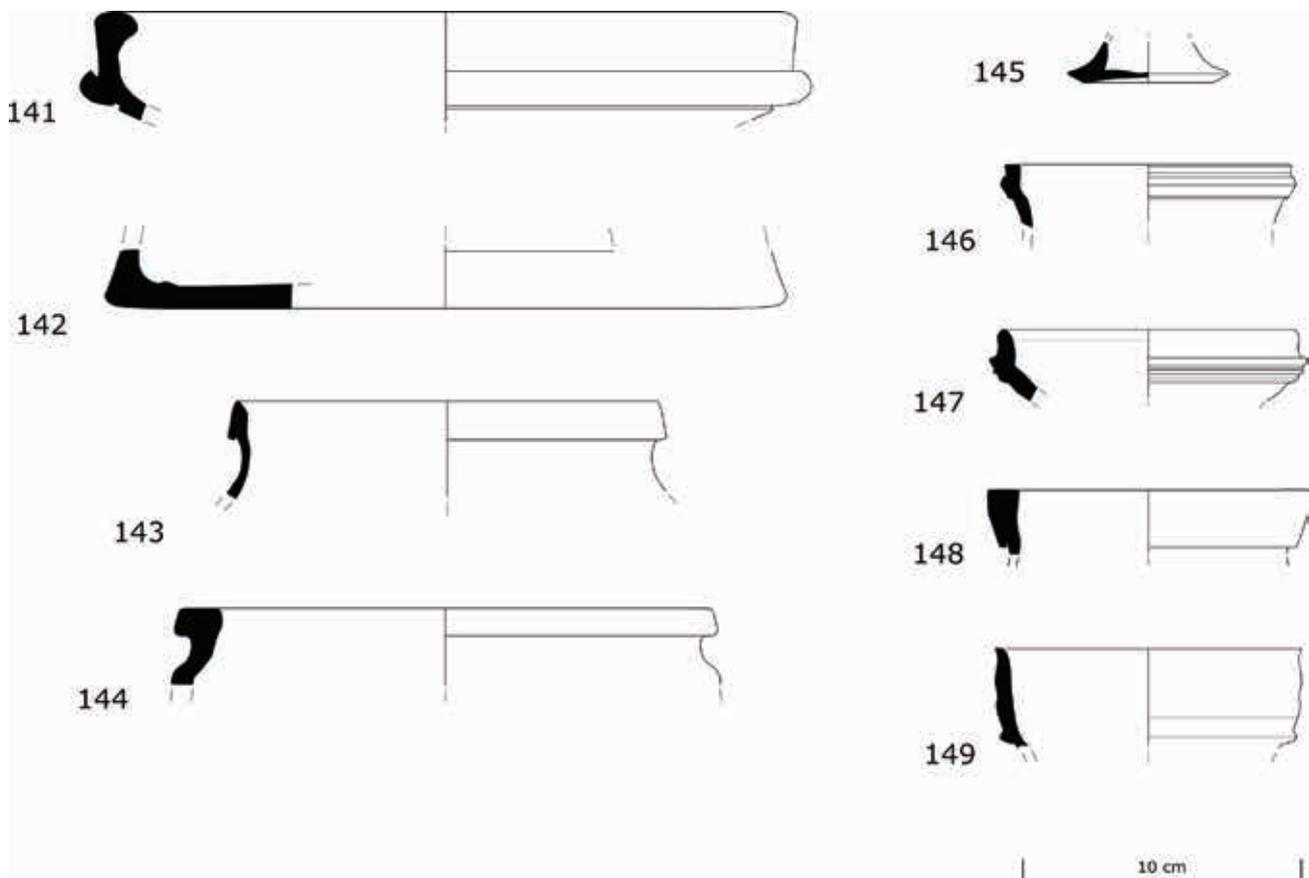
Púcaros inseridos no fabrico B4 (em cima), e púcaro pertencente ao fabrico B6 (em baixo).

**Fig. 43**

Tigela inserida no fabrico B4. N.º INV. 3016.

**Fig. 44**

Formas identificadas no Fabrico F5. Fogareiro n.º141-142; Panela n.º143-144; Púcaro n.º145; Bilhas n.º146-147; Cântaros n.º148-149.



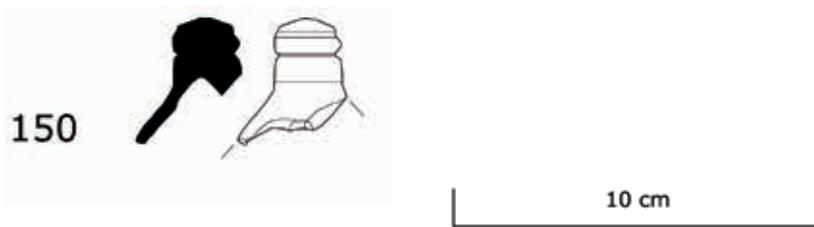


Fig. 45  
Fragmento de pega  
em botão inserida no  
fabrico B5, N.º 150.

no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira (Brito, s.d, p. 35-37) e em contexto dos séculos XIII-XVI em Vila Verde dos Francos (Cardoso e Batalha, 2018, p. 105-113). O segundo tem paralelos no Convento do Carmo em Lisboa, em níveis de aterro do início do século XV (Pinheiro, 2015, p. 44-106).

No grupo de cerâmica brunida regista-se apenas uma pega em botão, com 2 cm de altura. Esta deverá corresponder a um testo ou, possivelmente, a uma tampa. FIG. 45

#### FABRICO F6/B6

Pasta clara de tons bege, depurada e compacta, com algumas inclusões de pequena dimensão (com cerca de 0,5 mm), maioritariamente de cor vermelha e por vezes branca, bem como raras micas de muito pequena dimensão. As superfícies encontram-se recobertas de engobes de tons bege e são frequentemente brunidas. Não foi possível determinar a origem deste fabrico.

No que toca aos grupos de cerâmica fosca e brunida pertencentes a este fabrico F6/B6, regista-se cerâmica de mesa, sendo o púcaro a única forma identificada em ambos os casos. Os fragmentos de púcaro em melhor estado de conservação, em cerâmica brunida, apresentaram uma morfologia globular achatada, com caneluras excisas sobre o bordo. FIG. 46

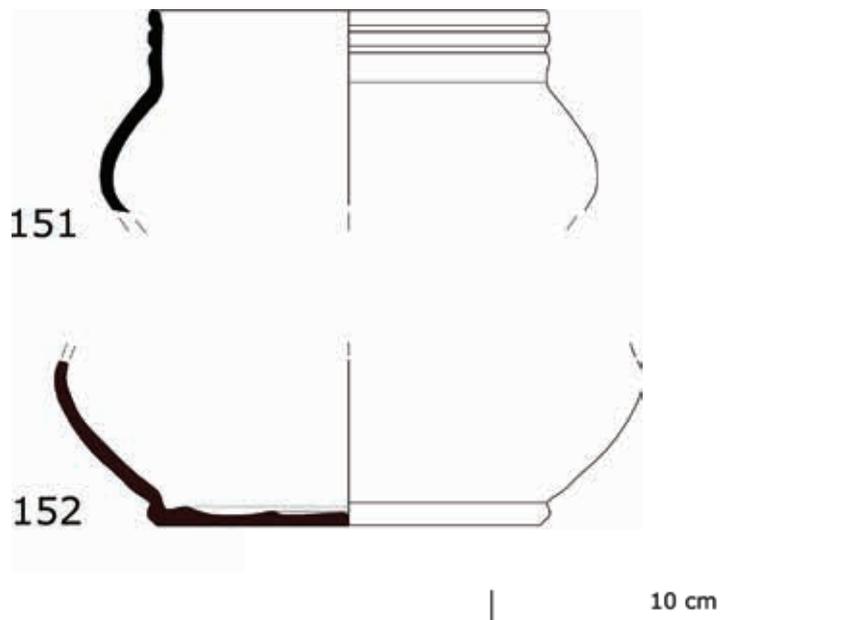


Fig. 46  
Púcaros identificados  
no fabrico F6/B6, N.º  
151 e 152.

**FABRICO F7**

Pasta laranja muito compacta e depurada, com raras inclusões de muito pequena dimensão (com cerca de 1-0,5 mm), sobretudo micas e quartzos. As superfícies exteriores são lisas e encontram-se recobertas por um engobe brilhante de tonalidade vermelha ou laranja, assemelhando-se às superfícies brunidas. A presença de micas neste fabrico sugere uma possível origem nas olarias de Lisboa, embora a textura desta pasta, mais rígida, seja distinta dos fabricos F3/B3 a F5/B5.

No conjunto de cerâmica fosca pertencente a este fabrico F7, regista-se cerâmica de mesa, sendo o púcaro a única forma identificada. Contudo, não foi possível determinar a sua morfologia devido à identificação apenas de fragmentos de parede.

**FABRICO F8**

Pasta com muitas inclusões de média e grande dimensão (com cerca de 1-5 mm), maioritariamente elementos ferruginosos e de cor preta, bem como alguns quartzos. A pasta apresenta tons bege acinzentado e rosado muito claro, com cozedura em ambiente oxidante. As superfícies são rugosas e sem acabamento, mas geralmente mais claras que os núcleos.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, regista-se cerâmica fosca de armazenamento, sendo a anforeta a única forma identificada. A sua morfologia permanece incerta devido à identificação apenas de fragmentos de parede que não permitiram a reconstituição da peça. Porém, foi possível identificar este fabrico como correspondente a anforetas *Spanish Olive Jar* de origem sevilhana, produzidas entre o final do século XV e durante século XVI (Amores e Chisvert, 1993, p. 283-297; Pleguezuelo *et alii.*, 1999, p. 269). Estas anforetas eram objectos comuns utilizados no transporte marítimo ou fluvial de mercadorias, tendo-se recuperado diversos exemplares no rio Tejo na zona de Vila Franca de Xira (Calado *et alii.*, 2000, p. 106-107), assim como um exemplar no Museu do Neo-realismo (Pimenta e Mendes, 2006, p. 23).

**FABRICO F9**

Pasta de cor rosada, depurada e compacta, com algumas inclusões de grande dimensão (entre 1-5mm), das quais quartzos e elementos de cor branca. As superfícies apresentam um tom bege, sendo mais claras que o núcleo, mas sem qualquer acabamento.

Na cerâmica fosca pertencente a este fabrico, registam-se malhas de jogo de formato circular, bem como um objecto identificado como possível molde. FIG. 47

**FABRICO F10**

Pasta de cor bege, depurada e compacta, com algumas inclusões (entre 1-5mm), nomeadamente quartzos e fragmentos de cerâmica. As superfícies são rugosas, sem acabamento.

No grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico regista-se apenas cerâmica de construção, nomeadamente telhas e tijolos.

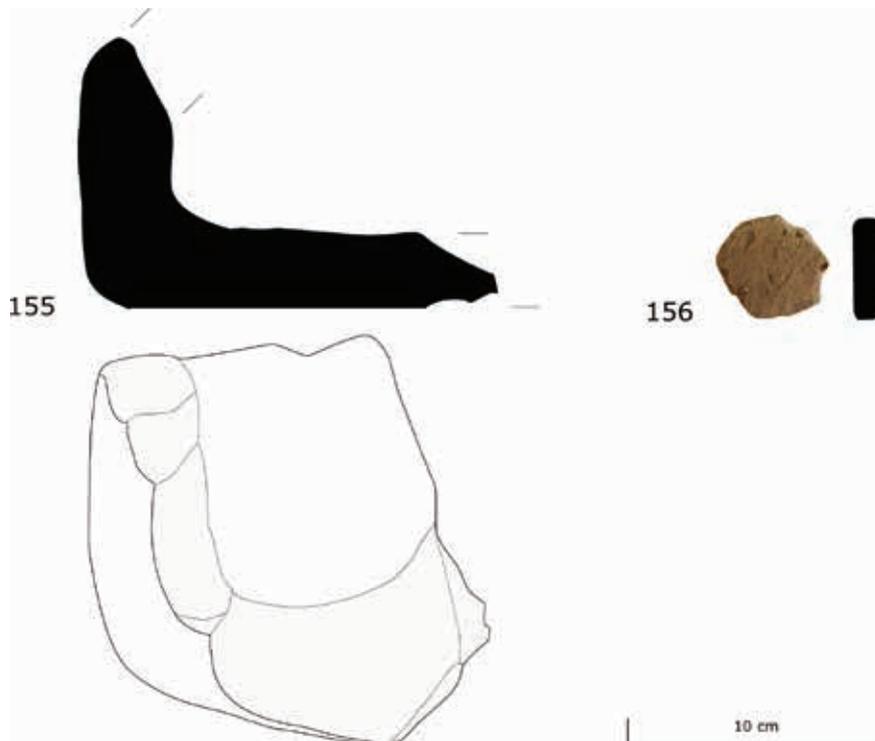


Fig. 47  
Formas identificadas  
no Fabrico F9. Molde  
n.º 155; Malha de jogo  
n.º 156.

### FABRICO F11

Pasta de cor vermelha rosada depurada e compacta, com raras inclusões visíveis (de cerca de 3 mm). As superfícies, mais claras que o núcleo, apresentam tons bege e vestígios de argamassa branca.

O grupo de cerâmica fosca pertencente a este fabrico é composto por cerâmica de construção (telha e tijolo), possivelmente de cronologia contemporânea.

### Síntese

A cerâmica fosca é composta principalmente por pastas vermelhas, sendo as pastas claras (fabricos F8 a F10), que representam apenas 2% desse conjunto, residuais. No caso da cerâmica brunida registam-se apenas produções de pasta vermelha. Os fabricos F1/B1 a F5/B5 apresentam cozeduras oxidantes e redutor-oxidantes, sendo os restantes caracterizados somente por cozeduras oxidantes.

As produções que terão uma origem regional são o conjunto mais abundante tanto na cerâmica fosca (96%) como na brunida (95%). Na cerâmica fosca os fabricos F1 e F2 (54%), que poderão corresponder a uma produção local, são os mais numerosos. Destacam-se ainda as cerâmicas de pasta micácea provavelmente produzidas em Lisboa (42%), onde se inserem os fabricos F3, F4, F5 e F7. Os restantes grupos de fabrico são residuais, estando representados por apenas alguns fragmentos (Tabelas 2 e 3). Na cerâmica brunida as pastas que serão provenientes de Lisboa (60%), sendo estes os fabricos B3, B4 e B5, são mais numerosos que os fabricos B1 e B2 (35%), possivelmente locais. Em relação às importações, a única produção

que foi possível identificar corresponde às anforetas sevilhanas (fabrico F8) que representam apenas 1% da cerâmica fosca.

Na cerâmica fosca observa-se o predomínio da cerâmica de cozinha que representa 50% deste conjunto. Nesse grupo, as panelas (22%) e os testos (15%) são as formas mais abundantes. Na cerâmica brunida predomina o conjunto de mesa (64%), composto principalmente por pratos (27%).

No que toca à cronologia das formas identificadas, datadas com base nos paralelos encontrados e, sempre que possível, nas cronologias de produção dos fabricos, a maioria enquadra-se nos séculos XV e XVI (Tabela 4). Algumas peças possuem uma cronologia mais larga, indicando que as suas formas permaneceram inalteradas durante vários séculos. No caso da cerâmica brunida observam-se cronologias situadas maioritariamente entre os séculos XV e XVII (Tabela 5). FIGS. 48, 49, E 50

**Tabela 2** Distribuição do NMI da cerâmica fosca total por forma e fabrico.

CATEGORIA	FORMA/FABRICO	F1	F2	F3	F4	F5	F6	F7	F8	F9	F10	F11	TOTAL
Cozinha	Alguidar	–	3	2	1	–	–	–	–	–	–	–	6
	Fogareiro	2	1	–	–	1	–	–	–	–	–	–	4
	Frigideira	7	–	–	–	–	–	–	–	–	–	–	7
	Panela	36	21	7	7	5	–	–	–	–	–	–	76
	Tacho	15	9	3	1	–	–	–	–	–	–	–	28
	Testo	18	14	9	9	–	–	–	–	–	–	–	50
Mesa	Infusa	5	7	3	3	–	–	–	–	–	–	–	18
	Prato	–	–	2	–	–	–	–	–	–	–	–	2
	Púcaro	–	13	8	5	7	1	2	–	–	–	–	36
	Tigela	3	2	10	3	–	–	–	–	–	–	–	18
Armazenamento	Anforeta	–	–	–	–	–	–	–	2	–	–	–	2
	Bilha	–	–	–	–	3	–	–	–	–	–	–	3
	Cântaro	4	6	8	5	2	–	–	–	–	–	–	25
	Pote	10	3	14	9	2	–	–	–	–	–	–	38
	Talha	–	1	2	2	–	–	–	–	–	–	–	5
Iluminação	Candeia	3	2	2	2	–	–	–	–	–	–	–	9
Higiene	Servidor	–	–	1	–	–	–	–	–	–	–	–	1
Outros	Malha de jogo	–	1	1	1	–	–	–	–	1	–	–	4
	Molde	–	–	–	–	–	–	–	–	1	–	–	1
	Telha	–	–	–	–	–	–	–	–	–	1	1	2
	Tijolo	–	–	–	1	–	–	–	–	–	1	2	4
<b>Total</b>		<b>103(1)</b>	<b>83(1)</b>	<b>72(1)</b>	<b>49(1)</b>	<b>20(2)</b>	<b>1(1)</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>339(7)</b>



Fig. 48  
Pormenor dos fabricos  
F1/B1 a F3/B3.



Fig. 49  
Pormenor dos fabricos  
F4/B4 a F6/B6.



Fig. 50  
Pormenor dos fabricos  
F7 a F11.

**Tabela 3** Distribuição do NMI geral da cerâmica brunida por forma e fabrico

CATEGORIA	FORMA/FABRICO	B1	B2	B3	B4	B5	B6	TOTAL
Cozinha	Alguidar	1	1	12	1	–	–	15
	Frigideira	8	–	–	–	–	–	8
	Tacho	5	–	–	–	–	–	5
	Testo	–	–	–	–	1	–	1
Mesa	Prato	3	6	10	5	–	–	24
	Púcaro	–	1	5	7	–	5	18
	Tigela	2	5	4	4	–	–	15
Higiene	Servidor	–	–	2	1	–	–	3
<b>Total</b>		<b>19(1)</b>	<b>13</b>	<b>33(2)</b>	<b>18(1)</b>	<b>1(2)</b>	<b>5</b>	<b>89(6)</b>

**Tabela 4** Cronologia geral das formas identificadas na cerâmica fosca, por grupo de fabrico. Datações baseadas nos paralelos encontrados e nas datas de produção dos fabricos, quando estas se conhecem.

CATEGORIA	FORMA	FABRICO	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII
Cozinha	Alguidar	F2							
		F3							
		F4							
	Fogareiro	F1							
		F2							
Frigideira	Frigideira	F1							
		F2							
	Panela	F1							
		F2							
		F3							
Tacho	Tacho	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
		F5							
	Testo	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
		F4							

[CONTINUA PÁGINA SEGUINTE]

CATEGORIA	FORMA	FABRICO	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII
Mesa	Infusa	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
		F5							
	Prato	F3							
		F4							
	Púcaro	F2							
		F3							
		F4							
		F5							
		F6							
		F7							
	Tigela	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
Armazenamento	Anforeta	F8							
	Bilha	F5							
	Cântaro	F1							
		F2							
Armazenamento	Cântaro	F3							
		F4							
		F5							
	Pote	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
	Talha	F2							
		F3							
		F4							
Iluminação	Candeia	F1							
		F2							
		F3							
		F4							
Higiene	Servidor	F3							

**Tabela 5** Cronologia geral das formas identificadas na cerâmica brunida, por grupo de fabrico. Datações baseadas nos paralelos encontrados e nas datas de produção dos fabricos, quando estas se conhecem.

CATEGORIA	FORMA	FABRICO	XII	XIII	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII
Cozinha	Alguidar	B1							
		B2							
		B3							
		B4							
	Frigideira	B1							
	Tacho	B1							
	Testo	B5							
Mesa	Prato	B1							
		B2							
		B3							
		B4							
	Púcaro	B2							
		B3							
		B4							
		B6							
	Tigela	B1							
		B2							
		B3							
		B4							
Higiene	Servidor	B3							
		B4							

#### 4.1.2. Cerâmica Vidrada

O conjunto de cerâmica vidrada é composto por dez grupos de fabrico, incluindo materiais vidrados a melado ou verde, bem como peças que possuem os dois tons. Entende-se por cerâmica vidrada aquela que possui um revestimento de vidrado plumbífero obtido através da utilização de óxido de chumbo, tipicamente de coloração melada ou verde. Estas colorações são adquiridas através da adição de óxidos de ferro ou cobre, respectivamente (Sebastian, 2015, p. 46).

##### FABRICO V1

Pasta de cor vermelha alaranjada, muito bem depurada e compacta, com muito raras inclusões visíveis, de cor branca e pequena dimensão (1-2 mm). As superfícies encontram-se recobertas de vidrado laranja melado ou verde, aplicado em ambas as faces da peça ou apenas no exterior.

Esta pasta assemelha-se ao fabrico F5/B5 da cerâmica fosca e brunida que terá origem nas olarias de Lisboa. Existem indícios de produção de louça vidrada na capital com pastas

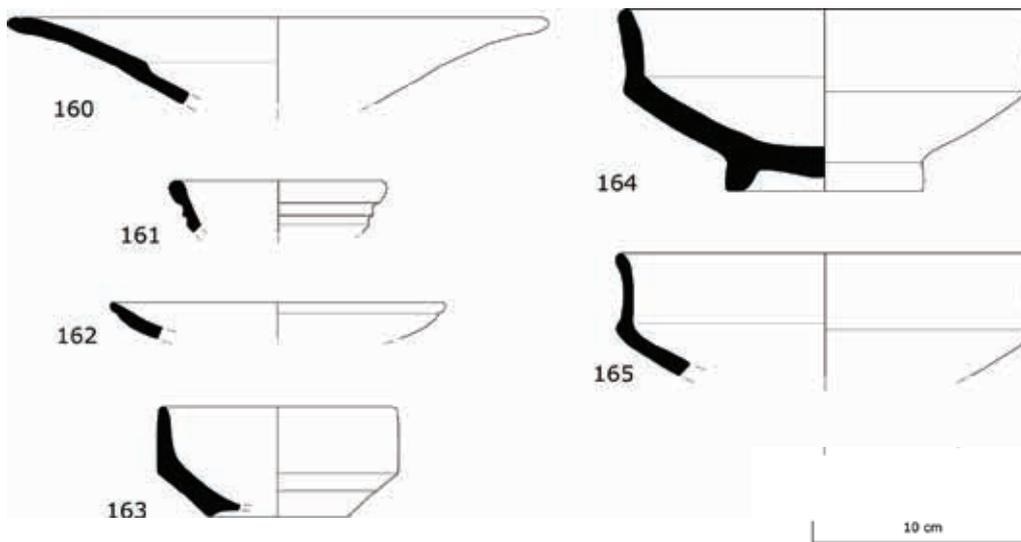


Fig. 51

Formas identificadas no Fabrico V1. Prato n.º 160; Bilha n.º 161; Tigelas n.º 162-165.

semelhantes, nomeadamente desperdícios oleiros em níveis do século XVI e início do XVII do Largo das Olarias (Castro *et alii.*, 2017, p. 1737-1742) e da Praça da Figueira (Barradas, 2017, p. 77, 1201; Barradas e Silva, 2017, p. 1694-1700). Porém, as formas que observamos neste fabrico V1 assemelham-se mais às que foram produzidas nas olarias do Barreiro entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI, embora as pastas sejam distintas (Barros *et alii.*, 2012, p. 701-705; Carmona e Santos, 2005, p. 14-16; Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-264), De facto, nas olarias da Mata da Machada (Coelho e Teixeira, 2018, p. 261) e de Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 701-702) a cerâmica vidrada apresenta pastas claras de coloração bege ou amarelada, não vermelha.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, regista-se predominantemente a cerâmica de mesa (87%), constituída quase exclusivamente por tigelas, a par de um prato. Observa-se ainda um fragmento de bilha. FIG. 51

O único prato identificado neste fabrico encontra-se representado por um bordo arredondado recoberto de vidro melado em ambas as superfícies e com ressalto no interior. A morfologia desta peça é semelhante aos pratos fabricados na olaria da Mata da Machada, entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Coelho e Teixeira, 2018, p. 262)

No conjunto de tigelas identificaram-se dois subtipos distintos. O primeiro corresponde a peças carenadas recobertas de vidro laranja em ambas as superfícies. Os seus bordos são arredondados e as bases de pé anelar. Estes subtipos assemelham-se a exemplares identificados em Lisboa, nomeadamente em níveis do século XVI (Gonzalez, 2012a, p. 87-88; Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1718-1728). Fora de Lisboa estas formas encontram-se, por exemplo, em contextos dos séculos XV-XVI em Palmela, (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 223-245), assim como em níveis do século XVI em Cascais, (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196-207). A tigela de menores dimensões poderá ter sido utilizada como recipiente para condimentos tais como ervas aromáticas, especiarias ou sal (Silva, 2003, p. 57). Estes colocavam-se na mesa em pequenas tigelas denominadas salseira ou saleiro, dependendo do condimento que deveriam conter (Fernandes, 2012, p. 317-339). O segundo subtipo, caracterizado por uma forma esférica, corresponde a exemplares de bordo arredondada com uma canelura incisa na face exterior. Estas são recobertas de vidro verde ou melado em ambas as superfícies.

Neste fabrico regista-se ainda um fragmento de bilha, sendo este um bordo boleado com caneluras em relevo, recoberto de vidro verde na superfície externa e sobre o bordo. FIG. 52

**Fig. 52**  
Tigela inserida no  
fabrico V1.  
N.º INV. 359.



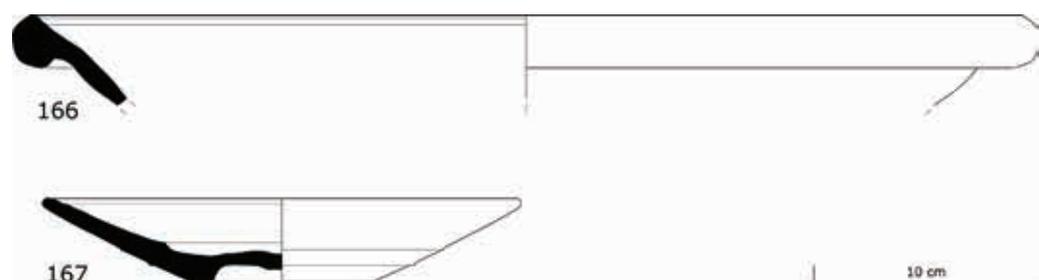
#### FABRICO V2

Pasta de cor vermelha, depurada, com inclusões de pequena dimensão (tendo os maiores cerca 1 mm), maioritariamente micas e raros quartzos ou elementos de cor negra. As superfícies encontram-se recobertas de vidrado verde ou melado, aplicado em ambas as faces ou apenas no exterior. Observam-se ainda fragmentos com duas tonalidades, recobertos de vidrado verde na superfície externa e vidrado melado na superfície interna. Esta pasta assemelha-se ao fabrico F4/B4 da cerâmica fosca e brunida, tendo provavelmente origem nas olarias de Lisboa.

No grupo de cerâmica pertencente a este fabrico regista-se maioritariamente cerâmica de mesa (78%), nomeadamente tigelas, bem como dois alguidares. **FIG. 53**

Os dois alguidares identificados neste fabrico pertencem a dois subtipos distintos. O primeiro caracteriza-se por um bordo extrovertido semicircular e encontra-se recoberto de vidrado melado em ambas as superfícies, apresentando um risco a verde na face interna. O segundo caracteriza-se por um bordo em voluta e encontra-se recoberto de vidrado verde na superfície interna e sobre o bordo.

Neste fabrico conservou-se um prato de perfil completo com um bordo arredondado, com uma canelura incisa sobre a face interna, e uma base em ônfalo. Este encontra-se recoberto de vidrado melado em ambas as superfícies. Observam-se formas semelhantes em níveis da primeira metade do século XVI no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira



**Fig. 53**  
Formas identificadas  
no Fabrico V2.  
Alguidar n.º 166;  
Prato n.º 167.

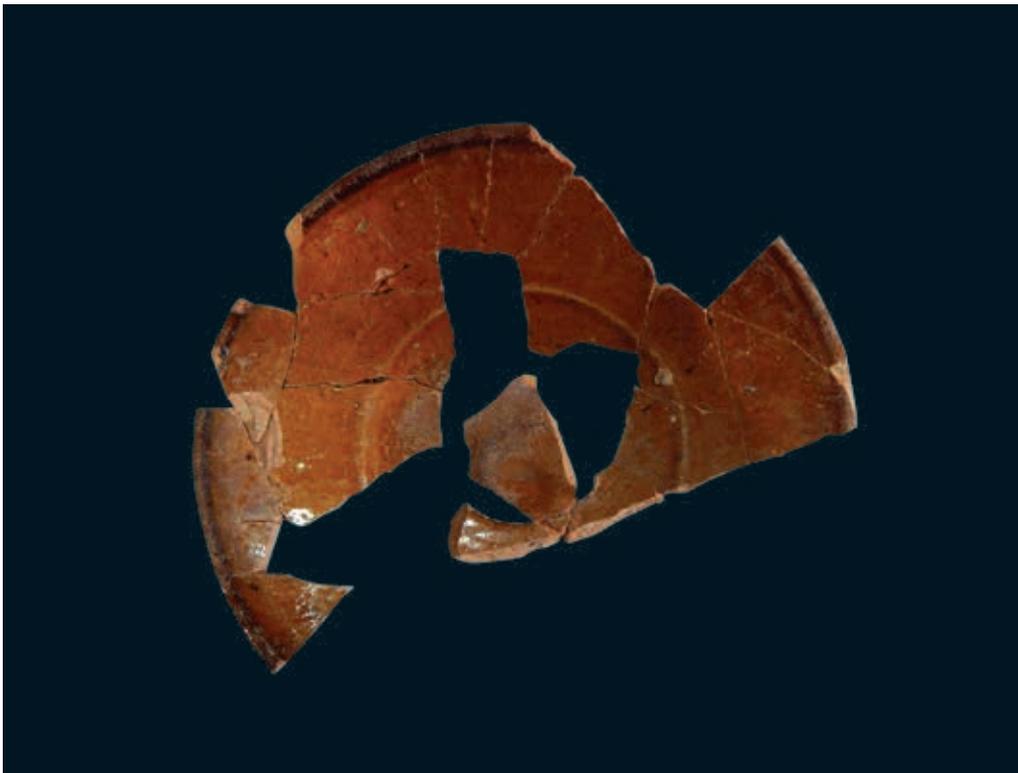


Fig. 54  
Prato vidrado  
enquadrado no  
fabrico V2.  
N.º INV. 1338/1339.

(Mendes e Pimenta, 2007, p. 64-66). As tigelas identificadas são carenadas, idênticas aos exemplares apresentados no fabrico V1. FIG. 54

### FABRICO V3

Pasta de cor bege ou bege rosada, depurada, com algumas inclusões de muito pequena dimensão (menos de 1 mm), maioritariamente quartzos e elementos de cor branca. Esta caracteriza-se por uma textura porosa e macia. As superfícies são recobertas de vidrado melado, amarelo ou verde, podendo ser decoradas com riscos a manganês. Estas características indicam que este fabrico deverá corresponder a uma produção andaluza, com origem nas olarias de Sevilha entre o século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 226-236).

No grupo de cerâmica pertencente a este fabrico, registam-se alguidares e cerâmica de mesa (prato e tigela), sendo esta predominante (63%). FIG. 55

Os alguidares encontram-se recobertos de vidrado verde na superfície interna e sobre o bordo, este de morfologia semicircular ou em voluta, terminando sobre uma base plana. Estas peças podem ainda apresentar uma decoração de “corda” impressa sobre a face externa do bordo. Estes alguidares encontram-se frequentemente em contextos portugueses de época moderna, nomeadamente em níveis do século XVI (Mendes e Pimenta, 2007, p. 39-40; Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 195-200; Gonzalez, 2012a, p. 87-88), em contextos situados entre os séculos XIV-XVI em Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 162-167), assim como em níveis dos séculos XVI e início do XVII em Lisboa (Barradas e Silva, 2017, p. 1696-1702; Silva *et alii.*, 2012, p. 71-81).

Neste conjunto, os pratos possuem uma morfologia idêntica ao prato observado no fabrico V2. Contudo, alguns exemplares encontram-se decorados com linhas pintadas a manganês

Fig. 55

Formas identificadas  
no Fabrico V3.  
Alguidares  
n.º 168-170;  
Pratos n.º 171-173;  
Tigela n.º 174.

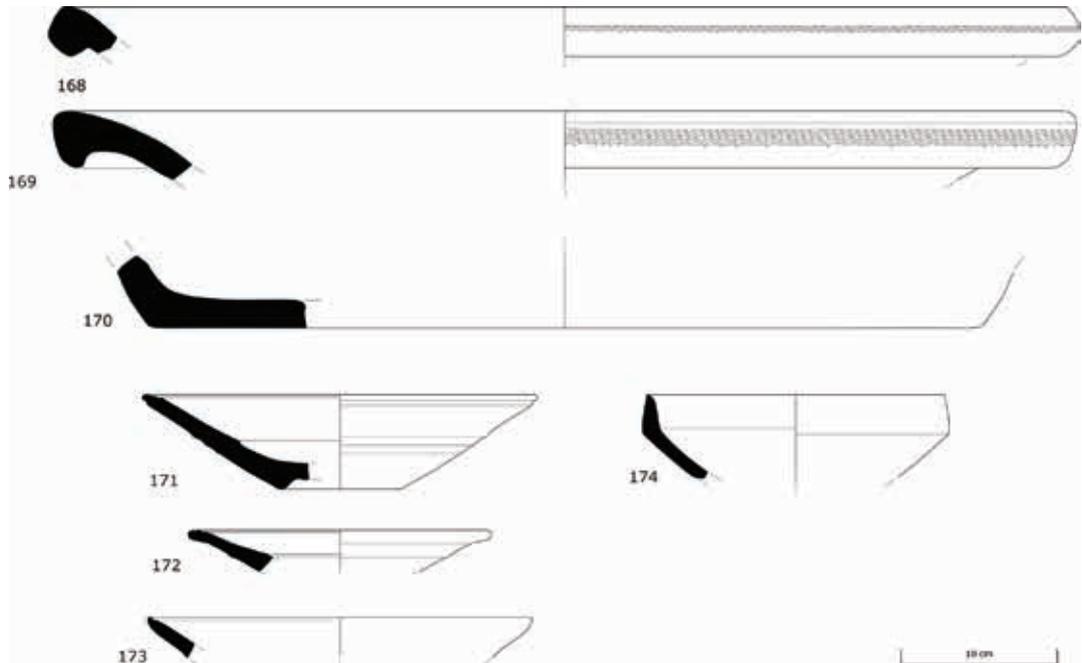


Fig. 56

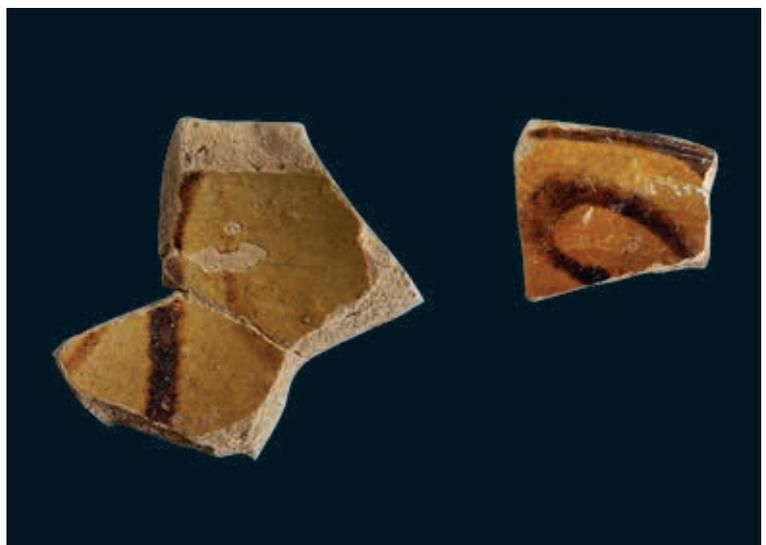
Prato vidrado  
enquadrado no  
fabrico V3. N.º INV. 74.

Fig. 57

Tigela e prato  
vidrados com  
riscos a manganês,  
pertencentes ao  
fabrico V3. N.º INV. 145  
e 3046.

na face interna. Estes pratos encontram paralelos em numerosos contextos arqueológicos portugueses dos séculos XV-XVI (Mendes e Pimenta, 2007, p. 64-67; Teixeira *et alii.*, 2015, p. 204-205; Casimiro *et alii.*, 2017, p. 63-64; Fernandes e Carvalho, 1998, p. 222-243; Batalha *et alii.*, 2017, p. 13-23; Liberato, 2006, p. 14-42; Gomes e Gomes, 1996, p. 156-157), encontrando-se igualmente em contextos no Norte de África, nomeadamente na vila portuguesa de Alcácer Ceguer (Teixeira *et alii.*, 2016, p. 85-86). FIG. 56

Também as tigelas possuem uma forma idêntica às tigelas carenadas dos fabricos V1 e V2. À semelhança dos pratos apresentados acima, algumas destas peças encontram-se decoradas com linhas pintadas a manganês na face interna, encontrando assim paralelos nos contextos anteriormente citados. FIG. 57



#### FABRICO V4

Pasta de cor bege, depurada, com muito raras inclusões de pequena dimensão (entre 1-3 mm), maioritariamente elementos ferruginosos e de cor negra, assim como alguns brancos. Esta apresenta uma textura mais rugosa e rígida que o fabrico V3. As superfícies encontram-se recobertas de vidro melado ou verde, aplicado em ambas as faces ou apenas no exterior das peças.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção do Barreiro, com origem na Mata da Machada (Carmona e Santos, 2005, p. 14-16; Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-264; Torres, 1990, p. 131-141) ou em Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 701-705), área oleira que funcionou entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI. Embora seja complexo distinguir esta produção das importações sevilhanas, algumas características das pastas, nomeadamente as diferenças de textura, permitem considerar uma origem portuguesa para estes materiais (Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-264).

Paralelamente, este fabrico poderá corresponder a uma produção de Alenquer, onde foi identificada uma olaria que se encontrou em funcionamento entre o final do século XV e início do XVII. As formas e pastas registadas nesse local apresentam semelhanças com os exemplares deste fabrico, assim como com as peças do Barreiro. No entanto, a textura rugosa da pasta aqui em análise parece distinguir-se das produções de Alenquer, mais macias (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 56-62; Cardoso, 2017, p. 114; Raposo, 2017, p. 86-243). Por essa razão, consideramos mais provável a proveniência do Barreiro.

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico V4, regista-se um alguidar e cerâmica de mesa (prato e tigela). Esta última, representada por pratos e tigelas, é o grupo predominante correspondendo a 91% do NMI.

O único bordo de alguidar identificado é semicircular, sendo semelhante aos alguidares do fabrico V3, e encontra-se recoberto de vidro verde aplicado na superfície interna e sobre parte do bordo. Registam-se alguidares deste tipo no contexto de produção da Mata da Machada, entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Carmona e Santos, 2005, p. 43). FIG. 58

Os pratos encontram-se representados por fragmentos de bordos com morfologia e dimensões semelhantes aos do fabrico V2 e V3. Estes podem corresponder aos subtipos de

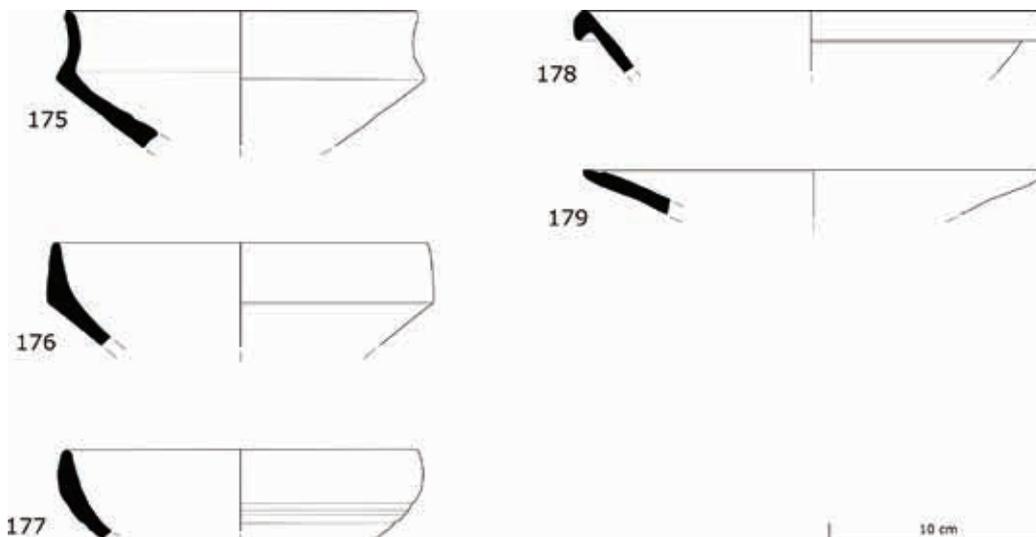


Fig. 58  
Formas identificadas  
no Fabrico V4. Tigelas  
n.º 175-177; Pratos  
n.º 178-179.



**Fig. 59**  
Tigela vidrada  
enquadrada no  
fabrico V4.  
N.º INV. 342.

aba oblíqua identificados em contexto situado entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI na olaria de Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 704-705). Destaca-se apenas um exemplar distinto dos restantes pratos, com um bordo em voluta, recoberto de vidro melado em ambas as superfícies. Ambas as formas apresentadas encontram semelhanças no espólio proveniente da olaria de Alenquer, em contexto de final do século XV e início do XVII (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 60-61).

Nas tigelas registam-se exemplares carenados e esféricos recobertos de vidro melado em ambas as superfícies. Os primeiros apresentam bordos arredondados, sendo semelhantes a exemplares provenientes da olaria da Mata da Machada (Coelho e Teixeira, 2018, p. 263) e Santo António da Charneca (Barros *et alii.*, 2012, p. 703), contextos de produção situados entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI. A mesma forma era fabricada em Alenquer, entre o final do século XV e início do XVII (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 59). Os segundos encontram-se representados por bordos semicirculares, apresenta caneluras incisadas na superfície externa. FIG. 59

#### FABRICO V5

Pasta de cor rosada, muito bem depurada e compacta, com algumas inclusões de muito pequena dimensão (com menos de 0,5 mm), nomeadamente quartzo, micas e elementos de cor negra e branca. As superfícies encontram-se recobertas de vidro amarelo esverdeado ou verde, aplicado em ambas as faces ou apenas na superfície interna.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção de Alenquer, onde se observam pastas e formas semelhantes numa olaria que se encontrou em funcionamento entre o final do século XV e início do XVII, (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 56-62; Cardoso, 2017, p. 114; Raposo, 2017, p. 86-243). Neste grupo registam-se apenas três peças, sendo estas dois alguidares e uma tigela. FIG. 60

Os únicos fragmentos de alguidar identificados correspondem a um bordo semicircular e uma base plana, ambos recobertos de vidro verde aplicado na superfície interna e



**Fig. 60**  
Formas identificadas  
no Fabrico V5.  
Alguidares  
n.º 180-181;  
Tigela n.º 182.

sobre parte do bordo. Um exemplar semelhante foi encontrado na Rua Comendador Miguel Esguelha em Vila Franca de Xira, nas imediações do Ateneu Artístico Vilafranquense, em contexto de aterro atribuído ao final do século XVII (Pimenta e Mendes, 2010, p. 18, 45).

As tigelas encontram-se representadas por um exemplar de perfil completo de formato esférico, com bordo arredondado, assente sobre um pé anelar. Esta é recoberta de vidro amarelo esverdeado em ambas as superfícies. Encontraram-se exemplares semelhantes no Castelo de Alenquer, associados ao contexto de produção dos séculos XV-XVII (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 66), assim como no Beco dos Inválidos em Cascais, em níveis do século XVI (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196-210). FIG. 61



Fig. 61  
Tigela vidrada  
enquadrada no  
fabrico V5. N.º INV. 99.

#### FABRICO V6

Pasta de cor cinza ou bege esbranquiçada, compacta e rugosa, com muitas inclusões de pequena e média dimensão (geralmente entre 0,5 e 2 mm, raramente atingindo os 5 mm), sobretudo quartzos, algumas micas e raros elementos ferruginosos. As superfícies possuem vidro verde, aplicado em ambas as superfícies ou apenas na face externa. Alguns fragmentos ostentam duas tonalidades, com vidro verde no exterior e melado no interior.

Este fabrico deverá corresponder a uma produção francesa com origem nas olarias de Saintonge. Estas produções eram importadas durante os séculos XIII-XIV, encontrando-se em contextos lisboetas dessa época (Oliveira *et alii.*, 2017, p. 1527-1534) ou do início do século XV (Pinheiro, 2015, p. 41). Observa-se maioritariamente o grupo de vidro liso denominado *Saintonge Bright Green*, existindo também um fragmento de vidro manchado correspondente ao grupo *Saintonge Motled Green* (Haggarty, 2006, p. 22-57). Todavia, não descartamos a possibilidade de alguns fragmentos enquadrados neste fabrico corresponderem a uma produção do Norte de França e não de Saintonge, dada a dificuldade em distinguir os fabricos dessas regiões a partir de fragmentos de pequena dimensão (Oliveira *et alii.*, 2017, p. 1528-1536; Fernandes *et alii.*, 2008, p. 164-168). Neste grupo de cerâmica não se registam formas identificáveis.

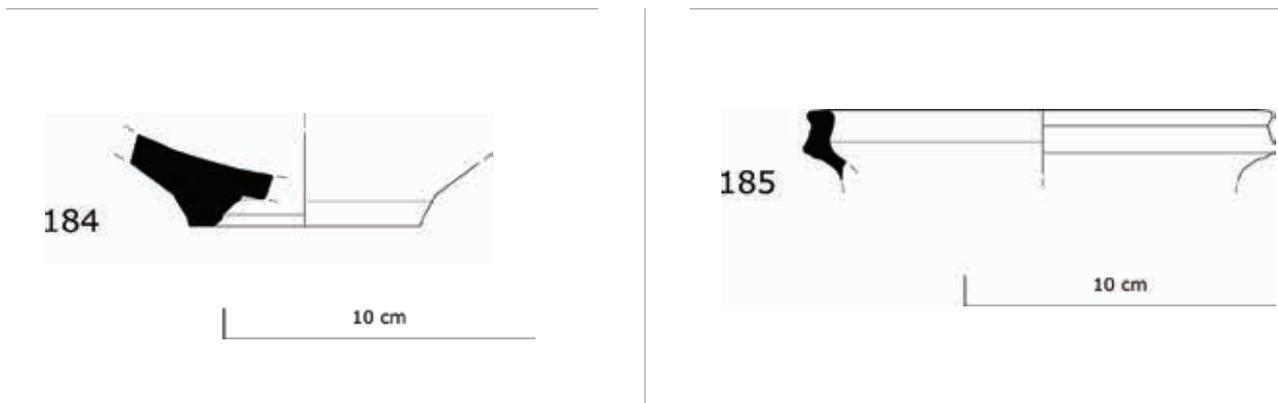


Fig. 62

Base identificada no fabrico V7, n.º 184.

Fig. 63

Bordo identificado no fabrico V8, n.º 185.

#### FABRICO V7

Pasta de cor rosada ou vermelha acastanhada, de textura rugosa, com raras inclusões de muito pequena dimensão (menos de 1 mm), nomeadamente quartzos, elementos de cor negra ou branca. A pasta tem uma aparência estratificada, com riscos beges e rosa. As superfícies encontram-se recobertas de vidro amarelo ou castanho, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No que toca ao grupo de cerâmica, não se registam formas identificáveis. Destaca-se apenas um fragmento de base de pé anelar, recoberta de vidro castanho, que poderá corresponder a um pote. FIG. 62

#### FABRICO V8

Pasta de cor branca, muito bem depurada, sem inclusões visíveis. As superfícies são recobertas de vidro melado, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No grupo de cerâmica deste fabrico V8 não foram identificadas formas, registando-se apenas um fragmento de bordo que poderá corresponder a um pote. Este, de formato quadrangular, encontra-se recoberto de vidro melado em ambas as superfícies. FIG. 63

#### FABRICO V9

Pasta de cor vermelha alaranjada, depurada, com inclusões de pequena dimensão (menos de 2 mm), maioritariamente quartzos. A superfície externa é recoberta de vidro verde que se sobrepõe a um engobe branco visível entre o vidro e a pasta.

Este fabrico corresponde a uma produção flamenga com origem nas olarias de Brugges, produzida entre o final do século XIII e a primeira metade do XIV e que se encontra em diversos contextos lisboetas dessa época (Oliveira *et alii.*, 2017, p. 1528-1536; Teixeira *et alii.*, 2015, p. 179).

No conjunto de cerâmica pertencente a este fabrico não se registam formas identificáveis. Porém, um fragmento de asa sugere a eventual presença de um pichel, semelhante ao exemplar identificado na Rua das Pedras Negras em Lisboa que terá sido importado entre o final do século XIII e o século XIV (Oliveira *et alii.*, 2017, p. 1529-1536).

**FABRICO V10**

Pasta de cor esbranquiçada, pouco compacta e de textura macia, com muitas inclusões de pequena e média dimensão (menos de 1 mm), sobretudo micas, quartzos e por vezes elementos de cor vermelha. As superfícies possuem um vidrado laranja aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

Neste grupo regista-se cerâmica de mesa, sendo a tigela a única forma identificada. Esta apresenta uma forma aberta esférica, com um bordo arredondado. FIG. 64

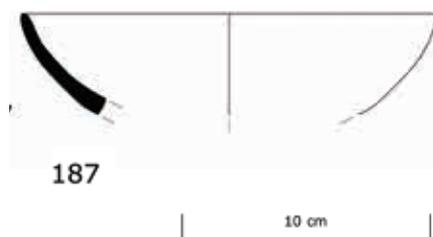


Fig. 64  
Tigela identificada no fabrico V10, n.º 187.

**Síntese**

Na cerâmica vidrada as percentagens de fabricos de pasta vermelha (46%) e de pasta clara (54%) são próximas, estando essa última em número levemente superior. Nas pastas vermelhas observam-se produções regionais do Vale do Tejo, nomeadamente os fabricos V1 e V2, provavelmente oriundos da capital. Ainda nas pastas vermelhas encontramos o fabrico V9, importado de Brugges, bem como o fabrico V7, de proveniências desconhecida. No conjunto de pastas claras regista-se principalmente o fabrico V4, que corresponderá às cerâmicas do Barreiro, bem como o fabrico V5, provavelmente produzido em Alenquer. Em relação às produções importadas, observa-se a cerâmica sevillhana (fabrico V3), assim como a que terá origem em Saintonge (fabrico V6). Registam-se ainda dois outros fabricos, V8 e V10, igualmente de pasta clara, para os quais não foi possível determinar a origem. No geral, as produções portuguesas são o grupo mais abundante, representando no seu conjunto 71% do NMI da cerâmica vidrada (Tabela 6).

Em termos formais regista-se maioritariamente cerâmica de mesa relacionada com o consumo individual de alimentos, que constitui mais de metade deste conjunto (77%). Para além desta, observam-se diversos alguidares e uma bilha.

Estas formas possuem cronologias situadas principalmente entre os séculos XV e XVI (Tabela 7). À exceção das produções provavelmente oriundas de Saintonge e de Brugges, ambas atribuídas aos séculos XIII-XIV, os restantes fabricos terão sido produzidos a partir do século XV. FIGS. 65 E 66

**Tabela 5** Distribuição do NMI geral da cerâmica vidrada por forma e fabrico.

CATEGORIA	FORMA/FABRICO	V1	V2	V3	V4	V5	V6	V7	V8	V9	V10	TOTAL
Cozinha	Alguidar		2	3	1	2						8
Mesa	Prato	1	2	3	4							10
	Tigela	6	5	2	6	1					1	21
Armazenamento	Bilha	1										1
<b>Total</b>		<b>8</b>	<b>9(2)</b>	<b>8</b>	<b>11(1)</b>	<b>3</b>	<b>(1)</b>	<b>(1)</b>	<b>(1)</b>	<b>(2)</b>	<b>1</b>	<b>40(8)</b>

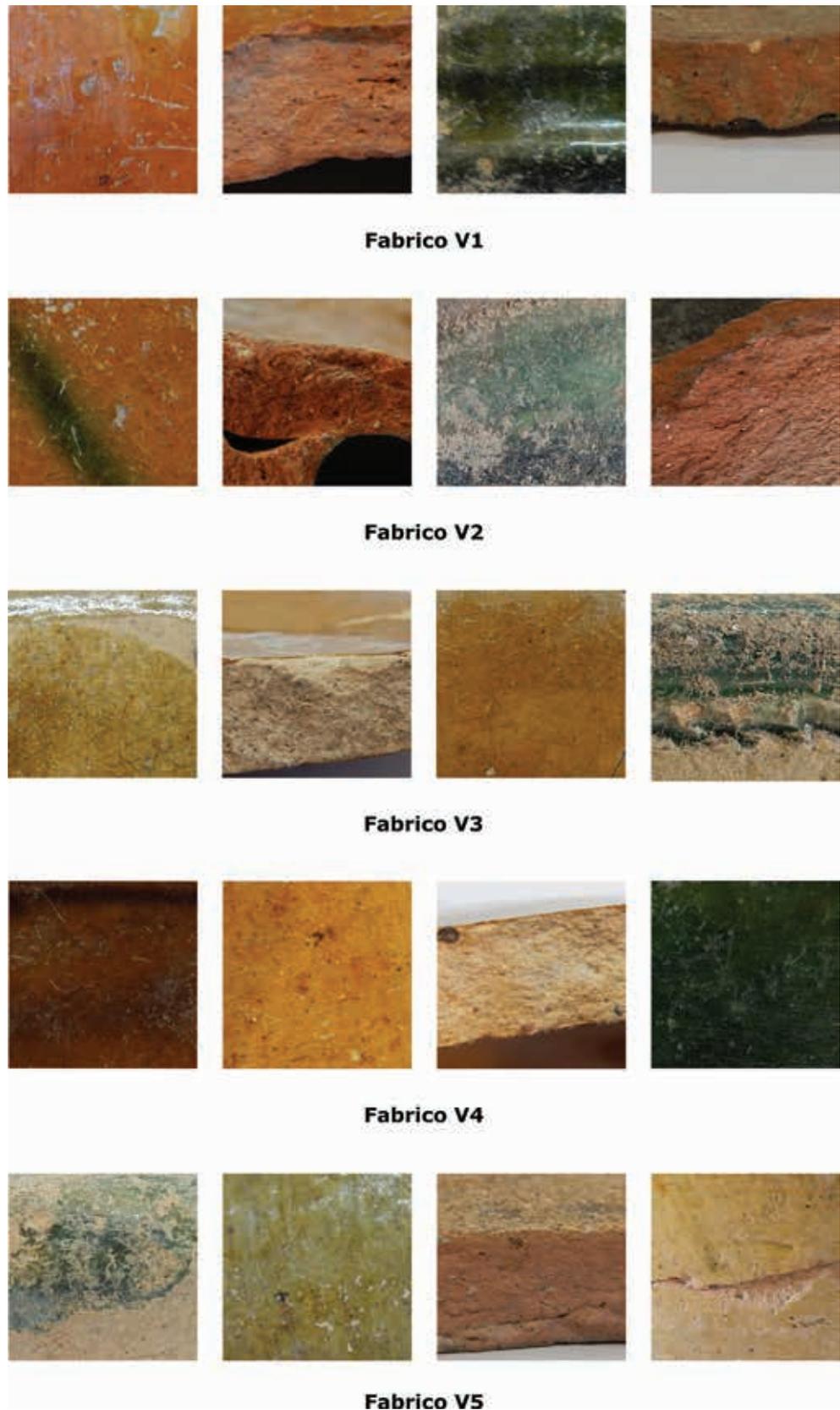


Fig. 65  
Pormenores das  
pastas dos fabricos V1  
a V5.

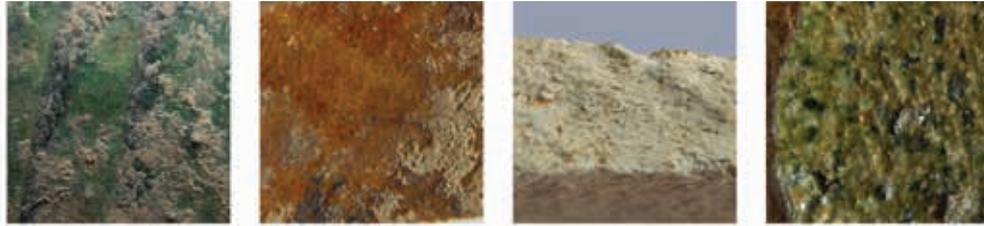
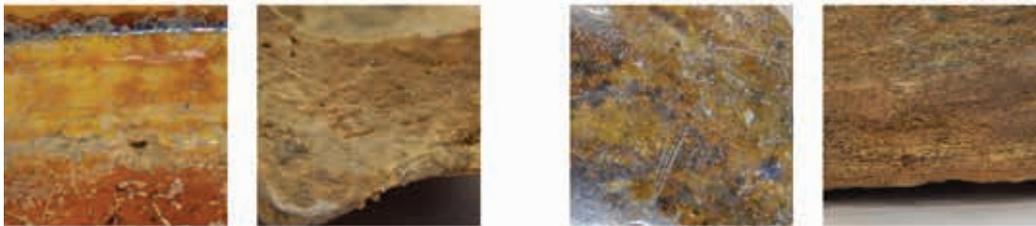
**Fabrico V6****Fabrico V8****Fabrico V7****Fabrico V9****Fabrico V10**

Fig. 66  
Pormenores das  
pastas dos fabricos V6  
a V10.

**Tabela 7** Cronologia geral das formas identificadas na cerâmica vidrada, por grupo de fabrico. Datações baseadas nos paralelos encontrados e nas datas de produção dos fabricos, quando estas se conhecem.

CATEGORIA	FORMA	FABRICO	XV	XVI	XVII
Cozinha	Alguidar	V2			
		V3			
		V4			
		V5			
Mesa	Prato	V1			
		V2			
		V3			
		V4			
	Tigela	V1			
		V2			
		V3			
		V4			
		V5			
		V10			
Armazenamento	Bilha	V1			

#### 4.1.3. Cerâmica Esmaltada

A cerâmica esmaltada enquadra-se em sete grupos de fabrico, compostos por materiais esmaltados a branco, com ou sem decoração. Entende-se por cerâmica esmaltada aquela que se encontra recoberta de esmalte de cor branca opaca, obtido através da aplicação de óxido de estanho (Sebastian, 2015, p. 46).

##### FABRICO E1

Pasta de cor bege ou bege rosada, muito bem depurada e compacta, sem inclusões visíveis. O esmalte aplicado é branco pérola, brilhante e poroso.

Este grupo de fabrico corresponde a uma produção andaluza com origem nas olarias sevillhanas entre os séculos XIV-XVI. A maioria das peças apresenta superfícies esmaltadas a branco sem decoração, enquadrando-se na série *blanca lisa* ou *Columbia Plain* produzida em Sevilha durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 226-236). Alguns investigadores afirmam que este tipo de cerâmica terá sido produzido em Portugal durante o século XVI na olaria da Mata da Machada (Casimiro, 2013, p. 354). Porém, a ausência nesse local de peças esmaltadas a branco com defeitos de fabrico, mas antes com marcas de uso, indica que estas correspondem provavelmente a objectos de consumo importados do Sul peninsular e não restos de produção local (Coelho e Teixeira, 2018, p. 264). Em Coimbra identificaram-se cerâmicas esmaltadas a branco que poderão ter sido produzidas localmente a

partir de meados do século XVI, embora essas pastas possuam maior abundância de inclusões, distinguindo-se dos exemplares do Ateneu Artístico Vilafranquense (Sebastian, 2010, p. 82; 2012, p. 941-945).

Peças esmaltadas a branco encontram-se frequentemente em contextos portugueses dos séculos XV-XVI como, por exemplo, no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2007, p. 69-75), em Lisboa (Gonzalez, 2012a, p. 87-88; Sabrosa, 2008, p. 111-117; Martingil, 2015, p. 431-433), Carnide (Casimiro *et alii.*, 2017, p. 63-65), Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196-207), Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 222-246), Torres Vedras (Batalha *et alii.*, 2017, p. 17-24) e Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 159-161), sendo este último contexto situado entre os séculos XIV-XVI. Estas peças ainda estão presentes em contextos lisboetas dos séculos XVI-XVII como, por exemplo, no Hospital Real de Todos-os-Santos (Bargão, 2015, p. 94,333; Silva *et alii.*, 2012, p. 71-80).

Para além das peças esmaltadas a branco sem decoração, identificou-se ainda uma tigela com um escorrimento de vidro verde aplicado sobre o esmalte branco em parte da peça, enquadrando-se na série *blanco y verde de mitades* ou *Columbia Plain white and green*, produzida entre o século XV e início do XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228). Exemplares semelhantes encontram-se em contextos dos séculos XV-XVI no Largo do Terreiro do Trigo em Lisboa (Gonzalez, 2012a, p. 87-88) ou em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 222-246). Foi ainda identificado um fragmento, de forma indeterminada, com linhas verdes sobre esmalte branco, na superfície interna. Este poderá corresponder a um tipo de cerâmica produzida em Sevilha durante o século XIV que desapareceu no início do século XV (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 226).

No que toca ao conjunto de cerâmica pertencente a este fabrico, regista-se cerâmica de mesa (prato, escudela e tigela), com predomínio dos pratos que representam 67% do NMI. FIG. 67

A escudela encontra-se representada apenas por uma peça horizontal, não sendo possível reconhecer a morfologia da restante peça. Os pratos identificados possuem bordos arredondados e bases em ônfalo. Também as tigelas possuem bordos arredondados, terminando estas sobre bases de pé anelar. FIGS. 68 E 69

## FABRICO E2

Pasta de cor bege amarelado ou bege rosado, depurada e muito semelhante à anterior, distinguindo-se apenas por uma textura levemente mais porosa e pela sua decoração. Os exemplares deste fabrico apresentam superfícies esmaltadas a branco, com uma decoração geométrica a azul-cobalto e manganês sobre a superfície interna.

Este grupo de fabrico corresponde a uma produção andaluza, enquadrando-se na série *azul y morada* ou *Isabella Polychrome* produzida entre o final do século XV e início do XVI nas olarias sevilhanas (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-236). Peças deste fabrico encontram-se frequentemente em contextos situados entre os séculos XV-XVI, nomeadamente no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira (Mendes e Pimenta, 2007, p. 76-77), no Quarteirão dos Lagares (Ponce *et alii.*, 2017, p. 1705) e no Largo do Corpo Santo em Lisboa (Teixeira *et alii.*, 2015, p. 202; Sabrosa, 2008, p. 113), em Carnide (Casimiro *et alii.*, 2017, p. 63-64), no Castelo de Evoramonte (Liberato, 2006, p. 14-33), em Torres Vedras (Batalha *et alii.*, 2017, p. 14-24) ou em Lagos (Gonçalves *et alii.*, 2017, p. 1583-1593), assim como em Silves, em contextos situados entre os séculos XIV e XVI (Gomes e Gomes, 1996, p. 171-174).

Fig. 67

Formas identificadas  
no Fabrico E1.  
Escudela n.º 188;  
Pratos n.º 189-190;  
Tigelas n.º 191-195.

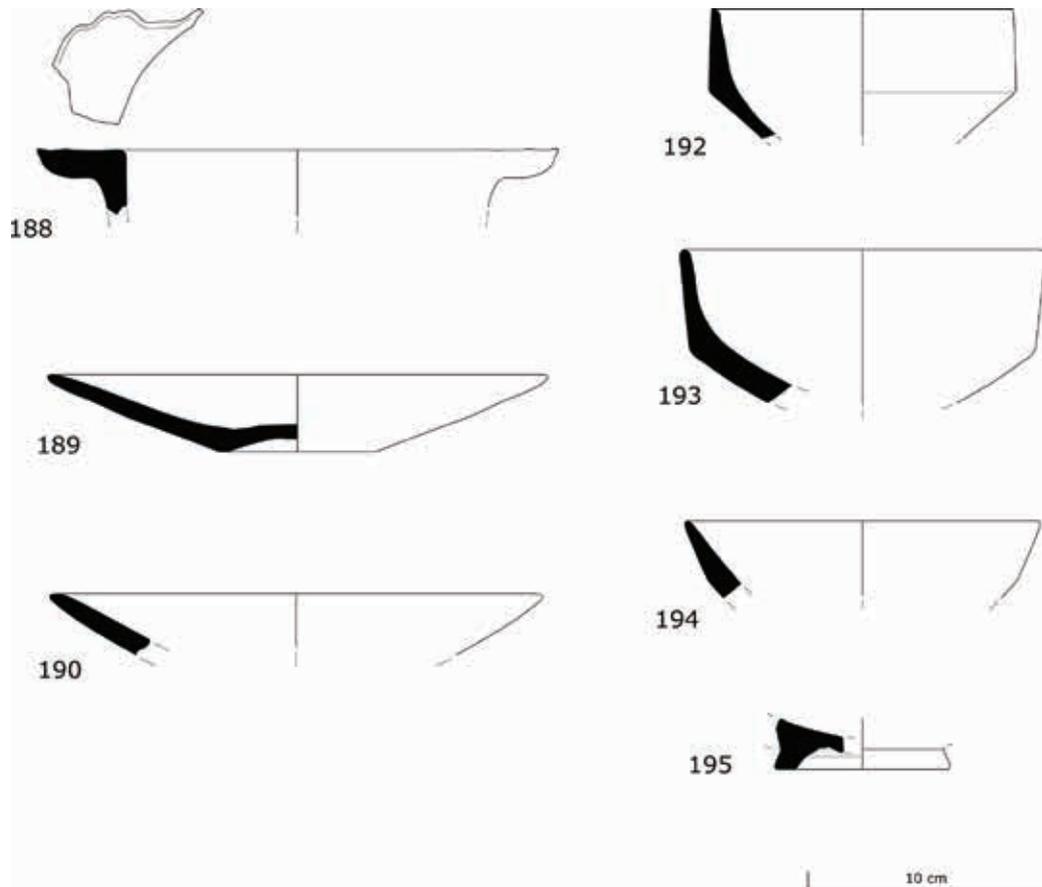
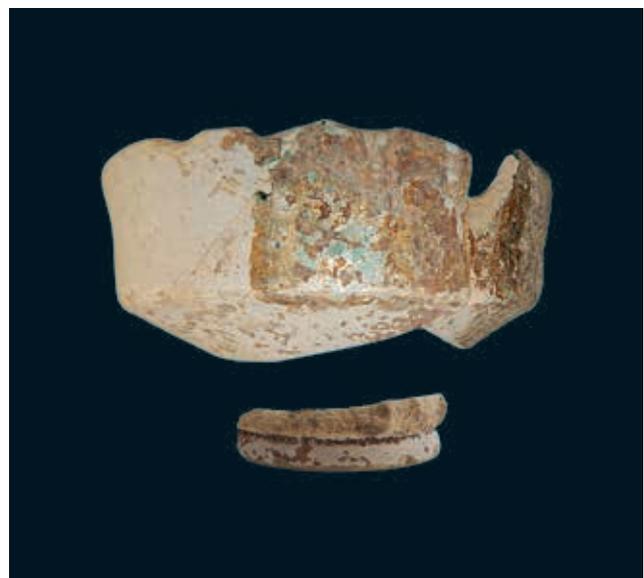


Fig. 68

Prato esmaltado  
pertencente ao fabrico  
E1. N.º INV. 97.

Fig. 69

Bordo e base de  
tigelas esmaltadas  
pertencentes ao  
fabrico E1. N.º INV.  
3033 e 3013.



No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E2, regista-se apenas cerâmica de mesa, nomeadamente dois fragmentos de prato e um de tigela. Neste fabrico observam-se dois subtipos de prato. O primeiro encontra-se representado por um bordo arredondado, e o segundo por um bordo semicircular. A única base identificada é em ônfalo. Encontram-se peças semelhantes em contextos portugueses dos séculos XV-XVI (Batalha *et alii.*, 2017, p. 14-24; Casimiro *et alii.*, 2017, p. 63-64). No caso das tigelas não foi possível determinar a sua forma por se registarem apenas fragmentos de parede. Porém, estes sugerem uma morfologia esférica. FIGS. 70 E 71

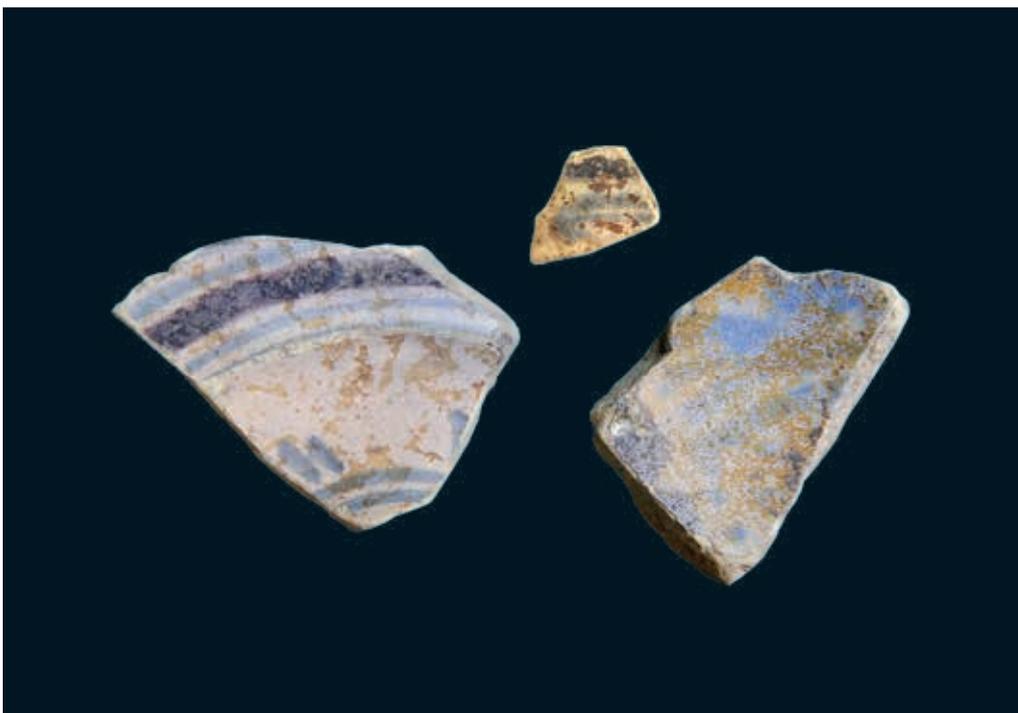
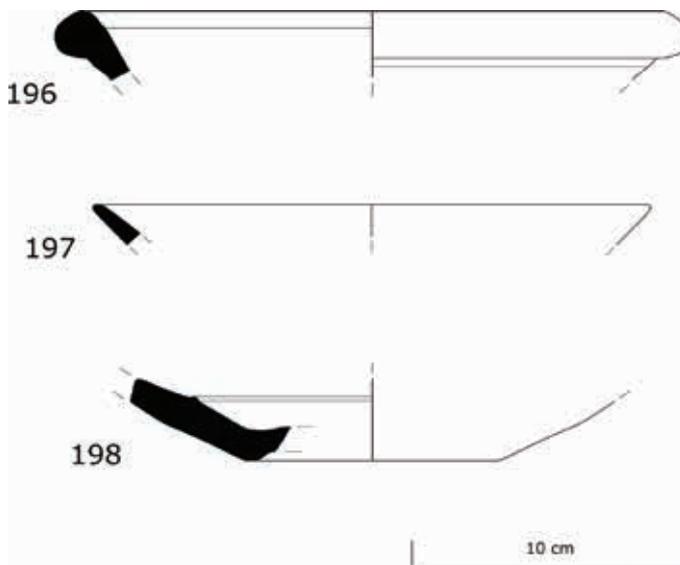


Fig. 70  
Pratos identificados  
no fabrico E2,  
n.º 196-198.

Fig. 71  
Base de prato e  
fragmento de tigela  
pertencentes ao  
fabrico E2.  
N.º INV. 3001 e 3106.

### FABRICO E3

Pasta de cor branca, compacta e porosa, sem inclusões visíveis. As superfícies são recobertas de esmalte branco espesso, com manchas rosadas e motivos geométricos pintados a azul-cobalto, laranja e vermelho.

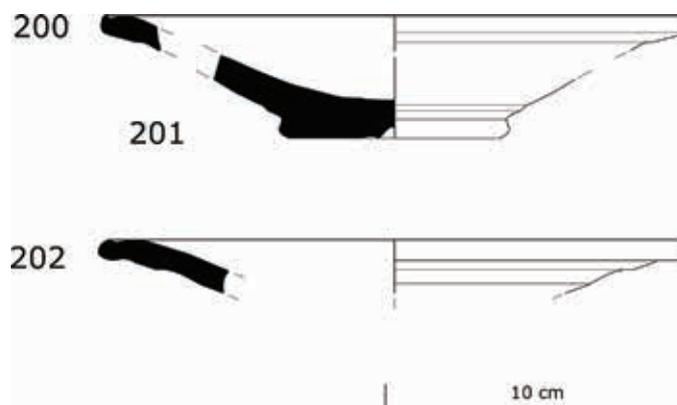
Este grupo de fabrico corresponde a majólica italiana com origem nas olarias de Montelupo, particularmente o grupo decorado com o motivo *ad ovali e rombi*. Esta cerâmica, produzida durante os séculos XV e XVI, é comum nos contextos arqueológicos lisboetas dessa época (Casimiro *et alii.*, 2017, p. 61-64; Felício *et alii.*, 2017, p. 1812-1819; Gonzalez, 2012b, p. 850-853; Martingil, 2015, p. 431-433; Sabrosa, 2008, p. 138), encontrando-se igualmente em níveis do século XVI e início do XVII (Barradas e Silva, 2017, p. 1697-1702; Silva *et alii.*, 2012, p. 71-77).

No que toca ao grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E3, regista-se cerâmica de mesa, sendo o prato a única forma identificada. Esta caracteriza-se por peças de bordo arredondado e base em disco, decoradas com o motivo *ad ovali e rombi*, aplicado sobre a superfície interna. FIGS. 72, 73 E 74

Fig. 72  
Pratos identificados  
no fabrico E3,  
N.º 200-202.

Fig. 73  
Prato pertencente  
ao fabrico E3.  
N.º INV. 107.

Fig. 74  
Fragmentos de prato  
pertencente ao fabrico  
E3. N.º INV. 265 e 264.



**FABRICO E4**

Pasta de cor bege amarelada muito bem depurada, sem inclusões visíveis. O esmalte é branco com motivos pintados a azul-cobalto e manganês que podem encontrar-se em ambas as faces das peças ou apenas na superfície interna. Enquanto as características da pasta se mantêm, a qualidade do esmalte varia, podendo ser muito liso, espesso e brilhante, ou mais fino e fosco.

Este grupo de fabrico corresponde à faiança portuguesa com provável origem nas olarias de Lisboa, cuja produção se inicia na segunda metade do século XVI (Casimiro, 2013, p. 355; Sebastian, 2010, p. 485-610; 2012, p. 943; 2015, p. 340-343). Conhecem-se vestígios de produção de faiança na capital, nomeadamente no Largo das Olarias entre a segunda metade do século XVI e início do XVII (Castro *et alii.*, 2017, p. 1737-1742), na zona do Largo de Jesus, entre finais do século XVI e meado do XVII (Cardoso e Batalha, 2015, p. 148-170), ou na Rua de Buenos Aires (Batalha *et alii.*, 2012), com uma cronologia situada nos séculos XVII-XVIII, entre outros (Sebastian, 2010, p. 91-114). Na Rua de Buenos Aires observam-se exemplares semelhantes às formas aqui apresentadas.

No grupo de cerâmica pertencente a este fabrico E4 regista-se cerâmica de mesa, sendo o prato a única forma identificada. Neste grupo foram detectados dois perfis completos de morfologia idêntica, mas com decoração distinta. Os bordos são arredondados e as bases de pé anelar. Um prato encontra-se decorado com o motivo de “contas”, enquanto outro apresenta apenas uma linha azul junto ao bordo. Ambas estas decorações se encontram em cronologias situadas entre a segunda metade do século XVII e o século XVIII (Casimiro, 2013, p. 362). Estas formas são semelhantes a pratos identificados na Rua de Buenos Aires em Lisboa, em contexto de descarte relacionado com produção oleira dos séculos XVII-XVIII (Batalha *et alii.*, 2012, p. 954-958), encontrando-se igualmente exemplares na Rua Serpa Pinto em Vila Franca de Xira (Cruz, 2018, p. 121-126), estes atribuídos ao século XVII. Um fragmento de base anelar parece corresponder a um prato decorado com motivos vegetistas, em utilização durante o século XVII (Casimiro, 2013, p. 355-356).

Observa-se ainda um bordo de secção arredondada com riscos a azul de cobalto e a amarelo. Outros fragmentos possuem dimensões demasiado reduzidas, não sendo possível identificar as suas formas e motivos decorativos. FIGS. 75 E 76

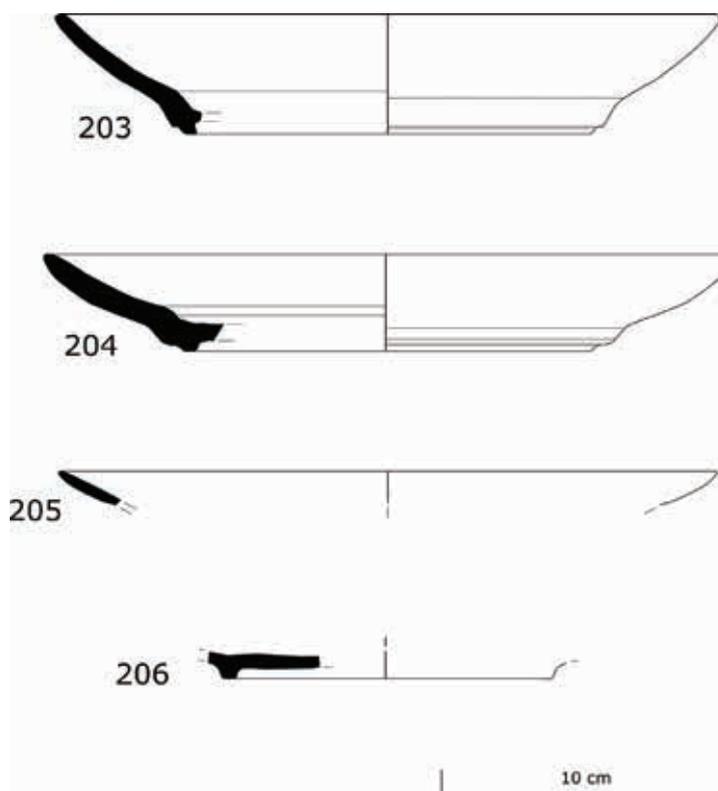
**FABRICO E5**

Pasta de cor bege rosada, de textura macia, sem inclusões visíveis. As superfícies encontram-se recobertas de esmalte branco com manchas rosadas, aplicado em ambas as faces. Não foi possível averiguar a origem deste fabrico.

No grupo de cerâmica pertencente a este fabrico regista-se cerâmica de mesa, sendo a tigela a única forma identificada. FIG. 77

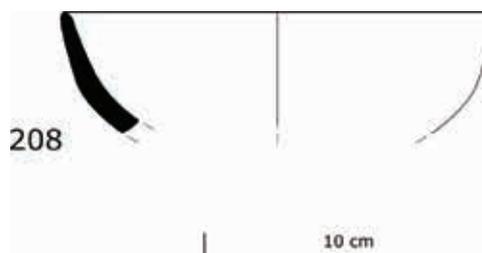
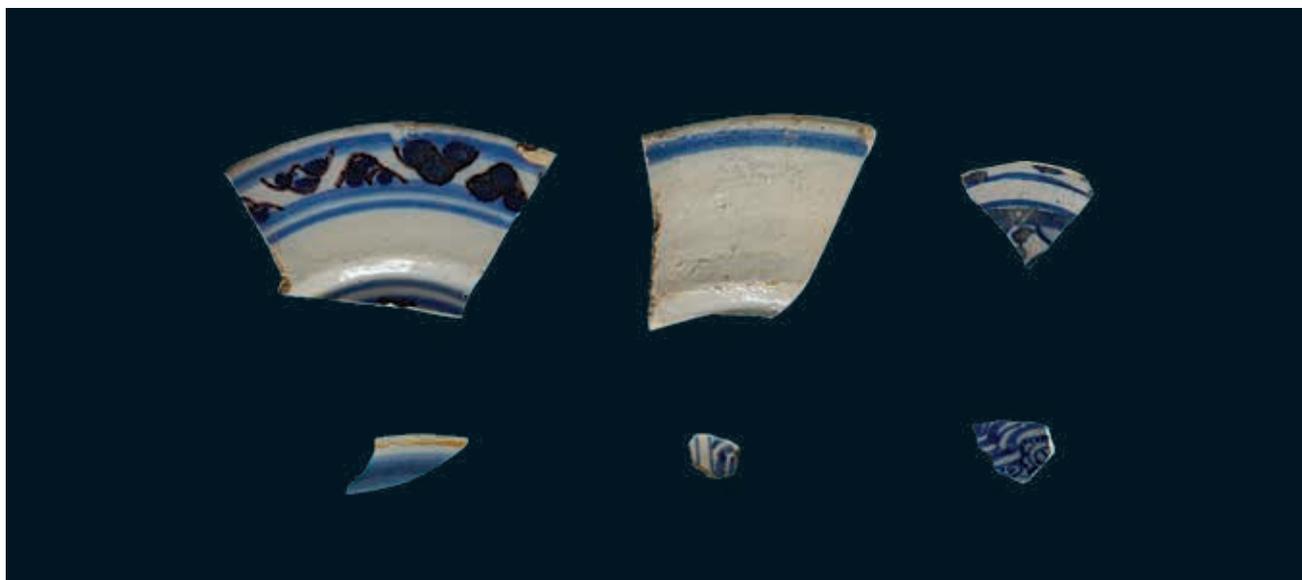
**FABRICO E6**

Pasta de cor bege, compacta e rugosa, com muitas inclusões, nomeadamente fragmentos de cerâmica de média a grande dimensão (1-2 cm), quartzos e elementos de cor negra (1-2 mm). Neste grupo regista-se apenas um azulejo recoberto de esmalte branco, liso e espesso, com motivos vegetistas pintados a azul-cobalto, amarelo e laranja. A sua cronologia situa-se possivelmente entre os séculos XVI-XVII, altura em que a policromia era utilizada na decora-



**Fig. 75**  
Pratos identificados  
no fabrico E4,  
N.º 203-206.

**Fig. 76**  
Pratos e fragmentos  
de faiança  
pertencentes ao  
fabrico E4. N.º INV.  
17, 15, 3107, 3000 e  
fragmentos diversos.



**Fig. 77**  
Tigela esmaltada  
identificada no fabrico  
E5, N.º 208.



**Fig. 78**  
Azulejo policroma registado no fabrico E6 (à direita) e azulejo azul e branco registo no fabrico E7 (à esquerda).  
N.º INV. 100 e 3033.

ção de azulejos (Simões e Oliveira, 1997, p. 225-229). De facto, este exemplar encontra paralelos num painel de azulejos do Museu de Alberto Sampaio, atribuído ao século XVII<sup>2</sup>. FIG. 78

#### FABRICO E7

Pasta de cor bege muito bem depurada, com raras inclusões, nomeadamente quartzos (com cerca de 1 mm). Também neste grupo registamos apenas um azulejo recoberto de esmalte branco espesso, com o motivo de “massaroca” pintado a azul-cobalto (Figura 78). Este tipo de azulejo, com motivos pintados exclusivamente a azul sobre branco, ter-se-á desenvolvido em Portugal na segunda metade do século XVII, quando a policromia cai em desuso a favor dos azuis e brancos remanescentes da porcelana chinesa (Simões e Oliveira, 1997, p. 228-229). Um exemplar semelhante foi encontrado durante a escavação de um contexto habitacional setecentista em Lisboa (Casimiro, 2011, p. 715-722). Dessa forma, este deverá ter sido produzido entre os séculos XVII-XVIII.

#### Síntese

A cerâmica esmaltada é composta exclusivamente por fabricos de pasta clara. Destes, o conjunto mais abundante corresponde às importações do Sul peninsular (60%), nomeadamente os fabricos E1 e E2 provenientes de Sevilha. As restantes importações correspondem à cerâmica italiana de Montelupo (fabrico E3). As produções nacionais encontram-se representadas pela faiança portuguesa (fabrico E4), que compõe 20% da cerâmica esmaltada e, possivelmente, pelos dois azulejos identificados (fabricos E6 e E7). Para além desses, o conjunto de cerâmica esmaltada corresponde quase exclusivamente a cerâmica de mesa relacionada com o consumo individual de alimentos, sendo o prato a forma mais abundante (67%) (Tabela 8).

A maioria das produções registadas neste grupo possui cronologias situadas entre os séculos XV e XVI (Tabela 9). Estas correspondem exclusivamente a importações (fabricos E1 a E3). Por outro lado, os azulejos e a faiança portuguesa, aqui identificada possuem uma datação mais recente, situada entre os séculos XVI a XVIII. FIGS. 79 E 80

<sup>2</sup> In <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=5800> – Consultado dia 18/08/2019.

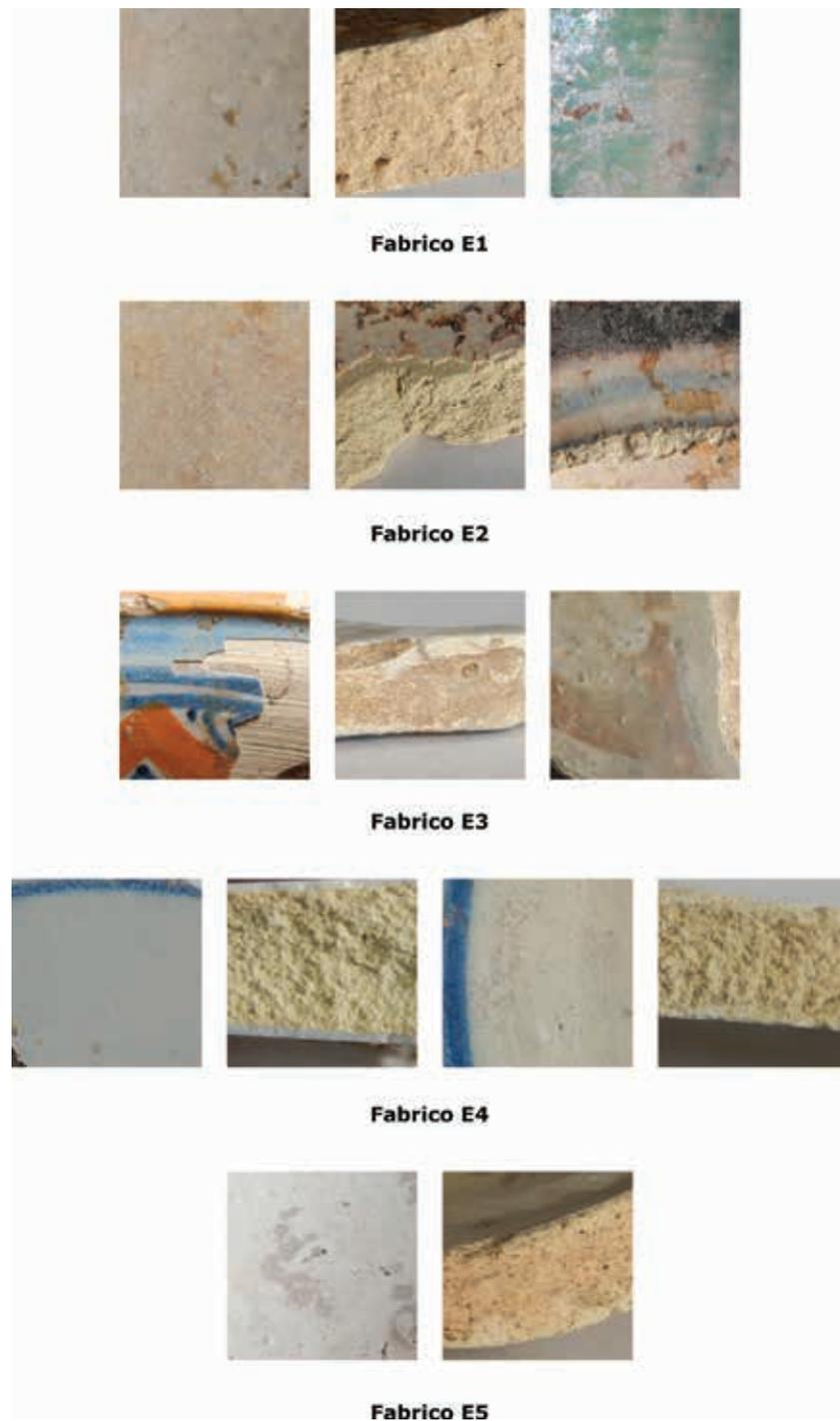
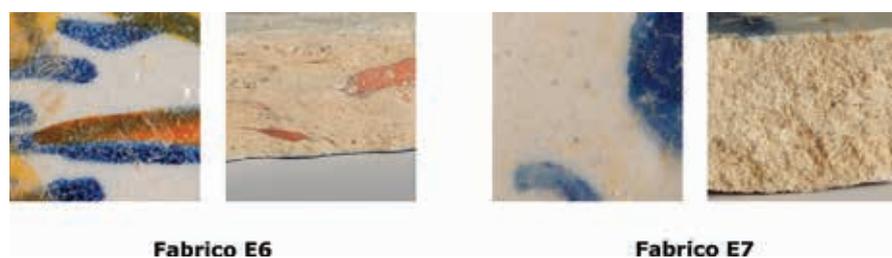


Fig. 79  
Pormenor das pastas  
dos fabricos E1 a E5.

Fig. 80  
Pormenor das pastas  
dos fabricos E6 e E7.



**Tabela 8** Distribuição do NMI geral da cerâmica esmaltada por forma e fabrico.

CATEGORIA	FORMA/FABRICO	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	TOTAL
Mesa	Prato	8	2	2	4				16
	Escudela	1							1
	Tigela	3	1			1			5
Outros	Azulejo						1	1	2
<b>Total</b>		<b>12</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>4(1)</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>24(1)</b>

**Tabela 9** Cronologia geral das formas identificadas na cerâmica esmaltada, por grupo de fabrico.

Datações baseadas nos paralelos encontrados e nas datas de produção dos fabricos, quando estas se conhecem.

CATEGORIA	FORMA	FABRICO	XV	XVI	XVII	XVIII
Mesa	Escudela	E1				
	Prato	E1				
		E2				
		E3				
		E4				
	Tigela	E1				
		E2				
		E5				
Outros	Azulejo	E6				
		E7				

## 4.2. Integração estratigráfica

### 4.2.1. Silo 108

O conjunto de cerâmica exumado no interior do silo 108 localizado na Área 1, é constituído por cerâmica fosca (65%), brunida (24%), vidrada (8%) e esmalta (2%), com um total de 223 peças identificáveis.

Na cerâmica fosca identificaram-se 147 peças repartidas por nove grupos de fabrico, dos quais se destacam os fabricos F1 a F5 que representam 98% do NMI deste conjunto (Grá-

fico 2). Estes terão origem nas olarias do Vale do Tejo, nomeadamente em Lisboa no caso dos fabricos F3 a F5 (39%). Em relação aos fabricos F1 a F2 (59%), que compõem mais de metade deste conjunto, não foi possível determinar a sua origem, embora as características das pastas, apresentadas acima, excluam uma origem lisboeta. A abundância destes dois grupos de fabrico sugere que poderá tratar-se de cerâmica produzida localmente.

Em termos formais, destaca-se a abundância da cerâmica de cozinha (46%), composta principalmente por panelas (27%) (Tabela 10). Observa-se ainda um número significativo de cerâmica de mesa (25%) e de armazenamento (20%), constituídas nomeadamente por púcaros (14%) e potes (13%), respectivamente. Neste conjunto destaca-se ainda a presença de fragmentos de anforetas *Spanish Olive Jar*, produzidas nas olarias sevilhanas entre o final do século XV e durante século XVI (Amores e Chisvert, 1993, p. 283-297; Pleguezuelo *et alii.*, 1999, p. 271-272).

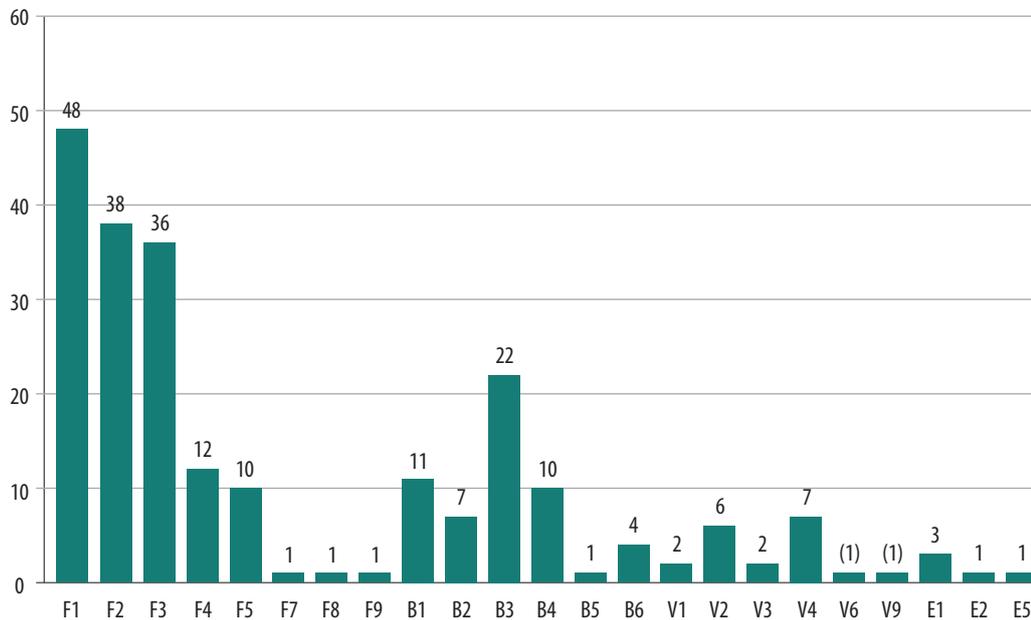
Na cerâmica brunida observam-se 54 peças identificáveis, repartidas pelos fabricos B1 a B6. Tal como na cerâmica fosca observa-se o predomínio dos fabricos B1 a B4, que representam 91% do NMI deste conjunto. Também estes terão origem nas olarias do Vale do Tejo, nomeadamente em Lisboa no caso dos fabricos B3 e B4. As formas mais abundantes correspondem à cerâmica de mesa representada por pratos, púcaros e tigelas que no seu conjunto compõem 73% do NMI (Tabela 11).

A cerâmica vidrada encontra-se representada por 17 peças identificáveis que incluem cerâmica vidrada a melado, em tons que variam entre o amarelo e o castanho, assim como cerâmica vidrada a verde. Este conjunto reparte-se por seis fabricos, dos quais se destacam as produções de Lisboa (fabricos V1 e V2) e as do Barreiro (V4) que no seu conjunto representam 88% do NMI. A cerâmica do Barreiro é a produção mais numerosa na cerâmica vidrada deste depósito, representando 37% do NMI. Identificaram-se fragmentos de cerâmica exógena, alguns correspondendo a uma produção sevilhana enquanto outros serão oriundos do Norte da Europa. A produção sevilhana (fabrico V3), que corresponde a 11% deste conjunto, encontra-se representada por um fragmento de prato vidrado a melado com riscos a mangans (n.º 173, Figura 55) e um alguidar vidrado a verde, peças produzidas a partir do século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-236).

Da cerâmica proveniente do Norte europeu destaca-se a produção flamenga de cerâmica vidrada a verde (fabrico V9), fabricada em Brugges entre o final do século XIII e a primeira metade do XIV (Oliveira *et alii.*, 2017; Teixeira *et alii.*, 2015, p. 179). Outros fragmentos de cerâmica vidrada a verde poderão corresponder às produções francesas de *Saintonge* (fabrico V6), datadas dos séculos XIII-XIV (Haggarty, 2006, p. 22-57; Oliveira *et alii.*, 2017, p. 1527-1534; Pinheiro, 2015, p. 41). Estes dois grupos de fabrico encontram-se representadas apenas por fragmentos indeterminados, não tendo sido possível reconstituir nenhuma forma.

Em termos formais, a cerâmica vidrada corresponde quase exclusivamente a cerâmica de mesa (94%), constituída por tigelas e pratos recobertos de vidrado melado (Tabela 12).

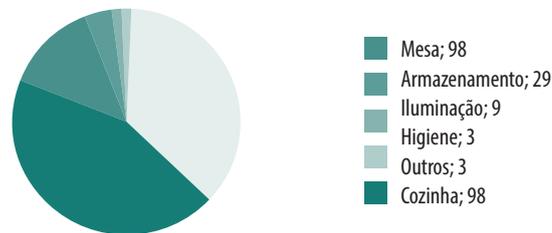
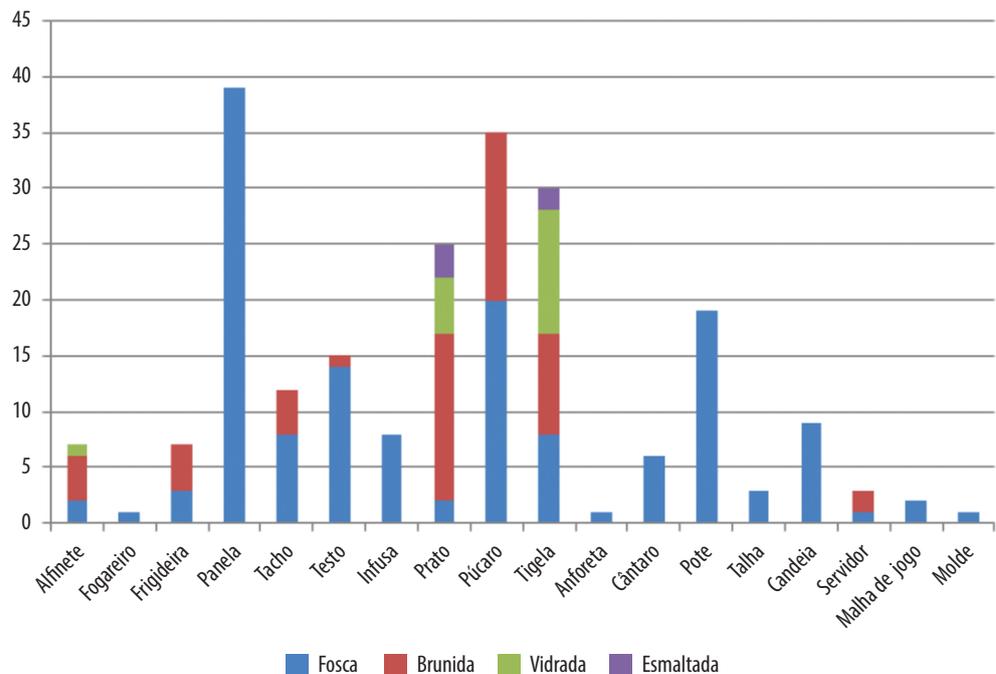
A cerâmica esmaltada encontra-se representada por cinco peças identificáveis, inseridas em três fabricos. Neste conjunto encontra-se apenas cerâmica de mesa, constituída por três pratos e duas tigelas (Tabela 13). A maioria destas peças insere-se no fabrico E1 (60%), correspondendo à produção sevilhana *blanca lisa* produzida durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-236). Ainda de origem sevilhana foi identificado um prato enquadrado na série *azul y morada* (n.º 197, Figura 70; Figura 71), produzida entre o final do século XV e início do XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-236).

**Gráfico 2** Distribuição do NMI da cerâmica identificada na UE 107, por fabricos.

Em suma, neste silo encontra-se cerâmica de cozinha, mesa e armazenamento, encontram-se ainda objectos relacionados com a higiene, iluminação e a prática de uma actividade lúdica (Gráfico 3). A cerâmica de mesa é a categoria mais abundante e diversificada, observando-se ainda percentagens significativas de cerâmica de cozinha e de armazenamento. Embora individualmente as panelas sejam a forma mais representada, a estas seguem-se os púcaros, tigelas e pratos. A abundância de cerâmica de mesa dever-se-á à transformação dos hábitos alimentares durante o final da Idade Média, época na qual o consumo se individualiza, multiplicando-se os recipientes tais como pratos e tigelas. O aumento de pratos aponta também para a presença de refeições mais sólidas, que ao invés dos ensopados não necessitavam de ser consumidas em recipientes fundos (Silva, 2003, pp. 56-75). Porém, o predomínio das panelas em relação aos tachos e frigideiras, sugere que os alimentos seriam consumidos maioritariamente sob a forma de cozidos ou ensopados (Casimiro, Boavida e Detry, 2017, pp. 112-114).

A distribuição das formas pelos diferentes tipos de cerâmica poderá assinalar preferências da população (Gráfico 4). Neste conjunto denota-se a preferência pela cerâmica fosca no que toca ao armazenamento de alimentos e líquidos. Também na confecção de alimentos utilizava-se maioritariamente cerâmica fosca, particularmente no caso das panelas, as quais são fabricadas exclusivamente nesse tipo. Porém, nos tachos e frigideiras observam-se igualmente peças brunidas, o que poderá estar relacionado com o tipo de cozinhados para os quais seriam utilizados, podendo estes beneficiar de superfícies alisadas e menos aderentes (Casimiro, Boavida e Detry, 2017, pp. 112-114).

Na cerâmica de mesa a diversidade de tipos sugere uma maior exigência com a qualidade dos recipientes utilizados no consumo de alimentos face às peças utilizadas na sua confecção e armazenamento. Enquanto no consumo de líquidos registamos uma preferência pela cerâmica fosca e brunida, nos pratos e tigelas destaca-se a maior abundância de cerâmica brunida e vidrada, bem como algumas peças esmaltadas. Dessa forma, podemos depreender que estas seriam preteridas pelas suas superfícies lisas e impermeabilizadas, não se excluindo possíveis questões estéticas e de estatuto social, particularmente no caso das peças importadas.

**Gráfico 3** Distribuição do NMI das formas identificadas na UE 107, por categorias de cerâmica**Gráfico 4** Distribuição do NMI das formas identificadas na UE 107, por formas e fabricos.

Resumidamente, o preenchimento do silo 108 é maioritariamente composto por cerâmica fosca e brunida, que possui uma vasta continuidade, não permitindo o estabelecimento de cronologias seguras. A cerâmica vidrada e esmaltada, particularmente as produções sevilhanas e as do Barreiro, apontam para o preenchimento deste silo com resíduos domésticos maioritariamente entre os séculos XV e XVI. A identificação de cerâmica de cronologia anterior, nomeadamente as produções do Norte da Europa que remetem para os séculos XIII-XIV, poderá assinalar o início da utilização do silo como lixeira. Porém, esta encontra-se em quantidades residuais, sendo a maioria da cerâmica que foi possível datar enquadrada nos séculos XV-XVI.

Alguns materiais cerâmicos deste depósito apresentam vestígios de fogo pós-deposicional que testemunha uma combustão ocorrida no interior do silo (Figura 32). Esta poderá estar relacionada com a higienização da zona de lixeira (Rosa, 2019, p. 66). Curiosamente,

as peças que apresentam este tipo de vestígios de fogo pertencem maioritariamente ao fabrico F2. Estas terão sido descartadas no mesmo momento, indicando que, nessa altura, a louça consumida pertencia principalmente a este grupo de fabrico.

#### 4.2.2. Estruturas negativas 106, 110 e 111

O conjunto de cerâmica proveniente do preenchimento da estrutura negativa 104 associada ao pavimento situado na Área 1, é constituído por cerâmica fosca, da qual 13 peças identificáveis, assim como um fragmento de cerâmica vidrada. No grupo de cerâmica fosca observa-se a presença dos fabricos F1 a F5, que terão origem nas olarias do Vale do Tejo. Em relação às formas, observa-se diversidade de peças, que se enquadram em cerâmica de cozinha, de mesa e de armazenamento. A cerâmica vidrada corresponde a um fragmento de prato recoberto de vidrado melado (Figura 58). Este exemplar enquadra-se no fabrico V4, que poderá ter sido produzido no Barreiro entre finais do século XV e a primeira metade do século XVI (Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-264).

Este depósito é maioritariamente composto por cerâmica fosca que possui uma continuidade cronológica alargada, não permitindo estabelecer uma cronologia segura para o seu preenchimento. Porém, a identificação de um fragmento de cerâmica vidrada que poderá corresponder a uma produção do Barreiro permite propor uma cronologia para a formação deste depósito situada entre finais do século XV e primeira metade do século XVI.

O conjunto de cerâmica proveniente da estrutura negativa de pequenas dimensões 110, situada na Área 1 junto ao silo, é constituído por cerâmica fosca, da qual três peças identificáveis, assim como um fragmento de cerâmica brunida. A cerâmica fosca enquadra-se em três grupos de fabrico produzidos no Vale do Tejo, dos quais se destaca o fabrico F3 que representa 50% desse conjunto. Em termos formais, regista-se uma panela enquadrada no fabrico F2, bem como um testo e um cântaro que correspondem ao fabrico F3. Assinala-se ainda a presença de um fragmento de forma não identificável inserido no fabrico F4. A ausência de produções cerâmicas de cronologia segura não permitiu datar o preenchimento deste depósito.

O depósito 112, que preenche a estrutura negativa 111 de formato circular localizada na Área 1, possui um conjunto de cerâmica composto por cerâmica fosca (78%), brunida (6%), vidrada (11%) e esmaltada (6%), no qual se registam onze peças identificáveis.

A cerâmica fosca enquadra-se em seis grupos de fabrico dos quais se destaca o fabrico F2 que representa 43% do NMI. Neste conjunto, as únicas formas registadas correspondem a oito tachos e três cântaros, inseridos nos fabricos F1, F2 e F4. Os restantes fabricos identificados na cerâmica fosca, nomeadamente os fabricos F3, F5 e F6, encontram-se representados por fragmentos de forma indeterminada.

O conjunto de cerâmica vidrada deste depósito é constituído por fragmentos vidrados a verde ou amarelo, distribuídos pelos fabricos V2 e V5. A única forma identificada corresponde a um alguidar vidrado a verde inserido no fabrico V5, que terá sido produzido na olaria do Castelo de Alenquer entre o final do século XV e início do XVII (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 56-62; Cardoso, 2017, p. 114) (Figura 60). A cerâmica esmaltada encontra-se representada por apenas dois fragmentos de faiança portuguesa (fabrico E4), provavelmente de produção lisboeta. O reduzido tamanho destes fragmentos não permite comprovar a que subtipos correspondem, nem identificar com certeza os motivos decorativos pintados a azul de cobalto (Figura 76). Porém, a sua datação não será anterior à

segunda metade do século XVI, altura em que se inicia a produção deste tipo de cerâmica (Casimiro, 2013, p. 355, Sebastian, 2010, p. 485-610; 2012, p. 943, 2015, p. 340-341).

A identificação de faiança, assim como o alguidar vidrado a verde, que encontra paralelos em níveis de aterro atribuídos ao final do século XVII na Rua Comendador Miguel Esguelha em Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2010, p. 18-45), apontam para um contexto de cronologia mais recente que o silo. Dessa forma, presume-se que esta estrutura negativa terá sido preenchida entre a segunda metade do século XVI e o século XVII.

#### 4.2.3. Poço 204

No depósito 205, que colmatava o poço 204 identificado na Área 1, foi recolhido um conjunto de cerâmica fosca (50%), brunida (25%) e esmaltada (25%), com um total de três peças identificáveis. Este contexto continha maioritariamente material de construção utilizado no entulhamento da estrutura. Além deste material, do qual se conservaram fragmentos de tijolo (fabrico F11), identificou-se um fragmento de cerâmica fosca de forma indeterminada (fabrico F2), assim como um fragmento de prato brunido (fabrico F3).

Foi ainda descoberto um azulejo esmaltado a branco com o motivo de “massaroca” pintado a azul-cobalto (fabrico E7; Figura 78). Os vestígios de argamassa no seu reverso indicam que este foi utilizado, encontrando-se a determinada altura a decorar um edifício que terá existido na área do Ateneu Artístico Vilafranquense. Este tipo de azulejos terá sido produzido a partir da segunda metade do século XVII (Casimiro, 2011, p. 715-722; Simões e Oliveira, 1997, p. 228-229), apontando assim para o preenchimento do poço entre o final do século XVII e a segunda metade do século XVIII, antes da construção do edificado visível na planta de 1786.

#### 4.2.4. Tanque 303

O conjunto de cerâmica proveniente do preenchimento do tanque 303 identificado na Área 2, é constituído por cerâmica fosca (54%), brunida (35%), vidrada (8%) e esmaltada (4%), num total de 22 peças identificáveis. A cerâmica fosca, representada por 13 peças identificáveis, encontra-se dividida em seis grupos de fabrico. Observa-se o predomínio dos fabricos produzidos em Lisboa (64%), nomeadamente os fabricos F3, F4 e F5. Em termos formais este conjunto é pouco diversificado, sendo os testos a forma mais abundante (46%), observando-se ainda um número significativo de púcaros (23%).

A cerâmica brunida, representada por oito peças identificáveis, enquadra-se em nos grupos de fabrico B2 a B5. Desses destacam-se os fabricos B3 a B5, que terão origem nas olarias de Lisboa, representando no seu conjunto 89% do NMI. Em termos formais observa-se o predomínio da cerâmica de mesa, constituída por pratos e tigelas que compõem 50% do NMI, sendo que as restantes formas identificadas correspondem a alguidares.

No conjunto de cerâmica vidrada, composto por apenas dois fragmentos enquadrados nos fabricos V2 e V8, não se registaram peças identificáveis.

Na cerâmica esmaltada observa-se apenas uma tigela (fabrico E1), produzida nas olarias sevillhanas entre o século XV e início do XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228). Esta pertence à série *blanco y verde de mitades*, sendo recoberta de esmalte branco com um escorrimento verde aplicado sobre parte da peça (n.º 192, Figura 67 e 69). Porém, foi ainda identificado um fragmento, de forma indeterminada, com linhas verdes sobre esmalte branco na superfície interna. Este poderá corresponder a um tipo de cerâmica produzida durante o século XIV e que desapareceu no início do século XV (Pleguezuelo e

Lafuente, 1995, p. 226). Dada a larga cronologia de utilização das formas de cerâmica fosca e brunida, a datação deste depósito baseia-se na identificação peças esmaltadas de origem sevilhana, que permitem sugerir uma cronologia para o preenchimento do tanque situada entre o século XV e início do XVI.

A ausência de cerâmica de cozinha de ir ao fogo observada neste contexto<sup>3</sup> sugere que este depósito não estará relacionado com resíduos provenientes de uma cozinha. Contudo, como será apresentado mais à frente, foram identificados nesta unidade diversos restos faunísticos que contestam essa hipótese.

#### 4.2.5. Depósito superficial 101/201 e Recolha de Superfície

Os depósitos superficiais identificados no Ateneu Artístico Vilafranquense, sendo estes a unidade 101/201 e o conjunto de espólio proveniente da Recolha de Superfície, são compostas por materiais descontextualizados. O depósito 101/201 contém cerâmica fosca (90%), brunida (5%) e vidrada (5%), num total de 37 peças identificáveis. A cerâmica fosca encontra-se representada por 35 peças, repartidas por sete grupos de fabrico. Tal como no silo, observa-se aqui o predomínio das produções do Vale do Tejo, nomeadamente os fabricos F1 a F5 que no seu conjunto compõem 92% do NMI. As formas mais abundantes correspondem a cerâmica de cozinha (52%), com destaque para as panelas e testos. Neste conjunto foi detectado um pequeno fragmento de cerâmica pintada a branco, de tradição islâmica, inserida no fabrico F1.

Na cerâmica brunida, composta por seis fragmentos inseridos nos fabricos B1 e B3, não foi possível reconstituir formas. O conjunto de cerâmica vidrada é representado por duas peças, p. um alguidar vidrado a verde, enquadrado no fabrico V5, e uma tigela melada, correspondendo ao fabrico V4.

O conjunto de cerâmica da Recolha de Superfície é composto por cerâmica fosca (54%), brunida (12%), vidrada (9%) e esmaltada (8%), com um total de 179 peças identificáveis. A cerâmica fosca encontra-se representada por 116 peças identificáveis, enquadradas em nove grupos de fabrico. Assim como no silo e no depósito 101/201, observa-se aqui o predomínio dos fabricos regionais do vale do Tejo (fabricos F1 a F5) que compõem 96% do NMI deste conjunto. Denota-se igualmente a abundância de cerâmica de cozinha (56%), assim como um número significativo de recipientes de armazenamento (26%). Nesta última categoria destaca-se a presença de fragmentos de anforeta *Spanish Olive Jar* (fabrico F8), produzida em Sevilha entre o final do século XV e durante século XVI (Amores e Chisvert, 1993, p. 283-297; Pleguezuelo *et alii.*, 1999, p. 271-272).

A cerâmica brunida encontra-se representada por 26 peças identificáveis, enquadradas em seis grupos de fabrico. Também aqui se observa o predomínio dos fabricos B1 a B5 que compõem 96% deste conjunto. A cerâmica de mesa e de cozinha são os grupos mais abundantes, representando 50% e 46% deste conjunto do NMI, respectivamente.

A cerâmica vidrada da Recolha de Superfície corresponde a peças vidradas a verde ou melado, enquadradas em seis grupos de fabrico. Destaca-se o predomínio das produções portuguesas, com provável origem nas olarias de Lisboa (fabricos V1 e V2), do Barreiro (fabrico V4) e de Alenquer (fabrico V5), que no seu conjunto representam 61% do NMI. Neste espólio encontra-se ainda um número significativo de cerâmica sevilhana

<sup>3</sup> Os testos identificados poderão ter sido utilizados para cobrir recipientes de armazenamento.

(fabrico V3), produzida a partir do século XV e durante o século XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 226-236). Do Norte europeu registaram-se fragmentos de cerâmica flamenga importada de Brugges (fabrico V9) entre o final do século XIII e meados do XIV (Oliveira *et alii.*, 2017; Teixeira *et alii.*, 2015, p. 179). Este conjunto de cerâmica vidrada encontra-se representado por 20 peças identificáveis, cujas formas mais abundantes correspondem a cerâmica de mesa composta por tigelas e pratos, que no seu conjunto constituem 70% do NMI.

A cerâmica esmaltada encontra-se representada por 17 peças, enquadradas em seis grupos de fabrico. Aqui destaca-se a abundância de cerâmica sevilhana (fabricos E1 e E2), produzida durante os séculos XV-XVI (Pleguezuelo e Lafuente, 1995, p. 228-236), que no seu conjunto representa 59% do NMI. Observam-se ainda exemplares de majólica italiana (fabrico E3), proveniente das olarias de Montelupo durante os séculos XV-XVI (Barradas e Silva, 2017, p. 1697-1702; Gonzalez, 2012b, p. 850-853; Silva *et alii.*, 2012, p. 77). Em relação às produções portuguesas, foi identificada faiança portuguesa com provável origem nas olarias lisboetas e cujas decorações apontam para uma cronologia entre a segunda metade do século XVII e o século XVIII (Casimiro, 2013, p. 355-362; Sebastian, 2010, p. 485-610; 2012, p. 943, 2015, p. 340-343). Foi ainda identificado um fragmento de azulejo decorado com motivos a azul de cobalto, amarelo e laranja (fabrico E6; Figura 78). À excepção desse, o conjunto de cerâmica esmaltada corresponde exclusivamente a cerâmica de mesa, sendo o prato a forma mais abundante.

Estas duas unidades descontextualizadas possuem materiais cerâmicos com cronologias situadas entre os séculos XIII-XVIII, sendo a cerâmica de Brugges a mais recuada e a faiança portuguesa a mais recente. Contudo, a maior parte do conjunto que foi possível datar é composto por fabricos cuja produção é atribuída aos séculos XV-XVI, nomeadamente a cerâmica vidrada e esmaltada de origem sevilhana, as majólicas de Montelupo e as produções do Barreiro.

**Tabela 10** Distribuição do NMI geral da cerâmica fosca por forma e UE.

CATEGORIA	FORMA/UE	101/201	104	107	109	112	205	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
Cozinha	Alguidar	–	1	2	–	–	–	1	2	6
	Fogareiro	–	–	1	–	–	–	–	3	4
	Frigideira	–	–	3	–	–	–	–	4	7
	Panela	8	3	39	1	–	–	–	25	76
	Tacho	2	–	8	–	8	–	–	10	28
	Testo	8	1	14	1	–	–	6	20	50
Mesa	Infusa	2	–	9	–	–	–	–	7	18
	Prato	–	–	2	–	–	–	–	–	2
	Púcaro	3	3	20	–	–	–	3	7	36
	Tigela	3	2	8	–	–	–	–	5	18
Armazenamento	Anforeta	–	–	1	–	–	–	–	1	2
	Bilha	–	1	–	–	–	–	2	–	3

CATEGORIA	FORMA/UE	101/201	104	107	109	112	205	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
	Cântaro	3	2	5	1	3	—	—	11	25
	Pote	3	—	19	—	—	—	—	16	38
	Talha	—	—	3	—	—	—	—	2	5
Iluminação	Candeia	—	—	9	—	—	—	—	—	9
Higiene	Servidor	—	—	1	—	—	—	—	—	1
Outros	Malha de jogo	—	—	2	—	—	—	—	2	4
	Molde	—	—	1	—	—	—	—	—	1
	Telha	1	—	—	—	—	—	—	1	2
	Tijolo	2	—	—	—	—	1	1	—	4
<b>Total</b>		<b>35</b>	<b>13</b>	<b>147</b>	<b>3</b>	<b>11</b>	<b>1</b>	<b>13</b>	<b>116</b>	<b>339</b>

**Tabela 11** Distribuição do NMI geral da cerâmica brunida por forma e UE.

CATEGORIA	FORMA/UE	101/201	104	107	109	112	205	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
Cozinha	Alguidar	—	—	4	—	—	—	4	7	15
	Frigideira	—	—	4	—	—	—	—	4	8
	Tacho	—	—	4	—	—	—	—	1	5
	Testo	—	—	1	—	—	—	—	—	1
Mesa	Prato	—	—	15	—	—	1	2	6	24
	Púcaro	—	—	15	—	—	—	—	3	18
	Tigela	—	—	9	—	—	—	2	4	15
Higiene	Servidor	—	—	2	—	—	—	—	1	3
<b>Total</b>		<b>—</b>	<b>—</b>	<b>54</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>26</b>	<b>89</b>

**Tabela 12** Distribuição do NMI geral da cerâmica vidrada por forma e UE.

CATEGORIA	FORMA/UE	101/201	104	107	109	112	205	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
Cozinha	Alguidar	1	—	1	—	1	—	—	5	8
Mesa	Prato	—	—	5	—	—	—	—	5	10
	Tigela	1	—	11	—	—	—	—	9	21
Armazenamento	Bilha	—	—	—	—	—	—	—	1	1
<b>Total</b>		<b>2</b>	<b>—</b>	<b>17</b>	<b>—</b>	<b>1</b>	<b>—</b>	<b>—</b>	<b>20</b>	<b>40</b>

**Tabela 13** - Distribuição do NMI geral da cerâmica esmaltada por forma e UE.

CATEGORIA	FORMA/UE	101/201	104	107	109	112	205	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
Mesa	Prato	–	–	3	–	–	–	–	13	16
	Escudela	–	–	–	–	–	–	–	1	1
	Tigela	–	–	2	–	–	–	1	2	5
Outros	Azulejo	–	–	–	–	–	1	–	1	2
<b>Total</b>		–	–	5	–	–	1	1	17	24

## 5. Vidro

No conjunto de vidros do Ateneu Artístico Vilafranquense distinguiram-se cinco grupos de fabrico (Tabela 14). A única forma identificada é o copo, embora alguns fragmentos possam corresponder a garrafas. Das estruturas identificadas, o silo 108 é a única que continha espólio vítreo (Tabela 15). Este reparte-se por três grupos de fabrico, com predomínio dos fabricos VD1 e VD2, e encontra-se representado por cinco copos. Estes terão constituído objectos de excepção para os seus proprietários, que contrastam com a simplicidade da maioria dos objectos cerâmicos.

**Tabela 14** Distribuição do NMI dos vidros por grupo de fabrico.

FORMA/FABRICO	VD1	VD2	VD3	VD4	VD5
Copo	2	3	1	–	–
Outros	1	2	1	1	1
<b>Total</b>	3	5	2	1	1

**Tabela 15** Distribuição do NMI dos vidros por unidade estratigráfica.

FORMA/UE	107	101/201	SUPERFÍCIE	TOTAL
Copo	5	–	2	7
Outros	2	1	2	5
<b>Total</b>	7	1	2	10

### 5.1. Fabricos e formas

#### FABRICO VD1

Vidro incolor com padrão ondulado. Este encontra-se recoberto por uma crosta transparente com brilho metálico em descamação, possivelmente causada pela degradação do vidro através do processo de iridescência (Medici, 2014b, p. 227-228). Neste fabrico registaram-se dois copos, ambos identificados no interior do silo 108. O primeiro corresponde a um copo

ápodo troncocónico de perfil completo, decorado com caneluras verticais e um filete de cor azul-cobalto abaixo do bordo, com base reentrante cônica. O segundo encontra-se representado por uma base cuja morfologia parece corresponder ao subtipo “de pedestal troncocónico simples” (Medici, 2014a, p. 241-242). Este encontra paralelos num exemplar proveniente da Rua Gil Vicente em Sintra, atribuído aos séculos XVI-XVII (Ferreira, 2003, p. 280-285).

Para o copo ápodo de perfil completo não se conhecem paralelos em contextos arqueológicos portugueses. Contudo, este subtipo encontra-se representado na pintura Última Ceia (1501-1506) de Vasco Fernandes e Francisco Henriques, indicando que estes copos estariam em uso no início do século XVI. Os exemplares mais semelhantes, encontrados na Avenida Miguel Fernandes em Beja (Ferreira e Medici, 2010, p. 403-407), apresentam decoração com caneluras ou com um filete em azul-cobalto no bordo, sendo os primeiros atribuídos aos séculos XIV-XV e os segundos aos séculos XIV-XVI. Na Rua José Dias da Silva, em Vila Franca de Xira, foi identificada uma base que poderá corresponder a um copo ápodo semelhante ao exemplar do Ateneu Artístico Vilafranquense, embora a ausência do seu bordo não permita certezas sobre esta afirmação (Mendes, 2017, p. 28). FIGS. 81, 82, 83 E 84

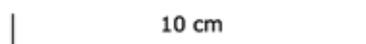
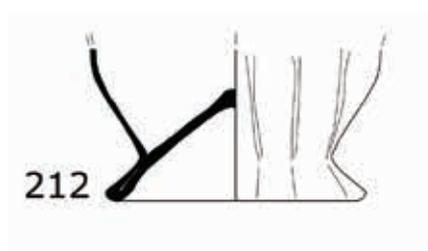
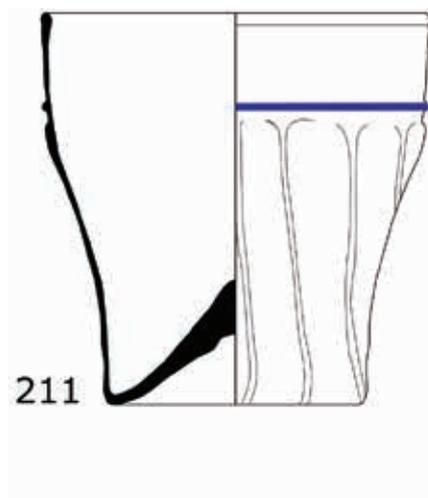


Fig. 81  
Copos registados  
no fabrico VD1,  
N.º 211 e 212.

Fig. 82  
Copo ápodo  
pertencente ao fabrico  
VD1. N.º INV. 3040.

Fig. 83  
Copo de pedestal  
pertencente ao fabrico  
VD1. N.º INV. 360.





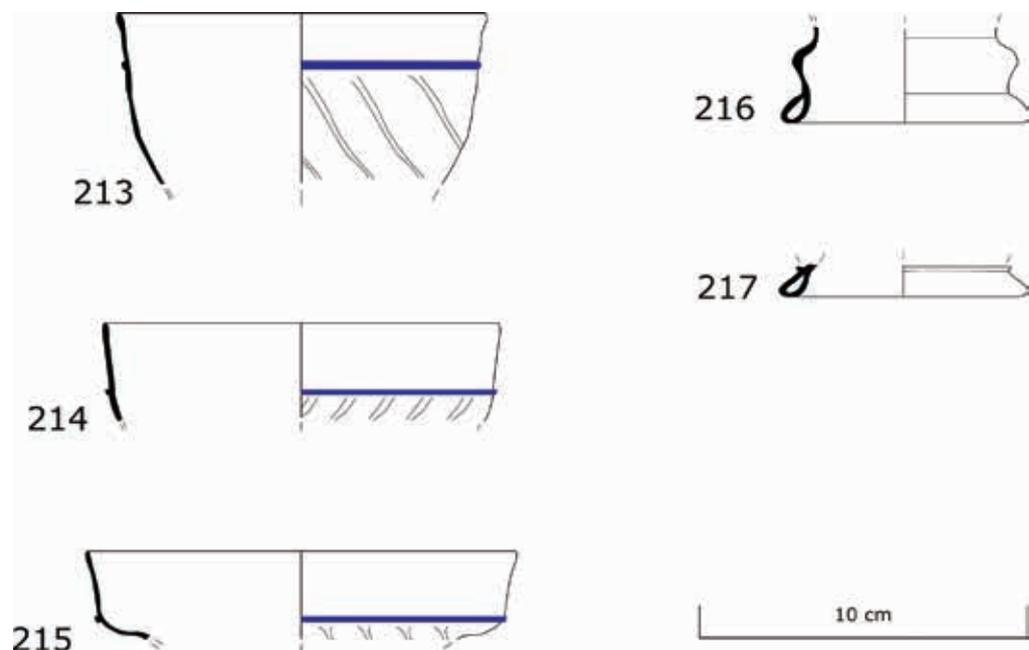
Fig. 84  
Última Ceia  
(1501-1506) de Vasco  
Fernandes e Francisco  
Henriques. In [https://  
artsandculture.google.  
com/asset/%C3%9AÚl-  
tima-ceia/IQEDSIVCzt-  
db9A?hl=pt-PT](https://artsandculture.google.com/asset/%C3%9AÚltima-ceia/IQEDSIVCzt-db9A?hl=pt-PT)).

## FABRICO VD2

Vidro incolor. Encontra-se recoberto por uma crosta transparente com brilho metálico, em descamação, possivelmente causada pela degradação do vidro através do processo de iridescência. Registam-se diversos copos de morfologias distintas, todos provenientes do silo 108. Os primeiros correspondem a dois copos troncocónicos (n.º 213 e 214, Figura 85), enquanto o terceiro enquadra-se no subtipo “de copa baixa de largo diâmetro” (Medici, 2014a, p. 221) (n.º 215, Figura 85). Todos estes copos apresentam paredes finas decoradas com caneluras oblíquas mais ou menos afastadas e com um filete de cor azul-cobalto aplicado abaixo do bordo. À semelhança do copo ápoda do fabrico VD1, não se conhecem paralelos para estes exemplares em contextos arqueológicos portugueses. FIG. 85

Observam-se ainda fragmentos de duas bases de pé anelar pertencentes ao conjunto de espólio proveniente do depósito superficial e recolha de superfície. A primeira deverá pertencer a um copo de pé (n.º 217, Figura 85), enquanto a segunda poderá corresponder a uma garrafa (n.º 216, Figura 85). Esta última é semelhante a exemplares encontrados em níveis do século XVI na Rua da Judiaria em Almada (Medici, 2005, p. 550-551) ou em contexto do final do século XVI e início do XVII no Largo do Coreto em Carnide (Boavida e Medici, 2018, p. 186-191).

Fig. 85  
Formas identificadas  
no fabrico VD2. Copos  
n.º 213-215 e 217.  
Garrafa? n.º 216.



#### FABRICO VD3

Vidro incolor, ligeiramente fosco. Os fragmentos identificados correspondem a copos de paredes mais espessas que nos fabricos anteriores. Trata-se de um bordo vertical, sem qualquer decoração, bem como um fragmento de parede com caneluras verticais largas. Ambos se encontram no conjunto de espólio proveniente do depósito superficial e recolha de superfície.

#### FABRICO VD4

Vidro escuro de coloração amarela esverdeada. Os fragmentos identificados apresentam paredes mais espessas que os restantes fabricos. Neste grupo não se registaram formas identificáveis. Porém, as características do vidro indicam que estes fragmentos poderão corresponder a uma garrafa, embora a sua reduzida dimensão não permite certezas sobre a sua morfologia. Também estes pertencem ao conjunto de espólio superficial.

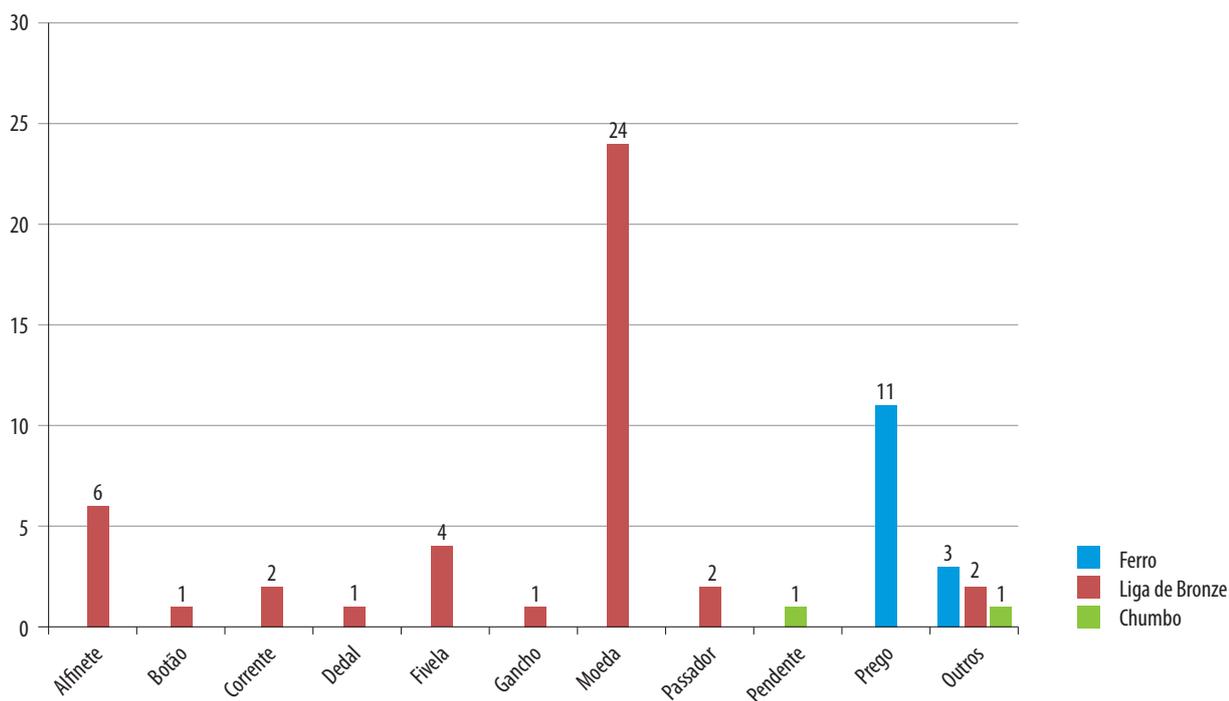
#### FABRICO VD5

Vidro de coloração negra com brilho metálico. A coloração do vidro e o seu nível de fragmentação sugere que poderá tratar-se de vidro queimado. De facto, estes fragmentos pertencem ao espólio do silo 108, no qual sabemos ter ocorrido combustão. Este grupo corresponde apenas a alguns fragmentos de pequena dimensão, não se registando formas identificáveis.

## 6. Metais

No Ateneu Artístico Vilafranquense registam-se objectos em liga de cobre, ferro e chumbo (Gráfico 5). O metal mais abundante é a liga de cobre, representando 72% do conjunto de metais. Com um conjunto de 24 moedas, os numismas são os objectos mais numerosos, seguidas pelos pregos e alfinetes. À excepção do preenchimento do poço 203, todas as unidades identificadas neste local continham um ou mais objectos metálicos (Tabela 16).

**Gráfico 5** Distribuição do NMI dos metais por objecto e tipo de metal.



**Tabela 16** Distribuição do NMI dos metais por unidade estratigráfica.

CATEGORIA/UE	104	107	109	112	304	101/201	SUPERFÍCIE	TOTAL
Alfinete	1	2	–	–	1	–	2	6
Botão	–	–	–	–	–	–	1	1
Corrente	–	–	–	–	2	1	–	3
Dedal	–	–	–	–	–	–	–	0
Fivela	–	1	–	–	1	–	2	4
Gancho	–	–	–	–	–	–	1	1
Moeda	–	16	–	–	2	3	3	24
Passador	–	2	–	–	–	–	–	2
Pendente	–	1	–	–	–	–	–	1
Prego	–	8	1	–	–	–	2	11
Outros	–	2	–	1	1	–	2	6
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>32</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	<b>59</b>

O silo 108 contém a maior percentagem e diversidade de artefactos metálicos que incluem objectos em ferro, liga de cobre e chumbo. Os objectos em ferro correspondem a um conjunto de oito pregos de diversos tamanhos, duas chapas em ferro fragmentadas e um objecto longo de natureza indeterminada. O nível de fragmentação e concreção destes objectos não permite definir a sua forma original nem, no caso dos dois últimos, a sua função. O objecto longo, que possui um comprimento mínimo de 20 cm, apresenta uma secção quadrangular que sugere uma função relacionada com a utilização de uma lareira, sendo possivelmente um espeto ou uma barra para a suspensão de objectos sobre o fogo. As chapas possuem um formato curvo que poderá corresponder ao fundo de um objecto convexo, talvez um recipiente em ferro. É de mencionar que estas chapas contêm fragmentos de conchas de mexilhão presos na concreção que se formou sobre o ferro. Estes moluscos poderão ter sido apenas descartados junto do objecto em ferro ou, no caso de esse corresponder a um recipiente metálico utilizado na confecção de alimentos, evidenciar a última refeição anterior ao seu descarte. Os pregos poderão ter sido empregues em móveis, mas mais abundantemente em elementos de construção, tais como portas e janelas.

Os objectos em liga de cobre correspondem a dois alfinetes, um passador em “T” composto por duas partes e um fuzilhão, (figuras 86 e 87). Os alfinetes identificados apresentam uma cabeça esférica e dimensões pouco variáveis. Este tipo de alfinete é a única tipologia encontrada neste local, variando apenas a sua dimensão. A cabeça esférica era obtida através do enrolamento de dois fios na extremidade da peça. Estas peças são comuns em contextos dos séculos XV-XVI, tendo sido encontrados exemplares semelhantes em diversos pontos do país (Boavida, 2009, p. 75-245, 2017a, p. 1824-1832; Raposo, 2017, p. 57-175). Estes encontram-se igualmente em níveis do século XIV e início do XV (Boavida *et alii.*, 2013, p. 940-945) ou em contexto de meados do século XVI e início do XVII (Silva *et alii.*, 2012, p. 71-83), indicando uma larga diacronia de utilização destes objectos. Os alfinetes de maiores dimensões poderão ter sido utilizados em penteados, como acessórios de cabelo, enquanto os exemplares os mais pequenos seriam empregues em vestuário e na costura (Sousa, 2011a, p. 488-489). Deagan (2002, p. 194) propõe a utilização dos alfinetes de maiores dimensões em vestuário militar, mais robusto. Sugere-se ainda a possibilidade destes se relacionarem com o consumo de moluscos, nomeadamente caracóis marinhos, por terem sido encontrados alfinetes deste tipo associados a restos de moluscos em contextos arqueológicos de Machico, na Madeira, nos séculos XV e XVII (Sousa, 2006, p. 166; 2011, p. 502). FIGS. 86 E 87

O passador em “T” aqui registado é composto por duas partes. Porém, não se descarta a possibilidade destas partes pertencerem a dois objectos diferentes e não à mesma peça. Estes objectos existirão desde a antiguidade, não se modificando significativamente ao longo dos séculos (Marinetti, 2013, p. 51). Nos séculos XV e início do XVI, estes são um elemento comum nos trajes militares, sendo utilizados como fecho de cinto, similarmente às fivelas e frequentemente fabricados em cobre, (Barroca, 1989, p. 151-152). Encontram-se representações da sua utilização em pintura dessa época, nomeadamente nos *Painéis de São Vicente*, (figura 88, A). Em contexto arqueológico, peças semelhantes, embora com decoração distinta, foram identificadas em diversos contextos portugueses situados entre o século XV e o início da centúria seguinte (Teixeira *et alii.*, 2015, p. 98; Cardoso e Luna, 2012, p. 166; Martins, 2001, p. 251-257; Barroca, 1989, p. 151). Em relação ao fuzilhão, este poderá ter pertencido a uma fivela ou eventualmente corresponder ao fecho de uma peça de mobiliário de pequenas dimensões. FIG. 88



Fig. 86  
Fivelas semicirculares  
em ferro e liga de  
cobre (à esquerda)  
e passador em "T"  
(à direita).

Fig. 87  
Fragmentos de  
corrente, alfinetes,  
botão e dedal em liga  
de cobre.

**Fig. 88**  
Pormenores dos Painéis de São Vicente de Nuno Gonçalves, século XV. A: Pormenor de passador em T. B: Pormenor de fivelas semicirculares. In <https://artsandculture.google.com/asset/panels-of-st-vincent-nunogon%C3%A7alves/WAG9Y-CHHiWiS-g>.



Ainda em liga de cobre observamos neste silo um conjunto de 16 numismas, todos eles ceitis, dos quais 11 de D. Afonso V (r.1438-1477, 1477-1481), dois de D. João II (r.1477, 1481-1495) e um indiferenciado, não identificável devido à elevada corrosão do metal (Figuras 89). Este conjunto de moedas permite colocar a datação do preenchimento do silo entre finais do século XV e a segunda metade do XVI, sendo que os ceitis de D. Afonso V terão permanecido em circulação até ao reinado de D. Sebastião (r. 1557-1578) (Teixeira *et alii.*, 2015, p. 217). Também os ceitis de D. João II poderão ter continuado em uso após o final do seu reinado. Dessa forma, a cronologia de formação deste depósito poderá, eventualmente, avançar para o início do século XVI. FIG. 89

Neste silo foi ainda encontrado um pendente em chumbo e quartzo hialino, afeiçoado em forma de cristal. Trata-se de um objecto de adorno possivelmente utilizado por uma mulher. FIG. 90

As estruturas negativas 110, 111 e 106 continham ambas apenas um objecto metálico, sendo estes, respectivamente, um prego em ferro de pequenas dimensões, uma placa em liga de cobre um alfinete de cabeça esférica, igualmente em liga de cobre.

No preenchimento do tanque 303 observamos diversos objectos metálicos, todos eles em liga de cobre. Estes correspondem a um alfinete, dois fragmentos de uma corrente, uma fivela, duas moedas não identificáveis e um objecto troncocónico de função indeterminada. Este último possui um formato semelhante a uma flor com um orifício no centro, sugerindo que poderá tratar-se de um objecto de adorno pessoal ou um aplique decorativo utilizado em mobiliário. A fivela possui um formato semicircular, sendo decorada com três esferas aplicadas nas suas extremidades (Figura 86). No MNR, em Vila Franca de Xira, foi encontrado um exemplar idêntico em contexto de lixeira do final do século XV a meados do XVI (Pimenta e Mendes, 2006, p. 64-158). Fivelas semelhantes, mas com apenas duas esferas, foram identificadas em diversos contextos portugueses situados entre os séculos XV e XVI (Boavida, 2017a, p. 1824-1832; Cardoso e Luna, 2012, p. 166-167) (Figura 87: B).



A unidade superficial 101/201 e a Recolha de Superfície possuem diversos objectos em liga de cobre, chumbo e ferro. O conjunto de peças em liga de cobre é composto por dois alfinetes, um dedal, um botão, duas fivelas, um gancho e seis moedas. O dedal, cuja morfologia indica que terá sido utilizado na costura, tem paralelos no Largo do Coreto em Carnide, em contexto de lixeira dos finais do século XVI e meados do XVII (Boavida, 2017a, p. 1822-1833), assim como num exemplar do Museu Hipólito de Cabaço em Alenquer, sendo este atribuído aos séculos XVII-XVIII (Raposo, 2017, p. 81-348). O botão em cobre apresenta um formato circular, sem qualquer decoração, possuindo um anel para fixação aos têxteis, (figura 87). Também este encontra paralelos em Carnide. As fivelas possuem uma morfologia oval, tendo provavelmente pertencido a cintos, encontrando-se paralelos em contexto do século XIV e início do XV (Boavida *et alii.*, 2013, p. 940-945). À semelhança do fuzilhão registado no interior do silo, também o gancho poderá ter pertencido a uma fivela.

Os numismas correspondem a um dinheiro, um ceitil de D. João II ou D. Manuel I, uma moeda de D. Maria I datada de 1797, dois ceitis de cronologia indeterminada e uma moeda não identificável. Relativamente ao dinheiro identificado, embora o seu estado de conservação não permitiu associa-lo a um reinado específico, as suas características permitem enquadrá-lo entre D. Afonso III (1248-1279) e D. Fernando (1367-1383), (figura 89). A presença deste numisma sugere uma ocupação deste espaço anterior ao século XV, situada possivelmente entre meados do século XIII e finais do XIV.

Este conjunto de materiais contém ainda uma placa em chumbo de função indeterminada, um fragmento de um mecanismo, assim como dois pregos em ferro. O fragmento de mecanismo, maioritariamente fabricado em ferro, possui também elementos em liga de cobre, nomeadamente uma peça que poderá corresponder a um trinco. Esta peça poderá ter pertencido a uma fechadura de porta. Em relação aos pregos, destaca-se um que se distingue dos restantes pelo seu estado de conservação que indica tratar-se provavelmente de um objecto fabricado numa liga de ferro. Trata-se de um prego de cabeça redonda de pequenas dimensões, possivelmente utilizado em mobiliário.

Fig. 89

Ceitis de D. Afonso V provenientes do silo 108 (em cima, à esquerda), ceitil de D. João II e ceitil de D. João II ou D. Manuel I (em cima, à direita), dinheiro de reinado indeterminado (em baixo, à esquerda) e moeda de três reis de D. Maria I (em baixo, à direita).

Fig. 90

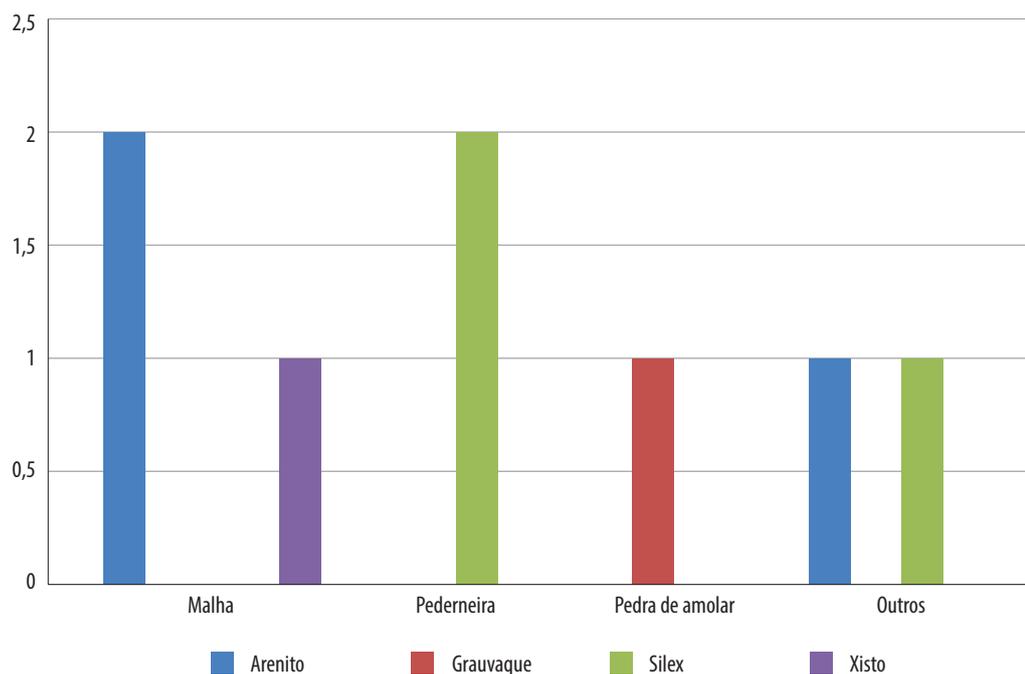
Pendente em chumbo e quartzo hialino identificado no interior do silo 108.



## 7. Líticos

No Ateneu Artístico Vilafranquense, encontram-se objectos líticos fabricados em diversas matérias-primas, das quais o arenito e o sílex são as mais abundantes (Gráfico 6). Estes materiais provêm nomeadamente do silo 108 e tanque 303, bem como da recolha de superfície (Tabela 17).

**Gráfico 6** Distribuição do NMI dos líticos por objecto e tipo de rocha.



**Tabela 17** Distribuição do NMI dos líticos por unidade estratigráfica.

FORMA/UE	107	304	SUPERFÍCIE	TOTAL
Malha	1	2	–	3
Pederneira	1	1	–	2
Pedra de amolar	–	–	1	1
Outros	1	–	1	2
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>8</b>

O espólio lítico exumado no interior do silo 108 corresponde a três objectos, sendo estes uma malha de jogo em arenito, um fragmento de sílex cinzento talhado que corresponderá a uma pederneira e uma pedra rectangular polida numa das faces, de função indeterminada. FIG. 91

No interior do tanque 303 foram encontrados dois objectos em pedra que poderão ter funcionado como malhas de jogo, sendo uma em arenito e outra em xisto negro, assim como um fragmento de sílex branco e bege que corresponderá a uma pederneira. As malhas de jogo em xisto não são inéditas em contextos modernos, encontrando-se em locais como Castelo Branco (Boavida, 2009, p. 80-260). Contudo, a sua presença em Vila Franca de Xira, onde este material não é abundante, não deixa de ser invulgar. As peder-



**Fig. 91**  
Líticos provenientes do sítio do Ateneu Artístico Vilafrancense. Pedra de a molar furada (em cima à esquerda), pederneiras em sílex (em cima á direita) e malhas e jogo em arenito (em baixo).

neiras poderiam ter formas variáveis tal como podemos observar nos exemplares em Alenquer, atribuídas ao período tardo-medieval e moderno (Raposo, 2017, p. 74-231), assim como em Lisboa, em níveis situados entre o século XVII e início do XVIII (Boavida, 2017c, p. 453-454). A forma irregular dos exemplares aqui registados, nomeadamente a peça de maiores dimensões, indica poder tratar-se de uma pederneira utilizada para acender lume e não no uso de armas de fogo (Silva e Guinote, 1998, p. 86-87; Sebastian *et alii.*, 2004, p. 96-97). Porém, as reduzidas proporções da segunda, que não seriam ideais para a função de acender o lume de uma fogueira, sugerem que esta poderá ter sido utilizada numa arma de fogo de pequena dimensão (Sebastian *et alii.*, 2004, p. 96-103).

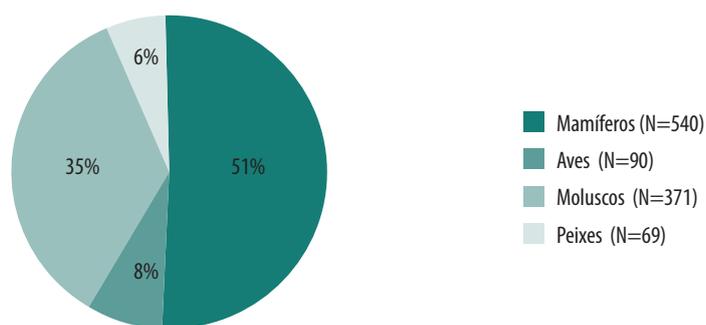
No espólio recolhido à superfície foi identificada uma pedra de amolar em grauvaque, assim como um núcleo de sílex de coloração cinzenta. Este último apresenta vestígios de talhe que, adicionados à sua coloração, sugerem que este núcleo poderá ter sido a matéria-prima utilizada no fabrico da pederneira recolhido no silo.

## 8. Fauna

Os 1070 restos que compõem o conjunto faunístico do Ateneu Artístico Vilafranquense documentam a presença de mamíferos (51%), moluscos (35%), aves (8%) e peixes (6%) (Gráfico 7). Os restos analisados encontravam-se maioritariamente acumulados no interior do silo 108 (n= 696) (Tabela 18).

Embora geralmente bem preservado, o conjunto faunístico encontra-se fragmentado, sendo que 1070 fragmentos (NR) correspondem a 1022 elementos esqueléticos (NISP), resultado dos processos que mediaram entre a manipulação das carcaças animais para consumo e descarte, até aos próprios métodos de recuperação das faunas. A acumulação antrópica da grande maioria do conjunto recuperado é documentada pela presença de restos com marcas de cutelo (8%), corte (1%), mordido (0,1%), elementos queimados (4%) e ainda o aproveitamento de restos ósseos para a produção de objectos (0,1%) (Gráfico 8).

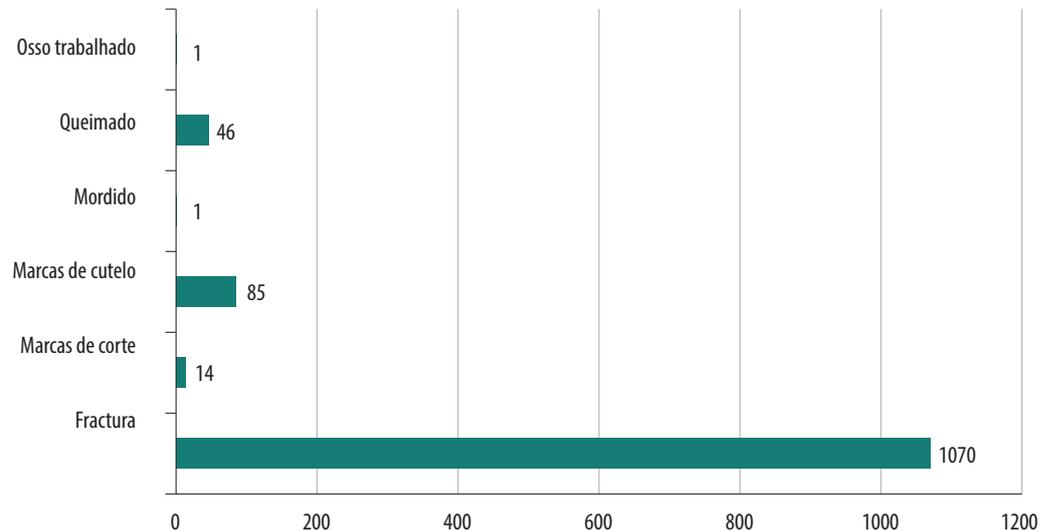
**Gráfico 7** Material arqueofaunístico recuperado no Ateneu Artístico Vilafranquense (NR).



**Tabela 18** Ateneu Artístico Vilafranquense- distribuição espacial dos restos faunísticos recuperados (NR). MAM= Mamíferos; MOL= Moluscos; AV= Aves; P= Peixes. \* Inclui 22 fragmentos identificados na amostra de sedimento que poderão pertencer a mamíferos ou aves.

UE	MAM	MOL	AV	P	TOTAL
104	21	1	2	—	24
105	1	—	—	—	1
107	372*	215	40	69	696
109	1	—	—	—	1
112	3	135	—	—	138
304	20	4	35	—	59
101/201	84	1	5	—	90
Sup.	38	15	8	—	61
<b>TOTAL</b>	<b>540</b>	<b>371</b>	<b>90</b>	<b>69</b>	<b>1070</b>

**Gráfico 8** Alterações tafonômicas observadas no conjunto arqueofaunístico do Ateneu Artístico Vilafranquense (NR).



### 8.1. Silo 108

O conjunto de fauna recuperado no silo 108 é composto por um total de 666 restos que documentam a presença de mamíferos (52%, NISP= 346), moluscos (32%, NISP= 213), aves (6%, NISP= 39) e peixes (10%, NISP= 68). Trata-se do conjunto de fauna mais abundante recuperado no Ateneu Artístico Vilafranquense e o único onde se encontra representado o grupo dos peixes (Tabelas 19 a 22).

#### 8.1.1. Recursos terrestres

Os restos analisados, relativamente ao conjunto de mamíferos, documentam a presença de animais domésticos (ovicaprinos, vaca, cavalo), a par de outros que terão sido caçados (veado, corço ou esquilo) (Tabela 19). Este grupo representa a maior percentagem de restos identificados neste contexto, assim como a maior importância na alimentação da população devido à dimensão dos mamíferos em relação aos restantes animais.

##### *Ovicaprinos (Ovis aries / Capra hircus)*

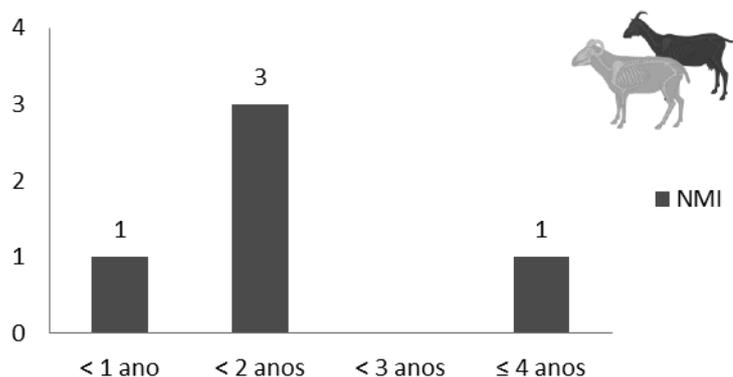
Considerando em conjunto o grupo dos ovicaprininos (*Ovis/Capra sp.*), onde se inclui a cabra, ovelha e ovicaprininos indiferenciados, este é o mais abundante, significando cerca de 40% (NISP= 31) dos mamíferos identificados. Os restos analisados derivam sobretudo da cabeça (n= 12), dos membros anteriores (n= 10) e posteriores (n= 6).

Apesar do reduzido número de restos não permitir estabelecer padrões de processamento das carcaças, a presença de marcas de corte numa mandíbula e num calcâneo permitem supor a manipulação da carcaça para extracção da pele, como sugere ainda a presença de marcas de cutelo em metacarpos.

Não obstante da dificuldade em distinguir entre ovelha e cabra, foi possível determinar a presença de pelo menos três indivíduos além de uma ovelha (*Ovis aries*). Com base na idade de epifização do esqueleto, estima-se que pelo menos um indivíduo terá sido abatido antes de completar um ano de idade, possivelmente para consumo da carne, enquanto

outros três terão sido abatidos antes dos dois anos de idade (Gráfico 8). Porém, a análise do desgaste dentário permitiu identificar um quinto indivíduo, com uma idade à morte mais avançada situada nos 3-4 anos. A presença de cabra (*cf. Capra hircus*) encontra-se representada por elementos do esqueleto apendicular, bem como fragmentos de chifre.

**Gráfico 9** - Idade à morte dos ovicaprininos identificados na UE 107 do Ateneu Artístico Vilafranquense.



O predomínio dos ovicaprininos observado neste conjunto encontra-se igualmente noutros contextos modernos. Nos níveis dos séculos XV-XVI do MNR em Vila Franca de Xira observa-se uma situação semelhante sendo os ovicaprininos o grupo mais abundante, com os bovinos em segundo lugar (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 248-250). Isto observa-se igualmente em depósitos dos séculos XV-XVI em Évora (Antunes, 2004, p. 409), no Castelo de Evoramonte (Costa, 2009, p. 41-46), em Silves (Gomes *et alii.*, 1996, p. 71-72; Cardoso e Gomes, 1996, p. 253) e no Convento da Graça de Tavira (Lopes *et alii.*, 2006, p. 320-322); em contexto de lixeira dos séculos XVI-XVII em Carnide (Casimiro, Boavida e Detry, 2017, p. 116-117); em contexto dos séculos XV-XVII em Castro Marim (Davis, 2007, p. 15-17); assim como no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra, porém aqui em níveis da primeira metade do século XVII (Detry, Gambini e Corte-Real, 2014, p. 117-120). Neste último local observa-se igualmente idades à morte maioritariamente anteriores aos quatro anos de idade, embora se registre também uma abundância de indivíduos abatidos entre os 3-4 anos, possivelmente utilizados para a obtenção de produtos secundários e/ou reprodução (Detry, Gambini e Corte-Real, 2014, p. 117-120). Também em Coimbra a grande maioria dos ovicaprininos identificados corresponde a indivíduos juvenis ou subadultos, geralmente com menos de dois anos de idade (Lopes *et alii.*, 2006, p. 320-322). Em Évora a maioria das ovelhas identificadas corresponde a indivíduos jovens, enquanto as cabras apresentam idades de abate mais avançadas, situação que evidência uma preferência pelo consumo da carne de ovelha, nomeadamente cordeiros, enquanto a cabra seria utilizada maioritariamente para a produção de leite (Antunes, 2004, p. 410-411). Por outro lado, em Evoramonte (Costa, 2009, p. 42-43) e Castro Marim (Davis, 2007, p. 23-25) as percentagens de indivíduos adultos são superiores.

As idades à morte observadas nos ovicaprininos do Ateneu Artístico Vilafranquense, onde predominam indivíduos juvenis com menos de dois anos de idade, sugerem o abate para consumo de carne (Payne, 1973, p. 281-282).

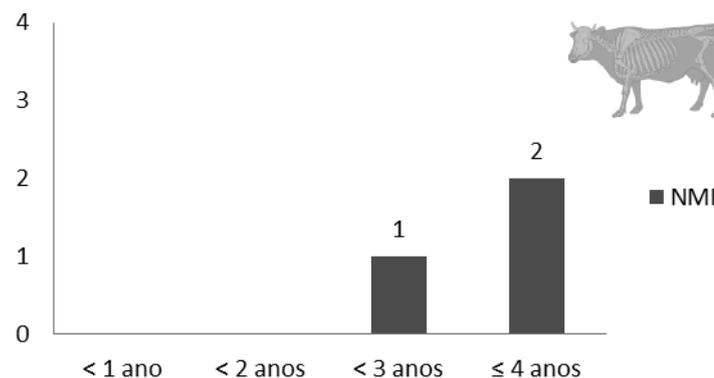
### *Vaca/boi (Bos taurus)*

Os bovinos representam 26% (NISP= 20) dos mamíferos identificados. Os elementos esqueléticos registados resultam sobretudo da cabeça (n= 7), membros anteriores (n= 6) e posteriores (n= 6).

Com base na idade de epifização do esqueleto foi possível identificar a presença de pelo menos três indivíduos, dos quais um terá sido abatido antes dos três anos de idade e outros dois antes dos quatro (Gráfico 10), o que sugere a possibilidade da utilização destes animais para a extracção de leite e/ou força de tracção (Costa, 2009, p. 41-46). Porém, estes não eram indivíduos idosos indicando que os recursos secundários que eles poderiam fornecer não eram essenciais para esta população, sendo a obtenção de carne provavelmente o objectivo principal.

A maioria dos restos de bovinos apresenta marcas de cutelo, nomeadamente os elementos do esqueleto apendicular. Observa-se igualmente uma mandíbula com marcas de cortes que poderão estar relacionadas com a acção de raspar para remover a pele.

**Gráfico 10** - Idade à morte dos bovinos identificados na UE 107 do Ateneu Artístico Vilafranquense.



### *Porco/javali (Sus sp.)*

Os suínos representam 14% (NISP= 11) dos mamíferos identificados neste depósito. Esta espécie encontra-se representada maioritariamente por elementos da cabeça (n= 8), bem como da cintura escapular e membros anteriores (n=2). Foi possível estimar a presença de pelo menos um indivíduo, cuja idade de abate terá sido inferior a dois anos.

A reduzida presença de porco verificou-se igualmente no Museu do Neo-Realismo (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 249), sugerindo que durante os séculos XV-XVI este animal não seria uma das principais fontes de carne para os habitantes do núcleo urbano de Vila Franca de Xira, dando-se preferência aos bovídeos.

### *Cavalo (Equus caballus)*

Os equídeos representam 1% (NISP= 1) dos mamíferos identificados. O único elemento reconhecido, um metatarso esquerdo, permite fixar a idade de abate nos 15 meses, sendo este um indivíduo jovem.

Não é raro encontrar restos de cavalos em contexto de lixeira de cronologia moderna, nomeadamente dos séculos XV-XVI (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 249; Gomes *et alii.*, 1996, p. 72; Cardoso, Gomes, 1996, p. 253) ou XVI-XVII (Casimiro, Boavida, Detry, 2017, p. 116-117), geralmente sem evidências que apontem para o seu consumo como é o caso no Ateneu Artístico Vilafranquense. Porém, encontram-se marcas de corte em restos de equídeos provenientes de contextos medievais de Santarém (Davis, 2006, p. 26-39) e em níveis do século XV em Évora (Antunes, 2004, p. 401), onde foram identificadas evidências de esfolagem. É possível que o cavalo, embora não faça parte da alimentação corrente da população, fosse aproveitado para consumo após a sua morte, ou utilizado na alimentação de cães (Davis, 2006, p. 41). Esta última hipótese afigura-se pouco provável neste contexto, já que não foram identificados quaisquer vestígios de cães no Ateneu Artístico Vilafranquense, nem marcas de mordido nos restos de cavalo. No entanto, a pele deste animal seria um recurso aproveitado após a sua morte, como sugerem as marcas de esfolagem identificadas em Évora.

### *Lebre/coelho (Leporidae)*

Os leporídeos, que corresponderão a lebres ibéricas (cf. *Lepus granatensis*) ou coelhos europeus (cf. *Oryctolagus cuniculus*), representam 6% (NISP= 6) dos mamíferos identificados. Os elementos esqueléticos reconhecidos permitem documentar a presença de pelo menos dois indivíduos. Considerando que o processamento de lebres e coelhos é relativamente simples, podendo ser preparados inteiros em contexto doméstico, é provável que os restos recuperados no Ateneu Artístico Vilafranquense resultem do descarte de consumo e não de talhante.

### *Veado (Cervus elaphus)*

Entre o material analisado, reconhecem-se seis fragmentos de mandíbula (8% dos mamíferos identificados) que apresentam alguma semelhança com o veado, mas cuja identificação é incerta (cf. *Cervus elaphus*) devido ao grau de fracturação dos mesmos. A ser confirmada, a presença desta espécie aponta para a caça de espécies selvagens. Esta espécie foi identificada em níveis dos séculos XIV-XVIII na Alcáçova de Santarém, assinalando a sua presença no Vale do Tejo durante o período moderno (Davis, 2006, p. 11-25).

### *Corço (Capreolus capreolus)*

O único resto identificado como corço corresponde a uma primeira falange cuja classificação permanece incerta (cf. *Capreolus capreolus*) para salvaguardar uma eventual confusão com um ovicaprino de estatura mais grácil de que não dispomos na colecção comparativa. Confirmando-se esta identificação, também o corço sugere a prática de actividades cinegéticas. À semelhança do veado, também esta espécie foi identificada na Alcáçova de Santarém, embora em níveis dos séculos IX-XII, assinalando a sua presença no Vale do Tejo pelo menos durante a Idade Média (Davis, 2006, p. 19-25).

**Tabela 19** Lista de mamíferos identificados na UE 107. Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada. MP= mamífero pequeno; MM= mamífero de tamanho médio; MMG= mamífero de tamanho médio/grande; MG= mamífero grande; ND= não identificável.

TÁXON	NISP	%	MNI	%
Carnivora				
Felidae				
<i>Felis</i> sp. – gato	2	2,56	1	6,25
Artiodactyla (Cetartiodactyla)				
Suidae				
<i>Sus</i> sp./cf. <i>Sus</i> sp. – porco/javali	11	14,10	1	6,25
Cervidae				
cf. <i>Cervus elaphus</i> – veado	6	7,69	1	6,25
cf. <i>Capreolus capreolus</i> – corço	1	1,28	1	6,25
Bovidae				
<i>Bos taurus</i> / cf. <i>Bos</i> sp. – vaca/boi	20	25,64	3	18,75
cf. <i>Capra hircus</i> – cabra	4	5,13	1	6,25
<i>Ovis aries</i> / cf. <i>Ovis aries</i> – ovelha	10	12,82	2	12,50
<i>Ovis</i> sp./ <i>Capra</i> sp. – ovelha/cabra	17	21,79	2	12,50
Perissodactyla				
Equidae				
<i>Equus caballus</i> – cavalo	1	1,28	1	6,25
Rodentia				
Sciuridae				
<i>Sciurus vulgaris</i> – esquilo	1	1,28	1	6,25
Lagomorpha				
Leporidae	5	6,41	2	12,50
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>78</b>	<b>100,00</b>	<b>16</b>	<b>100,00</b>
MP	3			
MM	110			
MMG	9			
MG	23			
ND	123			
<b>TOTAL</b>	<b>346</b>		<b>15</b>	

### Outros táxones

Além dos táxones descritos anteriormente, provavelmente relacionados com o consumo alimentar, identificaram-se ainda restos de gato (*Felis* sp.) e esquilo (*Sciurus vulgaris*). À semelhança do veado e do corço, também o esquilo sugere a exploração de zonas de bosque que existiriam nas imediações do Ateneu Artístico Vilafranquense. Embora pouco documentado em sítios arqueológicos destas cronologias, a presença desta espécie pode relacionar-se, por exemplo, com o aproveitamento da pele.

Em relação ao gato, a sua presença em contextos arqueológicos é comum, encontrando-se igualmente em níveis dos séculos XV-XVI no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 2250) e em Silves (Cardoso, Gomes, 1996, p. 253; Gomes *et alii.*, 1996, p. 71); em contexto dos séculos XV-XVII em Castro Marim (Davis, 2007, p. 15); e no Convento de Santa-Clara-a-Velha (Detry *et alii.*, 2014, p. 117-120), em níveis da primeira metade do século XVII.

Os mamíferos identificados nesta UE, especialmente os bovídeos, encontram-se representados maioritariamente por elementos da cabeça e do esqueleto apendicular. Contudo, a abundância de elementos do esqueleto axial, nomeadamente fragmentos de costelas e da cintura pélvica pertencentes a mamíferos de médio e grande porte indica que os bovinos, ovicaprinos e suínos registados podem encontrar-se representados por esqueletos relativamente completos.

No conjunto de aves encontram-se representadas espécies domésticas (galinha e pato), sendo estas as mais abundantes neste conjunto, assim como espécies que poderão ser selvagens (ganso-comum e pilrito) (Tabela 20).

### Galinha (*Gallus gallus domesticus*)

A galinha representa 80% (NISP= 12) das aves identificados neste contexto. Os elementos esqueléticos registados correspondem maioritariamente a elementos da cintura escapular e membros anteriores (n= 7), bem como dos membros posteriores (n= 3). A identificação de três coracóides direitos indica a presença de pelo menos três indivíduos, dos quais apenas um corresponderá a um indivíduo juvenil.

A galinha é geralmente a ave mais abundante nos contextos arqueológicos de época moderna, nomeadamente em contextos dos séculos XV-XVI no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 250) e em Beja (Moreno-Garcia, Pimenta, 2010, p. 262-263), assim como em níveis da primeira metade do século XVII no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra (Moreno-García e Detry, 2010, p. 46-51). Por outro lado, em Evoramonte, em contexto dos séculos XV-XVI, observa-se uma maior abundância de restos de galinhola do que de galinha doméstica (Costa, 2012, p. 816).

### Outros táxones

Além da galinha, identificou-se um ganso (*Anser* sp.), assim como um pato (*cf. Anas domestica*). Estas espécies estão por vezes associadas a contextos mais abastados, contudo poderiam igualmente ser obtidos pelas classes mais baixas através de caça (Moreno-Garcia, Pimenta, 2010, p. 270-272).

Observa-se ainda um escolopácideo que deverá corresponder a um pilrito (*cf. Calidris* sp.), mantendo-se, porém, algumas cautelas sobre esta classificação. À exceção deste, as espécies identificadas neste depósito encontram-se igualmente representadas no Museu do Neo-Realismo em Vila Franca de Xira (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 250).

**Tabela 20** Lista de aves identificadas no AAV - UE 107. Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada. ND= não identificável.

TÁXON	NISP	%	MNI	%
Anatidae				
<i>Anser anser</i> / <i>Anser</i> sp./cf. <i>Anser anser</i> – ganso comum	1	6,67	1	16,67
cf. <i>Anas domesticus</i> – pato doméstico	1	6,67	1	16,67
Phasinidae				
<i>Gallus gallus domesticus</i> /cf. <i>Gallus gallus domesticus</i> – galinha	12	80,00	3	50,00
Scolopacidae				
cf. <i>Calidris</i> sp. – pilrito	1	6,67	1	16,67
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>	<b>6</b>	<b>100,00</b>
ND	24			
<b>TOTAL</b>	<b>39</b>			

### 8.1.2. Recursos aquáticos

Nos moluscos, observa-se a presença de diversas espécies marinhas, nomeadamente o berbigão (*Cerastoderma* sp.), o mexilhão (*Mytilus* sp.), a ostra plana (*Ostrea edulis*), a lapa (*Patella* sp.), a amêijoia (cf. *Venerupis decussata*), o búzio (cf. *Muricidae*), e um gastrópode marinho (cf. *Turritellidae*), assim como uma espécie terrestre, o caracol (Tabela 21). O berbigão é aqui a espécie predominante, representando 58% (NISP= 64) dos restos identificados neste conjunto, contrariamente ao que se observa no Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira onde a ostra é o molusco mais abundante (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 247).

**Tabela 21** Lista de moluscos identificados na UE 107. Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada. ND= não identificável.

TÁXON	NISP	%	MNI	%
Cardiidae				
<i>Cerastoderma</i> sp. – berbigão	64	58,18	30	61,22
Mytilidae				
<i>Mytilus</i> sp. – mexilhão	30	27,27	7	14,29
Ostreidae				
<i>Ostrea edulis</i> – ostra plana	5	4,55	3	6,12
Patelidae				
<i>Patella</i> sp. – lapa	1	0,91	1	2,04
Veneridae				
cf. <i>Venerupis decussata</i> /cf. <i>Venerupis</i> sp. – amêijoia	5	4,55	3	6,12
cf. <i>Muricidae</i> – búzios	1	0,91	1	2,04
cf. <i>Turritellidae</i> – caracóis marinhos	1	0,91	1	2,04
Gastrópode Terrestre – caracóis terrestres	3	2,73	3	6,12
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>110</b>	<b>100,00</b>	<b>49</b>	<b>100,00</b>
ND	103			
<b>TOTAL</b>	<b>213</b>			

No conjunto de peixes identificaram-se espécies marinhas, nomeadamente a sardinha (cf. *Sardina pilchardus*), o besugo (*Pagellus* sp.), e o cação (cf. *Mustelus* sp.), assim como espécies que se podem encontrar tanto em ambiente marinho como fluvial, sendo estas a tainha (*Chelon* sp.) e um scorpaeniforme indeterminado (Tabela 22). A sardinha é a mais numerosa correspondendo a 81% (NISP= 30) dos restos identificados neste conjunto. Porém, o NMI de cada espécie é idêntico, encontrando-se cada uma representada por pelo menos um indivíduo.

Em termos de representação esquelética, a sardinha está representada maioritariamente por escamas (n= 17), bem como vértebras (n= 4) e costelas (n= 9). O besugo e a tainha foram identificados através de elementos da cabeça, enquanto o cação se encontra representado por vértebras (n= 2).

Dos peixes identificados, a tainha é a única espécie referida na documentação história relativa a Vila Franca de Xira, sendo mencionada nas memórias paroquiais como uma das espécies de peixe que se pode encontrar nesta zona do rio Tejo (Vargas, 1989-1990, p. 74).

**Tabela 22** Lista de peixes identificadas na UE 107. Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada. ND= não identificável.

TÁXON	NISP	%	MNI	%
Triakidae				
cf. <i>Mustelus</i> sp. - cação	2	5,41	1	20,00
Clupeidae				
cf. <i>Sardina pilchardus</i> - sardinha	30	81,08	1	20,00
Mugilidae				
<i>Chelon</i> sp. - tainha	2	5,41	1	20,00
Scorpaenidae				
cf. <i>Scorpaenidae</i>	1	2,70	1	20,00
Sparidae				
<i>Pagellus</i> sp. / cf. <i>Pagellus</i> sp. - besugo	2	5,41	1	20,00
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>37</b>	<b>100,00</b>	<b>5</b>	<b>100,00</b>
ND	31			
<b>TOTAL</b>	<b>68</b>			

### 8.1.3. Alterações tafonómicas

Os fragmentos de osso com vestígios de fogo provenientes deste depósito terão sofrido combustão após o seu descarte. De facto, a presença de fogo no silo encontra-se documentada através da existência no seu interior de uma bolsa de terra queimada, assim como a identificação de fragmentos de cerâmica totalmente queimados e fragmentos não queimados pertencentes à mesma peça, como vimos no conjunto de cerâmica. Esta hipótese é corroborada pelo facto dos ossos queimados serem residuais neste conjunto (7%, NISP= 24) (Gráfico 11) e encontrarem-se apenas no interior do silo e nos materiais descontextualizados do depósito superficial 101/201 e Recolha de Superfície.

Os ossos com marcas de corte e de cutelo são pouco abundantes (12% NISP) e encontram-se apenas em mamíferos. Observam-se igualmente marcas de raspagem em algumas mandíbulas de bovídeos. FIG. 92

**Fig. 92**  
Marcas de corte em fragmentos de costelas de mamíferos e num calcâneo de ovelha (à esquerda). Mandíbulas de vaca e de ovicaprino com vestígios de raspagem (à direita).

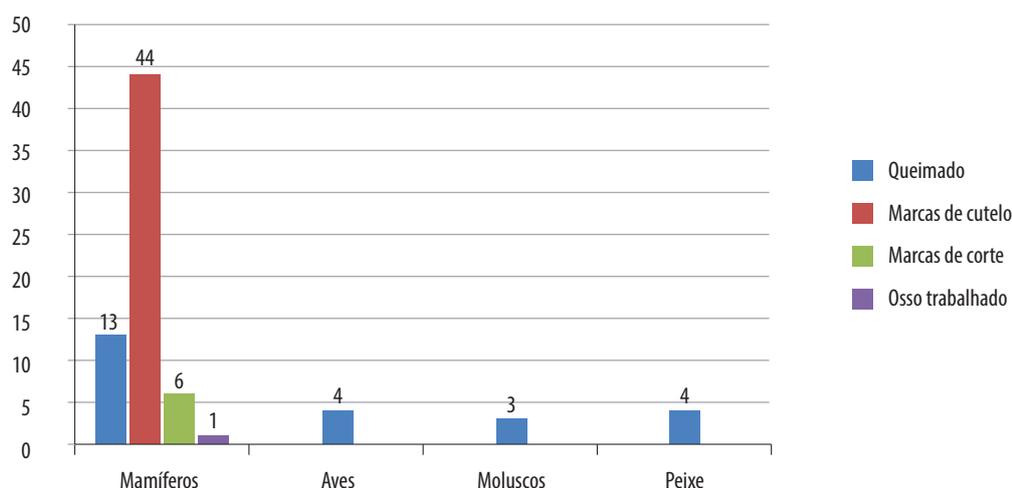


Relativamente aos objectos em osso trabalhado, regista-se no Ateneu Artístico Vilafranquense apenas um exemplar encontrado no interior do silo e corresponde a um fragmento de cabo de faca de pequenas dimensões. Este apresenta uma superfície alisada, sendo visíveis marcas de corte provavelmente provocadas pela acção de raspar. Não foi possível identificar o tipo de osso utilizado ou o animal ao qual terá pertencido, embora pareça tratar-se de um osso longo. Este objecto é o único vestígio de utilização secundária de ossos presente neste conjunto de espólio. As suas dimensões indicam tratar-se de uma faca de comer, provavelmente semelhante a exemplares identificados no Largo do Coreto em contexto situado entre o final do século XVI e meados do XVII (Boavida, 2017a, p. 1822-1832). FIG. 93



Fig. 93  
Fragmento de cabo de faca em osso trabalhado.

Gráfico 11 Alterações tafonómicas observadas (NISP) no conjunto arqueofaunístico da UE 107.



#### 8.1.4. Amostra de sedimento

A análise da amostra de sedimento proveniente deste depósito permitiu identificar, no crivo de 1 mm, fragmentos de peixe e de ossos pertencentes a mamíferos e/ou aves<sup>4</sup>, assim como sementes e carvões.

O sedimento continha abundância de carvões, assim como outros elementos carbonizados, indicando tratar-se de uma amostra da bolsa de terra queimada registada no interior do silo. Os fragmentos de peixe identificados, nomeadamente escamas e vértebras, correspondem aos restos de sardinha já referidos acima. Os restantes ossos, pertencentes a mamíferos e/ou aves, não puderam ser identificados devido ao seu estado de conservação. As sementes identificadas correspondem a cinco fragmentos, dos quais se identificaram

<sup>4</sup> Trata-se de 22 fragmentos que, por não ter sido possível atribuir ao grupo de mamíferos ou aves, não foram incluídos na quantificação dos restos.

dois elementos<sup>5</sup>. Estes correspondem a uma semente de linho (*Linum sp.*) e uma semente de azeitona (*Olea europea*).

No crivo de 0,5 mm não foi possível identificar espólio devido às dimensões muito reduzidas dos elementos e ao seu estado de conservação. Porém, é possível que alguns elementos correspondessem a fragmentos de espinhas de peixe.

A análise desta amostra de sedimento obriga-nos a reflectir sobre a riqueza de espólio que pode ser recuperada nos sítios arqueológicos quando se efectua crivagem dos sedimentos e recolha minuciosa dos materiais. Isto é particularmente importante em bolsas de terra queimada nas quais a combustão permite a conservação de material orgânico tal como sementes.

## 8.2. Estruturas negativas 106, 110, 111 e depósito 105

O conjunto de fauna da estrutura negativa 106, associada ao pavimento em lajes, é composto por um total de 23 restos que documentam a presença de mamíferos (66%, NISP= 5), aves (17%, NISP= 1) e conchas (4%, NISP= 1) (Tabelas 17 e 18).

O conjunto de fauna exumado no interior da estrutura negativa 111 é composto por um total de 138 restos que documentam a presença de moluscos (98%, NISP= 135) e mamíferos (2%, NISP= 3). Destaca-se o predomínio de moluscos neste depósito, contrariamente ao que observamos nos contextos anteriores.

No interior da estrutura negativa 110, assim como no depósito 105 associado ao pavimento em lajes, registam-se fragmentos de costela pertencentes a um mamífero médio porte, de espécie indeterminada.

### 8.2.1. Recursos terrestres

Na estrutura negativa 106, os restos analisados comprovam a presença de animais domésticos (vaca, ovinos/caprinos), assim como espécies que poderão ter sido obtidas através de caça (lebre/coelho). Os ovinos/caprinos (*Ovis/Capra sp.*) e os bovinos (*Bos taurus*) representam cada um 20% (NISP= 1) deste conjunto, enquanto os suínos (*Sus sp.*) correspondem a 40% (NISP= 2). Também os leporídeos correspondem a 20% (NISP= 1) dos mamíferos identificados, não tendo sido possível distinguir entre a lebre (cf. *Lepus sp.*) e o coelho europeu (cf. *Oryctolagus cuniculus*). No grupo das aves identificou-se o ganso-comum (*Anser anser*).

No grupo de mamíferos proveniente da estrutura negativa 111 foi possível identificar um fragmento de osso longo que, pela sua dimensão, deverá corresponder a um bovino (cf. *Bos taurus*). Contudo, esse elemento não permite certezas sobre esta classificação.

### 8.2.2. Recursos aquáticos

Na estrutura negativa 106, os moluscos encontram-se representados através de um resto correspondente a mexilhão (*Mytilus sp.*).

As espécies de moluscos identificadas no interior da estrutura negativa 111 correspondem a espécies marinhas, nomeadamente à craca (cf. *Balanus perforatus*), ao berbigão (*Cerastoderma sp.*) e ao mexilhão (*Mytilus sp.*). O berbigão é a mais abundante, representando 72% (NISP= 96) dos restos identificados, situação já observada no silo.

<sup>5</sup> Estas sementes foram identificadas por Patrícia Mendes, técnica de palinologia do LARC.

### 8.3. Tanque 303

O conjunto de fauna proveniente do preenchimento do tanque 303 é composto por um total de 56 restos que representam mamíferos (30%, NISP= 17), aves (53%, NISP= 35) e conchas (7%, NISP= 4) (Tabelas 17 e 18). Destaca-se o predomínio de aves neste depósito, diferindo do que observamos nos contextos anteriores.

#### 8.3.1. Recursos terrestres

Nos mamíferos encontram-se representadas espécies domésticas (vaca, ovelha, cavalo).

O grupo de ovicapríneos (*Ovis aries/Capra sp.*), este representa 38% (NISP= 3) dos mamíferos identificados. Os restos analisados sinalizam a presença de pelo menos uma ovelha. Os bovinos (*Bos taurus*) correspondem a 25% (NISP= 2) deste conjunto, com a presença de pelo menos um indivíduo. Os suínos (*Sus sp.*) representam 25% (NISP= 2) dos mamíferos identificados, tendo-se identificado a presença de pelo menos dois indivíduos. Os equídeos (*Equus caballus*), que representam 13% (NISP= 1), correspondem a um indivíduo, também este sem marcas de consumo visíveis.

Nas aves encontra-se representada uma espécie doméstica (galinha), sendo esta predominante, assim como uma espécie que poderá ser selvagem (ganso-comum).

A galinha (*Gallus gallus domesticus*) representa 97% (NISP= 30) das aves identificadas, sendo a mais abundante neste depósito. Esta encontra-se representada maioritariamente por elementos da cintura escapular e membros anteriores (n= 13), bem como elementos dos membros posteriores (n= 14), à semelhança do que observamos no silo. Esta situação pode justificar-se por questões tafonómicas e não por uma preferência alimentar. A abundância de indivíduos jovens, nos quais alguns ossos ainda não estariam totalmente formados e por isso não se terão preservado, poderá ter impactado o conjunto que chegou até nós. De facto, neste depósito todos os ossos de galinha identificados apresentavam epífises não fusionadas, indicando que se trata de indivíduos juvenis (Moreno-García e Detry, 2010, p. 52). Por outro lado, é possível que as cabeças destes animais fossem descartadas noutra local, talvez no açougue onde estes poderão ter sido procurados. No caso do ganso (*Anser anser*), os restos analisados sugerem a presença de um animal adulto.

Embora as galinhas sejam uma fonte de ovos, produto secundário relevante na alimentação, é possível que a população do Ateneu Artístico Vilafranquense não mantivesse estes animais em cativeiro e os adquirisse apenas para consumo de carne, o que a idade de abate dos indivíduos identificados sugere ser o principal objectivo.

Nas aves, a menor incidência de cabeças em relação aos restantes elementos do esqueleto observa-se igualmente noutros contextos de época moderna, nomeadamente em Évora em contexto do século XV (Antunes, 2004, p. 406-415), em Beja em contexto dos séculos XV-XVI (Moreno-García e Pimenta, 2010, p. 265), bem como em níveis da primeira metade do século XVII no Convento de Santa-Clara-a-Velha de Coimbra (Moreno-García e Detry, 2010, p. 50-51).

#### 8.3.2. Recursos aquáticos

Nos moluscos observa-se a presença de espécies marinhas, nomeadamente o berbigão (*Cerastoderma sp.*) e um gastrópode marinho (*Littorina sp.*). Tal como nos depósitos anteriores, o berbigão é o molusco predominante representando 75% (NISP= 3) dos restos identificados.

#### 8.4. Depósito superficial 101/201 e Recolha de Superfície

O conjunto de fauna do depósito superficial 101/201 é composto por um total de 81 restos que representam mamíferos (93%, NISP= 75), aves (6%, NISP= 5) e conchas (1%, NISP= 1). Na Recolha de Superfície observa-se um total de 56 restos representando mamíferos (59%, NISP= 33), aves (14%, NISP= 8) e conchas (27%, NISP= 15) (Tabelas 23 e 24).

##### 8.4.1. Recursos terrestres

Em todos estes contextos os restos analisados documentam maioritariamente a presença de animais domésticos (vaca, cabra).

Considerando em conjunto o grupo de ovicaprinos (*Ovis aries/Capra hircus*) este representa 45% (NISP= 10) dos mamíferos identificados no depósito 101/201 e 33% (NISP= 5) na Recolha de Superfície. Os bovinos (*Bos taurus*) representam 36% (NISP= 1) dos mamíferos identificados no depósito 101/201 e 33% (NISP= 1) na Recolha de Superfície. Os suínos (*Sus sp.*) representam 18% (NISP= 1) dos mamíferos identificados no depósito 101/201 e 27% (NISP= 1) na Recolha de Superfície. Na Recolha de Superfície observa-se ainda restos de uma fuinha (cf. *Martes sp.*), representada por uma primeira falange. Porém, o estado de conservação desse elemento indica que este animal deverá corresponder a uma intrusão, sendo mais recente do que o contexto em estudo.

A representação esquelética dos mamíferos destas unidades assemelha-se à situação observada no silo, com a presença maioritária de elementos do esqueleto apendicular e da cabeça.

Em relação às alterações tafonómicas, apenas 7% (n= 5) dos restos de mamíferos do depósito superficial 101/201 se encontram queimados e 13% (n= 10) apresentam marcas de corte. Destas somente uma corresponde a marcas de consumo, sendo as restantes marcas de cutelo. Na Recolha de Superfície observa-se apenas um osso queimado, estando as marcas de corte presentes em 21% (n= 7) do conjunto de mamíferos. Destas, quatro correspondem a marcas de cutelo e três a marcas de consumo.

Nas aves presentes no depósito 101/201 e na Recolha de Superfície encontra-se representada uma espécie doméstica (galinha), sendo esta predominante, assim como espécies que poderão ser selvagens (pato-real, abetarda, pombo torcaz e maçarico/fuselo).

A galinha (*Gallus gallus domesticus*) representa 33% (n= 3) das aves identificadas no depósito 101/201 e 40% (n= 2) na Recolha de Superfície. A análise dos restos sugere que deverão corresponder a indivíduos adultos. No depósito 101/201 foram ainda identificados restos de um pato-real (*Anas platyhynchos*) e uma abetarda (*Otis tarda*). Na Recolha de Superfície observam-se também vestígios de um pato-real (*Anas platyhynchos*), assim como restos de um pombo (*Columba palumbus*) e de um escolopácideo. Este último poderá corresponder a um maçarico ou fuselo (cf. *Limosa sp.*), embora não seja possível ter certezas sobre esta classificação. À exceção dos restos de abetarda, todos estes elementos encontram-se fusionados, indicando que corresponderão a indivíduos adultos.

O único fragmento de osso com vestígios de mordido identificado no Ateneu Artístico Vilafranquense corresponde a um fragmento de ave da Recolha de Superfície. Não foi possível reconhecer a que animal este corresponde, mas as características das mordidas indicam que terão sido produzidas por um carnívoro, possivelmente um gato, dada a sua presença comprovada neste contexto.

### 8.4.2. Recursos aquáticos

Nos moluscos presentes no depósito 101/201 e na Recolha de Superfície observa-se a presença de espécies marinhas, sendo estas o berbigão (*Cerastoderma* sp.), o mexilhão (*Mytilus* sp.), e a ostra (*Ostrea edulis*). Na primeira foi identificada uma ostra, sendo também esta a espécie predominante na Recolha de Superfície, representando 60% (n= 9) dos moluscos identificados.

**Tabela 23** Síntese dos mamíferos e aves identificados no AAV (NISP por UE). Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada.

MAMÍFEROS	104		107		112		304		101/201		SUPERFÍCIE	
	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%
Mustelidae											1	6,67
Felidae			2	2,56								
Suidae	2	40,00	11	14,10			2	25,00	4	18,18	4	26,67
Cervidae			7	8,97								
Bovidae	2	40,00	51	65,38	1	100,00	5	62,50	18	81,82	10	66,67
Equidae			1	1,28			1	12,50				
Sciuridae			1	1,28								
Leporidae	1	20,00	5	6,41								
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>5</b>	<b>100,00</b>	<b>78</b>	<b>100,00</b>	<b>1</b>	<b>100,00</b>	<b>8</b>	<b>100,00</b>	<b>22</b>	<b>100,00</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>

AVES	104		107		304		101/201		SUPERFÍCIE			
	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%		
Anatidae	1	100,00	2	13,33			1	3,23	1	33,33	1	20,00
Phasinidae			12	80,00			30	96,77	1	33,33	2	40,00
Scolopacidae			1	6,67							1	20,00
Otidiae								1	33,33			
Columbidae										1	20,00	
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>1</b>	<b>100,00</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>			<b>31</b>	<b>100,00</b>	<b>3</b>	<b>100,00</b>	<b>5</b>	<b>100,00</b>

**Tabela 24** Síntese dos moluscos e peixes identificados no AAV (NISP por UE). Percentagens calculadas apenas para a fracção identificada.

MOLUSCOS	104		107		112		304		101/201		SUPERFÍCIE	
	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%	NISP	%
Balanidae					1	0,75						
Cardiidae			64	58,18	96	71,64	3	75,00			5	33,33
Littorinidae							1	25,00				
Mytilidae	1	100,00	30	27,27	37	27,61					1	6,67
Ostreidae			5	4,55					1	100,00	9	60,00
Patelidae			1	0,91								
Veneridae			5	4,55								
cf. Muricidae			1	0,91								
cf. Turritellidae			1	0,91								
Gastropode Terrestre			3	2,73								
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>1</b>	<b>100,00</b>	<b>110</b>	<b>100,00</b>	<b>134</b>	<b>100,00</b>	<b>4</b>	<b>100,00</b>	<b>1</b>	<b>100,00</b>	<b>15</b>	<b>100,00</b>

PEIXES	107	
	NISP	%
Elasmobranchii	2	5,41
Clupeidae	30	81,08
Mugilidae	2	5,41
cf. Scorpaenidae	1	2,70
Sparidae	2	5,41
<b>TOTAL IDENTIFICADO</b>	<b>37</b>	<b>100,00</b>

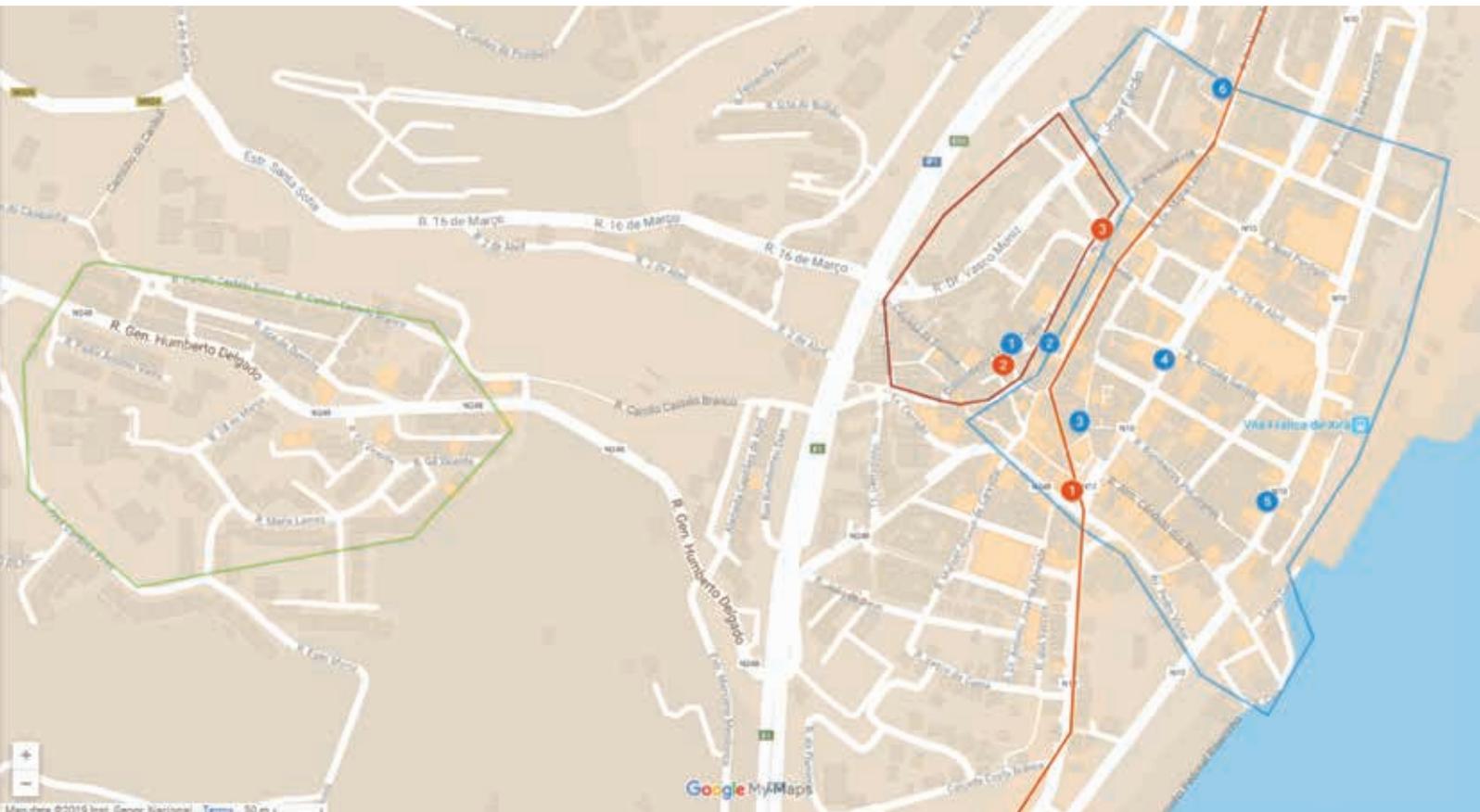
## 9. Urbanismo

Vila Franca de Xira formou-se através da junção de duas povoações: Vila Franca e Xira, terras que foram alvo de diversas doações ao longo dos séculos. A povoação de Xira terá origens pré-romanas, altura em que se chamaria *Iera*, tendo posteriormente uma ocupação islâmica até ser conquistada por D. Afonso Henriques no século XII, passando a ser conhecida como Cira ou Xira<sup>6</sup> (Guerra, 1998, p. 164-165). Este povoamento situar-se-ia na zona do actual bairro do Bom Retiro, a Noroeste do núcleo histórico da actual cidade de Vila Franca de Xira. Cira ou Xira foi inicialmente doada por D. Afonso Henriques a cruzados ingleses, sendo posteriormente cedida por D. Sancho I a D. Froila Hermigues, em 1206 (Lucas, 2003, p. 99-107). Quanto à povoação de Vila Franca, terá origem numa doação de terras feita por D. Sancho I a cruzados flamengos, em 1200, defendendo uns que esta se situaria na zona da actual cidade de Azambuja (Barbosa, 1995, p. 58, Ferro, 1996, p. 26), ao passo que outros consideram que esta doação se reporta a Cira (Macedo, 1992, p. 12-13).

Certo é que os dois núcleos se fundiram formalmente em 1212, através de carta de foral outorgada por D. Froila Hermigues aos moradores de Xira e de Vila Franca, duas terras que teria na sua posse. Desta junção resultou a nova povoação de Vila Franca de Xira (Camacho, 1985a, p. 157-159; 1994, p. 33; Lucas, 2003, p. 99-102). Em 1228, D. Froila Hermigues doou as suas terras à Ordem do Templo. A vila permaneceu na posse desta ordem até à sua extinção, sendo nessa época transferida para a nova Ordem de Cristo (Nunes e Silva, 2013, p. 59). Este primitivo núcleo medieval estaria situado entre a actual Rua Santo António, a Rua da Barroca de Cima, a Rua Comendador Miguel Esguelha, a Rua Gomes Freire e a Calçada da Fonte Nova (Amaral, 1991a, p. 44; Macedo, p. 1992, p. 12; Lucas, 2003, p. 104-111). FIG. 94

Em 1510, D. Manuel I, mestre da Ordem de Cristo, outorgou a Vila Franca de Xira uma nova carta de foral (Camacho, 1985a, p. 160-168). Terá sido nesta época, entre final do século XV e o início do XVI, que a vila se expandiu do seu núcleo medieval para a zona ribeirinha a Sudeste (Lucas, 2003, p. 104-111). A expansão urbana é evidenciada pela identificação, a Sudeste desse núcleo medieval, de diversas lixeiras domésticas datando na sua maioria dos séculos XV-XVI, eventualmente associadas a zonas de habitação. Estas situavam-se no sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense, Museu do Neo-realismo, Rua José Dias da Silva e Rua Serpa Pinto (Pimenta, Mendes, 2016, p. 194-197). Na Rua Comendador Miguel Esguelha foram ainda identificados níveis de aterro medievais e modernos (Pimenta, Mendes, 2010). Contudo, as intervenções arqueológicas efectuadas para a construção do Museu do Neo-realismo confirmaram a presença nesse local de níveis medievais, nomeadamente estruturas negativas preenchidas com materiais dos séculos XII a XIV, bem como um poço entulhado no século XIII, indicando que esta área já seria ocupada anteriormente à presumida expansão quinhentista da vila. De facto, é plausível que tenha existido ocupação medieval nas imediações da Estrada Real, antiga via romana *Olisipo-Scallabis* cujo troço correspondente à Rua Alves Redol foi desviado para a Rua Miguel Bombarda, a Norte, durante o início do século XV (Pimenta e Mendes, 2006, p. 67-79). Estes vestígios arqueológicos permitem sugerir que o núcleo medieval de Vila Franca de Xira terá abrangido uma área mais extensa do que anteriormente se pensava, estendendo-se talvez até à Rua Alves Redol. Também a localização dos principais edifícios religiosos da vila

<sup>6</sup> Macedo sugere que Cira significava mata ou brenha, relacionando o nome do assentamento com a paisagem local (1992: 12).



**Fig. 94**  
Evolução urbanística de Vila Franca de Xira, segundo Lucas (2003), modificado; Localização de contextos tardomedievais e modernos identificados através de intervenções arqueológicas; Localização dos antigos edifícios notáveis da vila.

### Vila Franca de Xira\*

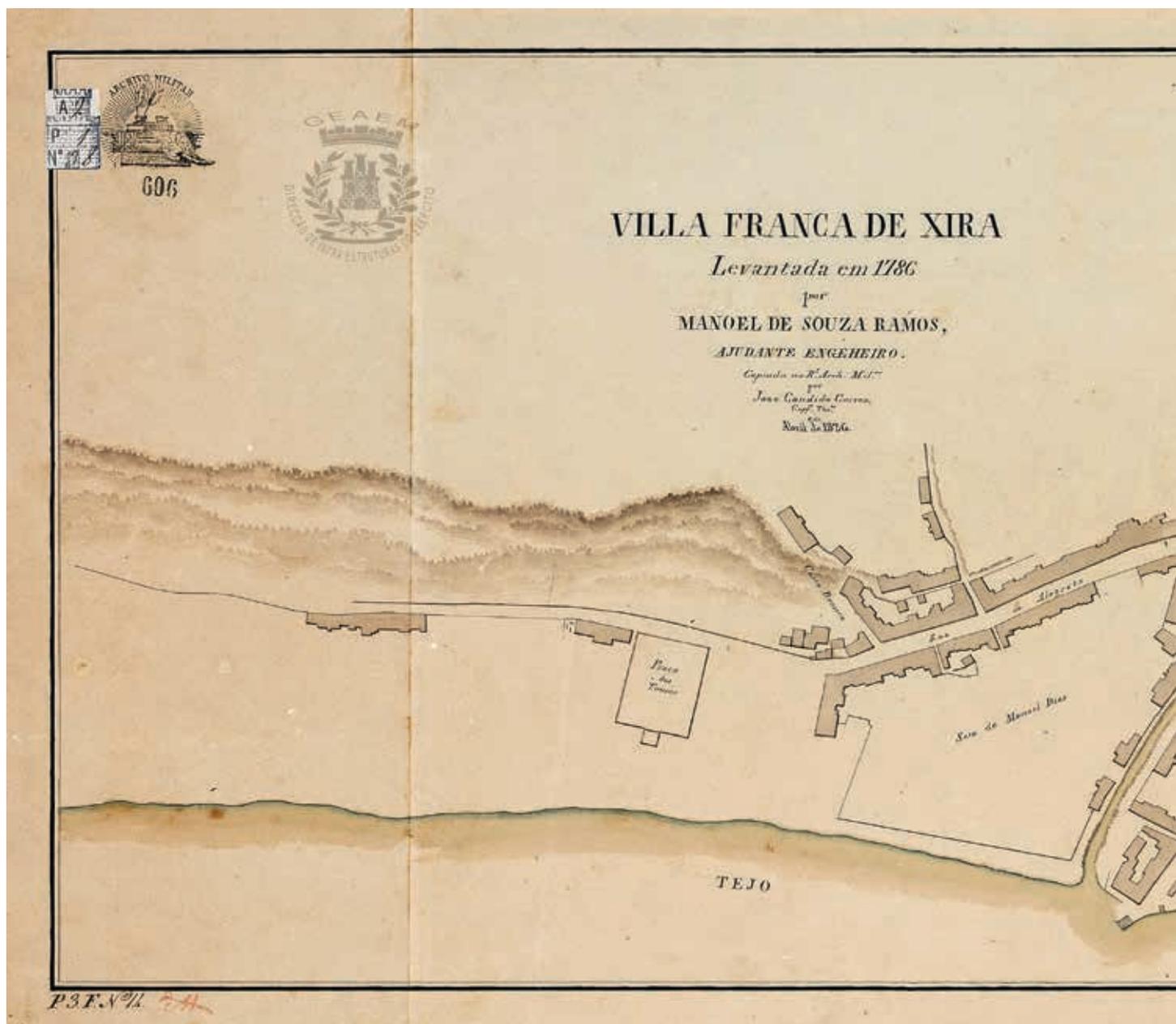
-  Localização de Cira
-  Núcleo medieval
-  Expansão do núcleo urbano em período moderno

### Contextos arqueológicos tardomedievais e modernos

1. R. Comendador Miguel Esguelha nº41-49
2. Ateneu Artístico Vilafranquense
3. R. José Dias da Silva nº9-11
4. Museu do Neo-Realismo
5. Rua Serpa Pinto nº65
6. Ermida do Mártir Santo São Sebastião

### Edifícios notáveis

1. Casa da Câmara
2. Igreja e Albergaria do Espírito Santo
3. Igreja Matriz
-  Estrada Real



reforça esta hipótese. Segundo a localização do núcleo medieval proposta por Lucas (2003, p. 104-111), a Igreja Matriz situar-se-ia nas franjas desse, o que nos parece pouco provável dada a posição central que estes edifícios normalmente ocupam nos aglomerados urbanos. Contudo, o conhecimento actual não permite depreender se os níveis medievais registados no Museu do Neo-realismo correspondem a uma ocupação periurbana dessa área, eventualmente contendo algumas estruturas habitacionais, ou se esta seria utilizada apenas para despejo de lixos. Já os contextos de lixeira dos séculos XV-XVI indicam que, nessa época, a ocupação da vila já se estendia até ao rio. De facto, na Rua Serpa Pinto, situada na zona ribeirinha, registaram-se níveis de despejo de resíduos domésticos que estarão associados à presença de uma cozinha quinhentista (Pinto, 2005, p. 61-65).

Entre os séculos XV-XVI, as vilas e cidades portuguesas foram alvo de alterações urbanísticas, que resultaram na expansão de um novo modelo de traçado regular. Os núcleos

Fig. 95

Planta de Vila Franca de Xira realizada em 1786 por Manoel de Souza Ramos (In Pimenta, Mendes, 2016, p. 190-191). Observa-se a localização da Ribeira de Santa Sofia no centro da planta, entre a Rua do Alegrete e a praça da Câmara Municipal.



dicularmente pela Corredora (actual Rua da Bélgica), a principal rua travessa deste núcleo urbano. Outras ruas terão sido criadas nesta época, paralelas à Rua Direita e à Corredora, formando um traçado regular que se estendia até ao rio. Estas são a Rua do Açougue (actual Rua Dr. Jacinto Nunes), Rua das Pedras (actual Rua Sacadura Cabral), Rua dos Mercadores (actual Rua Cândido Reis), Rua Nova (actual Rua Almeida Garret), Rua da Ribeira (actual Rua Serpa Pinto) e Rua dos Cais (actual Rua Almirante Cândido dos Reis). A maioria destas ruas, também referidas na obra de Amaral (1991a, p. 49-125), encontra-se representada na planta de 1786, onde vemos ainda a localização da Ribeira de Santa Sofia. FIG. 95

O sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense, objecto do nosso estudo, encontrava-se, portanto, no núcleo medieval da cidade de Vila Franca de Xira, nas imediações Estrada Real, transformada em Rua Direita aquando da expansão dos séculos XV-XVI. Em relação à Rua Direita, Amaral indica que esta se estende “desde as casas de D. Rita Perpétua até S. Sebastião ao fim da Vila” (1991a, p. 54). A Ermida do Mártir Santo São Sebastião terá sido mandada construir pelo rei D. Sebastião em 1576 (Pimenta e Mendes, 2016, p. 198; Martinho e Monteiro, 2001, p. 55). Porém, as intervenções arqueológicas realizadas no local apontam para a construção de um edifício anterior, nos finais do século XV, provavelmente uma primitiva ermida (Pinto, Ferreira, 2001, p. 12-15). Sendo estes edifícios habitualmente erguidos nas margens das vilas, podemos situar nesse local o limite Norte do núcleo urbano quinhentista. Assim, o sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense encontrou-se em época moderna num espaço central da vila. Embora afastado da Casa da Câmara, que se situava a cerca de 150 metros no Largo do Município, actual Praça Afonso de Albuquerque, este local encontrava-se implantado entre edifícios religiosos relevantes, nomeadamente a antiga Igreja Matriz, a cerca de 125 metros a Norte, e a Igreja e Albergaria do Espírito Santo, a 40 metros Sul (Figura 95). A antiga Igreja Matriz, provavelmente construída no século XIII, localizava-se no actual Largo Conde de Ferreira. Esta foi destruída pelo terra-



moto de 1755 mas encontra-se representada no desenho de Baldi, onde podemos observar a sua monumentalidade comparativamente aos restantes edifícios (Martinho e Monteiro, 2001, p. 39-40; Pimenta e Mendes, 2016, p. 198). A Igreja e Albergaria do Espírito Santo, erguidas no Largo do Espírito Santo entre os séculos XIV e XV, foram transformadas em 1563 na Santa Casa da Misericórdia e Hospital do Espírito Santo. Também estes edifícios foram destruídos durante o terramoto de 1755, embora tenham sido posteriormente reedificados no mesmo local (Lucas, 2003, p. 110; Martinho e Monteiro, 2001, p. 48-50).

A primeira Casa da Câmara de Vila Franca de Xira e o seu pelourinho terão sido erguidos no século XVI, no seguimento de um alvará de D. João III datado de 1530 (Amaral, 1991a, p. 47). À semelhança da Misericórdia, o edifício da Câmara Municipal foi reconstruído no mesmo local após o terramoto de 1755. Da antiga estrutura resta apenas uma pedra de armas, onde está representada a esfera armilar, a cruz da Ordem de Cristo e as armas de Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2016, p. 189-192). FIG. 96

Assim, se as escavações arqueológicas realizadas no Ateneu Artístico Vilafranquense, em 2007 permitem-nos compreender melhor este espaço, subsistem diversas questões relativamente ao seu enquadramento no seio do aglomerado urbano.

Em relação à evolução da sua ocupação, identificaram-se diversas fases:

#### I. Século XIII a finais do século XV

Esta fase, de datação hipotética, corresponderá à primeira ocupação do espaço representada pela utilização do silo 108 como estrutura de armazenamento, antes da sua desactivação e início do seu preenchimento com resíduos domésticos entre finais do século XV e inícios do XVI. O período de utilização do tanque 303 também deverá situar-se nesta época. Assim, coloca-se a datação desta fase entre o momento de fundação da povoação de Vila Franca de Xira, em 1212, e a desactivação do silo. Esta fase de ocupação encontra-se

Fig. 96  
Vista de Vila Franca de Xira realizada entre 1668 e 1669 (In Baldi, 1668-69, p. 60).



ainda evidenciada pela presença de um dinheiro que deverá enquadrar-se entre meados do século XIII e finais do XIV.

É possível que nesta fase este espaço aberto funcionasse como zona de quintal anexo a uma habitação, eventualmente nas franjas do núcleo medieval. Não se pode, porém, afastar a hipótese desta área ter então constituído uma zona periurbana dedicada ao armazenamento de víveres e à laboração agro-pastoril, sem qualquer espaço de habitação permanente.

## II. Final do século XV e inícios do século XVI

Esta fase corresponde ao preenchimento da estrutura negativa 106, bem como dos referidos silo 108 e tanque 303, datando-se os respectivos materiais mais recentes dos séculos XV-XVI. No caso do silo, a datação dos materiais cerâmicos indica que este terá sido preenchido entre os séculos XV-XVI, embora tenham sido identificados fragmentos residuais de produções associados aos séculos XIII-XIV. Já os objectos vítreos e metálicos apontam para uma cronologia mais estreita situada entre o final do século XV e início do XVI. A identificação de um ceitel de D. João II, sendo este o objecto de cronologia segura mais recente registado no interior do silo, coloca o preenchimento dessa estrutura no final do século XV. Todavia, tendo em consideração o período de circulação dos numismas, podemos eventualmente avançar a cronologia de formação deste depósito para os inícios do século XVI. Também os objectos metálicos identificados no interior do tanque apontam para a sua desactivação entre os séculos XV-XVI.

Nesta fase o poço 203 encontrar-se-ia em funcionamento, embora não tenha sido possível averiguar a sua data de construção por a estrutura não ter sido escavada em profundidade. É provável que esta fase II corresponda igualmente à utilização deste espaço aberto como zona quintal, provavelmente anexo a uma habitação. Paralelamente, esta fase poderá relacionar-se apenas com o entulhamento das estruturas no seguimento da destruição que terá sido causada pelo terramoto de 1531. Em todo o caso, dado o importante volume de detritos domésticos descartados para o interior daquelas estruturas, parece evidente a existência no entorno de habitações de carácter permanente, pelo que esta área já estaria então relativamente consolidada em termos urbanos.

## III. Segunda metade do século XVI e século XVII

Fase de preenchimento da estrutura negativa 111, que terá ocorrido entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, com base na datação da cerâmica mais recente identificada.

## IV. Final do século XVII a final do século XVIII

Baseado na datação de um azulejo encontrado no seu interior, o preenchimento do poço terá ocorrido entre o final do século XVII e o terceiro quartel do século XVIII, antes da construção do edificado visível na planta de 1786, que o terá anulado. Algures nesta data toda a zona terá sido aterrada para dar lugar a esta construção.

As unidades superficiais 101/201 e a Recolha de Superfície possuem materiais cerâmicos com cronologias situadas entre os séculos XIII e XVIII, sendo a cerâmica de Bruges a mais recuada e a faiança portuguesa a mais recente. Também os numismas identificados na Recolha de Superfície abrangem uma larga cronologia, desde o final do século XV até ao final do século XVIII. O espólio presente nestas unidades poderá corresponder a

materiais que se encontravam nos níveis superficiais das estruturas identificadas, tendo sido afectados por anteriores terraplanagens que terão espalhado o seu conteúdo pela área intervencionada. O resultado da colagem de fragmentos efectuada suporta esta hipótese. De facto, as unidades correspondentes ao preenchimento das estruturas, nomeadamente do silo, apenas registaram colagens com as unidades descontextualizadas e nunca entre si. Assim, podemos afirmar que cada estrutura corresponde a um depósito/contexto isolado, embora possam ter sido criados pela mesma população em momentos contemporâneos. Contudo, a identificação de uma moeda de D. Maria I, com a data de 1797, sugere que estes níveis de superfície contêm alguns materiais mais recentes que a construção do edificado patente na planta de 1786. Dado o carácter revolvido das unidades 101/201 e Recolha de Superfície, esses materiais podem corresponder a intrusões ou objectos perdidos aquando de reestruturações mais recentes deste espaço.

Em relação à estrutura negativa 110 não foram identificados materiais datantes que permitam aferir a sua cronologia.

#### V. Séculos XIX-XXI

Esta fase corresponde à demolição do edificado registado na planta de 1786 e a construção do antigo edifício do Ateneu Artístico Vilafranquense, ocorrida durante o século XIX.

No que toca às estruturas reveladas nesta intervenção, o caso do silo 108 é o mais claro. De facto, este é morfologicamente idêntico a um silo identificado na encosta do castelo de Evoramonte que terá sido preenchido entre o final do século XV e início do XVI (Costa e Liberato, 2007, p. 639). Trata-se de uma estrutura muito comum nos aglomerados urbanos portugueses medievais. Inicialmente utilizado para o armazenamento de alimentos, particularmente cereais, os silos eram entulhados quando a sua função de armazenamento se tornava obsoleta, podendo ser substituídos por talhas ou pela utilização de celeiros (Silva, 2003, p. 57). Terminada a sua função de armazenamento, estes serviam muitas vezes como fossa para o despejo de resíduos. O silo 108 poderá ter pertencido a uma estrutura habitacional localizada nas suas imediações, à semelhança do que se observa em alguns silos medievais identificados em Almada (Rosa, 2019, p. 74).

As restantes estruturas negativas têm função incerta. Estas apresentam uma dimensão demasiado reduzida para terem um uso prolongado enquanto fossas para despejo de lixo. Dadas as suas morfologias irregulares e muito reduzida profundidade, as estruturas 106 e 110 não terão sido formadas com o objectivo de armazenar resíduos, sendo provavelmente fossas aproveitadas para esse fim durante eventuais remodelações do espaço. A estrutura 111, de morfologia circular e perfil troncocónico, poderá corresponder ao negativo do assentamento de uma talha. Uma situação semelhante verificou-se em Leiria, na zona da antiga judiaria, onde foram registados negativos análogos “interpretadas como bases de assentamento para talhas” (Filipe e Pinto, 2012, p. 173-177), de cronologia moderna.

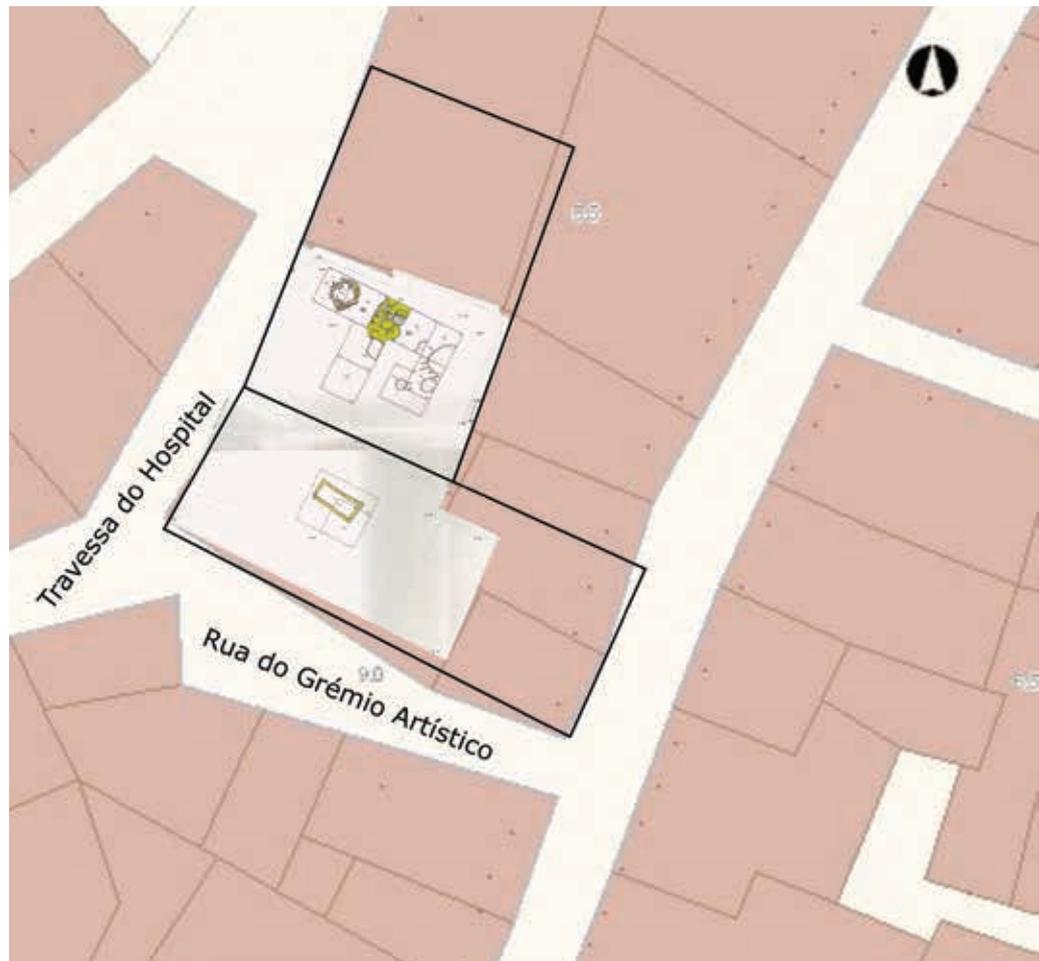
Relativamente à integração destas estruturas na malha urbana de Vila Franca de Xira, parece-nos claro que, antes da construção do edifício existente na planta de 1786, este terá sido um espaço aberto, possivelmente um pátio anexo de uma habitação. Porém, permanecem dúvidas sobre as dimensões originais desse espaço, assim como a sua pertença a um único ou diversos lotes distintos. Tendo em consideração que o sítio não foi escavado na totalidade, não é possível confirmar a existência de uma ligação entre a Área 1 e 2, se estes espaços se encontravam anexados a estruturas de habitação ou se se trata de uma zona comunitária. Em todo o caso, a inexistência de vestígios de qualquer tipo de divisão na



Fig. 97 e 98  
Proposta de  
implantação de lotes  
de habitação na área  
do Ateneu Artístico  
Vilafranquense.

Área 1 permite considerar que esta zona pertenceria a um mesmo espaço aberto com pelo menos cerca de 70m<sup>2</sup> (10x7m). O pavimento de argamassa e lajes identificado nesta área poderá corresponder ao piso deste espaço de quintal. No entanto, este troço de pavimento encontrava-se cortado de todos os lados, sendo impossível compreender se se estendia por toda a área ou se limitava ao troço identificado. A regularidade dos cortes laterais não parece compatível com uma acção de destruição de um piso que se estendesse por toda a área, sendo provável que a largura conservada seja a original, embora o comprimento permaneça incerto (Figura 9). Dessa forma, é possível que este pavimento correspondesse a uma zona de passeio associada à entrada de uma habitação, hipótese plausível tendo em conta as dimensões do troço conservado (Gonçalves, 1996, p. 91). Outro pequeno troço de pavimento lajeado, muito semelhante ao do Ateneu Artístico Vilafranquense, foi identificado durante a intervenção arqueológica na Rua Serpa Pinto, em Vila Franca de Xira, sendo datado do século XVIII. Este era composto por lajes de grandes dimensões, assentes sobre um nível de argamassa e cal e, segundo os responsáveis pela escavação, poderá corresponder a “uma entrada lateral do edifício” setecentista que se encontra lá implantado (Pinto, 2005, p. 50). Dessa forma, podemos propor que a Área 1 do Ateneu Artístico Vilafranquense corresponda a um quintal lateral, anexo de uma habitação situada a Norte desse espaço, sobre a Travessa do Hospital. FIG. 97 E 98

Os espaços não construídos anexos às habitações, geralmente localizados nas suas traseiras, eram comuns nos séculos XV-XVI. Na Baixa Idade Média os quintais possuíam dimen-



sões variáveis dependendo da densidade demográfica do núcleo urbano e consequente espaço disponível, assim como da situação económica dos proprietários. No entanto é comum apresentarem dimensões entre 50-100m<sup>2</sup>. A sua função poderia ser múltipla, não sendo rara a presença de poços para o abastecimento de água e espaços de despejo de resíduos domésticos. O quintal poderia também ser utilizado para o cultivo de alimentos e criação de animais, constituindo ainda um espaço livre para a construção de futuras estruturas que poderiam ampliar a área de habitação (Conde, 2000, p. 107, 387; 2011, p. 89-97). No caso do Ateneu Artístico Vilafranquense, o espaço terá sido inicialmente utilizado como área de armazenamento e abastecimento de água, sendo posteriormente convertido em local de despejo de lixos domésticos.

Os lotes de habitação no Vale do Tejo, na Baixa Idade Média, apresentam em média dimensões entre 40-60m<sup>2</sup>, embora lotes com cerca de 11-30m<sup>2</sup> sejam frequentes, dependendo das condicionantes já referidas anteriormente no caso dos quintais (Conde, 2000, p. 417-418; 2011, p. 105). Em Vila Franca de Xira, um núcleo urbano de reduzida dimensão, os valores deverão ter sido semelhantes, o que entra em conflito com a hipótese do Ateneu Artístico Vilafranquense corresponder à área de quintal de um único lote, sendo que o espaço sobre o qual incidiu a obra de construção em 2007 corresponde a 241m<sup>2</sup>.

Em relação às características das habitações vilafranquenses dos séculos XV-XVI, não possuímos muitos dados. O edificado urbano seria semelhante ao de outras vilas do Baixo Tejo, nomeadamente Castanheira do Ribatejo ou Alcochete, núcleos urbanos de dimen-

são semelhante, onde as casas térreas também constituíam a maioria das habitações (Beirante, 2008, p. 127; Catarino, 2005, p. 213). Com efeito, em núcleos urbanos de pequena dimensão havia um predomínio da casa térrea, com uma ou duas divisões, enquanto a casa sobradada, de dois ou mais pisos, seria mais comum nos aglomerados urbanos de média e grande dimensão (Conde, 2011, p. 80-100). Estas casas tinham geralmente uma planta quadrangular, que poderia ser mais ou menos alongada (Conde, 2000, p. 417). De facto, no desenho de Vila Franca de Xira realizado por Baldi podemos observar o predomínio de habitações térreas, assim como a presença de algumas casas sobradadas de dois pisos, (figura 97). Embora esta obra date da segunda metade do século XVII, o que nela observamos não deverá divergir muito do aspecto que a vila teria nos séculos XV-XVI.

## 10. Quotidiano: recursos, produção e comércio

No Ateneu Artístico Vilafranquense observa-se uma grande diversidade de cerâmica, com a presença de diversas produções locais e/ou regionais, assim como algumas peças importadas, como observámos anteriormente. Os fabricos de cerâmica identificados neste contexto, que atribuímos a produções do Vale do Tejo, poderão ter origem em diversos sítios, desde Lisboa (Batalha *et alii.*, 2012, p. 951-961; Cardoso *et alii.*, 2017, p. 1715-1719; Castro *et alii.*, 2017, p. 1731-1749; Marques *et alii.*, 2012, p. 126-128, Nunes e Filipe, 2012, p. 143-146; Paula, 2019, p. 97-117; Sebastian, 2010, p. 485-610; 2012, p. 943) a Alenquer (Cardoso *et alii.*, 2016, p. 54-63; Cardoso, 2017, p. 114; Raposo, 2017, p. 86-243), sem esquecer o Barreiro (Barros *et alii.*, 2012, p. 699-710; Carmona e Santos, 2005; Coelho e Teixeira, 2018, p. 261-265; Torres, 1990).

As produções que terão origem nas olarias de Lisboa representam 44% do NMI da cerâmica identificada no Ateneu Artístico Vilafranquense. Neste conjunto incluem-se os fabricos de pasta micácea (fabricos F3/B3 a F5/B5, F7, V1 e V2), assim como a faiança portuguesa (fabrico E4). Mesmo a cerâmica de pasta não micácea, que não terá sido produzida em Lisboa, apresenta formas semelhantes ou idênticas às que aí encontramos, evidenciando uma certa padronização desta cerâmica a nível regional. A cerâmica que poderá ter sido produzida localmente constitui 45% do NMI. Neste grupo inserem-se nomeadamente os fabricos F1/B1 e F2/B2, bem como os fabricos F9 a F11, correspondentes a cerâmica de construção e afins que terá sido fabricada na vila.

O comércio de louça de barro entre Vila Franca de Xira e o exterior é comprovado pelo foral de 1510, porém, este não menciona a produção destes objectos, não sendo possível comprovar a existência de exportação de louça vila-franquense. Até à data, não se conhecem vestígios de nenhuma olaria desta época no interior da antiga vila. No entanto, o foral medieval de Vila Franca de Xira, concedido em 1212, refere a presença de fornos de louça, sugerindo a existência de produção oleira na vila durante o século XIII (Camacho, 1985a, p. 147-175). Por outro lado, o foral de 1510 apenas refere a produção de telhas e tijolos, sendo incerto se nessa época ainda existia produção de louça de barro. Se essa produção tiver subsistido, a sua ausência neste foral pode indicar que não seria relevante na economia local face a outros produtos referidos no documento. A louça de barro seria possivelmente um complemento da produção de cerâmica de construção, à semelhança do que acontecia, por exemplo, na olaria da Porta da Lagoa em Évora (Teichner e Schierl, 2009, p. 982), em

funcionamento entre os séculos XIII-XV, ou na olaria do Alto do Castelo em Alcochete (Correia, 2005/07, p. 67-73), em funcionamento nos séculos XV-XVI, ambas oficinas focadas no fabrico de telha e tijolo mas que produziam igualmente alguma louça fosca. A produção de telha e tijolo em Vila Franca de Xira situar-se-ia na zona ribeirinha nordeste da vila, na área assinalada na planta de 1786 como “telhal” (Figura 96).

Dessa forma, podemos concluir que a proximidade de Lisboa teria um impacto significativo no consumo das populações das vilas próximas que tinham acesso ao seu mercado. Esta poderá ter sido tanto uma questão de gosto, devido à eventual popularidade e qualidade destes produtos face a outros, assim como de acesso aos mesmos. Acima de tudo, a região de Lisboa terá sido abastecida nesta época por múltiplos centros, de maior ou menor alcance. Embora arqueologicamente não se conheçam muitos contextos de produção oleira no Vale do Tejo, esses estariam presentes em diversos núcleos urbanos da região, particularmente nos locais onde a matéria-prima, o barro, abundava (Silva, 2003, p. 36).

Apesar do claro predomínio das produções locais e regionais, existem igualmente elementos exógenos que, embora em quantidades residuais, apresentam origens diversas. Estas importações provêm nomeadamente de Espanha, Itália e França, representando no seu conjunto 6% do NMI do total da cerâmica do Ateneu Artístico Vilafranquense. Destacam-se as produções sevilhanas que no seu conjunto representam 5% do NMI e correspondem à quase totalidade das importações identificadas. As restantes produções, com origem em Saintonge, Brugges e Montelupo, representam cada uma entre 0,2 e 0,4% do NMI total. As trocas comerciais com o Norte europeu apoiavam-se na exportação de sal e peixe, nomeadamente da sardinha fumada, sendo esta exportada igualmente para o Sul peninsular (Oliveira *et alii*, 2017, p. 1530)<sup>7</sup>. O comércio com o Sul peninsular, particularmente com Sevilha, era frequente no século XVI. Dessa cidade importava-se particularmente peças de cerâmica que entravam em Portugal através dos portos de Lisboa e do Algarve (Teixeira, Torres e Bettencourt, 2015, p. 160).

A análise deste espólio, assim como as observações realizadas noutros contextos arqueológicos vilafranquenses de época moderna, sugere que esta vila tinha acesso ao comércio das importações europeias (Casimiro e Henriques, 2016/2017; Casimiro e Sequeira, 2016/2017; Cruz, 2018; Mendes e Pimenta, 2007; Pimenta e Mendes, 2006). Porém, observa-se no Ateneu Artístico Vilafranquense a ausência de alguma cerâmica de importação que frequentemente se encontra em contextos arqueológicos portugueses de cronologia moderna, tais como objectos em grés oriundos do Norte da Europa ou porcelanas da China, assim como certas produções peninsulares tais como cerâmicas de corda-seca ou de reflexo metálico (Silva e Guinote, 1998, p. 74-87). Todavia, objectos desta natureza encontravam-se presentes noutros contextos modernos de Vila Franca de Xira (Casimiro e Henriques, 2016/2017; Cruz, 2018; Pimenta e Mendes, 2006, p. 27), mas não no Ateneu Artístico Vilafranquense. Além disso, como vimos, os números relativos à presença de cerâmica importada neste local são limitados. Infelizmente, os restantes contextos vilafranquenses carecem de estudos que analisem a totalidade dos conjuntos de espólio, não permitindo a comparação com o Ateneu Artístico Vilafranquense em termos de quantificação. Eventualmente a singularidade deste sítio pode residir no tipo de contexto arqueológico, um espaço possivelmente periurbano ou nas franjas do antigo

<sup>7</sup> Recordar-se a identificação de restos de sardinha no conjunto de faunas apresentado acima.

aglomerado populacional, podendo ainda estar relacionada com o poder económico dos habitantes ou questões cronológicas. Porém, essa última hipótese parece menos plausível. Enquanto as questões cronológicas poderiam explicar a inexistência de porcelanas por exemplo, sendo estas importadas maioritariamente a partir de finais do século XVI, não justificam a ausência de cerâmica de corda seca e de reflexos metálicos que se encontram nos contextos lisboetas entre a segunda metade do século XV e inícios do XVI (Silva e Guinote, 1998, p. 74).

A localização de Vila Franca de Xira numa importante linha de comunicação fluvial, assim como a sua proximidade ao porto de Lisboa, facilitaria o acesso aos mercados regionais e europeus. De facto, Lisboa contava, desde os séculos XII-XIII, com a presença de importações do Sul peninsular e do Norte europeu, às quais se juntam as cerâmicas italianas nos séculos XV-XVI (Bettencourt *et alii.*, 2018, p. 152). A existência destes objectos poderá estar relacionada com a presença de mercadores e artesãos estrangeiros em Portugal durante esta época (Silva, 2003, p. 74-76).

Em termos formais, a análise dos materiais cerâmicos identificados no Ateneu Artístico Vilafranquense indica tratar-se de um conjunto de cariz doméstico relacionado com o consumo, confecção e armazenamento de alimentos, bem como com a higiene e iluminação. A presença de malhas de jogo evidência igualmente a prática de uma actividade lúdica. Conservaram-se ainda alguns objectos relacionados com a construção, nomeadamente telhas e azulejos. Porém, observa-se neste contexto a ausência de algumas formas cerâmicas que seriam expectáveis, tais como os almofarizes, os copos de medidas ou as botijas, geralmente presentes em contextos urbanos de cronologia moderna (Bugalhão e Coelho, 2017, p. 112-127). Também não se identificaram formas de cerâmica modelada, popular entre o final do século XVI e o século XVII (Silva, 2003, p. 79).

Embora a cerâmica de cozinha seja a categoria predominante no Ateneu Artístico Vilafranquense (46%), denota-se aqui a abundância da cerâmica de mesa (34%), sendo também o grupo mais diversificado ao conter todos os tipos de cerâmica (fosca, brunida, vidrada e esmaltada). Essa abundância dever-se-á à transformação dos hábitos alimentares durante o final da Idade Média, época na qual o consumo se individualiza, multiplicando-se os recipientes tais como pratos e tigelas. O aumento de pratos aponta também para a presença de refeições mais sólidas, que ao invés dos ensopados não necessitavam de ser consumidas em recipientes fundos (Silva, 2003, p. 56-75). Porém, o predomínio das panelas em relação aos tachos e frigideiras, sugere que os alimentos seriam consumidos maioritariamente sob a forma de cozidos ou ensopados (Casimiro, Boavida e Detry, 2017, p. 112-114).

No Ateneu Artístico Vilafranquense, a cerâmica vidrada e esmaltada era utilizada maioritariamente para o consumo individual de alimentos, sendo talvez preferida pelas suas superfícies lisas e impermeabilizadas. Paralelamente, e como vimos no caso do silo 108, em cerâmica fosca encontra-se todo o tipo de recipientes, embora sejam mais frequentes os objectos relacionados com confecção e armazenamento de alimentos, nomeadamente as peças destinadas a ir ao fogo, assim como a cerâmica relacionada com o consumo de líquidos. Também a cerâmica brunida corresponde maioritariamente a objectos relacionados com a confecção e consumo de alimentos e líquidos.

Os talheres, raramente presentes em contexto arqueológico, estão representados no Ateneu Artístico Vilafranquense por um cabo de faca em osso, não se tendo conservado a parte metálica deste objecto. Já as colheres, das quais não se registam vestígios neste contexto, poderiam ser fabricadas em metal, nomeadamente em ferro ou estanho (Boavida,

2017b, p. 125-127), ou em madeira. Em madeira eram também fabricados recipientes, designados “louça de pau”, nomeadamente pratos e tigelas, bem como contentores de armazenamento. Porém, os objectos em madeira degradam-se rapidamente e desaparecem do registo arqueológico, encontrando-se geralmente apenas em contextos subaquáticos (Coelho *et alii.*, 2017, p. 1631-1632). Estes objectos não seriam tão frequentes no século XVI face ao consumo de cerâmica (Silva, 2003, p. 39). No entanto, são mencionados no foral de 1510 de Vila Franca de Xira, indicando que teriam ainda importância na economia local dessa época (Camacho, 1985a, p. 165).

À semelhança do referido em relação à cerâmica, a análise do conjunto de faunas do Ateneu Artístico Vilafranquense aponta para o cariz doméstico deste contexto, relacionando-o com os restos de consumo da população urbana. Neste conjunto de faunas assinala-se o predomínio dos mamíferos, que seriam o grupo mais relevante na alimentação. Da sua análise, podemos deduzir que os habitantes do Ateneu Artístico Vilafranquense consumiam maioritariamente carne de gado bovino e ovicaprino, sendo estas as espécies de médio a grande porte mais abundantes. Essa alimentação seria complementada por aves, peixe e moluscos, para além de outros mamíferos como o porco/javali, a lebre/coelho e, possivelmente, o corço e o veado. A existência de caça ou, pelo menos, o acesso a produtos derivados dessa actividade, é comprovada pela presença de algumas aves e de um esquilo. A confirmar-se, a identificação do corço e do veado, bem como a eventual presença de lebre, reforçam a frequência de espécies selvagens.

Contudo, as condicionantes relacionadas com a afectação e escavação parcial do sítio arqueológico dificultaram a reflexão sobre a alimentação dos antigos habitantes deste local. Além disso, não há referência ao uso de crivo durante a intervenção arqueológica, o que pode explicar a quase ausência de peixe e microfauna no conjunto de faunas recuperado, apenas presentes em reduzida quantidade no depósito 107. Isto tem impacto nos resultados finais desta investigação, que podem não reflectir a realidade da época, já que a análise da amostra de sedimento revelou elementos de reduzidas dimensões tais como escamas de peixe e sementes.

A representação das espécies presentes em cada sítio arqueológico é influenciada pelas condições geográficas dos diferentes espaços, nomeadamente a presença ou não de áreas de mata e floresta nas quais subsistam animais selvagens, bem como a sua capacidade de sustentar a criação de gado. Nesta época, em certos locais, a representação dos bovinos em relação aos ovicaprinos pode ser modesta (Costa, 2009, p. 41-46; Detry *et alii.*, 2014, p. 117-120), enquanto noutros, nomeadamente em Vila Franca de Xira (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 248-250) ou em Santarém (Davis, 2006, p. 21-23), as quantidades são mais equilibradas, podendo mesmo haver um predomínio dos bovinos. A abundância de bovinos nestas regiões deve-se presumivelmente às condições propícias do Ribatejo para a criação de gado, onde ainda hoje essa actividade é importante. Também o gado ovicaprino seria criado nesta região (Catarino, 1998, p. 122-123), como sugere a sua abundância no conjunto de faunas do Ateneu Artístico Vilafranquense.

O predomínio de espécies como o berbigão pode dever-se não apenas a questões de gosto e acesso, nomeadamente pela proximidade do mar, mas também às alterações tafonómicas, pois nem todos os moluscos apresentavam o mesmo estado de conservação. Os mexilhões, por exemplo, encontravam-se muito fragmentados comparativamente ao berbigão, sendo possível que estivessem presentes em quantidades superiores às que este contexto apresenta.

A maioria das espécies identificadas no Ateneu Artístico Vilafranquense encontra-se igualmente nos níveis dos séculos XV-XVI do Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira (Detry e Pimenta, 2016-17, p. 248-250). Também neste local os ovicaprinos constituem o grupo predominante, seguido pelos bovinos. Para além de constituírem uma fonte de carne, estes animais poderiam ser igualmente uma fonte de produtos secundários tais como lã, peles e leite, permitindo ainda o fabrico de queijos e manteiga (Costa, 2009, p. 46; Detry e Gambini, Corte-Real, 2014, p. 120).

Os ossos com marcas de corte ou de cutelo são pouco abundantes, representando 9% dos restos analisados no Ateneu Artístico Vilafranquense. Estas marcas encontram-se apenas em mamíferos, estando presentes maioritariamente nos restos provenientes do interior do silo 108, unidades descontextualizadas 101/201 e Recolha de Superfície, o que se justifica por estas conterem o maior número de restos. Os cortes profundos de cutelo, relacionados com a divisão das carcaças em porções mais pequenas, são os mais abundantes e estão presentes apenas em animais de médio a grande porte, nomeadamente bovinos e ovicaprinos. Esta situação estará relacionada com a necessidade de separar as diferentes partes do animal que poderiam ser consumidas por grupos sociais distintos, para além de permitir ajustá-las às dimensões dos recipientes de cozinha. De facto, certas partes constituíam um direito da alcaidaria a ser cobrado no açougue<sup>8</sup>, sendo essas os úberes das vacas, assim como os lombinhos, baço e rim<sup>9</sup> dos suínos. Outros animais eram alvo de imposto, nomeadamente o boi, pelo qual se devia pagar dois reais, assim como o peixe, sendo o imposto de dez reais por ano por cada barca de pesca. Em relação aos coelhos era cobrada a dízima aos animais comercializados na vila que tivessem sido trazidos do exterior (Camacho, 1985a, p. 164-166). É incerto se este imposto abrangia apenas o coelho doméstico ou igualmente as espécies selvagens obtidas através de caça,

Existindo um açougue em Vila Franca de Xira, localizado a escassa distância do Ateneu Artístico Vilafranquense<sup>10</sup>, é provável que as carcaças fossem preparadas nesse local. Contudo, os ossos de mamíferos identificados no Ateneu Artístico Vilafranquense sugerem a presença de esqueletos relativamente completos, mesmo no caso dos animais de médio e grande porte, dada a presença de elementos da cabeça e do esqueleto apendicular nas espécies identificadas, assim como vértebras e costelas pertencentes a mamíferos indeterminados. O mesmo não se verifica no conjunto de aves, que se encontram representadas maioritariamente por elementos do esqueleto apendicular.

Embora encontremos referência aos bovinos, ao porco e ao coelho no foral quinhentista, os ovicaprinos não são mencionados, apesar da evidência arqueológica realçar a sua importância. Esta situação poderá indicar o valor económico superior dos primeiros em relação às ovelhas e cabras. Observa-se igualmente no foral a importância do peixe e marisco, bem como da actividade piscatória que era alvo de diversos impostos (Camacho, 1985a, p. 162-166). A presença de espécies marinhas no conjunto de faunas do Ateneu Artístico Vilafranquense, nomeadamente a sardinha e o besugo, bem como um peixe cartilágneo, possivelmente um cação, sugere que a população vilafranquense tinha acesso a produtos alimentares provenientes do litoral marinho, não se limitando aos recursos locais.

<sup>8</sup> Os açougues eram locais dedicados à comercialização de diversos produtos, não apenas carne (Beirante, 2008, p. 61).

<sup>9</sup> Tradução das expressões utilizadas no foral proposta por Antunes e Machado (1996, p. 136).

<sup>10</sup> Segundo a planta de 1786, o açougue localizava-se na Rua Dr. Jacinto Nunes, antiga Rua do Açougue, na margem Norte da Ribeira de Santa Sofia. O Ateneu Artístico Vilafranquense situa-se a cerca de 112 metros dessa rua.

Para além dos peixes identificados no Ateneu Artístico Vilafranquense, terão sido pescadas em Vila Franca de Xira outras espécies referidas nas memórias paroquiais de 1758, nomeadamente sáveis, enguias, barbos, linguados e camarões (Vargas, 1989-1990, p. 74). Os sáveis e o marisco encontram-se igualmente referidos no foral de 1510, comprovando a sua abundância e importância económica (Camacho, 1985a, p. 162-163).

Segundo um estudo realizado por Catarino (1998, p. 65-70), nos séculos XIV-XV Vila Franca de Xira possuía reduzida produção agrícola quando comparado com vilas vizinhas tais como Alhandra, Alverca, Povos ou Castanheira do Ribatejo. Essa situação obrigaria a vila a recorrer ao comércio para a obtenção de cereais, produtos hortícolas e frutícolas, assim como vinho, sendo o olival a única cultura que se sabe ter existido nas imediações do núcleo urbano<sup>11</sup>. Porém, nas Memórias Paroquiais de Vila Franca de Xira refere-se o trigo, cevada e milho como sendo as maiores colheitas da vila, assim como a abundância de frutos (Vargas, 1989-1990, p. 72). A cultura da oliveira é atestada pela planta da vila de 1786 onde podemos observar um olival localizado na sua periferia Este, (figura 95). A produção de azeite seria fundamental pois este era o principal combustível utilizado na iluminação, bem como na alimentação, nomeadamente em frituras. O foral de 1510 refere também a existência de produção cerealífera na vila, para além de outros produtos, tais como o vinho, azeite e azeitona (Camacho, 1985a, p. 161-175). De facto, é pouco provável que uma vila, nesta época, não possuísse no seu termo culturas com vista à alimentação da sua população. As terras cultiváveis seriam utilizadas para a produção de diversos alimentos, frequentemente em associação, destinados à subsistência dos habitantes do núcleo urbano e do seu termo (Catarino, 1998, p. 82-101). Também as hortas urbanas forneciam alimentos. Estas podiam encontrar-se nos quintais anexos aos lotes de habitação, permitindo a cada habitante o cultivo de alguns produtos para seu próprio consumo, ou em espaços mais amplos, possivelmente comunitários (Conde, 2011, p. 90-91). Em Vila Franca de Xira existia pelo menos um desses espaços situado no interior da malha urbana, assinalado no mapa de 1786 como “orta da passagem”, embora não se saiba se este seria comunitário ou privado.

Em Vila Franca de Xira explorava-se igualmente a madeira que, para além de ser comercializada, seria utilizada na construção de embarcações e outras estruturas, bem como no fabrico de louça de madeira. Também a produção de linho em Vila Franca de Xira encontra-se atestada pelo foral de 1510. A presença desta planta é igualmente confirmada pela identificação de uma semente de linho na amostra de sedimento recolhida no Ateneu Artístico Vilafranquense. A existência de outras produções, tais como o vinagre, alhos e cebolas, permanece incerta pois o foral não menciona se eram produzidos localmente, referindo-se apenas ao seu comércio (Camacho, 1985a, p. 161-165).

O foral de 1510 refere-se à existência de padeiras na vila, que confeccionam pão pelo menos ao sábado (Camacho, 1985, p. 147-175). A existência desta classe profissional confirma o carácter urbano desta vila, sugerindo ainda a presença de um número significativo de habitantes. De facto, no século XVI a densidade populacional de Vila Franca de Xira superava a das vilas circundantes. No que hoje consideramos como a região de Lisboa, apenas a própria capital, Santarém e Alenquer possuíam à época população superior a Vila

<sup>11</sup> Contudo, é possível que a aparente ausência de cultivos em Vila Franca de Xira se deva na verdade à falta de informação sobre esta zona devido às reduzidas fontes históricas documentais que sobreviveram até aos nossos dias.

Franca de Xira, que registava 311 fogos na terceira década de Quinhentos (Rodrigues, 1993, p. 201-203).

Um estudo paleobiológico dos restos humanos provenientes do cemitério da antiga Igreja Matriz de Povos, os quais foram datados maioritariamente entre os séculos XVI e XVIII, aporta-nos mais dados sobre o quotidiano das populações desta região durante a Idade Moderna. Nesse estudo, muitos indivíduos apresentam perda precoce de dentes, assim como a presença de cáries causadas provavelmente por uma alimentação rica em cereais e tubérculos, ou seja, hidratos de carbono. Esta situação terá sido agravada pelo consumo de açúcar contido em alimentos como o mel e frutos (Cunha *et alii.*, 1998, p. 176-177). O açúcar de cana, embora se torne mais comum na Idade Moderna, era ainda no século XV utilizado maioritariamente como produto medicinal, sendo apanágio das elites. O seu consumo desenvolve-se a partir dos séculos XVI-XVII, à medida que se torna mais acessível (Teixeira, Torres e Bettencourt., 2015, p. 22-24). Na população de Povos observa-se igualmente desgaste dentário causado por alimentos abrasivos tais como cereais ou outros alimentos secos. Ademais, estas populações sofreram períodos de stress durante a infância provocados por deficiências nutricionais e minerais. Estes dados caracterizam uma população de grau socioeconómico médio a baixo com uma alimentação abundante em cereais. (Cunha *et alii.*, 1998, p. 177-180).

Da mesma forma, a alimentação da população vilafranquense seria provavelmente rica em cereais, nomeadamente trigo, cevada e milho, sendo o pão e a carne a base da alimentação tardo-medieval. Também os frutos, hortaliças e leguminosas estavam normalmente presentes na dieta da população dessa época (Gonçalves, 2016, p. 227-229).

No Ateneu Artístico Vilafranquense, a identificação de animais abatidos em idades relativamente jovens sugere que este contexto corresponde a uma população com algumas posses (Davis, 2007, p. 9). Esta hipótese é reforçada pela quantidade e natureza dos artefactos em vidro e metal identificados, embora a cerâmica importada seja escassa. A localização deste sítio nas imediações da Rua Direita, especialmente se a área intervencionada corresponder ao quintal de um único lote de habitação, também poderá ser representativa de um certo poder económico.





## Considerações Finais

Considera-se que o principal objectivo traçado para este trabalho, que consistiu na análise do contexto arqueológico do Ateneu Artístico Vilafranquense com vista ao desenvolvimento de conhecimento sobre os quotidianos dos séculos XV e XVI em Vila Franca de Xira, foi cumprido. O estudo deste contexto permitiu lançar hipóteses sobre a integração urbanística do sítio arqueológico, esclarecendo a sua cronologia de ocupação, embora a sua função não se encontre totalmente elucidada. Através do estudo dos materiais do Ateneu Artístico Vilafranquense aportaram-se ainda dados acerca dos hábitos de consumo e dinâmicas comerciais em Vila Franca de Xira. Para tal foram fundamentais os dados resultantes da análise do conjunto de faunas, em conjugação com o estudo dos restantes materiais, com destaque para a cerâmica. Infelizmente, as condicionantes inerentes às intervenções no âmbito da arqueologia preventiva, nomeadamente a escavação apenas parcial do sítio e a sua anterior afectação, não permitiram esclarecer algumas questões relacionadas com a configuração deste espaço e sua contextualização no núcleo urbano. Também as conclusões acerca dos hábitos de consumo foram afectadas pelo método de recuperação empregue na intervenção, particularmente a ausência de crivagem que terá condicionado a representação das espécies animais.

Vila Franca de Xira formou-se através da junção de duas povoações que se fundiram formalmente em 1212, através de carta de foral. Embora a informação que possuímos sobre esta vila seja reduzida, a análise de iconografia do século XVII e cartografia do século XVIII, aliada aos dados arqueológicos e estudos existentes, permitiu-nos gerar algumas considerações sobre como poderá ter sido a morfologia deste núcleo urbano durante a Idade Moderna. O sítio do Ateneu Artístico Vilafranquense situa-se no centro da vila, nas imediações da antiga Rua Direita e Estrada Real, encontrando-se assim numa zona de passagem relevante. A análise dos materiais, particularmente o conjunto de cerâmicas e metais, permitiu definir diversas fases de ocupação desse espaço.

Embora subsistam algumas interrogações sobre a função deste local, determinou-se que antes do final do século XV o Ateneu Artístico Vilafranquense seria um espaço aberto utilizado como área de armazenamento, tratando-se provavelmente de uma zona de quintal anexo a um ou mais edifícios de habitação. Este sítio era composto por diversas estruturas negativas, das quais um poço e um silo. Neste local observou-se ainda um tanque, afastado das restantes estruturas identificadas e talvez pertencente a outro lote. O silo 108 terá sido preenchido maioritariamente entre o final do século XV e inícios do século XVI, após a sua desactivação enquanto estrutura de armazenamento. Propomos a mesma cronologia para o preenchimento do tanque 303, mas tudo leva a crer que o espaço tenha permanecido como um quintal. Uma das estruturas negativas, a 111, terá sido colmatada entre a segunda metade do século XVI e o século XVII, enquanto o entulhamento do poço 203 ter-se-á processado entre o final do século XVII e terceiro quartel do século XVIII. Nesta época o local terá então profundamente alterado, com vista à construção do edificado visível na planta de Vila Franca de Xira de 1786.

A análise do espólio do Ateneu Artístico Vilafranquense revelou uma grande diversidade de cerâmica, com a presença de várias produções regionais, assim como escassas peças importadas. Observou-se que a cerâmica regional compõe a maioria deste conjunto, sendo constituída por produções do Vale do Tejo provenientes nomeadamente de Lisboa,

do Barreiro e de Alenquer, colocando-se a hipótese também de uma produção local, que carece de confirmação arqueológica. Em relação às importações, registou-se a presença maioritária de produções sevilhanas, bem como algumas peças com origem em Montelupo, Saintonge e Brugges, cerâmicas que se encontram frequentemente nos contextos portugueses de época tardomedieval e moderna. A localização de Vila Franca de Xira em importantes linhas de comunicação terrestres e fluviais, nomeadamente a Estrada Real e o Rio Tejo, assim como a sua proximidade ao porto de Lisboa, terão facilitado o acesso a estes produtos. Ressalta, porém, a sua escassez, bem como a ausência de materiais geralmente presentes em contextos desta época.

Em termos formais, constatou-se que a cerâmica identificada se relaciona principalmente com o consumo, confecção e armazenamento de alimentos, observando-se ainda alguns objectos relacionados com a higiene e iluminação. Em quantidades residuais encontram-se peças relacionadas com uma actividade lúdica, assim como cerâmica de construção. Estes dados permitem inferir o cariz doméstico deste contexto, composto por restos de consumo da população urbana. Embora a cerâmica de cozinha seja a categoria predominante neste conjunto, denota-se a abundância da cerâmica de mesa, sugerindo uma prática de consumo mais individualizada.

Neste contexto conservou-se igualmente espólio vítreo, metálico e lítico. Nestas categorias registaram-se alguns objectos de excepção, nomeadamente no conjunto de vidros, que se destacam do restante espólio. Estes materiais sugerem que a população deste local não seria de estatuto baixo, sendo este possivelmente um contexto de classe popular com algumas posses.

Através da análise do conjunto de faunas do Ateneu Artístico Vilafranquense conclui-se que os mamíferos, nomeadamente os bovídeos, terão sido o grupo mais relevante na alimentação de origem animal desta população, que seria complementada por aves, peixes e moluscos. Embora a maioria das espécies identificadas corresponda a animais domésticos, observou-se ainda a presença de animais selvagens que assinalam a prática da actividade cinegética e piscatória. A primeira aporta-nos ainda dados ambientais, sugerindo a existências de áreas de bosque na zona de Vila Franca de Xira, à qual os seus habitantes teriam acesso. Contudo, é possível que esta população tenha obtido alguns destes produtos através de trocas comerciais e não directamente através de caça.





## Bibliografia

### Fontes impressas

- AMARAL, J. J. F. S. (1991a) – *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*. 1. Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- AMARAL, J. J. F. S. (1991b) – *Ofertas históricas relativas à povoação de Vila Franca de Xira para instrução dos vindouros*. 2. Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- CAMACHO, C. F., coord. (1985a) – Fontes Documentais – Forais do concelho de Vila Franca de Xira. In *Boletim Cultural*. 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 147-175.
- MACEDO, L. (1992) – *Antiquidades do moderno concelho de Vila Franca de Xira*, Vila Franca de Xira: Museu Municipal.
- VARGAS, J. M. (1989/1990) – Memórias Paroquiais de Vila Franca de Xira. In CAMACHO, C. F., coord. *Boletim Cultural*. 4. Vila Franca de Xira Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 63-74.

### Fontes iconográficas

- BALDI, PP. M. (1668-1669) – *Viaje de Cosme de Médicis por España y Portugal (1668-1669)*. In RIVERO, A. S.; RIVERO, A. M. S., eds. (1933). Madrid: Sucesore de Rivadeneyra. pp. 60. [Consult. 10 abr. 2018]. Disponível em WWW (URL:<http://purl.pt/12926/3/#/1>)

### Relatórios

- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999a) – *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira)*. Lisboa: Era Arqueologia, S.A.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999b) – *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira) – 2 Campanha*. Lisboa: Era Arqueologia S.A.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (1999c) – *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira) – 3 Campanha*. Lisboa: Era Arqueologia S.A.
- FERREIRA, M. (2000) – *Intervenção arqueológica de emergência na Ermida do Mártir Santo e Casa da Ermitoa (Vila Franca de Xira). Estudo cronológico dos materiais arqueológicos*. Lisboa: Era Arqueologia, S.A.
- MENDES, H. (2017) – *Relatório dos trabalhos de escavação da Rua José Dias da Silva n.º 9 a 11, Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: Município de Vila Franca de Xira/Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2006) – *Relatório escavações do Museu do Neo-realismo (Vila Franca de Xira)*. Vila Franca de Xira: Município de Vila Franca de Xira/Divisão de Património e Museus.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010) *Relatório de sondagens arqueológicas no Edifício n.º 41 a 49 da Rua Comendador Miguel Esguelha - Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira, Município de Vila Franca de Xira/Divisão de Património e Museus.
- PINTO, M. A. (2005) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica – Serpa Pinto 65*. Torres Novas: Crivarque, Lda.
- PINTO, M. A. (2007) – *Relatório Final da Intervenção Arqueológica no Ateneu Artístico Vilafranquense*. Torres Novas: Crivarque, Lda.

### Estudos

- AMORES, F.; CHISVERT, N. (1993) – Tipología de la Cerámica Común Bajomedieval y Moderna Sevillana (s. XV-XVIII): I, la Loza Quebrada de Rellenos de Bóvedas. *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*. 2. Sevilla: Universidad de Sevilla. pp. 269-235.

- ANTUNES, M. T. (2004) – O que comiam os eborenses antigos – estudo arqueozoológico do sítio da Praça do Giraldo, 56. *O Arqueólogo Português*. S. 4, 22. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. pp. 393-451.
- ARCELIN, PP.; TUFFREAU-LIBRE, M. (Dir.) (1998) – Protocole de quantification des céramiques. In *La quantification des céramiques. Conditions et protocole*. Glux-en-Glenne: Centre archéologique européen du Mont Beauvray.
- BARGÃO, A. A. B. V. (2015) – *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade de Lisboa.
- BARBOSA, PP. (1995) – Comércio e circulação no Tejo na Idade Média. In *O Comércio em Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 51-61.
- BARONE, R. (1976) – *Anatomie comparée des mammifères domestiques. Tome I: Ostéologie*. Paris: Vigot Frères.
- BARRADAS, A. I. A. (2017) – *Entre a Idade Média e a Época Moderna no Hospital Real de Todos-Os-Santos: os contextos do poço de T1 da Praça da Figueira (Lisboa)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- BARRADAS, A. I.; SILVA, R. B. (2017) – Cerâmicas quinhentistas vidradas de um poço medieval da Praça da Figueira (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses* Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1691-1702.
- BARROCA, M. J. (1989) – Sobre a cronologia dos «passadores em T». In JORGE, V. O., ed.lit. *Arqueologia*. 19. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. pp. 147-152.
- BARROS, L.; HENRIQUES, F. (2003) – Rua da Judiaria: Um Celeiro nos arrabaldes da vila. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C. (eds. lit.) *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 135-144.
- BARROS, L.; BATALHA, L.; CARDOSO, G.; GONZALEZ, A. (2012) – A Olaria Renascentista de Santo António da Charneca – Barreiro. A Louça Doméstica. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 699-710.
- BATALHA, L.; CAMPÔA, A.; CARDOSO, G.; NETO, N.; REBELO, P.; SANTOS, R. (2012) – Vestígios de um Centro Produtor de Faiança dos Séculos XVII e XVIII. Dados de uma Intervenção Arqueológica Na Rua de Buenos Aires, n.º 10, Lisboa. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 951-961.
- BATALHA, L.; CARDOSO, G.; LUNA, I. (2017) – Cerâmicas Quatrocentistas e Quinhentistas do Poço dos Paços do Concelho de Torres Vedras. In *Al-Madan Online*, S. 2, 21: 2. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 11-27.
- BEIRANTE, M. A. (2008) – *O Ar da Cidade. Ensaios de História Medieval e Moderna*. Lisboa: Edições Colibri.
- BETTENCOURT, J.; COELHO, I. P.; FONSECA, C.; LOPES, G.; CARVALHO, P.; SILVA, T. (2018) – Entrar e sair de Lisboa na época moderna: uma perspectiva a partir da arqueologia marítima. In SENNA-MARTINEZ, J. C. [et. al.], eds. – *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa: Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Direção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural/Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia. pp. 146-161.
- BINFORD, L. (1981) – *Bones: ancient men and modern myths*. New York: Academic Press.
- BLUMENSCHINE, R.; SELVAGGIO, M. (1988) – Percussion marks on bone surfaces as a new diagnostic of hominid behavior. *Nature*. 333. pp. 763-765.
- BOAVIDA, C. M. PP. (2009) – *Castelo de Castelo Branco. Contributo para o estudo de uma fortificação da Raia Beirã*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- BOAVIDA, C. (2017a) – Dos objectos inúteis, perdidos ou esquecidos. Os artefactos metálicos do Largo do Coreto (Carnide, Lisboa). In ARNAUD, J. M.;
- MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1821-1834.
- BOAVIDA, C. (2017b) – Preparar, servir e comer – Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem. In SENNA MARTINEZ, J. C. [et alii.], eds. – *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade. Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 1*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Sociedade de Geografia de Lisboa. pp. 122-130.

- BOAVIDA, C. (2017c) – Objectos do Quotidiano num Poço do Hospital Real de Todos-Os-Santos. In CAESSA, A. [et alii.], eds., – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 441-457.
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013) – Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C., coords. – *Arqueologia em Portugal – 150 anos. Actas do Iº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 937-945.
- BOAVIDA, C., MEDICI, T. (2018) – Da Importação à Inspiração. Os Vidros do Largo do Coreto, Carnide (Lisboa). In SENNA-MARTINEZ, J. C. [et alii.], eds. – *Meios, vias e trajetos... entrar e sair de Lisboa: Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa/Direção Municipal da Cultura/Departamento de Património Cultural/Centro de Arqueologia de Lisboa Sociedade de Geografia de Lisboa/Secção de Arqueologia. pp. 178-196.
- BOESSNECK, J. (1969) – Osteological differences between Sheep (*Ovis aries Linné*) and Goat (*Capra hircus Linné*). In BROTHWELL, D.; HIGGS, E., eds. – *Science in Archaeology*. London: Thames and Hudson. pp. 311-358.
- BUGALHÃO, J.; COELHO, I. PP. (2017) – Cerâmica Moderna de Lisboa: Proposta Tipológica. In CAESSA, A. [et alii.], eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. pp. 107-145.
- CALADO, M.; PIMENTA, J.; REGALA, F. (2000) – Olive Jars Encontradas no Tejo. In *al-madan*, S. 2, 9. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 206-207.
- CAMACHO, C. F. (1985b) – De Alverca à Castanheira – Cinco vilas da Estremadura através das corografias setecentistas. In *Boletim Cultural*. 1. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 97-106.
- CAMACHO, C. F. (1994) – A região de Vila Franca de Xira no tempo dos Descobrimentos. In *Histórias do Tejo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal. pp. 25-41.
- CARDOSO, G. (2017) – Análise de Pastas de Cerâmica Através de Recozedura. In *Al-madan Online*, S. 2, 21: 3. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 108-114.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L.; REBELO, P.; ROCHA, M.; NETO, N.; BRITO, S. (2017) – Uma olaria na Rua das Portas de Santo Antão (Lisboa) – séculos XV e XVI. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1715-1719.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2015) – Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In CAESSA, A. [et alii.], eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 147-181.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (2018) – Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer. In *Musa*. 5. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS). pp. 101-114.
- CARDOSO, J. L.; GOMES, M. V. (1996) – Contributo para o estudo das faunas encontradas no poço-cisterna de Silves (séc. XV-XVI). In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. 3. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves. pp. 207-268.
- CARDOSO, G.; GOMES, J. J. F.; RODRIGUES, S.; BATALHA, L. (2016) – Produção Oleira Renascentista na Bacia Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas vidradas em Alenquer, durante o século XVI. In *Al-madan Online*. S. 2, 20: 2. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. pp. 54-63. 133
- CARDOSO, G.; LUNA, I. (2012) – Fragmentos do quotidiano urbano de Torres Vedras, entre os séculos XV e XVIII. Um olhar através dos objectos do poço dos Paços Do Concelho. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 1. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 163-172.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (1999) – Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. In *Arqueologia Medieval*. 6. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. pp. 193-212.
- CARDOSO, G., RODRIGUES, S. (2008) – As cerâmicas de Poço Novo (II) – Cascais. In DIOGO, J. M., ed. – *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 95-108.

- CARITA, H. (2015) – Lisboa: da cidade medieval à cidade manuelina. In TEIXEIRA, A. [et alii.], coords. – *Lisboa 1415 Ceuta. Historia de dos ciudades - história de duas cidades*. Ciudad Autonoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 31-36.
- CARMONA, R.; SANTOS, C. (2005) – *Olaria da Mata da Machada. Cerâmicas dos séculos XV-XVI*. Barreiro: Camara Municipal do Barreiro.
- CASIMIRO, T. M. (2011) – Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. In RAPOSO, L., dir. – *O Arqueólogo Português*. S. 5, 1. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp. 689-726.
- CASIMIRO, T. M. (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. In FARIA, A. M. – *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16. Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. pp. 351-367.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; DETRY, C. (2017) – Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650)”, In CAESSA, A. [et alii.], eds. – *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*, Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 110-121.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; MOÇO, A. M. (2017) – Louça “de fora” em Carnide (1550-1650). Estudo do consumo de cerâmica importada. In CAESSA, A. [et alii.], eds. *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa/Departamento de Património Cultural/Direção Municipal de Cultura/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 50-67.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; SILVA, T.; NEVES, D. (2018) – Ceramics and cultural change in Medieval (14th-15th century) Portugal: the case of post- Reconquista Santarém. In *Medieval Ceramics*, - 37. pp. 21-35.
- CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. PP. (2016/2017) – Da China ao fundo do Tejo. Fragmentos de porcelana dos Séculos XVI e XVII. In *CIRA Arqueologia*. 5. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 274-281.
- CASIMIRO, T. M.; HENRIQUES, J. PP. (2018) – Pelo Tejo acima: dois séculos de porcelana em Vila Franca de Xira. In *CIRA Arqueologia*. 6. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 254-269.
- CASIMIRO, T. M.; SEQUEIRA, J. (2016/2017) – Faiança Portuguesa dos Séculos XVIII recuperada no Tejo. In *CIRA Arqueologia*. 5. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 260-273.
- CASTEEL, R. W. (1976) – *Fish Remains in Archaeology and Paleoenvironmental Studies*. London: Academic Press.
- CASTRO, A.; PAULA, N. A. de; TORRES, J.; CURADO, T.; TEIXEIRA, A. (2017) – Evidências de produção oleira nos séculos XVI e XVII no Largo das Olarias, Mouraria (Lisboa). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1731-1749.
- CATARINO, M. M. (1998) – *Na Margem Direita do Baixo Tejo: Paisagem Rural e Recursos Alimentares (sécs. XIV e XV)*. Dissertação de Mestrado em História Medieval, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/ Universidade Nova de Lisboa.
- CATARINO, M. M. (2005) – Fontes Documentais na ‘re-construção’ da paisagem. Em torno da vila da Castanheira no início dos Tempos Modernos. In *Paisagens Rurais e Urbanas. Fontes, Metodologias, Problemáticas, Actas das Primeiras Jornadas*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa. pp. 207-223.
- CLAASSEN, C. (1998) – *Shells*. Cambridge: Cambridge University Press.
- COELHO, I. P.; CARVALHO, P. C.; TEIXEIRA, A. (2017) – A cozinha e a mesa a bordo da fragata portuguesa santo António de taná (mombaça, 1697): estudo de objectos metálicos e em madeira. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1627-1640.
- COELHO, I. P.; TEIXEIRA, A. (2018) – Glazed pottery production from Mata da Machada, Barreiro (Portugal). In LITTLE, T. G.; KARAKAYA, D., eds. – *Medieval and Modern Period Mediterranean Ceramics*. Ankara: Koç Üniversitesi VEKAM. pp. 261-265.
- CONDE, M. S. A. (2000) – *Uma Paisagem Humanizada. O Médio Tejo nos finais da Idade Média*. 2. Cascais: Patrimonia Historica.
- CONDE, M. S. A. (2011) – *Construir, Habitar: A Casa Medieval*. Braga: CITCEM: Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória».
- CORREIA, M. (2005/2007) – Um forno de produção cerâmica dos séculos XV-XVI, em Alcochete. In *Musa*. 2. Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS). pp. 67-73.
- CORREIA, M. (2014) – Testemunhos dos inícios da Idade Moderna na vila de Alcochete. In *Setúbal Arqueológica*. 15. pp. 373-382.

- COSTA, C. (2009) – A fauna mamalógica do silo 1 do Castelo de Evoramonte (Estremoz). In *Vipasca. Arqueologia e História*. S. 2, 3. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. pp. 39-49.
- COSTA, C. (2012) – A exploração de aves no Alentejo tardo-medieval o caso do silo 1 do Castelo de Evoramonte. In *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar. pp. 803-819.
- COSTA, T.; LIBERATO, M. (2007) – Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados. In *Vipasca Arqueologia e História*. S. 2, 2. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. pp. 632-642.
- CRUZ, I. M. L. R. (2018) – *A Faiança Portuguesa na Rua Serpa Pinto 65 (Vila Franca de Xira) e as vivências do quotidiano da Época Moderna no Vale do Tejo*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- CUNHA, E.; ARAÚJO, T.; MRRFAFA, C. (1998) – A população de Povos do Ribatejo nos séculos XVI a XIX, análise paleobiológica. In CAMACHO, C. F. [et alii.], coords. – *Boletim Cultural Cira*. 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal. pp. 169-182.
- DAVIS, S. J. M. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Trabalhos de Arqueologia. 43. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DAVIS, S. J. M. (2007) – *Mammal and bird remains from the Iron Age and Roman periods at Castro Marim*. Trabalhos de Arqueologia. 107. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- DEAGAN, K. (2002) – *Artifacts of the Spanish colonies in Florida and the Caribbean 1500-1800. Vol. 2: Portable personal possessions*. Washington: Smithsonian Institution Press.
- DETRY, C.; GAMBINI, L. I.; CORTE-REAL, A. (2014) – At table with the nuns: the mammals of 17th century Santa-Clara-a-Velha Monastery (Coimbra, Portugal). In *Proceedings of the First Zooarchaeology Conference in Portugal*. Oxford: Archaeopress. pp. 117-128.
- DETRY, C.; PIMENTA, J. (2016/2017) – Animal remains from medieval and modern Vila Franca de Xira, Portugal: Excavations at the Neo-Realism Museum. In *CIRA Arqueologia*. 5. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 238-259.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (1998) – Intervenção Arqueológica na Rua João do Outeiro, n.º 36/44, na Mouraria, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 257-265.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2003) – Cerâmicas de Barro Vermelho da Intervenção Arqueológica na Calçada de São Lourenço, n.º 17/19, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 203-213.
- DIOGO, A. M. D.; TRINDADE, L. (2008) – Cerâmicas de barros vermelhos provenientes de entulhos dos terremotos de 1531, em Lisboa. In DIOGO, J. M., coord. – *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 171-185.
- DRIESCH, A (1976) – *A guide to the measurement of animal bones from archaeological sites*. Peabody Museum of Archaeology and Ethnology Bulletin. 1. Cambridge: Harvard University.
- DUPONT, C. (2006) – *La malacofaune de sites mésolithiques et néolithiques de la façade atlantique de la France: contribution à l'économie et à l'identité culturelle des groupes concernés*. BAR International Series. 1571. Oxford: Archaeopress.
- FELÍCIO, C.; SOUSA, F.; GUIMARÃES, R.; GADANHO, A. (2017) – A cerâmica italiana dos séculos XV e XVI do Largo do Jogo da Bola em Carnide, Lisboa. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1809-1820.
- FERREIRA, M. A. (2003) – Vidro arqueológico na Região de Sintra (séculos XV e XVII). In *Arqueologia Medieval*. 8. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. pp. 279-291.
- FERNANDES, I. M. G. (2012) – *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea. 2 Vols. Instituto de Ciências Sociais/Universidade do Minho.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1992) – Cerâmicas Baixo-Medievais da Casa n.º 4 da Rua do Castelo (Palmela). In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 77-96.
- FERNANDES, I. C. F.; CARVALHO, A. R. (1998) – Conjuntos Cerâmicos Pós-Medievais de Palmela. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 211-255.

- FERNANDES, L.; MARQUES, A.; TORRES, A. (2008) – Ocupação Baixo Medieval do Teatro Romano de Lisboa. A propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas. In *Arqueologia Medieval*. 10. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. pp. 159-184.
- FERRO, J. PP. (1996) – *Alenquer medieval (séculos. XII-XV). Subsídios para o seu estudo*. Cascais: Patrimonia Historica Estudos.
- FERREIRA, M.; MACEDO, M. (2000) – A sequência estratigráfica da Ermida do Mártir Santo, V. F. De Xira. In *Era Arqueologia*. 1. Lisboa: Era-Arqueologia Lda. pp. 69-86.
- FERREIRA, M.; MEDICI, T. (2010) – Mould-blown decorative patterns on medieval and post-medieval glass beakers found in Portugal (14th-18th century). In FONTAINE, C, ed. – *D’Ennion au Val Saint-Lambert. Le verre soufflé-moulé. Actes des 23e Rencontres de l’Association française pour l’Archéologie du Verre (Scientia Artis 5)*. Bruxelles: Institut royal du Patrimoine artistique. pp. 401-409.
- FILIFE, I.; PINTO, M. (2012) – A modernidade em Leiria: imagens da vida pública e privada na antiga Judiaria. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 1. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 173-188
- FISHER, W.; SCHNEIDER, M.; BAUCHOT, M-L. (1987) – *Fiches FAO d’Identification des Especies pour les Besoins de la Peche. Mediterranee et Mer Noire (Zone de Peche 37). Révision 1. Volume 1: Vegetaux e Invertebres*. Roma: Organization des Nations Unies pour l’Alimentation et l’Agriculture.
- GASPAR, A.; GOMES, A.; MENDES, H. C.; PINTO, P.; GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; PIMENTA, J., VALONGO, A. (2009) – Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa. In ZOZAYA STABELHANSEN, J. [et alii.], eds. – *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006)*. 2. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. pp. 653-672.
- GAUTIER, A. (1987) – Taphonomics groups: How and Why?. In *Archaeozoologia*. 12. pp. 47-52.
- GASPAR, J. (1970) – Os portos fluviais do Tejo. In *Finisterra*. 10. Lisboa. pp. 153-216.
- GOMES, A.; GASPAR, A.; VALONGO, A., PINTO, P., GUERRA, S.; RIBEIRO, S.; MENDES, H. C.; PIMENTA, J. (2009) – Cerâmicas medievais provenientes do Beco do Forno – Castelo de S. Jorge”, In ZOZAYA STABEL-HANSEN, J. [et alii.], eds. – *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006)*. 2. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. pp. 955-962.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas, dos séculos XIV a XVI, do Poço-cisterna de Silves. In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. 3. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves. pp. 143-206.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CARDOSO, J. L. (1996) – Aspectos do quotidiano numa casa de Silves, durante o século XV”, In *Xelb: revista de arqueologia, arte, etnologia e história*. 3. Silves: Museu Municipal de Arqueologia de Silves. pp. 33-78.
- GONÇALVES, A.; MÓRAN, E.; SILVA, R. C. (2017) – Breve apontamento sobre a cerca (“velha”) medieval de lagos. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1581-1593.
- GONÇALVES, I. (1996) – Posturas Municipais e vida urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa. In *Um Olhar Sobre a Cidade Medieval*. Cascais: Patrimonia Historica, Estudos. pp. 77-95.
- GONÇALVES, I. (2010) – A alimentação. In MATTOSO, J. dir. – *História da Vida Privada em Portugal. A Idade Média*. Lisboa: Círculo de Leitores. pp. 226-259.
- GONZALEZ, C. (2012a) – Os novos espaços da cidade moderna. Uma aproximação à Ribeira de Lisboa através de uma intervenção no Largo do Terreiro do Trigo. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, pp. 85-94.
- GONZALEZ, C. (2012b) – Majólicas italianas do Terreiro do Trigo (Lisboa). In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 847-854.
- GRANT, A. (1982) – The use of tooth wear as a guide to the age of domestic ungulates. In WILSON, B. [et alii.], eds. – *Ageing and sexing animal bones from archaeological sites*. Oxford: Archaeopress. pp. 91-108.
- GUERRA, A. (1998) – A respeito do nome de Vila Franca de Xira. In CAMACHO, C. F. [et alii.], coords. –

- Boletim Cultural Cira*. 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal, pp. 155-167.
- GUTIÉRREZ-ZUGASTI, I. (2009) – *La Explotación de Moluscos y Otros Recursos Litorales en la Región Cantábrica Durante el Pleistoceno Final*. Santander: Universidad de Cantabria.
- HAGGARTY, G. (2006) – A gazetteer and summary of French pottery imported into Scotland c. 1150 to c. 1650 a ceramic contribution to Scotland's economic history *Ceramic Resource*. In *Tayside and Fife Archaeological Journal*. 12: 3. pp. 117-118.
- HILLSON, S. (1992) – *Mammal bones and teeth: an introductory guide to methods of Identification*. London: Institute of Archaeology.
- LEVINE, M. (1982) – The use of crown height measurements and eruption-wear sequences to age horse teeth”, In WILSON, B. [et alii.], eds. – *Ageing and Sexing Animal Bones from Archaeological Sites*. *BAR British Series*. 109. Oxford: BAR publishing. pp. 223-250.
- LIBERATO, M. (2006) – Imagens de Evoramonte tardo-medieval. *Materiais e Quotidianos*. In *Cadernos de Estremoz*. 1. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz. pp. 3-43.
- LIBERATO, M. A. A. (2011) – *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia/Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras.
- LOPES, G., COVANEIRO, J.; CAVACO, S. (2006) – Claustro do Convento da Graça. Análise dos materiais cerâmicos e faunísticos provenientes de dois contextos fechados. In *Actas do 3º Encontro de Arqueologia do Algarve*. I. Silves: Câmara Municipal de Silves. pp.311-326.
- LUCAS, M. M. (2003) – Vila Franca de Xira: História, Urbanismo e Identidade. In *Vila Franca de Xira: Tempos do Rio, Ecos da Terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 99-106.
- MARINETTO, PP. ed. (2013) – *Armas y enseres para la defensa nazari*. Granada: Patronato de la Alhambra y Generalife.
- MARQUES, A.; LEITÃO, E.; BOTELHO, P. (2012) – Rua do Benfornoso 168/186 (Lisboa – Mouraria/Intendente). Entre a nova e a velha cidade, aspectos da sua evolução urbanística. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 1. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 123-134.
- MARTINHO, M. J.; MONTEIRO, PP. (2001) – O Património Religioso de Vila Franca de Xira. Igrejas, Ermidas e Hospitais da Cidade – sua origem, funcionamento e extinção. In *Núcleo Museológico de Arte Sacra: Igreja do Mártir Santo, S. Sebastião*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal. pp. 37-66.
- MARTINGIL, M. (2015) – Testemunhos Arqueológicos na Rua do Jardim do Regedor n.º 10 a 32, Lisboa. In CAESSA, A. [et alii.], eds. – *1º Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. pp. 426-439.
- MARTINS, C. M. B. (2001) – A cronologia dos “passadores em T” e um conjunto cerâmico dos sécs. XV/XVI (Escarigo, Figueira de Castelo Rodrigo). In *O Arqueólogo Português*, S. 4, 19. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional-Casa da Moeda. pp. 247-258.
- MEDICI, T. (2005) – The glass finds from Rua da Judiaria, Almada, Portugal (12th-19th century). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8, 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 535-569.
- MEDICI, T. (2014a) – *Vidros da Terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*. 1. Tese de doutoramento em Arqueologia/Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra.
- MEDICI, T. (2014b) – *Vidros da Terra. O vidro tardomedieval e moderno em Portugal (séculos XIV-XVII). O contributo da arqueologia*. 2. Tese de doutoramento em Arqueologia/Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra.
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. – Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21. Centro Histórico de Santarém. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5, 1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 259-276.
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (2007) – *Contexto quinhentista das escavações do Museu do Neo-Realismo*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- MENDES, H.; PIMENTA, J. (2015) – Uma colecção de púcaros quinhentistas de Vila Franca de Xira. In *CIRA Arqueologia*. 4. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 187-208.
- MENDES, H.; GONÇALVES, D.; PIMENTA, J. (2019) – A Intervenção arqueológica do Centro de Saúde de Alhandra: espaço de culto e morte no século XVIII. In *CIRA Arqueologia*. 7. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. pp. 110-129.
- MORENO-GARCÍA, M.; DAVIS, S.; PIMENTA, C. (2003) – Arqueozologia: estudo da fauna no passado. In MATEUS, J.; MORENO-GARCÍA, M., eds. – *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um Programa Multidis-*

- ciplinar para a Arqueologia sob a Tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia. 29. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 190-234.
- MORENO-GARCÍA M.; PIMENTA, C. 2010. Beyond chicken: avian biodiversity in a Portuguese late medieval urban site. In PRUMMEL, W.; BRINKHUIZEN, D. C., eds. – *Birds in Archaeology. Proceedings of the 6th Meeting of the ICAZ Bird Working Group in Groningen*. Groningen Archaeological Studies. 12. Groningen: Barkhuis. pp. 45-56.
- MORENO-GARCÍA, M., DETRY, C. (2010) – The dietary role of hens, chickens and eggs among a 17th-century monastic order: the Clarisse of Santa Clara-a-Velha, Coimbra (Portugal). In PRUMMEL, W.; BRINKHUIZEN, D. C., eds. – *Birds in Archaeology. Proceedings of the 6th Meeting of the ICAZ Bird Working Group in Groningen*. Groningen Archaeological Studies. 12. Groningen: Barkhuis. pp. 261-276.
- MÜNDEL, S. C. (1988) – Quantitative analysis and archaeological site interpretation. In *ArchaeoZoologia*. 2, 1:2. pp. 93-110.
- NICHOLSON, R. A. (1993) – A Morphological Investigation of Burnt Animal Bone and an Evaluation of its Utility in Archaeology. *Journal of Archaeological Science*. 20. pp.411-428,
- NUNES, T.; FILIPE, I. (2012) – Quarteirão dos Lagares. Contributo para a História económica da Mouraria. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 141-150.
- NUNES, G. S.; SILVA, PP., coords. (2013) – *800 anos do foral 1212-2012*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira/Museu Municipal.
- OLIVEIRA, F. (2017) – O comércio medieval de cerâmicas importadas em Lisboa: O caso da Rua das Pedras Negras n.ºs 22-28. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1523-1538.
- PAULA, N. M. A. (2019) – *A produção oleira na Lisboa dos séculos XVI e XVII: Um forno cerâmico no Largo das Olarias (Mouraria)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- PAYNE, S. (1973) – Kill-off Patterns in Sheep and Goats: The Mandibles from Aşvan Kale. In *Anatolian Studies*. 23. Ankara: British Institute at Ankara. pp. 281-303
- PAYNE, S. (1987) – Reference codes for wear states in the mandibular cheek teeth of sheep and goats. In *Journal of Archaeological Science*. 14. pp. 609-614.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2007) – A escavação de um troço da via romana “Olisipo- Scallabis” (Vila Franca de Xira). In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10, 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 171-210.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2016) – *Carta Arqueológica de Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- PINHEIRO, H. I. H. (2015) – *Arqueologia Urbana em Lisboa: o Convento do Carmo entre os séculos XIV e XIX*. Relatório de Estágio de Mestrado em Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- PINTO, M. PP.; FERREIRA, M. M. (2001) – Os materiais datantes da Ermida Mártir Santo (Vila Franca de Xira). In *Era Arqueologia*. 3. Lisboa: Era Arqueologia, S.A. pp. 5-17.
- PIRES, Eva (2019) – *O sítio Ateneu Artístico Vilafranquense (Vila Franca de Xira): contributo para o conhecimento do quotidiano nos séculos XV e XVI*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- PLEGUEZUELO, A.; LAFUENTE, M. PP. (1995) – Cerâmicas de Andalucia Ocidental (1200-1600). In GERRARD, C. M. [et alii.], eds. – *Spanish medieval ceramics in Spain and the British Isles. Cerámica medieval española en España y en las Islas Británicas. BAR International Series*. 610. Oxford: Tempus Reparatum. pp. 217-244.
- PLEGUEZUELO, A.; LIBRERO, A.; ESPINOSA, M.; MORA, P. (1999) – “Loza Quebrada” Procedente de la Capilla del Colegio-Universidad de Santa María de Jesús (Sevilla). In *SPAL: Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*. 8. pp. 263-294.
- PONCE, M.; OLIVEIRA, F.; NUNES, T.; PINTO, M.; LOURENÇO, M. (2017) – O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al. In ARNAUD, J. Morais; MARTINS, A., coords. – *Arqueologia em Portugal – 2017. Estado da questão. Actas do IIº Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses. pp. 1703-1714.

- RODRIGUES, T. F. (1993) – As estruturas populacionais. In MATTOSO, J., dir. – *História de Portugal, No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. 3. Círculo de Leitores. pp. 197-241.
- RAPOSO, R. D. C. (2017) – *Castelo de ALENQUER: ensaio sobre a Coleção Hipólito Cabaço*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- ROSA, S. M. PP. (2019) – *Os Silos Medievais de Almada. Morfologia e dinâmicas de Utilização*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- REITZ, E. J.; WING, E. S. (2008) – *Zooarchaeology – Cambridge Manuals in Archaeology*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- SABROSA, A. (2008) – As faianças da Casa Côrte-Real, Largo do Corpo Santo, Lisboa. In DIOGO, J.M., coord. – *Actas das 4ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 109-142.
- SANTOS, PP. A. (2008) – Cerâmicas de cronologia moderna do edifício do Aljube em Lisboa. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11, 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. pp. 325-345.
- SCHMID, E. (1972) – *Atlas of Animal Bones. For Prehistorians, Archaeologists and Quaternary Geologists*. Elsevier Publishing Company.
- SEBASTIAN, L. (2010) – *A Produção Oleira de Faiança em Portugal (séculos XVII-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.
- SEBASTIAN, L. (2012) – Faiança Portuguesa. Centros produtores, matérias, técnicas de fabrico e critérios de distinção”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 937-950.
- SEBASTIAN, L. (2015) – *A Faiança Portuguesa de Olaria na Intervenção Arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca*. Lamego: Direcção Regional de Cultura do Norte/Vale do Varosa.
- SEBASTIAN, L. [et alii.] (2004) – Utensílios líticos no quotidiano do Mosteiro de S. João de Tarouca. In BICHO, N. F.; CARVALHO, A. F., eds. – *As Épocas Medieval e Moderna na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Promontoria Monográfica*. 13. Faro: Núcleo de Arqueologia e Paleoecologia, Faculdade de Ciências Sociais/Universidade do Algarve. pp. 91-109.
- SIMÕES, J. M. S.; OLIVEIRA, E. G. (1997) – *Azulejaria em Portugal no século XVII. Tomo I – Tipologia*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SILVA, R. C. (2012) – Primeira abordagem a um depósito moderno no antigo Paço Episcopal de Coimbra (Museu Nacional de Machado de Castro) a cerâmica desde meados do século XV à consolidação da renascença. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A., coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa: Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 877-890.
- SILVA, R. B. (2003) – Olaria medieval e dos Descobrimentos do Vale do Tejo: um Enquadramento. In *Olaria portuguesa: do fazer ao usar*. Lisboa: Assírio & Alvim. pp. 35-61.
- SILVA, R. B.; GUINOTE, PP. (1998) – *O Quotidiano na Lisboa dos Descobrimentos. Roteiro dos lugares e objectos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- SILVA, R. B.; MIRANDA, P.; VIEIRA, V. N.; VICENTE, A. M.; LOPES, G. C.; NOZES, C. (2012) – Largo do Chafariz de Dentro”, In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. coords. – *Velhos e Novos Mundos: Estudos de Arqueologia Moderna. Actas do Congresso Internacional de Arqueologia Moderna*. 2. Lisboa, Centro de História de Além Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa. pp. 71-84.
- SILVER, I.A. (1969) – The aging of domestic animals. In BROTHWELL, D.; HIGGINS, E., eds. – *Science in archaeology*. New York: Thames and Hudson. pp. 283-302.
- TEICHNER, F.; SCHIERL, T. (2009) – A olaria medieval da Porta da Lagoa em Évora (Alto Alentejo, Portugal). In ZOZAYA STABEL-HANSEN, J., eds. – *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo (Ciudad Real-Almagro, del 27 de febrero al 3 de marzo de 2006)*. 2. Ciudad Real: Asociación Española de Arqueología Medieval. pp. 975-986.
- TEIXEIRA, A.; TORRES, J. B.; BETTENCOURT, J. (2015) – The Atlantic Expansion and the Portuguese Material Culture in the Early Modern Age: An Archaeological Approach. In FUNARI, PP. PP. A.; SENATORE, M. X., eds. – *Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America*. Switzerland: Springer International Publishing. pp. 19-28.
- TEIXEIRA, A.; TORRES, J. B. (2015) – O abastecimento e comércio de Ceuta portuguesa. In TEIXEIRA, A. [et alii.], coords. – *Lisboa 1415 Ceuta. historia de dos ciudades - história de duas cidades*. Ciudad Autonoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa. pp. 157-161.

- TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, F.; SILVA, R. B., coords. (2015) – *Lisboa 1415 Ceuta. historia de dos ciudades - história de duas cidades*. Ciudad Autonoma de Ceuta/Câmara Municipal de Lisboa.
- TEIXEIRA, A.; EL-BOUDJAY, A.; TORRES, J. B.; GONZÁLEZ TINTURÉ, A.; ELBALJANI, K.; GABRIEL, S. (2016) – L'évolution de l'habitat domestique à Ksar Seghir à la fin du Moyen Âge: étude archéologique et conservation, d'une maison mérinide – portugaise. In TEIXEIRA, A., coord. – *Entre les deux rives du Déroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16e siècles - En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI. ArqueoArte*. 5. Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores. pp. 29-126.
- TEIXEIRA, A.; TORRES, J.; EL-BOUDJAY, A.; VILLADA PAREDES, F. (2016) – Les Grandes Jarres et Conteneurs de Transport dans les Place Portugaises du Déroit de Gibraltar (XVe-XVIe siècles). In *Actes du 1er Congrès International Thématique de l'AIECM3, Jarres et grands contenants entre Moyen Âge et Époque Moderne*. Aix-en-Provence: AIECM3. pp. 175-184.
- TORRES, C. (1990) – Um Forno Cerâmico dos Séculos XV e XVI na Cintura Industrial de Lisboa”, In Bazzana, A.; Amigues, F. (ed.), *Fours de potiers et «testares» médiévaux en Méditerranée occidentale. Méthodes et résultats*. Madrid: Casa de Velázquez. pp. 131-141.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003a) – Cerâmicas de um Silo da Alcáçova de Santarém. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 145-150.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (2003b) – Cerâmicas de Barro Vermelho de Entulhos do Terramoto de 1755 Provenientes da Sondagem 14 da Rua dos Correiros, em Lisboa. In DIOGO, J. M.; ABRAÇOS, H. C., eds. – *Actas das 3ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval. Métodos e resultados para o seu estudo*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. pp. 285-293.
- WHEELER, A.; JONES, A. K. G. (1989) – *Fishes*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITE, T. (1992) – *Prehistoric Cannibalism at Mancos 5MTURM-2346*. Princeton: Princeton University Press.

### Trabalhos académicos

- ANTUNES, C. A. PP.; MACHADO, L. M. (1996) – *Estudo dos Forais de Vila Franca de Xira*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- BRITO, L. (s.d.) – *Louças do quotidiano das casas de época Moderna de Vila de Cira*. Trabalho apresentado no âmbito da disciplina de Arqueologia Colonial/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa.



